

Litiane Barbosa Macedo

**GENDER STUDIES IN AFRICAN CONTEXTS: A  
CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS OF GENDER  
NARRATIVES FROM FEMALE CAPE VERDEAN  
RESEARCHERS.**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos Linguísticos.

Orientadora:  
Profª. Dra. Débora de Carvalho  
Figueiredo

Florianópolis  
2018





Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Macedo, Litiane Barbosa

Gender studies in African contexts: a critical discourse analysis of gender narratives from female Cape Verdean researchers / Litiane Barbosa Macedo ; orientador, Débora de Carvalho Figueiredo, 2018. 361 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Inglês: Estudos Linguísticos e Literários. 2. Análise Crítica do Discurso. 3. Gramática Sistemática Funcional. 4. Estudos de Gênero. 5. Cabo Verde. I. Figueiredo, Débora de Carvalho. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários. III. Título.



Litiane Barbosa Macedo

**GENDER STUDIES IN AFRICAN CONTEXTS: A CRITICAL  
DISCOURSE ANALYSIS OF GENDER NARRATIVES FROM  
FEMALE CAPE VERDEAN RESEARCHERS.**

Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de doutora em Letras e aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários.

Florianópolis, 27 de agosto de 2018.

---

Prof. Dr. Celso Henrique Soufen Tumolo  
Coordenador do Programa

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Débora de Carvalho Figueiredo  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Viviane M. Heberle  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roseli Gonçalves do Nascimento  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado  
Universidade Federal de Santa Catarina







To my dear mother, an inspiration in my life.



## **ACKNOWLEDGEMENTS**

Along the years that I dedicated to this study, many people and institutions have crossed my path and I must thank them. I would like to start by thanking CAPES, which provided me a scholarship and aid that made this research possible. The PGI staff for giving me support whenever I needed it, and UFSC, which has been my second home for almost 12 years. I cannot forget to thank the University of Cape Verde, especially Professor Clementina Furtado, who helped me throughout the process of fieldwork. Equally important, I thank the participants for their contribution, which was essential to my work. I would like to give a special thanks to my dear adviser Professor Debora Figueiredo, who has been by my side supporting and guiding me in every step of this important moment in my life. In addition, I would like to thank my dear family and friends for always being there for me. Love you all unconditionally.



*“Se o povo te impressionar demais  
É porque são de lá os teus ancestrais”  
Martinho da Vila (2003)*



## ABSTRACT

Much has been discussed in feminist studies about identity and difference in last decades, including the importance of deconstructing the idea of homogeneity regarding women needs (Anzaldúa, 1987; Ogunyemi, 1985, Oyewùmí, 1997, 2011; Aidoo, 1998; Mama, 2011). Such discussion has given opportunities to reevaluate Eurocentric theoretical frameworks formerly incorporated in feminist studies (Sylvester, 1995). One possible way to challenge such tendencies is through discourse; it plays an important role in maintaining predominant ideologies and power relations in every social sphere (Fairclough, 2003), including in spaces of constructing and negotiating knowledge (educational environments). Taking that into account, this research investigates female researchers' narratives of gender in Cape Verde from a critical discourse perspective, focusing on the identities and trajectories of a group of women directly involved with research in Gender Studies. The focus of this investigation was to: a) understand their perspectives on the present discourses in feminist studies, including their viewpoint on discourses of gender equality, gender roles, and women's needs in Cape Verde; b) inform how their identities are constructed; c) discuss about the cultural elements and ideologies to unveil the discursive and social practices. The procedures for data gathering included a questionnaire and semi-structured interviews. To analyze the narratives, I made use of a corpus analysis toolkit (AntConc) to map the patterns of transitivity and evaluations meanings. Subsequently, the predominant meaning realizations were analyzed through the Transitivity (Halliday & Matthiessen, 2004) and Evaluation Systems (Martin and White, 2005). The interpretation of the narrators' lexical choices had the support of Fairclough's (2003) framework to analyze social actors and social events in alignment with African Feminist Studies (Furtado & Vieira, 2015; Silva & Furtado, 2011; Fortes, 2013; Lucas & Silva, 2009; Monteiro, 2015, 2007) and Sociology (Anjos, 2003; Furtado, 2013, Furtado, 2015). The results show that the participants constantly depicted themselves as opinion formers and observers; they were engaged in relational and mental processes to characterize entities and depict their thoughts. Regarding gender dynamics, the social aspects represented in their narratives indicate that their society is ruled by the patriarchal system. Issues regarding race were also brought up: Race as a category seems to be avoided, due to a historical process of diminishing the tension among

Cape Verdeans. In terms of evaluation meanings, they play a significant role in the researchers' definitions of gender and feminism: the term gender was used as a synonym for equality or balance the sexes. This perspective allowed them to approach the discussion from the position that unequal relations can disfavor both genders, despite acknowledging that women's conditions were historically built in disadvantage in relation to men. The few usages of the words feminist/feminism are also related to attributive and evaluative meanings, implying that these terms carry a too strong meaning. Feminism appears to refer to an agenda that only concerned with women' needs. To conclude, the researchers' evaluations in relation to the categories of gender and feminism express the complexity of their local experiences, which sometimes are represented as contradictory (Silva and Fortes, 2011).

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. Transitivity System. Appraisal System. Gender Studies. Cape Verde.





## RESUMO

Nas últimas décadas, muito tem se discutido sobre identidade e diferença em estudos feministas, incluindo a importância de desconstruir a ideia de homogeneidade em relação às necessidades das mulheres (Anzaldúa, 1987; Ogunyemi, 1985; Oyewùmí, 1997, 2011; Aidoo, 1998; Mama, 2011). Esta discussão deu oportunidades para reavaliar abordagens teóricas eurocentristas e dominantes anteriormente incorporadas em estudos feministas (Sylvester, 1995). Uma maneira possível de desafiar tais tendências dominantes é através do discurso, o qual desempenha um papel importante na manutenção de ideologias e relações de poder predominantes em todas as esferas sociais (Fairclough, 2003), incluindo espaços de construção e negociação de conhecimento (ambientes educacionais). Levando em conta tais aspectos, esta pesquisa investiga narrativas sobre gênero a partir do pensamento de pesquisadoras de Cabo Verde sob a perspectiva do discurso crítico, focando nas identidades e trajetórias de um grupo de mulheres diretamente envolvidas com pesquisas sobre Estudos de Gênero. O foco desta investigação foi: a) compreender suas perspectivas sobre os discursos presentes nos estudos feministas, incluindo seus pontos de vista sobre discursos de igualdade de gênero, papéis de gênero e as necessidades das mulheres em Cabo Verde; b) informar como suas identidades foram construídas; c) discutir sobre os elementos e ideologias culturais para revelar as práticas discursivas e sociais. Os procedimentos para coleta de dados incluíram um questionário e entrevistas semiestruturadas. Para analisar as narrativas, utilizei um software de análise de corpus (AntConc) para mapear os padrões dos significados de transitividade e avaliação. Posteriormente, as realizações de sentido predominantes foram analisadas através dos sistemas de transitividade (Halliday e Matthiessen, 2004) e de avaliatividade (Martin e White, 2005). A interpretação das escolhas lexicais das narradoras teve como apoio a abordagem de Fairclough (2003) para analisar os atores e os eventos sociais, em conjunto com Estudos Feministas Africanos (Furtado & Vieira, 2015; Silva & Furtado, 2011; Fortes, 2013; Lucas & Silva, 2009; Monteiro, 2015, 2007) e Sociologia (Anjos, 2003; Furtado, 2013, Furtado, 2015). Os resultados mostram que as participantes constantemente se descreveram como formadoras de opinião e observadoras; suas representações estavam envolvidas em processos relacionais e mentais para caracterizar entidades e descrever seus pensamentos. Em relação à dinâmica de gênero, os aspectos sociais

representados em suas narrativas indicam que a sociedade Cabo Verdiana é regida pelo sistema patriarcal. Questões sobre raça também foram apontadas: a raça, como uma categoria, parece ser evitada, devido a um processo histórico para diminuir a tensão entre os cabo-verdianos. Em termos de significados de avaliatividade, eles desempenham um papel significativo nas definições de gênero e feminismo das pesquisadoras: o termo gênero foi usado como sinônimo de igualdade ou equilíbrio entre os sexos. Essa perspectiva permitiu que elas abordassem a discussão a partir da posição de que relações desiguais podem desfavorecer ambos os gêneros, apesar de reconhecerem que as condições das mulheres foram historicamente construídas em desvantagem em relação aos homens. Os poucos usos das palavras feminismo / feminista também estão relacionados a significados atributivos e avaliativos, informando que esses termos carregam um significado 'muito relevante'. O feminismo parece referir-se a uma agenda que diz respeito apenas às necessidades das mulheres. Em suma, as avaliações das pesquisas em relação às categorias de gênero e feminismo expressam a complexidade de suas experiências locais, que às vezes são representadas como contraditórias (Silva e Fortes, 2011).

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso. Sistema de Transitividade. Sistema de Avaliatividade. Estudos de Gênero. Cabo Verde.

## LIST OF FIGURES

Figure 1.1 – Cape Verde’s geopolitical map and its location in the African Coast. ....	9
Figure 2.1 – Stratified model of language.....	24
Figure 2.2 – Transitivity System.....	27
Figure 3.1 – AntConc layout.....	69
Figure 3.2 – AntConc concordance tool. ....	70
Figure 4.1 – Process types and their percentage in the Researchers' narratives. ....	77



## LIST OF EXAMPLES

Example 2.1. Material Clause.....	29
Example 2.2. Relational Attributive clause .....	30
Example 2.3. Relational Identifying clause .....	30
Example 2.4. A relational clause as the placement of the narrative.....	31
Example 2.5. Mental clause.....	31
Example 2.6. A mental clause with a projection.....	32
Example 2.7. Verbal clause .....	33
Example 2.8. Behavioral Clause.....	33
Example 2.9. Existential Clause .....	35
Example 2.10. Affect meanings.....	41
Example 2.11. Judgment of propriety.....	43
Example 2.12. Appreciation meanings .....	43
Example 2.13. Examples of judgment and appreciation meanings.....	45
Example 4.1. Marcela.....	81
Example 4.2. Celia.....	81
Example 4.3. Celia.....	82
Example 4.4. Albertina.....	82
Example 4.5. Albertina.....	84
Example 4.6. Albertina.....	85
Example 4.7. Albertina.....	85
Example 4.8. Albertina.....	85
Example 4.9. Cecilia.....	86
Example 4.10. Celia.....	87
Example 4.11. Celia.....	88
Example 4.12. Celia.....	89
Example 4.13. Celia.....	89
Example 4.14. Marcela.....	90
Example 4.15. Marcela.....	91
Example 4.16. Marcela.....	91
Example 4.17. Marcela.....	92
Example 4.18. Marcela.....	92
Example 4.19. Cecilia.....	93
Example 4.20. Cristiane.....	94
Example 4.21. Cristiane.....	94
Example 4.22. Celia.....	95
Example 4.23. Albertina.....	95
Example 4.24. Cristiane.....	96
Example 4.25. Celia.....	97
Example 4.26. Celia.....	98
Example 4.27. Celia.....	99
Example 4.28. Celia.....	100
Example 4.29. Cristiane.....	102
Example 4.30. Cristiane.....	104

Example 4.31. Cecilia.....	106
Example 4.32. Marcela.....	108
Example 4.33. Celia.....	109
Example 4.34. Celia.....	110
Example 4.35. Celia.....	111
Example 4.36. Cecilia.....	111
Example 4.37. Celia.....	112
Example 4.38. Celia.....	112
Example 4.39. Celia.....	113
Example 4.40. Cecilia.....	114
Example 4.41. Cecilia.....	114
Example 4.42. Cristiane.....	115
Example 4.43. Celia.....	116
Example 4.44. Marcela.....	117
Example 4.45. Marcela.....	119
Example 4.46. Marcela.....	120
Example 4.47. Marcela.....	121
Example 4.48. Celia.....	123
Example 4.49. Celia.....	124
Example 4.50. Celia.....	124
Example 4.51. Celia.....	125
Example 4.52. Celia.....	126
Example 4.53. Cristiane.....	126
Example 4.54. Cecilia.....	127
Example 4.55. Cecilia.....	128
Example 4.56. Marcela.....	129
Example 5.1. Celia.....	137
Example 5.2. Cecilia.....	142
Example 5.3. Cecilia.....	143
Example 5.4. Cristiane.....	144
Example 5.5. Cristiane.....	145
Example 5.6. Cecilia.....	146
Example 5.7. Celia.....	147
Example 5.7. Cristiane.....	157
Example 5.8. Celia.....	162
Example 5.9. Celia.....	164

## LIST OF TABLES

Table 2.1 – Examples of verbs serving as a process in behavioral clauses. ....	34
Table 2.2 – Types of Circumstances. ....	35
Table 3.1 – Length of data material in minutes. ....	59
Tabela 3.2 – Researchers’ responses to the questionnaire. ....	60
Table 3.3 – Procedures for data collection. ....	64
Table 3.4 – Open-ended questions. ....	67
Table 3.5 – Procedures for data analysis. ....	68
Table 3.6 – Textual levels of analysis and their correlations. ....	71
Table 3.7 – Questions for text Analysis (Fairclough, 2003). ....	73
Table 4.1 – Relational and Material Process Types and Their Occurrences in the Researchers’ Narratives. ....	78
Table 4.2 – The Ten Most Frequent Processes in the Researchers’ Narratives. ....	79
Table 4.3 – Research Questions and the Location of the Answers. ....	83
Table II.1 – Process Occurrences And Types. ....	298
Table II.2 – Relational Processes. ....	306
Table II.3 – Material Processes. ....	306
Table II.4 – Mental Processes. ....	311
Table II.5 – Verbal Processes. ....	313
Table II.6 – Behavioral Process. ....	314
Table II.7 – Existential Processes. ....	314
Table II.8 – Modal Processes. ....	315
Table II.9 – relational clauses: to be; to have. ....	315
Table II.10 – Material clauses: to work and to do/make. ....	316
Table II.11 – Mental Clauses: to see; to think, to feel. ....	317
Table II.12 – Verbal process: to say. ....	318
Table II.13 – Existential process: there to be. ....	320
Table II.14 – Evaluation meanings. ....	321





## **LIST OF ABBREVIATION**

- CDA – Critical Discourse Analysis  
CEPSH – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos  
CIGEF – Centro de Investigação em Género e Família  
ICIEG – Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade de Equidade de Género  
INECV – Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde  
Lei LVB – Lei Especial contra Violência Baseada no Género  
MORABI – Associação de Apoio a Auto Promoção da Mulher no desenvolvimento  
NGO – Non-governmental organization  
OMCV – Organização de Mulheres Cabo Verdianas  
PAICV – Partido Africano da Independência de Cabo Verde  
PEC-G – Programa de Estudantes-Convênio de Graduação  
SFL – Systemic Functional Linguistics  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
UNI-CV – Universidade do Cabo Verde  
WID – Women in Development



## TABLE OF CONTENTS

<b>1. INTRODUCTION .....</b>	<b>1</b>
1.1. SIGNIFICANCE OF THE RESEARCH.....	4
1.2. OBJECTIVES AND RESEARCH QUESTIONS .....	7
1.3. CONTEXTUALIZING CAPE VERDE.....	8
1.4. GENDER STUDIES IN CAPE VERDE.....	12
1.5. ORGANIZATION OF THE DISSERTATION .....	15
<b>2. THEORETICAL BACKGROUND.....</b>	<b>17</b>
2.1. CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS.....	18
2.2. SYSTEMIC FUNCTIONAL LINGUISTICS: TRANSITIVITY AND THE APPRAISAL SYSTEM.....	23
2.2.1. TRANSITIVITY .....	26
2.2.2. APPRAISAL SYSTEM .....	39
2.3. STUDIES ON NARRATIVES AND IDENTITIES.....	45
2.4. GENDER STUDIES IN AFRICAN CONTEXT: AN OVERVIEW .....	49
<b>3. METHODOLOGY .....</b>	<b>56</b>
3.1. RESEARCH DATA AND PARTICIPANTS .....	57
3.1.1. PARTICIPANTS' PERSONAL INFORMATION.....	59
3.2. PROCEDURES FOR DATA COLLECTION AND DESCRIPTION .....	63
3.3. PROCEDURES FOR DATA ANALYSIS.....	68
<b>4. TEXTUAL ANALYSIS .....</b>	<b>75</b>
4.1. TRANSITIVITY ANALYSIS .....	76
4.1.1. TRANSITIVITY PATTERNS IN THE RESEARCHERS' NARRATIVES: A QUANTITATIVE ANALYSIS.....	76
4.1.2. "EU SOU UM BOCADINHO REBELDE": RESEARCHERS' SELF-REPRESENTATIONS .....	83
4.1.3. "ELAS ACHAM QUE ISTO AQUI [FEMINISMO] É FRESCURA": PROCESSES IN THE MEANING CONSTRUCTIONS OF THE RESEARCHERS' NARRATIVES .....	103
4.2. EVALUATION IN THE RESEARCHERS' NARRATIVES.....	118
<b>5. DISCUSSION.....</b>	<b>132</b>
5.1. "POR QUE QUE EU NÃO SOU UMA MULHER NORMAL?": THE RESEARCHERS' SELF-REPRESENTATIONS .....	133
5.2. EXPLAINING THE PARTICIPANTS' REPRESENTATION AND EVALUATION OF SOCIAL EVENTS .....	137
5.3. DISCUSSING THE PARTICIPANTS' DEFINITIONS OF GENDER AND FEMINISM .....	153
<b>6. CONCLUSION .....</b>	<b>166</b>
6.1. FINAL REMARKS .....	166

6.2.	LIMITATIONS OF THE STUDY.....	171
6.3.	SUGGESTIONS FOR FURTHER RESEARCH .....	172
6.4.	REFLECTIONS.....	172
<b>REFERENCES .....</b>		<b>175</b>



## 1. INTRODUCTION

(...) in order to understand the structures of gender, and gender relations in Africa, we must start with Africa.

(Oyewùmí, 2011, p.2)

Much has been discussed in feminist studies about identity and difference in the last decades, including the importance of deconstructing the idea of homogeneity regarding women's needs (Anzaldúa, 1987; Ogunyemi, 1987; Oyewùmí, 1997, 2011; Aidoo, 1998; Ahluwalia, 2005; Mama, 2011). Such discussion has given opportunities to reevaluate Eurocentric theoretical frameworks formerly incorporated in feminist studies, which tend to reproduce ethnocentric, heterosexual, and class-biased perspectives (Sylvester, 1995). As Beoku-Betts and Njambi (2005) point out, "previously, a homogenized notion of women was taken for granted, and the experience of white-middle class women was generalized to the categories of women, irrespective of race, ethnicity, class, sexual orientation, nationality, and cultural difference" (p.113). As a result, black and postcolonial feminists, for instance, have criticized western feminists' essentialism and universalization of women's experiences, showing that the diversity of feminist thinking is undeniable (Mestry & Schmidt, 2012).

In addition, Pereira (2011) problematizes the use of some concepts in investigations about gender in Africa, developed by western feminist studies. According to the author, peculiarities in African societies cannot be ignored when discussing gender relations. Gender studies, therefore, need to be resignified in African contexts, collaborating as a tool for critical analysis in order to dismantle stigmatized, distorted, and prejudiced gender

representations created by prevalent discourses. In this sense, African feminists have shown the relevance of analyzing critically this homogeneous discourse in gender studies, which not only depict African women as ‘victims of oppressive and unchangeable practices’, without considering the specificities of African contexts, but also contributes to not promoting African feminists as active theoreticians (Beoku-Betts & Njambi, 2005).

Studies about Cape Verdean society have claimed that the process of legitimizing hegemonic epistemologies led to the silence of local female voices, considering that traditional ways of producing knowledge were based on the unilateral and exclusivist vision of male scholars (Silva & Fortes, 2011). The reformulation of epistemological and methodological premises in Cape Verdean gender studies counts on the participation of female scholars to interpret their own cultural and social experiences. As Silva and Fortes (2011) point out, one of their aims is to discuss their own society based on a constant reflection about the theoretical background and methodological instruments selected. Additionally, the authors claim that this process is the key for a plurality of knowledge, which aligns with the “geographical, social, economic and cultural relations that are fluid and interdependent in the Cape Verdean context” (Silva and Fortes, 2011, p. 11). In short, this approach can provide the opportunity for questioning hegemonic tendencies in gender studies.

One possible way to challenge such tendencies is through *discourse*. We must keep in mind that discourses play an important role in maintaining predominant ideologies and power relations in every sphere of society (Fairclough, 2003), including in spaces for constructing and negotiating knowledge – such as educational environments, for instance. Dominant ideological premises lead to asymmetrical power relations among people and institutions, giving less opportunity for building a ‘plurality of knowledge’. In this sense, a critical



perspective on language studies is needed to question these asymmetries by investigating how they have become naturalized, as well as making explicit how discursive practices maintain existing social structures.

In addition, a critical study of language offers means to discuss social phenomena through language, since language both reflects and constitutes social structures and, consequently, can contribute to (de)construct power asymmetries. As previously argued, students and educators should be prepared to 'read' discourses critically from preschool to graduate programs, taking into consideration the relations between language and ideology (Fairclough, 2003).

In that sense, studies that centralize language as a guiding element to understand the functioning of social dynamics are not only relevant from the perspective of knowledge production, but also to society in general. After all, language is the way people construct their own realities and experiences, their identities, and the relationships between themselves (Halliday & Matthiessen, 2004; De Fina, 2015). Moreover, it is through language that people position themselves, by expressing their opinions, evaluations, approvals, criticisms, emotions, tastes, and values (Martin & White, 2005)

Considering all of that, the present research investigates, from a critical discourse perspective, the gender narratives produced by Cape Verdean female academics, focusing on the identities and trajectories of these group of women, who are directly involved with research in the field of Gender Studies. This work aims, by analyzing these narratives, to enrich the discussion about the relevance of taking a multi-faceted view of women's experiences, according to their cultural and contextual surroundings. The focus of this investigation was chosen in order to: a) understand Cape Verdean women's perspectives about current discourses on feminism, including their viewpoint on the issues of gender equality,

gender roles, and women's needs in Cape Verde; b) investigate how their identities are constructed in their narratives; c) discuss the cultural and ideological elements at play in their narratives.

Having stated the basis for this study, this chapter also presents the significance of the research, the objectives, the research questions, and a contextualization of Cape Verde.

### 1.1. SIGNIFICANCE OF THE RESEARCH

[Thinking of Africa and Brazil], Despite being the nearest continent to Brazil, having great human and natural similarities, as well as the strong interaction between Brazil and Africa , [...] there is a profound ignorance about African history and our relations with it. (Visentini, Ribeiro & Pereira, 2013, p. 11, my translation)

When considering the significance of this study, one might ask: why is it relevant to conduct a study about gender relations in Cape Verde? In addition, how is this study related to the Brazilian society? Part of this answer lies on the fact that, as stated by Visentini et al. (2013), although Brazilian society has inherited many cultural aspects from African societies, not much has been discussed about African history and African contemporary social concerns in our intellectual/educational environments. In fact, such lack of knowledge directly reflects racial issues in contemporary Brazilian society, which is the result of an oppressive historical process leading to the exclusion of cultures considered as "others" when compared to the 'white, European, and heterosexual' ones (Carneiro, 2011). Therefore, this study is an attempt

to diminish this lack of knowledge, considering that understanding African experiences and history is a way of questioning and criticizing stereotypical discourses that are still perpetuated in our society regarding African people and their descendants in African diasporas. As Santos and Machado (2008) point out:

We believe that all dimensions of reality are articulated and permeated with knowledge and, in our society, the vast majority of knowledge about the cultures which constitute our way of life has origins in the legacy of African civilizations reworked into the dynamics of our daily lives, although there is a profound ignorance and non-presence of the African history and saga, from elementary education to higher levels of undergraduate and graduate programs in Brazil (p.48, my translation)

Thus, our duty as educators is not only to bring such knowledge to our educational institutions, but also to stimulate the discussion about culture and diversity, adopting a non-discriminative view of African legacies present in our society, and providing our students with means to react more critically to discourses that produce and promote gender and racial inequalities.

In addition, this study aims to contribute to the recent discussions raised by social movements and public policies to reformulate the Brazilian educational curricula, mainly after the implementation of law 10.639/03 in 2003 – the obligatory inclusion of the following subjects in the official curricula of our national school system: African History, African and Afro-Brazilian Culture. This law is considered an important achievement in the Brazilian

educational system, after long struggles from racial and social movements to change the Eurocentric-based curricula. However, recent studies show that there are still many challenges to overcome in terms of the full implementation of the law, including unprepared educators, lack of training and preparatory courses. Santos and Machado (2008) reinforce the relevance of preparing educators as agents for social change:

[...] We need to train teachers to be cultural producers, that is, to deal with diversity as an unfinished and open activity for questioning, having in mind a pedagogical praxis concerned with the readings of the images of legitimated discourses and silenced voices (p.106, my translation)

Overall, the implementation of law 10.639/03 helps to highlight the important participation of African-Brazilians in our history, as well as to rescue cultural values that were inherited from the African peoples who were brought here as slaves and helped to build this nation, functioning as a starting point for changing inequalities which lead to racial conflicts (Carneiro, 2011).

Regarding the reasons for choosing Cape Verde as the context for conducting this study, they were: (1) the recent policies for gender equality implemented in that country; (2) the significant historical and cultural similarities between Cape Verde and Brazil, such as the similar colonial process and the language, for instance; (3) the increasing cooperation between Brazil and Cape Verde in terms of political and educational agreements, for

example, *The Exchange Program for Undergraduate students* (PEC-G)<sup>1</sup>.

Although it is not a recent program for exchange students (it was created around 50 years ago), PEC-G has recently brought many African students to our educational institutions, including the Federal University of Santa Catarina (UFSC) (Okawati, 2015). This program allowed me to meet students from African countries such as Angola and Cape Verde. In fact, meeting these exchanged students enabled this study to be conducted, since these interactions gave me the opportunity to get in touch with universities in Africa. Therefore, as an African country with academic ties with Brazil, Cape Verde was chosen to illustrate how gender relations are performed according to local cultural and historical factors (specificity of the context).

## 1.2. OBJECTIVES AND RESEARCH QUESTIONS

Considering all the arguments aforementioned, this research aimed to investigate the identities, perceptions and experiences constructed in the narratives of a group of Cape Verdeans researchers, in order to unveil their representations and evaluations of gender dynamics in their country. In addition, another purpose was to assess their perspectives on current discourses in feminism and gender studies. Regarding the theoretical and methodological apparatus for analyzing narratives, this study takes a discourse-oriented perspective based on Critical Discourse Analysis (Fairclough & Chouliaraki, 1999; Fairclough, 2001, 2003) and Systemic Functional

---

<sup>1</sup> This program provides students from Africa, South America, Asia, Oceania, and Caribbean countries the opportunity to study and get their diploma at Brazilian universities. The Ministry of External relations (MRE) and the Ministry of Education (MEC) are responsible for administrating PEC-G, with the help of the universities involved. *Source:* <http://portal.mec.gov.br/pec-g>.

Grammar (Halliday & Matthiessen, 2004; Martin and White, 2005). Equally important, this study enters into a dialogue with Gender Studies in African contexts (Furtado & Vieira, 2015; Silva & Furtado, 2011; Fortes, 2013; Lucas & Silva; 2009; Monteiro, 2015, 2007), and Studies on Cape Verdean identities (Anjos, 2003; Furtado, 2013, 2015).

In order to guide the development of this study, the following research questions were formulated:

**RQ1.** How do Cape Verdean female researchers identify themselves in their personal stories?

**RQ2.** How do their narratives reflect and construct their own values, beliefs, and opinions in relation to gender roles in Cape Verde?

**RQ3.** How do they evaluate feminist theories, and how do they position themselves before them?

Detailed information about the participants, data, and analytical procedures adopted in this research are given in the methodological chapter (chapter three). To contextualize the research location, the following section is provided.

### 1.3. CONTEXTUALIZING CAPE VERDE

This section presents an overview of historical and geographical information about Cape Verde. It also includes a description of what has been done in this country in terms of gender policies and research.

Cape Verde<sup>2</sup> is an insular country composed of 10 islands, located near the coast of Western Africa. Among

---

<sup>2</sup> All the information about Cape Verde found in this subsection was retrieved (and summarized) from the following sources:

Source 1: Mourão, D. E. (2009). *Identidades em trânsito: África "na pasajen" identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas*. Campinas, SP: Arte Escrita.

the 10 islands - *Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo, Brava* -, only Santa Luzia is uninhabited. The population is 400 thousand inhabitants, most of them concentrated in the island of Santiago, where *Praia*, the capital city, is situated. The islands are divided into two regions: *Barlavento* Islands (located in the North) and *Sotavento* Islands (located in the South). The figure 1.1 shows Cape Verde's geopolitical map:



Figure 1.1 – Cape Verde's geopolitical map and its location in the African Coast.

Sources: <https://www.fro.at/musica-de-cabo-verde/> and <http://alihaz.co/cape-verde-world-map/>

---

Source 2: Vieira, M. S. (2013). Processos de significação em contraste: Violência contra as mulheres no Brasil e em Cabo Verde. *Ciências Sociais Unisinos*, 49(1), 90-96.

Source 3: <http://www.governo.cv/> retrieved on 20th February, 2016.

In addition, Mourão (2009) states that the number of Cape Verdeans living abroad is twice the number of inhabitants living in the country. Cape Verdean's official languages are Portuguese and Cape Verdean Creole.

Similarly to Brazil, Cape Verde was colonized by Portugal. The first island occupied by the Portuguese was Boa Vista, in 1460. After its discovery, the Portuguese and Africans from the coast gradually populated the archipelago during the process of slave trafficking; the place was considered a strategic point of departure of enslaved Africans who were first captured and sent to places such as Brazil and the Antilles, for instance. During the high peak of the slave trade (16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries), the islands became a destination for merchants, including pirates and privateers. As a place of "passage", Cape Verde's culture was enriched by different traditions; it has a great cultural diversity.

Cape Verde achieved its independence from Portugal in 1975. As Vieira (2013) suggests, the process of forming an independent nation is quite recent, which is a relevant aspect to consider when investigating the construction of public policies. The country was ruled by a 'transitional government' until 1992, when the country became a multiparty republic, having the first elections in December 1995 and February 1996. The economy in Cape Verde has been established on market-oriented policies, which presents a favorable scenario for foreign investments (Mourão, 2011). The country has also invested in tourism, fishery exports (tuna is one of the main products), and light manufacturing industries. Cape Verde also counts on its immigrants' investments which, according to Mourão (2011), "contributes significantly to the balance of payments, making the government study mechanisms to capture and mentor the Cape Verdeans' savings in the diaspora for the productive sector" (p.28).



*Changes in public policies in favor of women*

According to Vieira (2013), a significant number of changes in several social spheres/dimensions took place after the reformulation of the constitution in 1992, when the nation became a multiparty republic (e.g. changes in the Penal Code in 1993; creation of the Family Code, Legislative Decree n. 12 C / 97). In addition, civic organizations and governmental structures emerged, with the purpose of improving social conditions via new policies, changes in legislation, and social programs. Regarding women's needs, the following policies were implemented in the last decades (Rosabal, 2011; Vieira, 2013):

- National Plan for Women's Promotion (1996-2000);
- II National Plan for Gender Equality and Equity – PNIEG (2005-2011);
- National Plan against Gender Violence (2009-2011)

The governmental organization *Instituto da Condição Feminina* was created in 1994; in 2006 it became *Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Gênero* (ICIEG - Cape Verdean Institute for Gender Equality and Equity). This institution was responsible for creating the public policies mentioned above. The second national plan enabled the approval and implementation of the Special Law against Gender Violence (Law no. 84 / VII / 2011)

### *Non-governmental organizations (NGOs) of women in Cape Verde*

The *Organização De Mulheres Cabo-Verdianas (OMCV)* was the first Cape Verdean NGO, created on 27 December 1981. It was first linked to the PAICV party and, later on, it was transformed into a non-governmental organization. This institution was idealized by the women who fought in the independence struggles. The OMCV has contributed to legal changes, such as the development of policies for the reduction of illiteracy, for instance. The institution has also developed projects involving the prevention of HIV/AIDS, legal support for women victims of domestic violence, professional guidance, and microcredits for small businesses (Vieira, 2013). In addition, the date of its foundation was also established as Cape Verde Women's day (27 December).

The *Associação de Apoio à Auto Promoção da Mulher no Desenvolvimento (MORABI)* was created in 1992. Similarly to the OMCV, this institution was initially part of the government's party. The MORABI works with the promotion of women's sexual and reproductive health, orientation against gender violence and microcredit policies for women empowerment.

#### 1.4. GENDER STUDIES IN CAPE VERDE

Several studies related to gender have been conducted in Cape Verde during the past decades. The *CIGEF – Centro de Investigação e Formação em Género e Família* (Research and Training Centre in Gender and Family) - is an interdisciplinary center of studies created by the Cape Verdean University (Uni-CV), with the help of other organizations such as ICIEG, the United Nation Population Fund (UNFPA), and the UN Development Fund for Women (UNIFEM), in an attempt to achieve the following purpose:

The initial project for the creation of a Center of Studies and Training on Gender in Cape Verde emerges in 2002, initially thought as a Regional Center. From the beginning, the center was set out to answer the increasing interest of public institutions and civil society, both Cape-Verdean and African, in working with gender as a developmental tool and in considering gender-related issues as developmental resources. Despite the growing recognition of gender relevance and the considerable efforts made for the gender integration at all levels of the development process, there is a persisted need for a regional structure dedicated to research and formation in gender. (CIGEF's Official website <sup>3</sup>, my translation)

The center has been developing investigations and training on gender; it also contributes to projects and policies, through research, to promote “the balanced development of gender relations and family in the social, economic, political, scientific and cultural spectra<sup>4</sup>” (CIGEF's Official website ).

According to Fortes (2013), the topics that have been the focus of recent studies on Gender in Cape Verde may vary. Some of the recurrent ones are: Women and Single Motherhood, Women and Migration, Women and Violence, Women and Development, Women and Political

---

<sup>3</sup> Source: <http://cigefUni-CV.blogspot.com.br/p/cigef.html> Retrieved on 20<sup>th</sup> February, 2016.

<sup>4</sup> Source: <http://cigefUni-CV.blogspot.com.br/p/cigef.html> Retrieved on 20<sup>th</sup> February, 2016.

Participation, Women and Participation in Cultural Promotion and Production, as Cape Verdean artists in literature.

As the topics suggest, some studies have adopted a developmental approach to gender issues. As Mama (2011) points out:

International development discourses have also shaped the various manifestations of feminism in Africa. ‘Developmental feminism’, which I loosely characterize as the product of the ongoing engagements between feminism and the development industry, has often focused on integrating women into the mainstream institutions and decision making. It is most salient in those countries that have been most strongly dependent on development assistance (p. 8)

Despite such influence, Furtado (2015) mentions that recent studies have progressively adopted postcolonial perspectives (such as Monteiro, 2009, 2015; Silva, 2015). As the author claims, “even if in a very embryonic and, perhaps, timid way, these new theoretical positions, still far from hegemonic, politically and epistemologically begin to problematize knowledge and the conditions of knowledge production” (p. 9).

According to Monteiro (2009), a feminist postcolonial perspective contributes to discuss the conditions of African women by acknowledging the plurality and diversity of their struggles for resistance and subversion. In other words, such perspective includes diverse readings to discuss African women without standardizing their conditions to a universal form of oppression (sexism). In addition, this perspective does not

ignore several arrangements in African societies in which women were power holders, refusing the homogenization of African women as always passive in relation to male domination (Monteiro, 2015).

Besides the criticism to hegemonic and homogenizing theories, Monteiro (2009) claims that a postcolonialist lens leads us to reflect upon the ‘double colonization’ that affects African women’s experiences, which also applies to Cape Verdean women. As the author points out, there is a foreign and an internal process of colonization; the former is related to external forces grounded on a neocolonial logic, including neoliberal capitalism; the latter refers to gendered power relations that are strengthened by patriarchal practices, as she points out (Monteiro, p.25).

In sum, this section provided a brief overview of the Cape Verdean context, including information regarding gender policies and research topics and theories. The following section gives an overview of this dissertation’s content.

## 1.5. ORGANIZATION OF THE DISSERTATION

This work is organized into six chapters. In this introductory chapter, I presented an overview of the investigation, including its significance, objectives and research questions. I also provided a contextualization of the research location, Cape Verde, which offered a brief dimension of the gender studies and policies being implemented in that country.

Chapter 2 provides the theoretical background, focusing on the concepts adopted from Critical Discourse Analysis, Systemic Functional Grammar, and gender studies in African contexts. Chapter 3 focuses on the methodological procedures selected for data gathering, description and analysis. It also includes information regarding the participants.

In chapter 4, I present the results of the textual analysis in terms of the representational and evaluative meanings construed in the researchers' narratives. Subsequently, chapter 5 presents the discussion of the analytical results, grounded on the theoretical perspectives previously mentioned. Finally, chapter 6 offers a summary of the main findings of this investigation. Additionally, Limitations and suggestions for further research are included in the last chapter.

## 2. THEORETICAL BACKGROUND

In this chapter, I present the theoretical perspectives and concepts that guide this study. Taking into consideration that this research is textually oriented, I address questions that seek to discuss social phenomena departing from language (Fairclough, 2003). The particular view of language adopted in this research comes from an approach to critical studies: Critical Discourse Analysis - CDA (Fairclough & Chouliaraki, 1999; Fairclough, 2001, 2003, 2010; Wodak & Mayer, 2001; van Dijk, 1995, 2001, 2003, 2015; Figueiredo, 2009, 2010; Heberle, 1999, 2011; Resende, 2010; Meurer, 2004; Ramalho & Resende, 2004, 2011). Within this approach, language is seen as a system of choices, which functions as meaning-making resources to accomplish communicative purposes influenced by their context (Halliday & Matthiessen, 2004; Martin et al, 1997; Martin & White, 2005; Butt et al, 2003; Eggins, 2004).

Furthermore, this critical perspective to language studies enables a dialogue with other disciplines to explain social aspects found in language meaning construction, as well as to define key concepts and terms adopted. This study, therefore, borrows key concepts from Narrative and Identities Studies to ground my analyses (Bucholtz & Hall, 2005; Elliot, 2005; Kiesling, 2006; De Fina & Georgakopoulou, 2008, 2015). In addition, in order to discuss the identities, perceptions, and experiences of a group of Cape Verdean researchers, gender studies in African contexts are taken into account (Oyèwùmí 1997, 2011; Silva & Fortes, 2011; Mama, 2011; Évora, 2011; Fortes, 2013; Vieira, 2013; Mestry & Schmidt, 2012; Pilcher & Whelehan, 2004; Monteiro, 2009, 2015).

Having such perspectives in mind, the chapter is organized into four main sections. The two first sections present the language theoretical basis of this work: section (2.1.) *Critical Discourse Analysis* brings the concepts I selected from the area of CDA; section (2.2.) *Systemic*

*Functional Linguistics: Transitivity and Appraisal System* presents the metalanguage of the linguistic and grammatical theory used in the analytical procedures. Next section, (2.3.) *Studies on narratives and identities*, focuses on perspectives taken from narrative and identity studies, which were applied in this investigation. Finally, section (2.4.) *Gender Studies in African contexts: an overview* presents theoretical debates proposed by African scholars about gender dynamics in African contexts.

## 2.1. CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS

“CDA is discourse study *with an attitude*” (Van Dijk, 2015, p. 466)

Despite the heterogeneity of concepts and methodologies within this approach<sup>5</sup>, studies on CDA share some basic guiding principles. First, language or any other type of semiosis<sup>6</sup> is seen as an irreducible part of social life (Fairclough & Chouliaraki, 1999; Fairclough, 2001). Thus, studies in CDA aim at analyzing the relationship between language and social elements, taking into account that it is through language in use (discourses) that social inequalities are legitimized (Fairclough, 2001; Ramalho & Resende, 2011). CDA focuses on understanding the social effects of texts<sup>7</sup>, including the ways in which power and ideology are constructed through language.

---

<sup>5</sup> In the article ‘Aims of Critical Discourse Analysis’, Van Dijk (1995) remarks that “CDA does not characterize a school, a field or subdiscipline of discourse analysis, but rather an explicitly critical *approach, position or stance* of studying text and talk” (p. 17).

<sup>6</sup> Semiosis, as Fairclough (2001) points out, is any sort of making meaning material: images, sounds, body language, and so forth.

<sup>7</sup> The definition of text adopted in this study is “a piece of language in use; that is, ‘language that is functional’” (Butt et al, 2003, p.3)



Discourse, according to CDA, is language in use as a form of social practice (Wodak, 2006). In other words, the concept of discourse as a social practice refers to the dialectical relationship between a particular text (social event) within a situation, the entities involved, and the social structures. In this sense, the social event “is shaped by them, but it also shapes them” (Wodak, 2006, p. 2). Thus, discourse is a social product which embodies elements such as social identities, the relationship between people and institutions. During this process of the embodiment, discourse becomes ‘constitutive’ because it contributes to maintain and reproduce the status quo; however, it can also offer the possibility of changing such status (Wodak, 2006).

Furthermore, a key concept which CDA is concerned with is ideology. According to Fairclough (2003), “ideologies are representations of aspects of the world which contribute to establishing and maintaining relations of power, domination and exploitation” (p. 218). For that reason, Wodak (2001) claims that CDA takes a particular interest in the relationship between language, power and ideology. The notion of ‘critical’ refers to the way critical discourse analysts question social problems that result from unequal power distribution and injustice (Wodak, 2001). In other words, As Ramalho and Resende (2011) point out, CDA is critical social science which provides scientific support to address social issues. Such support includes descriptive procedures to unveil ideological aspects of the texts and ways to promote emancipation. Wodak (2006) points out:

Critical theories (...) seek not only to describe and explain, but also to root out a particular kind of delusion. Even with differing concepts of ideology, critical theory intends to create awareness in agents of how they are deceived

about their own needs and interests. (...) One of the aims of CDA is to 'demystify' discourses by deciphering ideologies. (p. 11)

As previously stated, CDA is concerned with the dialectical relationship between language or any other semiosis and social elements. Fairclough (2001) argues that CDA focuses on how semiosis figures within the processes of radical changes that are occurring in contemporary social life. Further, he asserts that "we cannot take the role of semiosis in social practices for granted (...) semiosis may be more or less important and salient in one practice or set of practices than another, and may change importance over time" (p. 123).

According to Fairclough (2001), semiosis unfolds three ways in every social practice: it is counted as part of the social activity (genre); it depicts representations (discourses); and it figures in performances (styles). The first semiotic realization refers to genres; and as Fairclough (2001) points out, "genres are the diverse ways of acting, of producing social life, in the semiotic mode" (p.123). *Discourse* and *styles* are explained in more details, due to the objectives of this study. For example, discourses are related to the way the researchers produce representations of other social practices, including reflexive representations of the practice at hand (the interview). Representations also include an important key concept that is *recontextualization* (Fairclough & Chouliaraki, 1999); social actors within any practice recontextualize other practices. In other words, "recontextualization is a relationship between different (networks of) social practices – a matter of how elements of one social practice are appropriated by, relocated in the context of another" (p.222). When producing texts, Social actors will include or exclude elements of the represented social practice, and depict these elements according to the

way they place them within the practice in terms of relevance (Fairclough, 2001).

In terms of textual analysis, among the conceptual and analytical categories proposed by Systemic Functional Linguistics, the transitivity system (explained in the next section) was selected to carry out the description of the representations of social events and social actors, which corresponds to Halliday's ideational metafunction. Thus, the analysis of the social events is based on the representation of concrete actions, mental or social world, and on other aspects such as the attributes given to social actors, and so forth.

The analysis of the Representation of social actors requires textual analytical tools for critical analysis: for example, as Fairclough (2003) points out, the exclusion of social actors entails political and social relevance. For that reason, analyzing the construction of social actors is important when discussing the ideological aspects of a text.

According to Fairclough (2003), exclusion of participants in discourse can be done by *suppression*, that is, participants are completely excluded of the recontextualized social practice, or *backgrounding*, which is when social actors are mentioned briefly in a text. Social actors can also be described as *activated*, when they perform an agentive action, or *passivated*, when the participants are subordinated to an action. Other ways of representing social actors include depicting them as *specific* or *generic*, when social categories are used to represent a group. For example, in the researchers' narratives, which correspond to the data analyzed in this study, the term *women* would sometimes represent the category of women in general, or it would refer to women *from Cape Verde*. Finally, the grammatical role of the participants is also relevant to understand, for instance, the way the construction of groups and communities are made

through discourse; it is commonly construed with the use of pronouns *us* versus *them*.

Regarding the performances or *styles*, Fairclough (2001) points out that “people who differ in social class, in gender, in nationality, in ethnic or cultural membership, and in life experience, produce different ‘performances’ of a particular position” (p. 123). In addition, this is an aspect of discourse which expresses ways of being, in the sense that “who you are is partly a matter of how you speak, how you write, as well as a matter of embodiment – how you look, how you hold yourself, how you move, and so forth” (Fairclough, 2003, p.223). In this sense, styles correspond to another aspect of this study focused on when analyzing the narratives: the identities of the participants.

At the level of styles, Fairclough (2003) discusses key concepts concerning identities; he establishes the difference between two analytical aspects that form people’s identity: *Social identity* and *personality*. Fairclough (2003) further claims that part of people’s social identity is constructed at their birth and early socialization; and the other part is gained at their socializations during other periods in life, which include people’s social roles, such as at the workplace (professors, activists, politicians). The role of personality in this process of identity development is dialectical; it means “the full social development of one’s identity, one’s capacity to truly act as a social agent intervening in and inflected, a fusion between social identity and personality” (Fairclough, 2003, p. 223). Finally, another aspect of people’s identities in discourse is related to the way they commit themselves to values (evaluation), truth and obligation (modality). These aspects are directly involved in the construction of people’s opinions.

Fairclough (2003) offers a range of categories to analyze modality and evaluation meanings. The first two analytical categories explain the speaker/writer’s ways of saying the truth or obligation. At this analytical level,

Fairclough (2003) associated Halliday's types of exchange and speech functions to explain that people commit to the truth with the use of knowledge exchange (epistemic modality) – *statements*, or *questions*, to elicit other's commitment to the truth. Activity exchanges (deontic modality), on the other hand, refer to the speaker/writer's commitment to an obligation or a necessity with the use of imperatives or modulation – modal markers of obligation and necessity, such as *must*, *have to*, and *should*. Evaluations, additionally, can be expressed through statements with deontic modality, attributive relational processes, and affective mental processes. The two last categories are further explored in the next section, since they are categories proposed by the Systemic Functional Grammar.

In the following section, key concepts from Systemic Functional Linguistics regarding the transitivity and the appraisal systems are provided.

## 2.2. SYSTEMIC FUNCTIONAL LINGUISTICS: TRANSITIVITY AND THE APPRAISAL SYSTEM

As previously stated, the view of language adopted in this study is based on a systemic-functional approach proposed by Halliday (1973, 1978, 1985, 1994; Halliday & Matthiessen, 2004). Within this perspective, studies have explored how language is used in everyday practices, having in mind that language is a social semiotic resource. According to Eggins, the four theoretical claims of Systemicists are: 1) language in use is functional; 2) its function is to make meanings; 3) these meanings are influenced by the social and cultural context in which they are exchanged; 4) the process of using language is a semiotic process, a process of making meanings by

choosing (Eggins, 2004, p. 3). Therefore, Systemic Functional Linguistics (SFL) has contributed with a theoretical and methodological apparatus for analysis of several types of texts, mainly for studies that aim to understand how people use language and how it is structured to be used (Eggins, 2004).

From the systemic-functional perspective, language structure is characterized by the organization of *strata* (levels), which are placed according to the order of abstraction, as shown in the following figure:

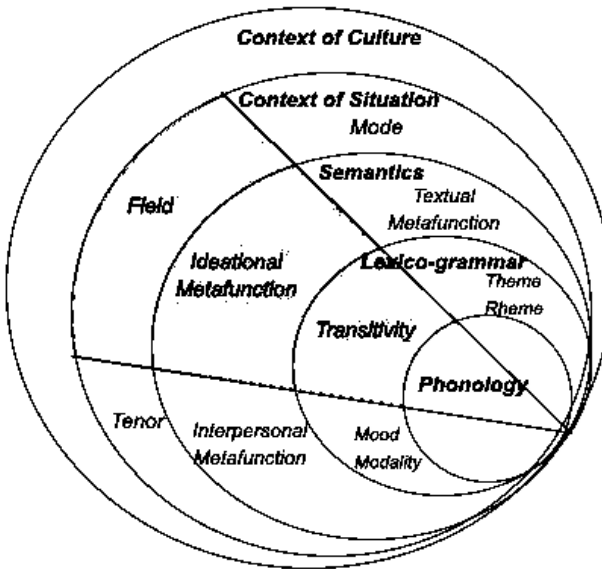


Figure 2.1 – Stratified model of language (adapted from Halliday and Matthiessen, 2004, p. 25)

According to this model of language, the two highest levels of linguistic realization are the *context of culture* and *context of situation*, which relate the extra-

linguistic elements that shape language in use. These strata are realized by other lower levels of abstraction, such as the discourse semantics (meaning-making level), lexicogrammar (clause elements and their relations), and the lowest level phonology/graphology (Eggins, 2004).

The context of culture refers to “all the meanings it is possible to mean in that particular culture” (Butt et al, 2003, p.3). These meanings are configured accordingly to peoples’ communicative purpose in a given situation. As Butt et al (2003) points out, “when you think of the differences in forms of address, in ceremonies, in politeness and in significant activities between one culture and another, you get some idea of the importance of the context of culture in shaping meanings” (p. 3). Additionally, not only texts are shaped by the context of culture, but they are also molded by a more specific context: the *context of situation*. Halliday and Matthiessen (2004) claim that, within a context of situation, language is affected by three contextual dimensions: Mode, which encloses the role of language in interaction; Field, which involves the subject or focus of the event; and Tenor, which is related to the type of relationship established among participants and appraisal meanings. These contextual dimensions are realized by three semantic Metafunctions, namely, *Textual*, *Interpersonal* and *Ideational*, which are respectively corresponded (Eggins, 2004).

Textual metafunction is related to the way language is organized, “which enables the clause to be packaged in ways which make it effective given its purpose and its context” (Eggins, 2004, p. 298). Interpersonal meanings, as Butt et al (2003) point out, “uses language to encode interaction, to show how defensible we find our propositions, to encode ideas about obligation and inclination and to express our attitudes” (Butt et al, 2003, p. 5). Finally, the ideational metafunction uses language to encode experiences and logical meanings (Butt et al,

2003). Taking into account that the aims of this study were to investigate the way narrators encoded their representation of the world's actions, participants and circumstances, the following section is focused on the explanation of the *Transitivity system* - the lexicogrammatical system in which the ideational metafunction is realized. Subsequently, interpersonal meanings regarding the *appraisal system* are further provided, since this study also focuses on the researchers' language evaluation. In addition, the clauses provided as examples were taken from the researchers' narratives.

### 2.2.1. Transitivity

As previously described, representational and experiential meanings are aspects of language that enable us to encode ways of talking about our reality, worldviews, and experiences; the transitivity system, in this sense, is the lexicogrammar level that allows us to describe the ways people construe these meanings. As Butt et al (2003) affirm:

Our language builds up pictures of reality - in terms of the things (which as a general term covers people and places as well as concrete and abstract things) and events and circumstances - that form the landscape of our human experience. (...) three general categories of human experience (things, events and circumstances) typically occur together in CLAUSES, with the pivotal element of the clause being the expression of event, or PROCESS. In any gathering of functional grammarians, someone is sure to pose the question: *Who does what*



*to whom under what circumstances?* It has become something of a standing joke, but is a neat and brief way of explaining the experiential function of language (p. 47).

In this sense, the transitivity system construes the experiential meanings through clauses that are constituted of *participants*, *processes*, and *circumstances*. Halliday and Matthiessen (2004) provide a range of six process types with their correspondent participants, as shown in the figure below:

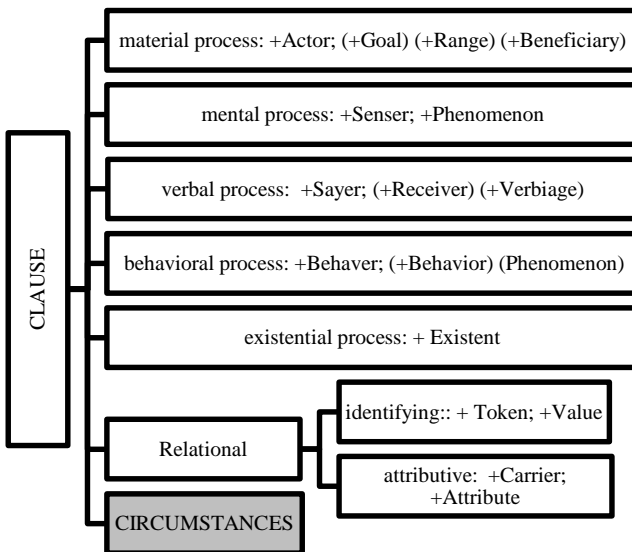


Figure 2.2 – Transitivity System (Eggins, 2004, p. 214)

The figure above displays the transitivity system in form of scheme, showing the constituents of a clause and their metalanguage. The following paragraphs explain each process in details, including the metalanguage for describing circumstance.

### *Material Processes*

Material process construes our experiences in terms of tangible events, in which “some entity does something, undertakes some action” (Eggins, 2004). As Halliday and Matthiessen (2004) point out, this type of process serves to “construe a quantum of change in the flow of events as taking place through some input of energy” (p.4). Such characteristic is what differentiates a material process from the other process types. In this sense, material clauses answer the questions “what did X do?” or “what happened” when analyzing a representational event (Butt et al, 2003, p. 52).

In terms of the participants involved in material processes, certain actions represent only one participant, which in the traditional grammar terms are named intransitive verbs. Some others depict more than one participant: the doer of the actions, which is labeled the *Actor*, and the other one who is affected by that action, called *Goal*. In addition, Halliday and Matthiessen (2004) inform that the Actor can be a human or non-human participant. Thus, an important aspect of material processes is that they always construe at least one participant involved in an action (Halliday & Matthiessen, 2004). In addition, two other participants who or which receive the action can be labeled as *Beneficiary* or *Range*. The following examples provide representations of material processes and their constituents:

<i>Na licenciatura, trabalhei o tema de participação política dos imigrantes cabo-verdianos.</i> <sup>8</sup>
Elliptical I = Actor o tema de participação política dos imigrantes cabo-verdianos = Goal na licenciatura = Circumstance of Place

Example 2.1. Material Clause

### *Relational processes*

Relational processes – processes of being and having – work as resources to characterize or identify entities (Halliday & Matthiessen, 2004). In other words, as pointed out by Butt et al (2003), “the main characteristic of relational processes is that they relate a participant to its identity or description” (p. 58). Relational processes, therefore, construe meanings as ‘states of being’, in which two entities are related to one another – “something is said to be something else” (Halliday & Matthiessen, 2004, p. 213). Additionally, participants involved in relational processes can be constituted of people, things, as well as acts and facts (Halliday & Matthiessen, 2004).

Regarding the modes of relational clauses, there are two types: *relational attributive*, and *relational identifying*. The differences between these two modes are that the first relates a participant to its characteristics, which is normally an indefinite nominal group or a nominal group with an adjective; while the latter correlates a participant to its identity – a noun or noun group (Butt et al, 2003). In terms of participants, in relational attributive clauses the participant who is being characterized is the *Carrier*; the given characteristics are the participant *Attribute*, as seen in the example below:

---

<sup>8</sup> Translation: “In the teaching program, I worked the theme of political participation of Cape-Verdean immigrants.”

<u>Ele sempre foi um homem muito dedicado e preocupado com a escolarização.</u> <sup>9</sup>
Ele = Carrier um homem dedicado e preocupado = Attribute muito = Circumstance of Manner sempre = Circumstance of Extent (frequency); com a escolarização = Circumstance of Accompaniment

Example 2.2. Relational Attributive clause

According to Halliday & Matthiessen (2004), relational attributive clauses, on the other hand, relates “two participants: a *Token* (that which stands for what is being defined) and *Value* (that which defines)” (Eggsins, 2004, p. 242). The passage below is an example of relational identifying construal:

<u>Ou você é militante ou você não é...Ou você é ativista ou você não é...</u> <sup>10</sup>
Você = Token Militante, ativista = Value

Example 2.3. Relational Identifying clause

In sum, relational processes depict meanings that characterize or identify people and things. Halliday & Matthiessen (2004) suggest that relational processes are commonly seen in descriptive passages of narratives, which they can represent aspects of a general or particular class or entity. They further mention that when relational clauses function as part of the placement of the narrative, they are usually followed by material clauses to denote habitual time:

---

<sup>9</sup> Translation: “He was always a man very dedicated and concerned about schooling.”

<sup>10</sup> Translation: “You are either a militant or you are not... You are either an activist or you are not...”

Fomos pra Somada, eu <b>era</b> a <u>mais nova</u> , depois <b>nasceu</b> o meu irmão, um pouco <b>veio</b> atrás, depois de mim. <b>Nasceu</b> ali. Depois <b>voltamos</b> pra Praia outra vez e aqui <b>residimos</b> desde então. <sup>11</sup>
--

Example 2.4. A relational clause as the placement of the narrative.

### *Mental process*

Mental clauses express meanings of thoughts and feelings; this type of process serves to depict participants' own representations of consciousness. As Halliday and Matthiessen (2004) point out, mental processes usually occur in casual conversations, in which people construe meanings such as emotions (hate, like, love, for instance), cognition (think, remember, believe, for instance), and perceptions (feel, see, sense, for instance). In this type of representation, the conscious participant is called *Senser*, while the other participants realize the *Phenomenon*, which can be things or people. The examples below represent mental processes and their constituents:

<u>Eu vejo nela uma mulher batalhadora.</u> <sup>12</sup>
---

Eu = Senser

Uma mulher batalhadora = Phenomenon

Nela = Circumstance of Place

Example 2.5. Mental clause

One important aspect of mental clauses is their capacity to *project*. In other words, mental processes can project another clause or set of clauses; and as Halliday and Matthiessen (2004) suggest, these projected clauses gain the status of ideas or contents which the conscious

---

<sup>11</sup> Translation: "We went to Somada, I was the youngest, then my brother was born, a bit came behind, after me. He was born there. After, we came back to Praia again and here we reside since then."

<sup>12</sup> Translation: "I see in her a very hardworking woman."

being (Senser) is thinking or feeling. In this sense, they work as a complement in the mental clause. Projections occur mostly with clauses of perception (Halliday & Matthiessen, 2004). The clause below is an example of a mental clause with a projection.

<i>Eu vi que</i>    [são perspectivas diferentes, que se vê as coisas de forma diferente.] <sup>13</sup>
Eu = Senser [Phenomenon= projected clauses]

Example 2.6. A mental clause with a projection

### *Verbal Processes*

Verbal processes construe meanings of saying (Butt et al, 2003). According to Halliday and Matthiessen (2004), verbal clauses “are an important resource in various kinds of discourse. They contribute to the creation of narrative by making it possible to set up dialogic passages” (p. 252). Regarding the participants involved in this type of process, there are three types: the participant who does the verbal action is called *Sayer*; *Receiver* is the participant who the message is directed to; *Verbiage* is something that is said. Verbiage is similarly construed as the Phenomenon participant in mental clauses; it can be things or people, and it can be realized by projected clauses. The examples below illustrate verbal clauses:

---

<sup>13</sup> Translation: “I saw that [they are different perspectives, that we see things differently.]”

<i>Um dia eu <b>falando com a minha irmã, ela me disse:</b>     [‘Olha, por que que você não estuda as mulheres onde elas trabalhavam, à ribeira. As mulheres de lá todas fazem grogue. Por que você não vai saber por que que elas fazem grogue e as outras não?]</i> <sup>14</sup>
Eu; ela = Sayer A minha irmã; me = Receiver [verbiage= projected clauses]

Example 2.7. Verbal clause

### *Behavioral clauses*

This type of process expresses the physiological and psychological states of the participant depicted as *Behaver*. A common pattern of this type of process consists of the participant *Behaver* and the process without a complement, as it is informed in the example below:

Acontece alguma coisa, ele morre, não é? É lá na casa dele com a mulher dele que é feito todo o aparato, não é? <b>As outras</b> nem vão, <b>choram lá na casa delas</b> e colocam o luto ou sei lá. É complicado. <sup>15</sup>
As outras = Behaver Lá na casa delas = Circumstance of Place

Example 2.8. Behavioral Clause

Regarding other Behavioral processes, Halliday and Matthiessen (2004) provide a table with several types, which show the fine line among these processes, material and mental ones:

<sup>14</sup> Translation: “One day I was talking with my sister, she said to me: [‘Look, why don’t you study the women where they worked, at the riverside. The women there all make grog. Why don’t you go there to try to understand why they make grog and the others don’t?”

<sup>15</sup> Translation: “Something happens, he dies, right? It is over there at his house with his wife that all of the thing is done, right? The other women won’t even go there, they cry in their own houses and put on the grief or something. It is complicated.”

Table 2.1 – Examples of verbs serving as a process in behavioral clauses.

<b>Near mental</b>	Processes of consciousness represented as forms of behavior	Look, watch, stare, listen, think, dream
<b>Near verbal</b>	Verbal processes as forms of behavior	Chatter, grumble, talk, gossip, argue, murmur, mouth
	Physiological process manifesting states of consciousness	Cry, laugh, smile, frown, sigh, sob, snarl, hiss, whine, nod
	Other physiological process	Breathe, sneeze, cough, hiccup, burp, vomit, faint, shit, yawn, sleep
<b>Near material</b>	Bodily postures and pastimes	Sin, dance, lie (down), sit (up, down)

*Note 1:* Halliday and Matthiessen (2004) provide this table in the behavioral process section found on page 251.

### *Existential process*

Existential processes construe experiential meanings of ‘existing’. This type of process tends to represent a small number in the language in use as compared to other processes (Halliday & Matthiessen, 2004). In addition, existential clauses serve to introduce the participants or things as new information; for instance, in narratives, they are used to present the main characters the beginning of a story (Fuzer and Cabral, 2014). Additionally, Fuzer and Cabral (2014) mention that in Brazilian Portuguese, as it happens in Spanish, existential clauses do not have a Subject. They claim, “Existential clauses are commonly performed in the Portuguese language by the verbs *haver*, *existir*, and *ter*. Although they are processes of “being”, they differ from relational clauses because they are constituted of only one participant the EXISTENT” (Fuzer and Cabral, 2014, p. 80, my translation). The following example provides an existential clause:



<b>Havia</b> muita pouca gente que     ia pra China na altura, hoje <b>há</b> muita procura. <sup>16</sup>
Muita pouca gente; muita procura = Existent

Example 2.9. Existential Clause

### *Circumstances*

Circumstances offer additional information about the context in which the process is taking place. In terms of meaning construction, they function to answer the questions concerning ‘when, where, how and why’ of a depicted event. Additionally, adverbial groups or prepositional phrases normally realize these circumstantial elements (Halliday & Matthiessen, 2004). The following table presents the types of circumstances adapted from Halliday and Matthiessen (2004, p. 262-263):

Table 2.2 – Types of Circumstances.

<b>Extent</b>	Distance	<i>How far?</i>	Comunidade pobre, onde maior parte da juventude não tem acesso ao ensino porque fica longe da cidade da Somada.	Poor community, where most of the youth has no access to education because it is far away from the city of Somada.
	Duration	<i>How long?</i>	Tentamos ao longo do tempo, esses anos quatro, cinco anos pra ver, pra tentar trazer colaboradores homens para o centro.	We tried over time, these years four, five years to see, to try to bring male collaborators to the center.

<sup>16</sup> Translation: “There were very few people who would go to China by then, nowadays there is a great demand.”

	Frequency	<i>How many times?</i>	Eu decidi estudar porque eu pensei, e assim as mulheres, mulheres e homens numa relação violenta, e <b>muitas vezes</b> a mulher está mais numa posição de vítima.	I decided to study because I thought, and like the women, women and men in a violent relationship, and <b>many times</b> the woman is more in a victim's position.
Location	Place	<i>Where?</i>	Como eu formei-me <b>aqui em Cabo Verde</b> comecei a trabalhar mesmo antes de terminar a formação.	Since I graduated <b>here in Cape Verde</b> I started to work even before finishing my education.
	Time	<i>When?</i>	<b>Em 2009</b> terminei a licenciatura.	<b>In 2009</b> I finished my teaching degree.
	Means	<i>How?</i>	Um famoso escritor aqui que diz que em Santiago, não é preciso escolas, porque aqui os homens se preocupam <b>com a enxada.</b>	A famous writer here who says that in Santiago, there is no need for schools, because here men worry <b>with the hoe.</b>
Manner	Quality	<i>How?</i>	Se eu falo com ele da homossexualidade <b>normalmente.</b> Homens são homossexuais, as mulheres também são homossexuais, <b>normalmente,</b> sem nenhum tabu.	If I speak to her of homosexuality <b>normally.</b> Men are homosexuals; women are also homosexuals, <b>normally,</b> without any taboo.
	Comparison	<i>How? What like?</i>	E em reuniões, em atividades não me senti inferior aos homens. Me sinto sim, <b>com a</b>	And in meetings, in activities I did not feel inferior to the men. I do feel, <b>with the same capacity,</b>

		<b>mesma capacidade,</b> igual, da mesma forma.	equal, in the same way.
	Degree	<i>How much?</i>	Os homens levam os filhos à escola, já se percebe <b>um bocado</b> essa mudança.
			The men take the children to the school, it is already noticeable <b>a bunch</b> this change.
	Reason	<i>Why?</i>	Desde o momento que nasci não tinha a presença do pai, não porque minha mãe e o meu pai eram separados, mas <b>por causa da questão da emigração.</b>
			Since the moment I was born I did not have my father's presence, not because my mother and my father were separated, but <b>because of the emigration issue.</b>
Cause	Purpose	<i>Why?</i> <i>What for?</i>	Então quando um homem é mais presente dentro de casa, ajuda a mulher, há mais sintonia. Mesmo <b>para as crianças,</b> é muito bom <b>para a educação dos meninos.</b>
			So when a man is more present inside a house, he helps the woman, there is more harmony. Even <b>for the children,</b> it is very good <b>for the boy's education.</b>
	Behalf	<i>Who for?</i> <i>(in favor/ against)</i>	Se você denunciar, você que fica o mal da fita. A família, todo mundo fica <b>contra você.</b>
			If you report, you are to one who looks bad. The family, everybody is <b>against you.</b>
Contingency	Condition		Ainda continua a socialização muito arraigada nos padrões culturais: as meninas brincam com as bonecas e <b>só com as female ones.</b>
			It still continues the socialization very ingrained in social standards: the girls play with the dolls and <b>only with the female ones.</b>

<b>meninas</b>			
	Default	Na altura já estavam a fazer ensino superior mas fora de Cabo Verde e <b>sem bolsa</b> .	At the time they were already doing the higher education but outside Cape Verde and <b>without a scholarship</b> .
	Concession	Mas assim, <b>apesar de toda essa história</b> , ela nunca baixou a cabeça.	But look, <b>beside all this story</b> , she never lowered the head.
<b>Accompaniment</b>	Guise	<i>Who/ What with?</i> Então ele precisava de uma pessoa pra ficar <b>com a bebê</b> porque a mãe tinha que trabalhar.	So he needed someone to stay <b>with the baby girl</b> because the mother had to work.
	Product	<i>What else?</i> O meu pai é um homem que se preocupava muito com os estudos até agora, até ainda. Os netos <b>também</b> ele sempre incentiva.	My father is a man who worried a lot with education until now, until still. The grandchildren <b>also</b> he always encouraged.
<b>Role</b>	<i>What as? What into?</i>	Eu trabalhava lá em Calheta <b>como animador cívico</b> , para educação dos adultos.	I used to work there in Calheta <b>as a civic entertainer</b> , for the education of adults.
<b>Matter</b>	<i>What about?</i>	As pessoas ainda sentem um bocadinho de receio em falar <b>sobre a violência doméstica</b> .	People still feel a bit afraid of speaking <b>about the domestic violence</b> .

Angle	Source Viewpoint	Publicitam, fazem publicidade no sentido de chamar atenção, conscencializar, mas não pensam essa questão por exemplo <b>desde o ponto de vista do homem.</b>	They advertise, they make an advertisement in the sense of calling attention, awareness, but they do not think about this question for instance <b>from the point of view of the man.</b>
-------	---------------------	--	--

### 2.2.2. Appraisal System

In order to reach the participants' perspectives, this study adopted Martin's *Appraisal* framework for analyzing the narratives as well. This framework explores how people's evaluation is construed in language, being based on SFL theoretical framework as an extension of the model of lexico-gramatical analysis for interpersonal meanings. As Martin and White (2005) point out:

[Appraisal approach] is concerned with the interpersonal in language, the subjective presence of writers/speakers in texts as they adopt stances towards both the material they present and those with whom they communicate. It is concerned with how writers/speakers approve and disapprove, enthuse and abhor, applaud and criticize, and with how they position their readers/listeners to do likewise. It is concerned with the construction by texts of communicates of shared feelings and values, and with linguistic mechanisms for the sharing of

emotions, tastes, and normative assessments. It is concerned with how writers/speakers construe for themselves particular authorial identities or personae, with how they align or disalign themselves with actual or potential respondents, and with how they construct for their texts and intended or ideal audience (p.1)

In other words, as Thompson (2004) states, the appraisal can be explained as ways in which the speaker expresses opinions about something positively or negatively. Scholars claim that there are several reasons that indicate the importance of studying language evaluation; Hunston (2011), for instance, mentions that the language which indicates an attitude towards something is socially significant due to the fact that its representation is “subjective and located within a societal value-system” (p. 4).

Appraisal semantic resources are realized by three spheres: *attitude*, *engagement* and *graduation*. According to Martin and White (2005):

Attitude is concerned with our feelings, including emotional reactions, judgments of behavior and evaluation of things. Engagement deals with sourcing attitudes and the play of voices around opinions in discourse. Graduation attends to grading phenomena whereby feelings are amplified and categories blurred (p.35)

Taking into account that this study focuses on the *attitude* meaning constructions of the academics’

narratives, only the domain of attitude meaning resource is further explained in this section.

Considering that attitude meanings construe emotional reactions, judgments of behavior and evaluation of things in language, Martin and White (2005) divided them into three regions, which correspond to these meaning constructions: *affect* (emotional reactions), *judgment* (judgments of behavior) and *appreciation* (evaluations of things).

According to Martin and White (2005), “Affect is concerned with registering positive and negative feelings: “do we feel happy or sad, confident or anxious, interested or bored?” (p. 42). In this sense, it is focused on the feelings of the participant – the appraiser – towards something or someone. The main resource for realizing this type of meaning is adjectives, as description and attribution, although affective mental or affective behavioral processes can also express affect, as shown in the example below:

<p><u>Eu não gosto</u> de, tipo que   [alguém me imponha a fazer qualquer coisa], não, isso <u>eu não gosto</u>. <u>Eu gosto</u>    [ é de fazer quando eu tenho prazer em fazer, faço].<sup>17</sup></p> <p>Não gosto; gosto = affective mental processes</p>
--

#### Example 2.10. Affect meanings

Judgment meanings are connected with people’s behavior and how it is socially regulated. In other words, judgment reveals the writer/speaker’s view of how people should behave or not, according to people’s attitudes towards actions they “admire or criticize, praise or condemn” (Martin and White, 2005, p. 42). In addition, judgments can be classified as *social esteem* or *social sanction*. As Martin and White (2005) claim:

Social esteem tends to be policed  
in the oral culture, through chat,

---

<sup>17</sup> Translation: “I don’t like that, like [someone demand me to do something] no, that I dislike. I like [to do it when I like to do it, I do it].”

gossip, jokes and stories of various kinds – with humor often having a critical role to play (Eggins & Slade, 1997). Sharing values in this area is critical to the formation of social networks (family, friends, colleagues, etc.). Social sanction on the other hand is more often codified in writing, as edicts, decrees, rules, regulations and laws about how to behave as surveilled by church and state – with penalties and punishments as levers against those not complying with the code. Sharing values in this area underpins civic duty and religious observances (p. 52).

In this sense, judgments of esteem are related to the following questions (Martin and White, 2005):

- *Normality*: ‘how special’ or ‘how unusual someone is’;
- *Capacity*: ‘how capable someone is’;
- *Tenacity*: ‘how determined someone is’.

Judgments of sanction, on the other hand, answer the following questions (Martin and White, 2005):

- *Veracity*: ‘how truthful someone is’;
- *Propriety*: ‘how ethical someone is’.

In terms of grammatical realization, not only adjectives and adverbs can express judgments, but modality and modulation meaning-making resources can also construe them. The next clauses exemplify judgment meanings:



Enquanto seres humanos que todos nós temos direitos e que devemos também, que temos deveres, e que **devemos respeitar uns aos outros**, mas numa perspectiva até de injustiça social.<sup>18</sup>

Example 2.11. Judgment of propriety

The last resource of Attitude meanings is appreciation; it is related to the act of evaluating things, including things that people create, people’s performances, as well as natural phenomena. At this level of evaluation meanings, people evaluate the ‘worth’ of things (Martin and White, 2005). In addition, appreciation can be identified as *reactions*, *compositions*, and *valuations*. Martin and White (2005) declare that, for instance, in terms of construing appreciation with mental processes, “Reaction is related to affection (emotive – ‘it grabs me’, desiderative – ‘I want it’); composition is related to perception (our view of order); and valuation is related to cognition (our considered opinions)” (p. 57). The examples below represent appreciation meaning with the use of mental processes:

A minha vivência foi marcada por essa relação com um pai presente em termos de colaboração financeira pra família, mas o lado afetivo, eu **considero** que não foi assim muito forte.<sup>19</sup>

Considero = mental process expressing attitude

Não foi assim não forte = appreciation

Example 2.12. Appreciation meanings

---

<sup>18</sup> Translation: “That by being human beings we all have rights and that we must also, that we have obligations, and that we must respect one another, but in a perspective even of social injustice.”

<sup>19</sup> Translation: “My experience was marked by this relation with a father present in terms of family financial collaboration, but the affective side, I consider it was not that striking.”

Finally, as Hunston (2011) claims, analyzing evaluation-meaning resources in general can be a difficult task, because they are not only composed of a range of expressions, such as adjectives and adverbs, but they also can be construed implicitly. Besides, the borders among the three types of attitude meanings seem to be difficult to define; therefore, Martin and White (2005) provide some guidelines to distinguish them. For instance, the source or target of evaluation can help distinguish whether the appraisal meanings express affect, judgment or appreciation:

- The source of affect is a conscious participant; it can be a person, groups and institutions;
- The target of judgment is always people's behavior;
- The target of appreciation is always things, whether concrete or abstract ones.

The passage below gives examples of judgment and appreciation meanings in contrast:

<p>Foi uma <u>experiência muito agradável</u>, aprendi muito, para além da parte curricular do curso, também tive <b>uma grande aprendizagem</b> em termos pessoais. Porque no curso tinha muita-, tinha <u>colegas muito mais experientes</u>, tinha colegas que estudaram fora, que fizeram licenciatura fora, trouxeram <u>experiências diferentes</u>, já mesmo em termos de vivência tinham pessoas mais, já mais adultos, <u>pessoas com mais experiência mesmo de vida</u>.<sup>20</sup></p>
<p>Experiência muito agradável = appreciation: reaction          Uma grande aprendizagem = appreciation: reaction          Colegas mais experientes = judgment: capacity          Experiências diferentes = appreciation: composition          Pessoas com mais experiências de vida: judgement: capacity</p>

Example 2.13. Examples of judgment and appreciation meanings

Having discussed the main concepts from the Transitivity and Appraisal systems, the next section of this chapter explores the theme of narrative and identity.

### 2.3. STUDIES ON NARRATIVES AND IDENTITIES

Much has been discussed about the relevance of narratives to qualitative research (Bucholtz and Hall, 2005; Elliot, 2005; Kiesling, 2006; De Fina and Georgakopoulou, 2008, 2015). According to Elliot (2005):

it has been suggested that allowing respondents to provide narrative accounts of their lives and experiences can help to redress some of the power differentials inherent in the research enterprise

---

<sup>20</sup> Translation: “It was a very pleasant experience, I learned a lot, for beyond the curricular part of the course, I had also a great learning in personal terms. Because in the course there were a lot, there were classmates way more experienced, I had classmates who had studied abroad, that studied teaching abroad, they brought different experiences, already by means of practice there were people more, already more adult, people with really more experience even in life.”

and can also provide good evidence about the everyday lives of research subjects and the meanings they attach to their experiences (p. 17).

Narratives represent more than parts that inform a summary of a story in a chronological order. Studies on narratives point out that in terms of narrative coherence, a life story describes several aspects, such as: a) the location of the narrative in specific temporal and social contexts; b) elements, as an episodic system; and equally important; c) an evaluative or reportable point of view, being emotionally relevant to the narrator (Elliot, 2005).

Studies on narrative and identity have shown that the act of telling stories is a resource for stating our identities, since “the stories we tell mold us into what we are” (De Fina, 2015, p. 351). Within this perspective, identity is a discursive construct that is constituted through social interaction, being strongly linked to communicative processes and influenced by the context in which the communicative event is taking place. Language, therefore, is an important medium in the constitution of identities.

Additionally, this approach to narrative analysis focuses on social aspects of identity construction itself, instead of analyzing identity as a set of mental and individual characteristics (Bucholtz and Hall, 2005; Kiesling, 2006; De Fina and Georgakopoulou, 2008, 2015). According to De Fina (2008), a post-structuralist view of identity has influenced several narrative studies; this view is grounded in social theoreticians’ works, such as Hall (2003, 2005).

Identities, according to these studies, “are not sets of characteristics that can be ascribed to individuals or manifestations of individual essences, but emerge through semiotic processes in which people construct images of themselves and others” (De Fina, 2015, p. 352). This means that identities are dynamic, socially

constructed, and negotiated within interaction in a specific context, instead of pre-established individual mental features. Furthermore, arguments regarding the use of identity as a social category in the social sciences seem to have different and opposite positions (Ribeiro, 2017). As Ribeiro (2017) claims, studying social phenomena through identities is a relevant political act, instead of arguing that it fragments society and human experiences. The author further asserts that

[...] the main objective in confronting the norm is not merely to speak of identities, but to reveal the way that the institutions use identities to oppress or privilege. What is desirable with this debate, fundamentally, is to understand how power and identities work together depending on their contexts and how colonialism not only creates, but also delegitimizes or legitimizes certain identities<sup>21</sup>(p. 31, my translation).

Regarding the methodological tools used in this study, interviewing was chosen as an instrument for data gathering; the reason lays on the fact that interviewing has been used as a profitable tool in several studies for stimulating people to narrate stories (Georgakopoulou & de Fina, 2015). In addition, studies on narrative and interviewing indicate that when people tell stories, they engage in a process of reflecting and meaning-making; thus, they think about their experiences and select what is relevant and meaningful to be reported (Georgakopoulou,

---

<sup>21</sup> Original citation: “o objetivo principal ao confrontarmos a norma, não é meramente falar de identidades, mas desvelar o uso que as instituições fazem das identidades para oprimir ou privilegiar. O que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades”

2008; Seidman, 2006). Although interviewing might seem an artificial procedure, it involves human interaction, providing an environment for sharing “relevant human, social, professional, institutional, or personal experience” (Slembrouck, 2015, p. 241). Interviewing, therefore, was selected as a useful instrument to achieve the aims of this research.

The next section provides the main key concepts of gender studies in African contexts. However, before moving to the next section, I make use of Lugones’ (2010) perspective of *decolonial feminism* to present the feminist approach adopted by this investigation, which is concerned with the following aspects:

Decolonizing gender is necessarily a praxical task. It is to enact a critique of racialized, colonial, and capitalist heterosexualist gender oppression as a lived transformation of the social. As such it places the theorizer in the midst of a historical, peopled, subjective/intersubjective understanding of the oppressing←→ resisting relation at the intersection of complex systems of oppression. To a significant extent it has to be in accord with the subjectivities and intersubjectivities that partly construct and in part are constructed by "the situation." It must include "learning" peoples. Furthermore, feminism does not just provide an account of the oppression of women. It goes beyond oppression by providing materials that enable women to understand their situation without succumbing to it (p. 747)

#### 2.4. GENDER STUDIES IN AFRICAN CONTEXT: AN OVERVIEW

The development of African feminism becomes propelled towards being anti-Western feminism. This is manifested in an approach that while it seeks difference from the West, is anti-difference'; while anti-gender-separatism and pro-male, yet seeks female agency and autonomy (Mekgwe, 2008, p. 11)

Regarding gender theories and feminist movements in Africa, discussions have shown the diversity of concepts, divergent opinions and the complexity of theorizing gender, taking into account the magnitude of that continent. Such complexity, according to Sylvester (1995), is the result of 'several melodies' which coexist simultaneously; feminisms in Africa are, therefore, "a parade that celebrates voices, identities, material cultures, lifestyles, and the sense that "nothing is thrust out", "nothing rejected", "nothing abandoned"." (Sylvester, 1995, p. 942). Such heterogeneity of approaches, however, is joined together in an equal guiding purpose which is to attempt to fulfill the inability of mainstream feminism to "address the cultural specificities" (Mekgwe, 2010, p. 193). The author additionally explains another aspect of these contexts:

African society is thus recognizable as an evolving society that has undergone historical experiences that have rendered it hybridized, plural and fluid. It has assimilated new cultures and

concepts. The result has been an alteration in the different cultural expressions, not least of which is the site of gender. The insight this holds for theorizing African feminism is that it is important to bring out the impact that the colonial experience has had on gender constructions but, more importantly, it is pertinent to focus on how such historical experiences have resulted in renegotiation, reconsideration and remaking of the African gender construct. What is required is a theoretical framework that can accommodate contemporary African identities (Mekgwe, 2010, p. 194)

As the previous passage mentions, when discussing gender in Africa, one has to take into account what theorists have called ‘specificities’, which come from a given context. Such specificities are formed by several influences that are determined by the local knowledge, culture, and other social codes that form people’s experiences, in combination with the historical process of colonization of all spheres of society: economic, social, and cultural. As Mama (2011) argues, diverse colonial contexts, such as British, French, Portuguese, Italian, Belgian, Spanish additionally influenced African contexts. Furthermore, the author claims that studies about feminisms in Africa have to take into account that a set of anti-colonial, nationalist movements have emerged and shaped gender experiences. Mama (2011) points out that after the independence of African countries, “feminism in Africa has been diversified by the range of political regimes (from multiparty, state socialist, capitalist, civilian and military dictatorships), not to mention the influence of



the Cold War, various conflicts and other forms of instability” (p.8).

Due to all these influences in African contexts, Tamale (2011) argues that Western theoretical perspectives cannot be totally ignored, but used as a starting point to observe gender dynamics in Africa. The scholar further mentions that African societies follow part of the moral conducts and sexual concepts from the European colonizing nations; she points out that "to a certain extent this means that Western theoretical perspectives define the underlying rationale and practice of the legal regime governing sexualities in Africa" (Tamale, 2011, p. 25). Thus, according to Tamale (2011), in most African contexts gender roles are ruled by norms of patriarchy and capitalism, shaping performances and behavior in a way that one gender has more privileges than the others. In order to illustrate her argument, Tamale (2011) cites names of theoreticians and concepts that are regularly used in research on gender and sexuality in Africa, such as Foucault and his conceptualizations of sexuality and power relations, Judith Butler and her post-structuralist theory, and Gayle Rubin's concept of sexual hierarchy.

Other scholars, however, conceptualize gender dynamics from a different perspective; according to Beoku-Betts and Njambi (2005), there is a stereotypical notion that feminism has always been an experience belonging to western societies; such experience appeared to be limited to the struggle for women's rights and against patriarchal values. The fight for women's rights, for instance, brought about the dichotomized concepts of public versus private, and the individual versus the collective. For African feminists, these dichotomized forms of categorizing gender relations do not represent some of the historical and cultural arrangements in African societies. For example, studies about women's movements have demonstrated that African women were engaged as

leaders “outside the dominant western influences” during the national struggles, fighting for the independence of their countries (Drew, 1995; Mama, 1996; Beoku-Betts & Njambi, 2005; Mcfadden, 2007; Chadya, 2003; Abbas & Mama, 2014).

Accordingly, Chadya (2003) concludes that our understanding of gender inequalities in African contemporary societies can be enriched by investigating gender relations during anti-colonial conflicts. The author emphasizes that during the process of independence, revolutionary groups avoided “fragments of the nation”, such as “religious, gender, and ethnic fissures”, and consequently, nationalist struggles became the reflections of a gender constitution ruled by patriarchal premises (Chadya, 2003, p. 156). In addition, Mama (1996) remarks that the involvement of women in post-independent government at the decision-making level represents the ‘irony’ of marginalizing women who had helped to construct and improve more democratic policies during the nationalist struggles. The author further asserts another aspect of this ‘irony’: western colonial nations pressing African governments to give attention to women’s empowerment. Gender inequality in Africa, according to this theorist, is a colonial and capitalist legacy which was imported into African societies, reinforcing the precedent class and gender system of patriarchy.

In addition, relevant studies regarding gender roles in Africa have shown that the ideas of femininity and masculinity in some communities are not static; they are fluid and could change over time (Amadiume, 1987; Imam, Mama & Sow, 1996; Oyěwùmí, 1997). That is, these theorists argue that patriarchal values, which permeate some contemporary African communities (for instance, the Yoruba community in Nigeria), were imported from western gender arrangements during the process of colonization. Thus, they claim that before colonialism, power relations among these communities

were not defined by gender, where men have privileges over women, but these relations were hierarchically organized by the notion of *seniority*, which refers to chronological age difference: the oldest people were the authority figures, independently of their gender identity (Oyěwùmí, 1997). Furthermore, Drew (1995) states that, before colonialism, many African societies were organized by female leaders, and these women had a relevant involvement in the political spheres, such as “queens or queen-mothers”, as well as through “women’s associations and networks” (p. 2). According to Beoku-Betts and Njambi (2005), western colonialism, together with existing African patriarchal premises, destabilized these structures, interrupting their continuity.

These theorists also claim that African feminism has a different approach in terms of men’s roles in struggles, as compared to feminism in the west. That is to say, as Mekgwe (2008) points out, African feminism has to avoid men’s exclusion, considering that it must be seen as a “humane reformation project”, which “is not antagonistic to men but challenges them to be aware of those aspects of women’s subjugation which differ from the generalized oppression of all African people” (p.18). Besides, African feminists share a common endeavor with African men: to fight against foreign domination and exploitation in their local contexts (Mekgwe, 2008).

Regarding theoretical approaches to gender studies in Africa, Mama (2011) argues that international development discourses have been present in several intellectual productions and manifestations of activism, as previously mentioned in chapter one. In this sense, Mama (2011) further claims that the term ‘feminism’ in this context refers to a more critical position towards subordination and oppression, since the WID (Women in Development) approach tends to depoliticize the term, presenting a narrow and technical gender analysis. In this sense, although the author acknowledges that development

has brought opportunities, she defends the need for a critical approach to examining such opportunities. Mama (2005) mentions the relevance of “critical conceptual and analytical lenses” for “demystifying the realities of contemporary Africa and African gender relations by isolating and addressing some of the fallacies currently circulating under the variously named rubrics of women in development, women and development, gender and development, and gender mainstreaming” (p. 112).

Regarding other theoretical perspectives, South African feminist scholars, for instance, have adopted feminist postcolonial concepts in their studies, claiming that postcolonial feminist theory seems to be “acutely relevant” to explain gender relations in South African contexts (Mestry & Schmidt, 2012). Pilcher and Whelehan (2004) define Postcolonial theory as:

[...] Postcolonial theory is interested in the discourse of postcolonialism and how it is inscribed by a Eurocentrist belief in the intrinsic value of Western knowledge and civilization. Postcolonial theory also aims to bring to visibility voices from the ‘margins’, whether it be from other previously colonized nations or from the wider diaspora. Edward Said’s *Orientalism* (1978) is a key text for its insistence on the ways in which Western modes of representation and theories of knowledge are linked to the meanings of Western economic and political discourse, including the Eurocentrism of other ‘high’ theories such as postmodernism. Such a position facilitates the analysis of the ways in which the colonial legacies of Europe still

shape dominant perceptions of both colonizers and colonized. (p.102)

In other words, scholars argue that adopting a postcolonial approach to gender studies in Africa is relevant, since “cultures impacted by colonialism are different and should be treated as such” (Mestry & Schmidt, 2012, p. 540). As regards Cape Verdean contexts, Furtado (2015) mentions that recent studies have adopted postcolonial perspectives (as in Monteiro, 2009, 2015; Silva, 2015), “even if in a very embryonic and, perhaps, timid way” (p. 9), as the author claims. He further comments, “these new theoretical positions, still far from being hegemonic, begin to problematize politically and epistemologically knowledge and the conditions of knowledge production” (p. 9).

All these concepts and theoretical approaches show the diversity of perspectives that try to explain women’s condition in African contexts. In terms of the Cape Verdean context, the approaches explored in this section aimed to contribute to the understanding of the narrative constructions of the investigated group of researchers, since Cape Verde is politically recognized as an African country and influenced by all these complex set of theoretical perspectives.

### 3. METHODOLOGY

This chapter presents a detailed description of the methodological aspects of this study. Before describing which sections this chapter contains, I would like to explain the reason I decided to title this chapter ‘methodology’ instead of ‘method’. Regarding the methodological claims in Fairclough’s (2010) work, he states the following:

I use methodology in preference to method. Settling on a methodology for a particular research project is not just a matter of selecting from an existing repertoire of methods. It is a theoretical process which constructs an object of research (researchable object, a set of researchable questions) for the research topic by bringing to bear on it relevant theoretical perspectives and frameworks (p. 227).

Fairclough’s (2010) claim reflects effectively the process of constructing the methodological set of choices for my research. This process, in this sense, was a long and time-consuming procedure that encompassed constant reflections about the most suitable tools to provide the answers to my research questions in more accurate terms. I further state that it was a long process due to the fact that I kept reflecting upon the selection of my methodological tools and claims, even after the data gathering. It took several (re)readings, time (re)planning, and (re)thinking to contemplate the transdisciplinary nature of this research. Therefore, this chapter presents all the steps that I took along the process of building my set of methodological procedures, including the decisions and reasons why some of them were adopted or rejected.

Hence, this chapter includes three sections. Section (3.1) contextualizes the research data and presents information about the participants. Section (3.2) describes the procedures used to collect the participants’ personal

information and their narratives, based on a research interview methodology for qualitative studies (Seidman, 2006). Finally, section (3.3) outlines the steps that were taken to analyze the data, from a micro textual level (Halliday & Matthiessen, 2004; Martin & White, 2005) to a discursive level (Fairclough & Chouliaraki, 1999; Fairclough, 2001, 2003). The last section also includes the justifications for the analytical procedures which were included or excluded as a result of several refinement steps.

### 3.1. RESEARCH DATA AND PARTICIPANTS

As previously mentioned, this study aims at investigating Cape Verdean academics' identities and perceptions about gender through their life story narratives, specifically women who engaged in discussions about gender in academic contexts. In order to achieve such purpose, I first planned to conduct five interviews to collect the participants' personal stories. I limited the number of interviews due to the length of the textual evidence, taking into account that each interview would probably take around one hour. During the planning process, I considered that this amount would be a sufficient number of participants. These participants were chosen according to the following criteria:

- undergraduate/graduate students from the University of Cape Verde (UNI-CV), located in the capital city, Praia, who had carried/were carrying out investigations related to gender studies, specifically from the Department of Social and Human Sciences.

My intention in selecting this group of women was to assess their perceptions of feminist theories, assuming that they have had contact with these theories before. In addition, through these narratives I intended to identify how the participants would represent themselves while

presenting their opinions and perceptions as well as to understand the discourses on gender that permeate in Cape Verde.

The participants were chosen and invited with the help of Dr. Clementina Furtado - a professor from the Department of Human and Social Sciences at UNI-CV, and head of CIGEF<sup>22</sup>. Professor Furtado kindly accepted my request of supervising me during my stay in Cape Verde to collect the data. She first contacted all the potential participants by e-mail with a copy to me. She introduced me to them, explaining the purpose of my research and asking them to collaborate with an interview. Luckily, all the potential participants accepted our invitation. Thus, the actual participants were five researchers: three professors at UNI-CV, one university management assistant, and one employee at INECV – Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde.

Most of the interviews were conducted at the University of Cape Verde and one was conducted at one of the participant's' workplace, from January to February 2017. The languages spoken during the interviews were Brazilian and Cape Verdean Portuguese – the interviewer and participants' official languages, respectively. In spite of these two languages, the corpus of this research is predominantly in Cape Verdean Portuguese.

Although there are several differences between these two languages, the communication between the participants and I did present no misunderstandings, both because I used to live with Cape Verdeans previously, and because most of the Cape Verdeans I interviewed had frequent contact with Brazilians. To help the reading of this research, different vocabulary from Cape Verdean Portuguese or Creole that appeared in the recordings will be further explained in the analytical/descriptive chapters

---

<sup>22</sup> See its description in section 1.3 – Contextualizing Cape Verde - in the introductory chapter.



(four and five). Regarding the length of each interview, the table below shows the duration of each recording, and the total amount of time that I collected in terms of material for analysis:

**Table 3.1 – Length of data material in minutes.**

Participant	Recording duration
Albertina	36 min 33 sec
Cecilia	30 min 12 sec
Celia	01 h 17 min 53 sec
Cristiane	59 min 37 sec
Marcela	53 min 36 sec
<b>Total:</b>	<b>4 h 17 min 54 sec</b>

The way these materials were organized and analyzed is to be further explained in the sections in which I describe the steps of data description and analysis (sections 3.2 and 3.3).

### **3.1.1. Participants' personal information**

Regarding the participants' personal information, they answered a questionnaire composed of nine questions before engaging in our interview. The following table presents the questions and responses of the first group of participants:

Tabela 3.2 – Researchers’ responses to the questionnaire<sup>1</sup>.

1	Qual é seu nome? Como gostaria de ser chamada na pesquisa? <sup>2</sup>	Albertina	Marcela	Cecilia	Celia	Cristiane
2	Qual é a sua idade?	46 anos	32	42 anos	37	39
3	Qual é cidade em que você nasceu?	Praia-Cabo Verde	Nasci em Calheta de São Miguel	Cidade da Praia-Cabo Verde	Calheta – São Miguel	Calheta – São Miguel
4	Com relação a classificação racial (negro, branco, pardo) como você se autodeclara?	Negra	Africana	Negra	Negra	Mestiça
5	Qual é seu grau de escolaridade?	Doutora	Mestrado	Mestrado	Doutoranda	Mestre em Ciências Sociais [Doutoranda]
6	Qual é o grau de escolaridade dos seus pais ou (antigos) responsáveis ?	Pai ensino ex: segundo ano; mãe 3ª classe do tempo antigo	Ensino primário	Nível básico	Mãe: Ensino básico incompleto Pai: ensino secundário completo	Ensino Básico

7	Qual é o valor aproximado da sua renda? <sup>3</sup>	126.000 CVE	100.000 CVE	1.12.000 CVE <sup>4</sup> (112.000 CVE)	300.000 CVE (total Family income)	100.000 CVE
		Approx: 3.943,80 reais	Approx: R\$3.130, 00	Approx: R\$3.505, 60	Approx: R\$ 9.390,00	Approx: R\$3.130, 00
8	Qual é seu estado civil?	Solteiro	Solteira	Solteira	Casada	Casada
9	Qual é sua orientação sexual?	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual

*Note<sup>1</sup>*: All the answers displayed in this table were described exactly in the way participants wrote down in their paper sheet, except for their fake names, which I selected.

*Note<sup>2</sup>*: Although the participants accepted to put their real names in this research, I decided to use fictional names in order to preserve their identities.

*Note<sup>3</sup>*: The approximate value in Reais (Brazilian currency) was estimated on May 7th 2017. Banco Central do Brazil, retrieved from <http://www4.bcb.gov.br/>.

*Note<sup>4</sup>*: The amount of money written by the participant – 1.12.000 – might be incorrect.

The responses showed that the researchers compose a group of heterosexual adult women ranging in age from 32 to 46 years old. Three respondents came from a village called Calheta de São Miguel, which is located in a rural region of the Santiago Island. The other two participants were from the capital, Praia. Regarding the category ‘race’, when the respondents were answering the question ‘*Com relação a classificação racial (negro, branco, pardo) como você se autodeclara?*’, they indicated in the interviews that such social category does not exist in their society, and most of them showed some difficulty in

categorizing themselves using the examples that I provided. For that reason, the tables containing the responses display a range of different answers regarding race. This immediately indicated that the racial category was a relevant topic to be discussed, and I will do so in the analytical chapter.

The next question, number 5, was related to the participants' educational degree: all of them had a master's degree in Social Sciences, but only two of the researchers engaged in doctoral studies. The following question, in which respondents were asked about their parents' educational degree, was designed to assess whether there was a raise of educational level from one generation to the next, which could possibly lead to social mobility. The responses suggest that they were the generation that could pursue an undergraduate degree, considering that some of their parents had not even completed elementary school. In addition, all of them emphasized their narratives that they came from poor families. To fully grasp the significance of this social mobility, we have to take into account it took place in a country with less than half a century of independence.

Question number 7 of the questionnaire required respondents to give information about their income. The answers were provided in escudos (CVE), the Cape Verdean currency; I made the conversion to *reais* as a means of comparison for the readers of my research. In Cape Verde, the minimum wage is distinct between public and private posts: by the time of data collection, the minimum wage for governmental posts was 15 thousand CVE, while for the private posts it was 11 thousand CVE<sup>23</sup>. In relation to the researchers, all of them work in

---

23 Recently, the minimal wage for private posts was raised to 13 thousand CVE (Diário de notícias: <https://www.dn.pt/lusa/interior/cabo-verde-aprova-aumento-do-salario-minimo-para-1178-euros-9026755.html>; Observador: <https://observador.pt/2018/01/05/cabo-verde-aprova-aumento-do-salario-minimo-para-1178-euros/>; RFI: <http://pt.rfi.fr/cabo-verde/20180107-cabo-verde>

governmental institutions: four of them are employees of the only public University in the country – the University of Cape Verde (UNI-CV) – and the other one works at the *Instituto Nacional de Estatísticas* (INECV). According to their answers, their average income is around 100 thousand CVE, which is about 6 times above the average wage.

Regarding their marital status (question number 8), two respondents were married and three were single. Although this was not asked in the questionnaire, all the participants mentioned that they have children, which led to the topic of single motherhood – an issue frequently brought about along their narratives, which will also be further explored in the analytical chapter.

### 3.2. PROCEDURES FOR DATA COLLECTION AND DESCRIPTION

Why Interview? Interview because I am interested in other people's stories. Most simply put, stories are a way of knowing. (Seidman, 2006, p. 7)

In this study, the methodology for data generation and the collection was composed of two instruments: *personal information questionnaires* and *interviews*. The questionnaires were designed to provide personal information about the participants, such as age, social class (issue related to the question of income), sexual orientation, etc. These pieces of information were relevant for the discussion, and they were collected prior to the interviews themselves. The second instrument, the interview, was the main empirical source of data. In other words, the corpus of this study is composed of the

narrative texts that were recorded and transcribed during the process of addressing questions to the participants.

The very first procedure before data gathering was an application to UFSC's ethical committee (CEPSH) to evaluate my project, a step required for any research project that involves human beings. I contacted them by telephone and through e-mail as well, and their formal answer was that the committee analyses only projects that involve humans within the Brazilian territory. Therefore, they instructed me to submit my research proposal to the local ethical committee where the study would be conducted (see Appendix III to see an attached e-mail message from CEPSH).

The next step taken was to contact professor Furtado to find out how to submit to UNI-CV's authorities on the matter. According to her, the university's ethical committee only requires projects to be submitted when there are medical procedures involved, such as collecting saliva, blood, etc. (see Appendix III containing professor Furtado's answer.). Hence, it was not necessary to submit my project to the local ethical committee.

Moving to the procedures for data collection, the steps that were planned before moving to field research were the following:

Table 3.3 – Procedures for data collection.

Stage	Procedures
<b>Data collection</b>	<p data-bbox="501 1074 580 1099"><i>Step One</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="594 1099 869 1195">✓ Contacting the participants formally through e-mail; getting their written consent;</li> <li data-bbox="594 1198 869 1246">✓ Setting the dates for each interview;</li> <li data-bbox="594 1249 869 1297">✓ Applying the questionnaire;</li> <li data-bbox="594 1300 869 1342">✓ Conducting the interviews and recording them.</li> </ul>

Before contacting potential participants, professor Furtado and I had a meeting to arrange my stay in Cape Verde. Some tasks were delegated to me during my stay (e.g. giving a talk about my research and the linguistic/discursive theories that ground it; being a moderator at a conference). At this stage, we also produced an introductory text to send to the potential participants, explaining my research and inviting them to participate in it. As previously mentioned, professor Furtado helped to contact the potential participants for this study. Rather than contacting them directly, Dr. Furtado contacted the researchers first through e-mail, with copies to me. After receiving the invitation, the participants answered directly to me. All the participants answered positively, and then I answered them back with the consent form attached to the e-mail (see Appendix III). Subsequently, we settled the date, place, and time to proceed with the interview.

Initially, I intended to send the questionnaire by e-mail, and then carrying out the interviews; however, I noticed that most of the participants were very busy people, and therefore I decided to apply the questionnaire in our meetings, before starting the interview. It was a positive decision because I could personally clarify any doubts they had before answering the questionnaire.

In terms of the interview structure, the questions addressed to the participants were based on Seidman's (2006) proposal for *in-depth interviewing research* in Education and Social Sciences. Seidman's work involves a complete set of guiding procedures to conduct an interview for research purposes, from the planning stage, which is to design an instrument with open-ended questions, to the final processes, including how to organize and analyze the interviewing data. According to this theorist, an interview is a significant tool for the areas previously mentioned, because:

[An] Interview provides access to the context of people's behavior

and thereby provides a way for researchers to understand the meaning of that behavior. A basic assumption in in-depth interviewing research is that the meaning people make of their experience affects the way they carry out that experience (Seidman, 2006, p.10).

In this sense, the purpose of this type of interview is to elicit people's constructed narratives of their experiences, taking into account that they attach to their narration important facts according to their judgments, because they have to make sense of what they are saying about a specific event while they are interacting with the interviewer. Therefore, interviewers have access to narratives that are significant to the respondents. Additionally, Seidman (2006) emphasizes that interviews can lead us to personal stories, which can provide information about the interviewee's perspectives of organizations, institutions, and processes. Thus, not only can interviews be a source of participants' personal stories, but they can also be considered as a 'primary' form of investigating institutions (Seidman, 2006, p.10)

Another essential point is that this interview technique includes open-ended questions focused on the participants' life stories, having in mind that these stories reconstruct their experiences in relation to the topic under investigation (Seidman, 2006, p.15). This technique, as a whole, contains three types of interview focus which, according to Seidman (2006), help the participants to: a) establish the context of their experience; b) reconstruct the details of their experiences within the context in which the interview happens; and c) reflect on the meaning their life stories holds for them (Seidman, 2006, p.17).

Seidman (2006) claims that each interview should be conducted in separate days; due to time constraints, the



interviews with each participant were done only once, instead of in three different days, as suggested. The interview questions for my study focused on the topics provided on the three types of interview suggested by Seidman (2006), as follows:

Table 3.4 – Open-ended questions.

<b>Bloco 1 – Contextualização através de suas histórias de vida</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conte-me sobre seu contexto familiar.</li> <li>• Como você se tornou aluna da universidade?</li> <li>• Você pode falar um pouco sobre como foi seu primeiro contato com as teorias feministas?</li> <li>• Conte-me como você chegou até seu objeto de estudo? O que a inspirou a fazer sua pesquisa?</li> </ul>
<b>Bloco 2 – Detalhes das suas experiências nos contextos indicados</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pode falar com um pouco sobre sua estrutura familiar?</li> <li>• Como é sua rotina escolar e suas relações dentro da universidade? Pode descrevê-la?</li> </ul>
<b>Bloco 3 – Reflexão sobre os temas abordados</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Depois de termos conversado sobre questões de gênero, incluindo teorias, etc., pergunto: que valor ou grau de importância esse tópico tem para você?</li> <li>• De que forma você acha que a teoria pode ser colocada em prática?</li> <li>• Como você define as estruturas de gênero, como identidade, papéis e relações de gênero em <i>Cabo Verde</i>?</li> <li>• Para onde estão caminhando as questões de gênero em seu país?</li> </ul>

These open-ended questions separated in themes helped me substantially during the interviews, especially when I needed to add or remove some of them from the list above to help the respondents give more details about the events they were telling me.

The interviews were all recorded simultaneously with voice recording applications both on my cellphone

and on my computer, to make sure I would have no problems with losing data files. After recording the interviews, I moved to the next step: transcribing my data. Similarly to what happened during the first step, I had to make some adjustments during the process of carrying out this task. I decided to do the transcription manually because I wanted to listen to the recordings repeatedly as a process of reflecting on my data. A research assistant was hired; she transcribed all the recordings, and subsequently, I checked each transcription file, comparing with the recordings.

### 3.3. PROCEDURES FOR DATA ANALYSIS

Having explained the procedures for data gathering, this section provides the steps for data analysis, which also suffered some modifications during the implementation process. The table below summarizes the steps that were taken:

Table 3.5 – Procedures for data analysis.

<b>Data analysis</b>
<i>Step Two (micro analysis)</i>
Analyzing the discourse (the semiosis itself)
✓ Making use of AntConc – a freeware corpus analysis toolkit for concordance and text analysis – to find the transitivity patterns in the narratives;
✓ Quantifying the Transitivity processes;
✓ Analyzing concordance and word frequency involving the most recurrent participants, processes, circumstances and evaluative language, with the help of AntiConc software;
✓ Organizing the most relevant clauses to micro-analyze them in terms of <i>transitivity and appraisal choices</i> .
<i>StepThree (macro analysis)</i>
Interpreting and explaining the microanalytical results:
✓ Connecting the internal meanings of the

text to their ‘external’ relations to the social world: interdiscursive analysis of *discourse* and *styles* (Fairclough, 2003);

- ✓ Analysis of the conjuncture; analysis of the practices or their discourse moment with the use of a transdisciplinary theoretical support (CDA, Social Sciences, Gender Studies);
- ✓ Reflections on the analysis.

Making use of AntConc was the quantitative step that offered me ways to limit the data to proceed with the qualitative analysis, by allowing me to trace the recurrent patterns of transitivity and evaluative meanings. With the resource of the word list (see figure 3.1 below), I found the frequent processes, evaluative words such as adjectives, and the participants that were involved, mainly with the ones that were depicted with the pronouns *I* and *we* to discuss the researchers’ self-representation.

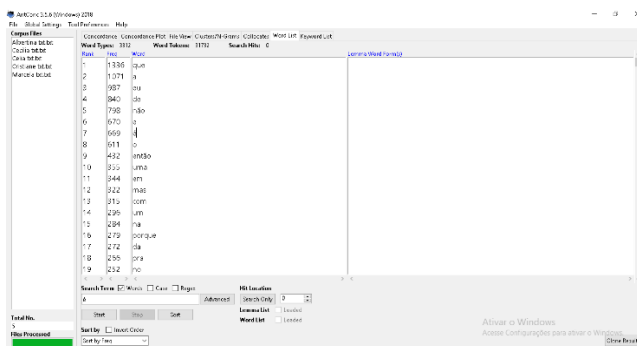


Figure 3.1 – AntConc layout.

Since this study follows a Systemic-functional view of language (Halliday, 1994; Halliday & Matthiessen, 2004), the textual analysis was done clause by clause through the *Transitivity system* and the *Appraisal framework*, to understand how language was used to convey *ideational* meanings and *interpersonal* meanings of evaluation. Such textual analysis was done on the clauses that were selected by the frequency of their occurrences. This selection was done with the help of the software as well; I was able to analyze carefully the clauses with the concordance tool (see figure 3.2 below). I could make the distinction of processes according to their function in the clause, check the participants and the processes involved, and the evaluative words addressed to entities. For instance, this tool allowed me to distinguish whether the process to be was an auxiliary or the main process of the clause as in *she is smart* and *she is running*. Thus, I counted as the relational process only the processes that were the main ones, since the software counts all the occurrences of the word without marking the differences between word functions.

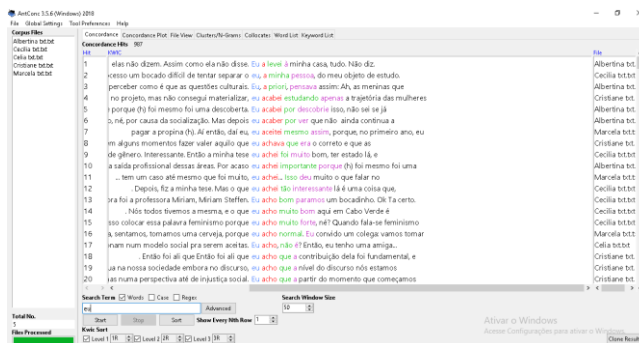


Figure 3.2 – AntConc concordance tool.

Considering that my research follows a critical approach to studies of discourse, it is important to have in mind that the interpretation and explanation stages of the analysis has to be carried out, since the aim of critical discourse study is to understand the relation of texts to their social environments, rather than doing just textual description . In order to interpret and explain the narratives I collected, I made use of Fairclough and Chouliaraki's (1999) and Fairclough's (2001, 2003) analytical frameworks, and adapted them according to my research aims. This part of the analysis refers to *Step Three* on table 3.5. At this level of analysis, I explored *representation* and *identification* meanings in the texts – respectively connected to the categories *discourse* and *styles*, present at the social practice level found in the narratives, considering that they could be examined with the SFL textual frameworks that I proposed to apply in the level of textual analysis (semiosis). In this sense, both levels of approach were linked as follows:

Table 3.6 – Textual levels of analysis and their correlations.

<b>Systemic Linguistics (SFL)</b>	<b>Functional</b>	Textual meanings semantics	Analytical categories at the level of the social practices (CDA)
<b>Transitivity System</b>		Ideational (SFL) Representation (CDA)	discourse
<b>Evaluation System</b>		Interpersonal (SFL) Identification (CDA)	styles

As previously stated in the theoretical chapter, there is a third category called Genre at this level of analysis, which is intertwined with actions and social relations. However, my research did not include this category of analysis due to time constraints and the objectives this study aimed to reach. I also acknowledge that these categories are dialectical, work simultaneously and have complex boundaries (Fairclough, 2003);

however, for analytical purposes, distinctions and selections had to be made.

Additionally, Fairclough (2003) provides a set of questions related to analytical categories in CDA which serves to guide any critical textual analysis. The questions below were used to give me support at this level of analytical procedure:

Table 3.7 – Questions for text Analysis (Fairclough, 2003).

Categories	Questions
<b>Representations of social events</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ What elements of represented social events are included or excluded, and which included elements are most salient?</li> <li>✓ How abstractly or concretely are the social events represented?</li> <li>✓ How are processes represented? What are the predominant process types (material, mental, verbal, relational, existential)?</li> <li>✓ Are there instances of grammatical metaphor in the representational of processes? How are the social actors represented (activated/passivated, personal/impersonal, named/classified, specific/generic?)</li> </ul>
<b>Modality</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ What do authors commit themselves to in terms of truth (epistemic modalities)? Or in terms of obligation and necessity (deontic modalities)? To what extent are modalities categorical (assertion, denial, etc)? to what extent are they modalized (with explicit markers of modality)?</li> <li>✓ What levels of commitment are there (high, median, low) where modalities are modalized?</li> <li>✓ What are the markers of modalization (modal verbs, modal adverbs, etc)?</li> </ul>
<b>Evaluation</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ To what values (in terms of what is desirable or undesirable) do authors commit themselves?</li> <li>✓ How are values realized – as evaluative statements, statements with deontic modalities, statements with the</li> </ul>

---

affective mental process, or  
assumed values?

---

*Note:* Not all the questions suggested by concerning Fairclough (2003)'s set of questions for analysis are included available here. Therefore, this table presents an adapted version, having adapted to the objectives of this study in mind.

Finally, moving to the last analytical procedure, this study drew on Fairclough and Chouliaraki's (1999) critical explanatory framework to explain the textual analysis at a broader level. At this point, the analysis of the conjuncture and the analysis of the practices served to provide "an overall frame of the social practice which the discourse in focus is located in", and aspects which inform the specific "relationship between discourse and moments [of the social practice] – how much of a part and what sort of part the discourse plays in the practice" (p. 61). Here, I established a dialogue with other disciplines, such as Sociology and Feminist Studies, specifically the works which contemplate the context of Cape Verde (Monteiro, 2007, 2015; Furtado, Laurent & Évora, 2015; Furtado & Vieira, 2015; Lucas & Silva, 2009, among others). Finally, the analytical framework also included the last step proposed by Fairclough and Chouliaraki (1999), *reflecting critically on the analysis*. As Fairclough (2001) points out, this is the moment in "which the analysis turns reflexively back on itself, asking for instance how effective it is as a critique (...)" (p.127).

Having in mind all the methodological aspects discussed and described in this chapter, the next chapter describes the result of the narratives of textual analysis.



#### 4. TEXTUAL ANALYSIS

In the last chapter, all the steps involved in the collection and analysis of the data were presented, such as the information about the participants, the description of the procedures for data gathering, and the tools for analysis. As previously stated, the research steps were selected in order to describe and discuss how the academics constructed their identities, values, and beliefs, as well as their evaluations, opinions, and positions related to themes about gender.

Taking all of that into account, in this chapter, I report the results of the textual analysis of the researchers' narratives. In other words, the present chapter contains the main findings based on the Transitivity System (Halliday & Matthiessen, 2004), which involves the description of the participants, processes and circumstances, as well as the findings produced by the Appraisal System (Martin and White, 2005), focusing specifically on the Attitude meanings of the data.

For organizational purposes, this chapter is divided into two main sections: (4.1.) Transitivity Analysis and (4.2.) Evaluation Analysis. This first main section presents the following subsections: (4.1.1.) *Transitivity patterns in the researchers' narratives: a quantitative analysis*, reports findings in terms of the significant proportions and types of processes. The two following subsections present the qualitative results regarding participants, processes, and circumstances. They are: (4.1.2.) "*Eu sou um bocadinho rebelde*": *Researchers' self-representations*; (4.1.3.) "*Elas acham que isto aqui [feminismo] é frescura*": *processes and circumstances in the meaning constructions of the researchers' narratives*.

The evaluative meanings of Attitude found in the textual data are described in the second main section: (4.2.) *Evaluation analysis*. This section is subdivided and

organized according to the Affect, Judgment, and Appreciation meanings, as follows: (4.2.1.) “*Quando um homem é mais presente dentro de casa, é muito bom para a educação dos meninos*”: *Affect*; (4.2.2.) “[*feminismo é*] *aonde há fosso, tentar superar esse fosso*”: *Judgment*; and (4.2.3.) “*Eu vejo [o feminismo] como liberdade*”: *Appreciation*.

#### 4.1. TRANSITIVITY ANALYSIS

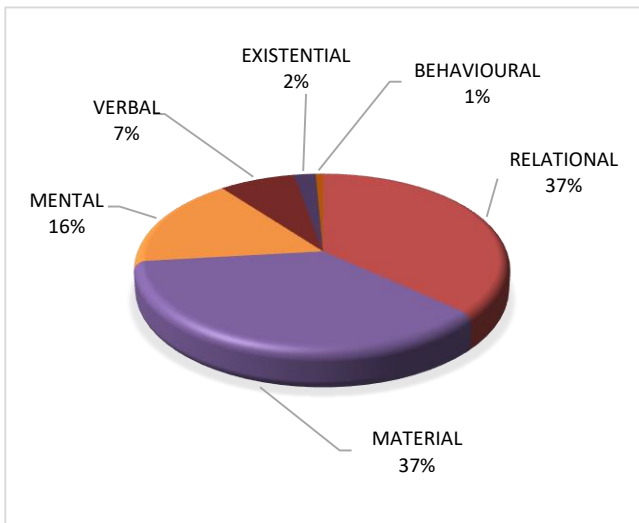
As previously stated, this section discusses the main findings of the representational meanings construed in the narratives. Examples of these meaning-making choices are provided throughout this section, and they are formatted as follows: participants are underlined; **Processes are in bold**; *Circumstances are in italics*. This format was based on Halliday and Matthiessen’s (2004) descriptive patterns for transitivity analysis. The translations of the examples to English are provided in footnotes. In addition, the metalinguistic labels for describing participants and circumstances are written in capital letter, also following Halliday and Matthiessen’s (2004) descriptive patterns. For instance, participants from material processes are labeled *Actor*, *Goal*, *Range*; Circumstances are labeled *Place*, *Role*, *Manner*, and so forth.

##### 4.1.1. Transitivity patterns in the researchers’ narratives: a quantitative analysis

According to Halliday and Matthiessen (2004), the language in use contains a predominant amount of material and relational processes, if compared to other types of processes in terms of frequency. Mental processes are the third recurring ones. Although the theorists affirm that language tends to carry such patterns, they also argue that they can vary according to register. Narratives, as Eggins (2004) points out, usually have a set of representational

patterns in common: for instance, relational and existential processes serve as resources to set the scene of the narration. Specifically, attributive processes function to evaluate participants' experiences, while identifying processes represent the effect of these experiences and the chains of events.

Regarding the transitivity patterns of the narratives analyzed in this research, my data analysis corroborated the comments above: in general, the interviewees produced narratives that follow the pattern mentioned by Eggins (2004) in terms of numbers: the most frequent processes were relational, material, and mental ones. The pie chart below represents a summary of the types of processes and their percentages:



*Figure 4.1* – Process types and their percentage in the researchers' narratives.

As can be seen from figure 4.1, Relational and Material processes are the predominant ones in the

researchers' narratives. In terms of number of occurrences, there is a slight difference between them: the relational process occurred 2169 times, while the material ones were used 2159 times. Although both process types display the same percentage, relational processes have the highest number of occurrences regarding the same process, for instance, the processes *to be* and *to have*, while material processes presented the largest range of different exemplars, with fewer occurrences of each. To illustrate that, table 4.1 below shows this comparison between the two process types:

Table 4.1 – Relational and Material Process Types and Their Occurrences in the Researchers' Narratives.

<b>Relational Process</b>	<b>Occurrences</b>	<b>Material Process</b>	<b>Occurrences</b>
SER (to be)	1336	FAZER (to do)	313
TER (to have)	517	IR (to go)	183
ESTAR (to be)	280	TRABALHAR (to work)	145
DEFENDER (to defend)	5	COMEÇAR (to start)	94
SIGNIFICAR (to mean)	5	DAR (to give)	62
RELACIONAR (to become acquainted with; connect)	5	ESTUDAR (to study)	61
TORNAR (to become)	4	DEIXAR (to leave)	44
ENQUADRAR (to conform, to fit)	3	CHEGAR (to arrive)	40
DIFERENCIAR (to differentiate)	2	TERMINAR (to finish)	37
PARECER (to appear)	2	ENCONTRAR (to find)	32
TRANSFORMAR (to transform)	2	PASSAR (to pass)	32
VALER (to value)	2	ENTRAR (to enter)	31

DEMORAR (to demonstrate)	2	AJUDAR (to help)	29
CUSTAR (to cost)	1	MUDAR (to change)	28
DATAR (to date)	1	SAIR (to leave)	28
REPRESENTAR (to represent)	1	COLOCAR (to p ut)	27
RESTAR (to remain)	1	VIR (to come)	27

*Note.* This table displays the processes in a decreasing order of occurrence. The list of relational processes is complete; the list of material processes, on the other hand, includes 221 other processes with considerably lower numbers of occurrences, so not all of them are included here.

The next most representative process types are mental processes (975 occurrences), followed by verbal ones (442 occurrences). Both process groups represent 16 and 7 percent of occurrences in the narratives, respectively. Interestingly, despite the fact that they occur in a small proportion as compared to relational and material processes, mental and verbal processes are significantly relevant to the ideational meaning-making construction of the narratives as a whole, taking into account that a mental and a verbal process were among the ten most recurring ones (see table 4.2 below).

Table 4.2 – The Ten Most Frequent Processes in the Researchers’ Narratives.

Rank	Process	Number of Occurrences	Process Type
1st	SER (to be)	1336	RELATIONAL
2nd	TER (to have)	517	RELATIONAL
3rd	FAZER (to do)	313	MATERIAL
4th	ESTAR (to be)	280	RELATIONAL
5th	DIZER (to say)	217	VERBAL
6th	IR (to go)	183	MATERIAL
7th	TRABALHAR (to work)	145	MATERIAL
8th	VER (to see)	135	MENTAL
9th	FICAR (to stay)	123	RELATIONAL

A similar pattern was found in the existential process type: it constitutes only 2 percent of the number of processes in the narratives, but the process *there be* is among the ten most frequent ones. This process, therefore, has a significant role in the construction of the researchers' narratives. The least recurrent process type found in the quantitative analysis represents one percent on the chart: behavioral processes were used 42 times in all the narratives. In this sense, the results suggest that the narrators produced few psychological and physiological meaning constructions.

Overall, as the quantitative analysis has shown, the Transitivity resources used in the researchers' narratives mainly construe meanings that 'set the scene' (material processes) - the narrators described past events, such as the things they did, what happened, chains of events, and present ones, such as routines, in order to provide their background information coherently. For that reason, there is a great number of different material processes, as compared to other types. Examples of these frequent processes are *to do, to make, to work, to study* (past experiences); *to come, to go, to leave* (routines).

More importantly, not only did the narrators provide background information about themselves, but they also produced attributes and identifications to several elements of their lives - such as people, institutions, and objects - with relational processes. In this sense, the relational process *to be* was the most frequent one employed to construe meanings to describe social actors and institutions in Cape Verde and relate social actors, as well as the institutions, to their identities. For example:

Eu **tenho** uma personalidade forte.<sup>24</sup>

Example 4.1. Marcela.

É a ilha mais Africana *de Cabo Verde*, já ouviu falar?<sup>25</sup>

Example 4.2. Celia.

Furthermore, characterizing elements within any discourse is a strategy to express evaluation meanings. In this sense, the narrators constantly provided opinions by describing people and things. Evaluations were also expressed through mental processes which, according to Martin and White (2005), depict meanings of *affect* (**X feels affect about Y**) and *appreciation* (**X sees/considers/thinks something appreciation**). The mental process *to see* is one of the most recurring mental processes in my data, as well as one of the ten most frequently used process, as shown in table 4.2.

Additionally, verbal processes are significant meaning resources that enable narrators to depict dialogic passages (Halliday & Matthiessen, 2004). The use of this resource is evidenced in the large number of verbal processes in the researchers' narratives, especially the process *to say*. This suggests that the narrators construed several meanings based on dialogues, allowing them to include other voices – through direct or indirect speech. Moreover, it was observed that such strategy was used in the reproduction of past dialogues they had had in certain situations being described, about which the researchers' judged it was important to give details:

Ela **disse** || “não, eu **sou** de *São Vicente*.”<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Translation: I have a strong personality.

<sup>25</sup> Translation: [Santiago Island] is the most African island from Cape Verde, have you heard of it?

<sup>26</sup> Translation: “She said ‘no, I am from São Vicente’”.

---

Example 4.3. Celia.

Another significant meaning-making construction of the process *to say* is its use by the researchers' in the description of dialogues with their inner selves, especially in moments of decision-making:

<p>Eu <b>disse</b>     “Não. <i>Daqui a três anos vou receber quase o triplo desse vencimento</i>     que eu <b>tenho</b>”. <u>Eu vou</u> [estudar em Portugal], pois eu <b>decidi</b>.<sup>27</sup></p>
--

Example 4.4. Albertina.

As previously explained in the Methodology Chapter, the results obtained from the quantitative analysis allowed me to delineate the transitivity patterns of the narratives and, most importantly, to delimit the most significant meaning constructions in order to discuss them. Consequently, I now discuss more closely the ten most recurring process types in the narratives of the researchers, as well as the depicted participants and circumstances involved. My research questions guided the organization of the following subsections; table 4.3 retakes the research questions and the location of the corresponding answers:

---

<sup>27</sup> Translation: I said: “No. Within three years I will make almost the triple of the salary I have now, I will do it”, so I am going [to study in Portugal], because I decided to do it.



Table 4.3 – Research Questions and the Location of the Answers.

Research Questions	Provided Answers (focus on language) <sup>1</sup>
How do Cape Verdean female researchers <b>identify themselves</b> through their personal stories?	(4.1.2.) “ <i>Eu sou um bocadinho rebelde</i> ”: Researchers’ self-representations
How do their narratives <b>reflect and construct their own values, beliefs, and opinions</b> in relation to <b>gender roles</b> in Cape Verde?	(4.1.3.) “ <i>Elas acham que isto aqui [feminismo] é frescura</i> ”: processes in the meaning constructions of the Researchers’ narratives
How do they <b>evaluate feminist theories</b> , and how do <b>they position themselves</b> in relation to them?	(4.2.) Evaluation Analysis

*Note*<sup>1</sup>: Although there was an attempt to organize the data as such, it does not mean that elements in a certain subsection might contemplate a different research question. This fact can be explained by the way in which meanings are built in the language in use – they occur simultaneously (Halliday & Matthiessen, 2004; Fairclough, 2003). Therefore, the isolation of meanings serves descriptive and analytical purposes.

This section presented the transitivity patterns in terms of quantitative data; the next sections discuss more closely the narrators’ meaning-making choices to represent their worldviews and themselves.

#### 4.1.2. “Eu sou um bocadinho rebelde”: Researchers’ self-representations

In order to describe how the narrators depicted themselves in their narratives, one procedure that I made use of was to locate and analyze the occurrences of the pronouns *I* or *we* in all the stories with the help of the AntConc software, as previously explained in Chapter Three. In this subsection, I explore the results of this analytical procedure.

To start with, most of the clauses in which the researchers depicted themselves used the participant *I* rather than *we*. Mainly, the pronoun *I* was used when

referring to activities that construe the meanings of *having a characterization* or *an identification*, and *forming opinions*. The pronoun *we*, on the other hand, represented several groups of identities among which the researchers included themselves, such as *Cape Verdean society*, *Cape Verdean women*, and *a specific population from one of the Islands*. In addition, they referred to themselves as *academics*, part of university staff – *professors*, *colleagues*, *my advisor* and *I* – and finally, as members of a family, a couple – for instance, *my boyfriend* and *I*.

Regarding the use of *I* as a resource for the participants' identification, the researchers commonly construed meanings to talk about their personal background: they distinguish themselves among family members, or they highlight themselves within a specific group that they were referring to. In these passages, these identifications were produced through relational clauses:

Eu sou o terceiro. <sup>28</sup>
----------------------------------

Example 4.5. Albertina.

In the example above, Albertina identified herself as the third child in order of birth as compared to her other siblings. Interestingly, despite the fact that the Portuguese language ascribes gender to ordinal numbers, she used the attribute *terceiro* (third) with a male gender mark. This can be explained by the influence of the Cape Verdean Creole language, which has no gender marks, on Cape Verdean Portuguese. Even though Portuguese is the official language in the country, the everyday language among Cape Verdeans is mostly Creole.

Relational identifying possessive processes were also selected in Albertina's narrative to contextualize her family background: she made use of this language resource

---

<sup>28</sup> Translation: "I am the third one".

to describe her abilities which, and as consequence, led her to be designated to certain house chores as compared to her siblings:

Como eu **finha** mais jeito em tratar de crianças, eu cuidava dos meus irmãos e lavava louça.<sup>29</sup>

Example 4.6. Albertina.

Furthermore, Albertina continued to compare her qualities with her brothers, specifically to introduce the topic of schooling. She identified herself as *the smartest*, comparing to her oldest brothers, to affirm her interest in studying. In this passage, she stated that when her older brothers were attending classes at school, she would learn with them by paying attention to her father explaining and revising the content with her brothers while they were doing homework. Then, she pointed out that she was the first one among her siblings to pursue a doctorate degree:

Em relação aos meus dois irmãos mais velhos, eu era, digamos assim, a mais esperta.<sup>30</sup>

Example 4.7. Albertina

Eu fui a primeira até ||| a fazer o doutoramento.<sup>31</sup>

Example 4.8. Albertina

Regarding the moment of the narrative when the narrators provided information about gender arrangements in Cape Verdean society, Cecilia talked about her abilities

---

<sup>29</sup> Translation: “Since I was better at taking care of children, I used to take care of my siblings and do the dishes.”

<sup>30</sup> Translation: “In relation to my two older brothers, I was, let’s say, the smartest one.”

<sup>31</sup> Translation: “I was even the first to pursue the doctoral degree.”

and her professional duties, stating that there is a gender balance at the workplace:

[...] **Eu** não **tenho** nenhum problema *no meu mundo de trabalho como mulher*. [...]  
 [...] **Eu** consigo **ser** profissional *tranquilamente*, e neste momento também **estou a lecionar** *na universidade*, [Elliptical subject] **sou** professora e [Elliptical subject] **dou** aulas *de Ciências das Relações Públicas*.<sup>32</sup>

Example 4.9. Cecilia.

The clauses construed meanings that relate Cecilia to negative possessions (*nenhum problema* - any problem) within a Circumstance of Place (*no meu mundo de trabalho* – in my world of work) with a specific Circumstance of Role (*como mulher* – as woman). The first type of circumstance indicates the context in which the event occurs, while the second one functions as additional information regarding attributes or identifications. To exemplify her experience, she kept describing her ability to be something (*consigo ser* - I can be: modulated relative process) which identifies her *as a professional*, in a way that is represented within a Circumstance of Manner (*tranquilamente* – with no worries). She also described her identity as *professora* (professor). In addition, she mentioned some tasks she does as a teacher: *estou a lecionar*, and *dou [aulas]* (I am teaching; I teach classes), both material clauses with Circumstances of Place (*na universidade* – at the university) and matter (*de Ciências das Relações Públicas* – Public Relations), respectively.

Another example of the narrator's identification was provided by Celia. While she was describing her opinion about the work of non-governmental organizations in Cape Verde, she said that she believed that there was a

---

<sup>32</sup> Translation: “[...]I have no problem in my world of work as a woman [...] [...] I can be a professional undisturbedly, and at the moment I am teaching at the university, I am a teacher and I give classes about Public Relations.”

contradiction between the NGOs discourse of raising the participation of women in politics, and what they actually do to make it happen. To illustrate her position, she gave the example of the last presidential run in Cape Verde, when there was a female candidate running for the elections. In her opinion, instead of promoting the candidate based on the ‘positive discrimination of representation policies’, that is, reinforcing the significance of having a woman candidate, the people involved in the work of women in politics, such as NGOs and activists, did not make an effort to actually elect one female candidate:

Mulheres, ONGs, não sei o quê, quando tivemos uma mulher candidata a primeira ministra eu não ouvi ninguém, todas sumiram. Sumiram! Sem ser injusta com ninguém, até há dias uma pessoa amiga estava a me dizer isso, eu fui a única ||| que escrevi *no jornal* ||| a defender essa questão.<sup>33</sup>

Example 4.10. Celia.

Celia’s clauses emphasize her arguments by stating that, within the group of people who defend the relevance of having equal gender representation in the political sphere, she was the only person (*fui* – was: relational identifying process) to do something (*escrevi; defender* – wrote/defend: projected material clauses) with an outcome in the world (*no jornal* – in the newspaper: Circumstance of Location) about the issue (*essa questão* – this question: Goal).

In terms of attributions, Celia concludes her argument about the significance of voting on a female candidate as follows:

---

<sup>33</sup> Translation: “Women, NGOs, and else, when we had a woman candidate for Prime Minister I did not hear anyone, everybody vanished. Vanished! Without being unjust with anyone, a few days ago a friend of mine was telling me, I was the only one who wrote in the newspaper defending this matter.”

[...] Porque eu sou mulher, não **significa** apenas ||| que eu tenho os órgãos sexuais femininos, ||| **significa** toda uma história social, cultural dum país sobre mim.<sup>34</sup>

Example 4.11. Celia.

In this example, Celia depicted the social actor *I* as a representation of a social category. In other words, she is not referring to her as the individual ‘Celia’, but she is giving herself that attribution as an example to define the term ‘woman’, which she was about to develop. Within this signification, Celia used the resource of projection to embed other relational meanings to explain that social category (*os órgãos sexuais femininos; uma história social, cultural* – female sexual organs; a social, cultural history: Value). The sequence of negative and positive relational process *significa*(to mean) presents a logical order to show that the first clause reduces the category *woman* to the meaning *having female sexual organs* through the use of the Circumstance of Manner *apenas* (just), while the second clause reinforces the complexity of this social category by giving other identifications. In that sense, Celia affirmed that *being a woman* is defined by social and cultural history, complementing its complexity by the use of the Circumstance of Manner *toda* (all), and other additional information, such as the location (*dum país*: of a country: Place) and subject (*sobre mim* – about me: Matter).

Later on, when Celia was answering my question about the way her readings of gender theories had influenced her private life, she gave examples of how difficult it was to manage to be a feminist woman in a patriarchal society. To contextualize, she mentioned the big age gap between herself and her husband, which, in her opinion, somehow explains her husband’s conservative

---

<sup>34</sup> Translation: “[...] Because I am a woman, it does not mean that I just have the female sex organs, it means a whole social, cultural history of a country about me.”

way of thinking. According to her narration, she sometimes found herself balancing things by conceding in order to avoid conflicts, although she also tried to make changes in some aspects related to gender arrangements, as, for instance, in their children's education. In the passage below, Celia narrated a situation in which she was chatting with a friend, who was getting divorced, and Celia mentioned to her friend that her husband once asked her the following question:

O meu marido me disse “por que que **eu não sou uma mulher normal?**”<sup>35</sup>

Example 4.12. Celia.

Celia's friend replied by stating that her husband had asked her the same question. Then, Celia concluded her argument, giving herself some attributes and a concrete tangible action to characterize herself in contrast with the Attribute *normal woman*, given by her husband:

Uma vez eu estava a falar com uma amiga minha. Eu disse: “O meu marido me disse por que que **eu não sou uma mulher normal?**” Mas ela disse: “Ó, o meu me disse a mesma coisa”. Ela estava num processo de separação, também está nessa área, trabalha com essas questões, ela disse: “Ele me disse a mesma coisa. Por que que **eu não sou uma mulher normal?**” Não é? Aquela que – e depois olha uma coisa: **Eu estou metida na política**, eu **estou fazendo doutoramento**, **eu sou dona-de-casa**, **eu sou mãe**, então você sente que as coisas não são como você gostaria que fossem.<sup>36</sup>

Example. 4.13. Celia.

---

<sup>35</sup> Translation: “My husband asked me ‘why am I not a regular woman?’”

<sup>36</sup> Translation: “Once I was talking with a friend of mine. I said ‘My husband asked me why I was not a regular woman?’ But she said: ‘Look, mine asked me the same thing’. She was going through a separation process, also working in this field, working with these issues, she said: ‘She asked me the same thing. Why am I not a regular woman?’ Right? The one that – and then look: I am inserted into politics, I am doing a PhD, I am a housewife, I am a mother, so you feel that things are not as you would like them to be.”

In grammatical terms, the passage above ascribes relational attributive meanings to the participant *I: metida na politica* (into politics); *dona-de-casa* (housewife); *mãe* (mother). In addition, there is the process *estou fazendo* (am doing) with the Goal *doutoramento* (doctorate), working as a complement to characterize *things that she does*. These Attributes and action are given to explain the reason why Celia and her friends are not considered ‘normal women’ according to their husbands.

As regards attributions to Marcela, the next passages illustrate several ways in which she depicted herself in her narrative. The first example shows how a friend sees her: while she was talking about the way her readings on gender studies have influenced her private life, she mentioned an occasion in which one of her male friends called her ‘a modern woman’ because she defended gender equality:

*Até eu tenho um amigo ||| que me disse || que eu sou muito moderna ||| [risos]. Eles acham que, ao falar do gênero, da igualdade, eles acham que é coisa da modernidade.<sup>37</sup>*

Example 4.14. Marcela.

Regarding the clause structure, the first sentence from the passage above represents a complex structure which is commonly seen in storytelling: Marcela firstly introduced *um amigo* (a friend) - her possessive Attribute - to report what he told her (*disse* - said: verbal process). The Verbiage itself is a projected relative clause, which gives her the Attribute *moderna* (modern). This quality is intensified by the circumstance of manner *muito* (very) to construct the meaning of *more than enough/necessary*.

To contextualize her family background, Marcela initiated her description by saying that she comes from a

---

<sup>37</sup> Translation: “I even have a friend who told me I am too modern [laughs]. They think that, by talking about gender, about equality, they think it is something of the modernity.”



low-income family. The clause is relational attributive circumstantial: the word ‘humble’ is attributed to the family and is embedded in the prepositional phrase, which represents the Circumstantial Attribute:

[Elliptical subject] **Sou de uma família muito humilde.**<sup>38</sup>

Example 4.15. Marcela.

Marcela, then, mentioned that her mother had to raise her on her own, emphasizing how difficult it was. Her father ‘acknowledged’ his fatherhood when she was six years old, but he died three years later. At this moment, the topic of single motherhood emerged: Marcela affirmed that it is a very common situation in Cape Verde. Later on, Marcela brought the topic of single motherhood back to her narration, while describing several events related to her experience as a mother:

É o seguinte, depois que separamos, a minha filha, e ele continuou sem trabalho, e eu é que era responsável da minha filha, como a minha mãe me educou também...Eu fui mãe e pai ao mesmo tempo... E essa situação não ia muito fácil.<sup>39</sup>

Example 4.16. Marcela.

According to Marcela’s reading of her experience, she took on the roles of mother and father, suggesting that her daughter had no father figure, especially after her relationship with her daughter’s father was over. By using the Attributes *mãe e pai* (mother and father) with the complement *ao mesmo tempo* (at the same time - circumstance of location: time), Marcela suggested that she had to perform two social roles simultaneously with

<sup>38</sup> Translation: “I come from a very humble family.”

<sup>39</sup> Translation: “Here’s the thing, after we separated, my daughter, and he remained unemployed, and I was the one responsible for my daughter, just as my mother who educated me as well... I was mother and father at the same time... And this situation was not going very well.”

full responsibilities, which are supposed to be shared between two individuals of different genders (men= father; woman= mother). In this sense, she emphasized that performing these roles was difficult.

The other examples taken from Marcela's narration show how she described her personality. *Personalidade forte* and *rebelde* (strong personality; rebel) are the Attributes that she used to describe herself, while she was talking about her experience of living together with her ex-partner in her early twenties. She mentioned the reasons that might have led to their separation, including both her immaturity and her personality:

Eu **tenho** uma personalidade muito forte.<sup>40</sup>

Example 4.17. Marcela.

Então o que mais me **levou** mesmo a **separar**... Eu sou um bocadinho rebelde, mas isso já **mudei** um bocadinho, já com a maturidade já relevo algumas coisa, já **vi** que nem sempre **dá pra ter razão**, é o mais importante (risos).<sup>41</sup>

Example 4.18. Marcela

The examples above, therefore, represent relational possessive and relational attributive processes respectively: the participant *I* represents the narrator, followed by the traits she judged reasonable to say about herself. In addition, these descriptions are intensified by the Circumstances of Manner *muito* and *um bocadinho* (very; a little).

The following example presents an *I* as an individual who expresses opinion. After mentioning what

---

<sup>40</sup> Translation: "I have a very strong personality."

<sup>41</sup> Translation: "So what led me the most to separation... I am a bit rebellious, but this I have changed a little bit, already with maturity I don't get bothered anymore with some things, I have learned that it is not possible to always be right, it is the most important."

she used to think feminism was before taking classes on Gender Studies – a movement in favor of women –, Cecilia declared:

Então eu me **sinto** mãe, eu **tenho** esse papel [que eu **desempenho**], **sou** profissional, eu me **sinto** bem como profissional.<sup>42</sup>

Example 4.19. Cecilia.

Cecilia uses herself as an example to illustrate the roles women are called to occupy in society. In terms of lexical choices, although she used the mental process *feel*, which represents the inner world of ideas, feelings, cognition, etc., this process was used with an *identifying* function. The clause, in this sense, means *she feels like a mother*, which instead of portraying a Phenomenon, this mental clause was construed with the word *mother* placed as a Circumstance of Role. This type of circumstance gives an additional meaning of ‘being’ as attribute or identity in a clause (Halliday & Matthiessen, 2004). The role *mother* is repeated in the second clause, in which she depicted a relational identifying process to say that she possesses such role, followed by an embedded material clause. Another relational clause present in her narrative is the relational identifying process of *being a professional*. Next clause, she determined that all these roles are good things to her: she used a mental process with a Phenomenon *bem* (well) as an evaluative word. This clause has a Circumstance of Role *como profissional* (as a professional).

Cristiane also used the same lexical resource, *I*, to say what she thinks about the implications of feminist struggles to improve unequal gender relations in society:

---

<sup>42</sup> Translation: “So I feel like a mother, I have this role [that I undertake], I am professional, I feel good as a professional.”

[...] **eu sou a favor de** ||| que **temos que traçar** políticas públicas ||| para **debelar o problema** ||| que **está**.<sup>43</sup>

Example 4.20. Cristiane.

She produced a complex clause to express her opinion, starting with a relational process with a Circumstance of Cause *a favor de* (in favor of: behalf) which is followed by projected material clauses - *traçar* and *debelar* (overcome and delineate), and a relational circumstantial process '*está*' (is *there*). The first material clause is modulated (*temos que* - have to) to express obligation, revealing the importance of this action in Cristiane's view. The Goal *políticas públicas* (public policies) is the outcome of this modulated process, while *problema* (problem) is the Goal of the material process *overcome*; it is also involved with the hypotactic clause *que está* (is 'there'), which shows what exactly in the material world has to be overcome.

Additionally, Cristiane repeated a clause containing a relational process with a Circumstance of Cause to state her opinion about what it means to think about gender as a social category to promote equality:

[...] **Eu sou a favor de** ||| **pensar o gênero** ||| **pensando homens e mulheres ao mesmo tempo**, e não no sentido mais de defensiva, **defender, defender**.<sup>44</sup>

Example 4.21. Cristiane.

The above dependent clauses depict metal process of *thinking*: *gender* and *men and women* are the Phenomena of these two clauses, respectively. Both participants are represented in a way that places them at the same level of relevance, as if they were synonyms (think about gender = think about men and women). The

<sup>43</sup> Translation: “[...] I am in favor that we should trace public policies to quell the problem we have.”

<sup>44</sup> Translation: “[...] I am in favor of thinking gender considering men and women at the same time, and not in the more defensive sense, defend, defend.”

Circumstance of Location (time) *ao mesmo tempo* reinforces the view that men and women have to be thought of in the same manner. To finish her argument, she made use of the repeated process *to defend*, which implies that her readings on gender (or feminism) built the idea of ‘defending’ only women.

In terms of the use of *we* to represent the research participants as ‘inserted in a group’, it appeared in clauses that construe experiential meanings measured by generalizations. In other words, the clauses were usually in the simple present form, which, according to Halliday and Matthiessen (2004), embodies habits or generalizations in the language in use. The examples below were taken from passages in which the narrators were explaining the organization of their society; these examples illustrate the use of *we* as the Cape Verdean society, representing a habit and aspects:

[Elliptical Subject] Nasci aqui no nordeste da ilha, **nós chamamos aqui de interior**, é numa... *agora* cidade, antes não **era** cidade, chamado de Calheta, no município de São Miguel.<sup>45</sup>

Example 4.22. Celia.

**Nós temos três tipos de polícia**. *Agora tá tudo num bolo*, mas **há subdivisão**.<sup>46</sup>

Example 4.23. Albertina.

In the first example, Celia was talking about the place where she was born, when she used the verbal process *chamamos* (call) to give a further explanation on how her hometown was characterized. The next example was taken from the passage where Albertina was

<sup>45</sup> Translation: “I was born here in the Northeast of the island, we call it here the countryside, it is in a... now a city, before it was not a city, called Calheta, in the county of São Miguel.”

<sup>46</sup> Translation: “We have three types of police. Now it is all compounded, but there are subdivisions.”

describing her family's background, specifically her father's work. The relational process was also a resource used to provide additional information about police organization in Cape Verde.

Besides using these resources for the purposes described above, generalizations were also used to express meanings about gender and racial practices:

E começa a perceber que ainda essas questões das relações de gênero, sobretudo pensar uma relação de igualdade, há todo um trabalho feito, mas ainda muita coisa precisa ser feita no sentido de mudar a mentalidade, porque há muita coisa que ainda de fato, de certa forma nós internalizamos e exteriorizamos agora, sem muitas vezes refletir sobre.<sup>47</sup>

Example 4.24. Cristiane.

In the passage above, Cristiane referred to the processes of learning and reproducing gender norms. While she was describing the challenges of discussing gender equality in Cape Verde, she pointed out that, in terms of political measures, many things had already been done, but regarding people's mentality, there were still several changes to be made.

Regarding the participant *we*, it was engaged with two different processes, *internalizamos* (internalize – mental process) and *exteriorizamos* (externalize - verbal process), followed by another dependent mental process *refletir* (reflect). This last process, however, was preceded by a Circumstance of Accompaniment *sem* (without) and a Circumstance of Extent *muitas vezes* (many times), which connoted a negative aspect for the two first processes. In other words, according to her transitivity choices, internalizing and externalizing things, but not reflecting on

---

<sup>47</sup> Translation: “And you start to perceive that this questions of gender relations, specially thinking in a relation of equality, there is a whole work already done, but still there are many things to be done in the sense of changing the mentality, because there are many things that still in fact, in a certain way, we internalize and exteriorize now, without reflecting about them many times.

them, are depicted as something that people from their country generally do.

The next passage, taken from Celia's narrative, presented the same point-of-view in terms of the progress of changes:

[Elliptical subject] **Temos um longo caminho ||| a percorrer.** Já **percorremos bastante**, mas [Elliptical subject] **temos um longo caminho ||| a percorrer, ok?**<sup>48</sup>

Example 4.25. Celia.

The clauses above are characterized by the elliptical subject *we*, which is possible to omit in Portuguese. In both clauses, this subject was depicted in a relational attributive possessive process, attributing *um longo caminho* (a long way) to Cape Verdean society. This society's *long way* is additionally marked by the dependent material clause *percorrer* (go through), which functioned as an action that has to take place. Later on, the material process *go through* was taken back, in contrast with the previous clause, to say that many things had already been done. The repetition of the clause *temos um longo caminho a percorrer* aggregated emphasis to its meaning.

In the following illustrations, Celia mentioned several characteristics and actions attributed to the population from Santiago Island that addressed racial norms in Cape Verde. After introducing the theme of her master's study, she talked about the lack of documents concerning Cape Verdean history. She called it a "lack of institutional memory", referring to the difficulty of finding historical records in the national archives. Later on, she brought slavery to her country as an example of a theme in which there was a lack of official documents registering this event in their history. According to her, the only fact found in books about the topic was that the "Europeans and African slaves populated Cape Verde". After this

---

<sup>48</sup> Translation: "He have a long path to go through. We have already gone through a lot, but we have a long way to go, ok?"

statement,

Celia

said:

Você ouve relatos da história, é ficção. Claro, com base em alguma história contada, mas não existe nada escrito. Você vai no arquivo, não tem nada. ‘Que fulano era escravo, que o beltrano era, e não sei o quê. Então, assim, pra você conhecer histórias, a única coisa que você sabe que estão nos livros de história é que Cabo Verde foi povoado pelos brancos europeus e pelos escravos africanos. Ponto. [...] Há um grande debate em volta disso, aqui na ilha de Santiago. As outras ilhas dizem ||| que nós somos... que a África somos nós, não é? É a ilha mais africana de Cabo Verde. Já ouviu falar? É, porque aqui nós somos mais pretos. Porque aqui nós nos comportamos como os africanos, porque aqui nós não somos higiênicos, porque aqui há muito barulho, porque aqui há muito lixo, porque aqui não sei o quê...<sup>49</sup>

## Example 4.26. Celia

This passage shows several relational processes that evoke many comparative attributes to the people from Santiago Island in relation to the other islands. These relational processes were introduced by the verbal process *dizem* (say), suggesting that the attributed features were given by someone else (*as outras ilhas* – the other islands). The passage also portrays existential process that reveals the things that exist in the island.

These processes, in fact, were reported in the present tense, which mark a habitual and commonly shared (generalized) Circumstance, as previously stated. In this sense, the identifications and qualities given to the people of that island were *África, ilha mais africana, pretos*, and

---

<sup>49</sup> Translation: “You hear reports of the history, it is fiction. Of course, based on some story told, but there is nothing written. You go in the archive, there is nothing. ‘That so-and-so was a slave, that the other was as well, and I don’t know what else.’ So, look, for you to know histories, the only thing that you know which are in the history books is that Cape Verde was populated by the white Europeans and by the African slaves. Full stop. [...] There is a big debate around this, here in the Santiago island. The other islands say that we are... that the Africa is us, right? It is the most African island in Cape Verde. Have you heard? Yes, because here we are blacker. Because here we act like the Africans, because here we are not hygienic, because here there is a lot of noise, because here there is a lot of garbage, because here...”



(*não*) *higiênicos* (Africa, the most African island, and (non) hygienic). *Africanos* (Africans) also appeared as a Circumstance of Manner, which served to compare the people from Santiago Island to Africans in relation to the behavioral process *comportamos* (behave). Regarding the existential clauses, the participant Existents were *barulho* and *lixo* (noise and garbage).

Further, Celia continued describing identities and attributes. At this point in her narrative, she changed the use of the participant *we*, previously used for the people of Santiago Island, to Cape Verdeans in general:

[...]Nós não **somos** *nem africanos, nem europeus*. Nós **somos** *atlânticos*. Mas atlânticos significam o quê? É um novo continente ||| **que foi criado?**<sup>50</sup>

Example 4.27. Celia.

In the two first clauses, the relational attributive process *somos* (are) was used to convey experiential meanings of attributions. However, the first clause was organized into a negative logico-semantic relation *nem + nem* (*neither + nor*), which ordered the described experiences at the same level: *africanos, europeus* (*Africans, Europeans*). The second clause construed a positive experience through another relational attributive process, conveying meanings to the participant *we* as “*atlânticos*” (*people of the Atlantic*). Furthermore, the narrator addressed two rhetorical questions regarding the adjective *atlânticos*. First, she asked for an explanation of this word using the relational process *significam* (mean). Then, she produced a second question, which related the word to *um novo continente* (a new continent) with the use of the relational process *é* (is). This last process had a projection, which the material process *foi criado* (was created) in the passive mode referring to the participant *um*

---

<sup>50</sup> Translation: “[...] We are neither Africans nor Europeans. We are Atlantics. But Atlantics mean what? Is it a new continent that was created?”

*novo continente*. Additionally, as an extra linguistic feature, Celia used an ironic tone while she was posing the rhetorical questions. It showed that she did not agree with the attributes and identifications that were given to the people in Santiago Island and to the Cape Verdean people.

The next illustration presents the use of the participant *we as a group of authorities*, in contrast with *we as a group of women*. Regarding the contextualization of this passage, Celia was talking about the law against gender violence, at that time recently implemented in Cape Verde. When Celia was explaining the differences between their law against gender violence and the Brazilian law, *lei Maria da Penha*<sup>51</sup>, she provided some cases as examples of when their law could be applied, as well as the penalties it established. One difference, as she highlighted, was that the Cape Verdean law protects not just women, but it could also be applied in cases that presume violence against men. Moreover, she remarked that the penalties tended to be more severe to women:

Há essa tendência ||| para se **ser mais dura** com as mulheres. É tipo assim, ah, **nós defendemos as mulheres, nós fazemos uma lei por causa das mulheres, e vocês são a primeira** ||| **a violar** essa lei.<sup>52</sup>

#### Example 4.28. Celia

<sup>51</sup> The law 11.340/2006 - *lei Maria da Penha* - was approved and implemented in 2006. It establishes the following: “this law creates mechanisms to restrain and prevent domestic and family violence against a woman, in the terms of § 8 of art. 226 of the Federal Constitution, the Convention on the Prevention, Punishment and Eradicate the Violence against Women, and the Inter-American Convention to Prevent, Punish, and Eradicate;[it is] about the creation of the Courts of Domestic and Family Violence against Women; and measures of assistance and access to women in situations of domestic and family violence ( art. 10 – retrieved on <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>).

<sup>52</sup> Translation: “There is this tendency to be hard on women. It's like, ah, we defend women, we make a law because of women, and you are the first to violate this law.”

In this case, she was not included in the group that the participant *we* referred to, but she was speculating about what their argument would be to justify the severity of the penalties for women. Celia first described the existence of a tendency – *há uma tendência* (there is a tendency), and she characterized it as *dura* (hard, severe). In order to additionally describe who was affected by this severe tendency, she made use of the Circumstance of Cause *com as mulheres* (for women).

The following clauses in the above passage reinforced her argument by presenting material processes which involved the participant *we* as the Actors of the actions *defendemos* and *fazemos* (defend and create). In terms of the Goals of each action, Celia depicted the participant *as mulheres* (women) as Goal to the act of *defending*, while *uma lei* (law) was the Goal of the action *to create*. Additionally, the material process *create a law* was characterized with a Circumstance of Cause *por causa das mulheres* (because of women). Finally, she finished the passage selecting *vocês* (plural you), in this case referring to women, as actors who are the first to violate that law.

The two last examples with the participant *we* show the narrators as members of a university staff. The passage below is part of Cristiane's contextualization of several actions that she and her colleagues, who work with gender studies, had done at the university:

Há muita coisa que os alunos encaram como natural... é uma coisa que já está dada, nem precisa discutir, que é uma coisa que espelha essa relação de poder, dando poderes aos homens e tirando poder às mulheres. Inconscientemente fazem, naturalizam isso e acham que o anormal seria fazer o contrário. E a nível dos professores também eu percebo isso em muitas situações, o que é que os professores pensam. Eu lembro de algum tempo nós organizamos uma formação porque pensamos, é assim, nós estamos a trabalhar a nível do centro de investigação com outras instituições, com outras organizações, e estamos a esquecer de ||| trabalhar em “casa”.<sup>53</sup>

Example 4.29. Cristiane.

The participant *we*, therefore, corresponded to the professors who worked at the CIGEF. This participant was engaged in two material processes, *organizamos* (organized) and *estamos a trabalhar* (are working). In this sense, the professors were responsible for creating *uma formação* (workshop), as a result of a reflexive action (*pensamos* – we thought), in Circumstances of Accompaniment (*com outras instituições, outras organizações* – with other institutions, other organizations). The professors were also involved with the mental process *estamos a esquecer* (are forgetting), which projects the action *trabalhar* (to work) within the Circumstance of Place *em casa* (at home). In this sense, Cristiane showed that they were concerned with doing something in return to their community, especially after reflecting about several challenges she faced at her workplace when discussing gender issue with her colleagues or students.

---

53 Translation: “There are many things students face as natural... it is something given, there is no need for discussion, that is something which mirrors this relation of power, giving power to men and taking it from women. Unconsciously they do it, they naturalize it and think that the abnormal would be to do the opposite. And at the professors’ level I also notice it in many situations, about what professors think. I remember a time a time ago we organized a formation because we thought, it is like that, we are working at the level of the investigation center with other institutions, with other organizations, and we are forgetting to work at ‘home’.”

#### **4.1.3. “*Elas acham que isto aqui [feminismo] é frescura”*: processes in the meaning constructions of the Researchers’ narratives**

The quantitative data showed that some processes were more significant than others in terms of frequency. Specifically, as previously stated, these processes identify or characterize people and things (relational processes), and the physical world and concrete actions (material processes). In addition, clauses including the mental world of thoughts (mental processes) and verbalizations (verbal processes) were also recurrent in the meaning construction of the narratives. Taking all these aspects of the narratives inconsideration, in this subsection I discuss the recurring processes and explain the significance of the narrators’ choices to construe the narratives’ representational meanings.

##### *Relational Processes*

Mainly, the relational processes found in the narratives construed meanings to explain things, people, and entities by relating them to identities or attributes. In order to answer my research questions, the examples given below are related to gender norms, evaluations, or assumptions gender present in the researchers’ narratives.

When the participants were talking about their family background, they described several situations marked by gender norms that they had to follow. While they were describing these situations, they seemed annoyed by the memory that they had to follow those norms at the time the situation occurred. This discomfort was expressed through several evaluative resources they used in their narratives, together with the description of concrete events. The narrators construed most of these evaluative and descriptive meanings through relational

clauses. For example, Cristiane evaluated the following situation as *marcante* and *chocante* (remarkable and shocking), whilst talking about her neighbors' opinion about her behavior after she moved to the capital to study:

*Então foi uma coisa assim bem marcante e de certa forma chocante, eu tinha que em alguns momentos fazer valer aquilo que || eu achava que era o correto e que as pessoas consideravam que não era aceitável, e nesta sequência algumas das pessoas próximas da minha mãe davam o conselho. O conselho era || “melhor tirares a tua filha da escola”<sup>54</sup>.*

Example 4.30. Cristiane

The example refers to Cristiane's memories of her adolescence. After moving to Praia to go to high school, she became close to her cousins and her aunt, who allowed the teenagers to go out with friends and stay out late, something that was not acceptable for a girl, according to the way she was brought up. When she would go home to her mother's house, her mother's acquaintances would suggest that she had changed her behavior because of her studies.

In terms of representational meanings, several relational clauses in Cristiane's passage function as evaluative resources to qualify the situation and its impact on her, her behavior, and other peoples' judgment of her actions. In this sense, the qualities, or the Attributes are *marcante* and *chocante* (remarkable and shocking, related to the situation); *correto* (correct, related to her judgment of her actions); and *aceitável* (acceptable, related to the judgment of her actions by others). In addition, another relational process at the end of the passage serves to relate the Token *o conselho* (the piece of advice) to a projected material clause “*melhor tirares a tua filha da escola*”

<sup>54</sup> Translation: “So it was something very striking and in a way shocking, I had in some moments to make it count the thing I thought was correct and that people considered it was not acceptable, and in this sequence a few people close to my mother used to give advice. The advice was ‘it is better for you to take your daughter out of school.’”

(you'd better take your daughter out of school). Although there is a relational process here, the projected material clause seems to function as a Verbiage because it is something that people said about her.

Additionally, the mental processes *achava* (thought) and *consideravam* (considered) serve to reinforce that the projected attributive relational processes belong to the representational world of thoughts, directly from specific participants – *I thought* and *they considered*. In other words, it shows that, Cristiane and the group of acquaintances did not share the same opinion. The last evaluative resource from the passage above construed by relational meanings is placed in the last embedded sentence, “*melhor tirares a tua filha da escola*” (you'd better take your daughter out of school). Taking into account that my data was produced in Portuguese, in many cases the Subject was omitted. Specifically in the case of example 4.30, the word *melhor* (better) seems loose, but in fact it refers to a participant (and the subject) that is elliptic- *it is* better. Thus, the word ‘better’ ascribes an evaluative meaning to the action that comes next, *tirares a tua filha da escola* (take your daughter out of school).

As this example indicates, several relational meanings were construed to show what the represented participants judged to be correct and desirable, according to their moral codes. It also shows a disagreement between the represented participants' opinions. In addition to that, the example 4.30 shows other voices in Cristiane's narration suggested that her non-desirable behavior was directly connected to the school environment – and more specifically, to her act of moving to the capital city to complete her studies. As pointed out in some other passages, at that time the inner cities in Cape Verde did have institutions of higher education; therefore, to continue their studies people would have to move to the capital city. According to her, people believed that women who attempted to complete their studies would not marry easily,

or if married they would question their husbands, and so forth. In addition, women from the capital were also considered more liberal, and therefore not an ideal partner to marry and build a family.

Gender norms in Cape Verde were also described in other parts of the participants' narratives. For instance, when the researchers were contextualizing their studies, they mentioned things they observed during their process of carrying out research from a gender perspective. In the passage below, Cecilia used several relational processes to talk about fatherhood in the community where she conducted her studies:

Pra mulher ser mulher, pra se **sentir** mulher **tem** que **ser** mãe. Certo? Os homens não, eles **sentem** que||| a *paternidade não é assim tão importante*. Eles **dizem** que o homem **roda**, **dê** espaço pra outro, **o homem** não **pode ficar dentro de uma casa só**. O homem pra **sentir** *macho*, **tem** que **ter várias mulheres**. Então, lá poligamia é mesmo acentuada.<sup>55</sup>

Example 4.31. Cecilia

The objective of Cecilia's study was to investigate the configuration of motherhood and fatherhood in a small village in Santiago Island. During her analysis, she observed that people valued certain social conventions in terms of gender roles in that community. The passage above shows that relational processes were used to talk about women and men's social roles. Two of these processes are marked with modulation, which evokes meanings of obligation. For example, the first relational clause *pra se sentir mulher tem que ser mãe* (to feel like a woman you have to be a mother) relates the Token *mulher* (woman) to the identity (Value) of *mãe* (mother). This relation not only identifies two entities, but it also

---

<sup>55</sup> Translation: "For the woman to be a woman, to feel as a woman she has to be a mother. Right? The men don't, they feel that paternity is not that important. They say that man hangs around, he give space to other man, the man can't stay within only one house. The man to feel verile, has to have many women. So, there polygamy is really accentuated."



establishes an obligation between them, as seen in the use of the modal verb *tem que ser* (have to be).

In the sequence, we find similar relational meaning constructions marked with obligation between entities and the category *men*: *o homem não pode ficar dentro de uma casa só* (a man cannot just stay at home) and *[o homem] tem que ter várias mulheres* ([a man] has to have several women). These clauses served as explanatory supports for Cecilia's main argument: *a paternidade não é assim tão importante* (fatherhood is not that important). Differently from the examples above, Cecilia did not modalize this argument; it presents an evaluation that comes from her observation that people from Santiago Island consider fatherhood as *[não] tão importante* ([not] so important). She also evaluated polygamy in that community as *mesmo acentuada* (very recurring). Cecilia described the community with representational meanings that attributed the identification *mother* to the category *women*, while the category *men* received other relational processes, such as circumstantial ([not] *staying at only one's house*) and possessive identifying (*having lots of women*).

Another example of observations made by the researchers during their fieldwork comes from Marcela's narrative. Her work investigated the impact of the law against gender violence in the village she came from and in Praia, the capital. Having in mind that the law is applicable to both sexes, she observed that the men who suffered any sort of violence would not report to the police due to reasons that she gave in the following passage:

Há casos em que ||| acontece violência doméstica, mas a pessoa não tem a coragem de denunciar o opressor. No interior, o que nós constatamos é que mais... como posso te dizer, há outras dificuldades, mas eu acho que mais é a parte moral. Porque mesmo os homens não querem sentir a sua dignidade perdida, pela masculinidade pelo... E aqui em Cabo Verde é muito forte, e não querem datar, não querem apresentar a queixa<sup>56</sup>.

Example 4.32. Marcela

In terms of the representation of social actors within this extract, the pronoun we referred to the precedent *Marcela plus her advisor* (*nós* – we) in her narration, which was engaged in the mental process of *noticing* a set of events. These represented participants include *o opressor* (the oppressor), which is marked as male gender form in Portuguese, *a pessoa* (the person), who is the victim, and *os homens*, which is social actor representing the social category *men*. This last participant is part of the group of victims because of the logical organization between the clauses: *porque mesmo os homens* (because even the men).

Among the several representational processes that Marcela selected to describe her observations, she made use of relational processes to ascribe possessive attributions to the participants, to relate entities, and to qualify these participants (victims; men). For instance, in *a pessoa não tem a coragem* (a person doesn't have the courage), the process attributes meanings of a non-concrete possession (*coragem* – courage) to a participant who is not named, but who represents the category 'victims of domestic violence'. In addition, Marcela introduced her opinion through a mental process (*eu acho*

---

<sup>56</sup> Translation: "There are cases in which domestic violence happens, but the person has no courage to report the oppressor. In the countryside, what we verified is that more... how can I say it to you, there are other difficulties, but I think more from the moral part. Because even the men don't want to feel their dignity lost, by masculinity... And here in Cape Verde it is very strong, and they don't want to register, they don't want to complain about."

– I think) to mention the existence of barriers (*há dificuldades* – there are difficulties) to reporting gender violence in the countryside, which have to do with a *parte moral* (moral issues). The connection between *the difficulties* and *moral part* was made through relational process *é* (is).

Finally, the last occurrence of relational process in the example 4.32 shows Marcela commenting on the small number of cases reported to the police. In this specific passage, she talked about male victims, qualifying the issue as  *muito forte* (very big) *aqui em Cabo Verde* (here in Cape Verde), Circumstance of Place. For that reason, these male victims did not engage in the mental processes of *wanting to report or to submit a complaint*.

The narratives also present the general Cape Verdean view on gender studies through relational processes. This passage taken from Celia’s narrative describes the challenges she faces in explaining the relevance of gender studies:

*E às vezes eu fico desanimada quando eu vejo que, inclusive, entre uma certa elite, entre a classe média, entre mulheres escolarizadas – elas acham que ||| isto aqui é frescura, não é? Essa questão de gênero, de igualdade de gênero, é tudo frescura. Eu não precisei de nada disso pra chegar aqui. Então eu tenho que sentar ||| pra conversar. “Se o homem bate na mulher, é porque se desentenderam.” Não! Tem uma questão de gênero ali por detrás, sabe? Então você tem que explicar.*<sup>57</sup>

#### Example 4.33. Celia.

As the passage shows, the social actors represented in Celia’s contextualization involve herself, *mulheres escolarizadas* (educated women), *homem* (man) and

---

<sup>57</sup> Translation: “And sometimes I get discouraged when I see that, even, among certain elite, among the middle class, among educated women – they [women] think this thing here is silly, right? This matter of gender, of gender equality, is all silliness. I did not need any of this to get here. So I have to sit to talk. ‘If the man hits the woman, it is because they disagreed.’ No! There is a matter of gender behind it, you know? So you have to explain.”

*mulher* (women), the two last ones depicted as general categories. In addition, *questão de gênero* (gender issues) and *igualdade de gênero* (gender equality) are also participants involved in relational processes. In fact, these two entities are seen by Cape Verdeans as *frescura* (silly). In other words, it implies that studies and debates on gender are seen as useless and irrelevant. Facing this point of view, Celia described herself as *desanimada* (discouraged), because it triggered several other consequential actions such as *sentar* (sit), *conversar* (talk) and *explicar* (explain) to argue the opposite of the given definition.

Subsequently, Celia resumed the topic about the difficulties of defining gender and feminism to others, as can be seen in the passage below:

Então, que essa questão de feminismo é treta, e não sei o quê. Que as mulheres querem mandar nos homens, não é? Então, pra você explicar que|| gênero não é mulher, não é... que lutar pela igualdade não é lutar para que as mulheres, digamos assim, dominem os homens.<sup>58</sup>

Example 4.34. Celia.

In this passage, there is also a conceptualization of terms through relational processes. However, there is a shift from the word gender to the word feminism. Later on, the term gender is reused and further defined. Thus, the attributes given to feminism and gender in Celia's representational construction were, respectively, *treta* (trouble) and (*não*) *mulher* (not woman). Additionally, two actions were related as opposites to explain what gender is: *lutar pela igualdade* vs *lutar para que as mulheres dominem os homens* (fight for equality vs fight for women to dominate men). This definition is given by the social

---

<sup>58</sup> Translation: "So, that this question of feminism is foolishness, and other things. That women want to take over men, right? So, for you to explain that gender is not woman, it is not... that fighting for equality is not fighting for women, let's say, to dominate men."

actor *você* (you), a person who holds the knowledge to explain the definition to others. Although this social actor is not specified, we can perceive that it represents herself; therefore, she was the one who gave the two last definitions of the term gender.

### *Material process*

As shown in the previous table 4.2 that provided the ten most frequent processes, material clauses were the second most frequent ones. During the analysis, I noticed that their most common usage was to describe events related to the narrators' work and study backgrounds, and past actions. The 'doers', that is, the participants called Actors, include the narrators, their family members, professors, members of university faculty, and entities such as non-governmental organizations. The processes *to work* and *to do/make* were the most frequent ones. They were used in several tenses; however, the narrators constantly used them together with modulation. For this reason, these processes were recurrently found in infinitive forms, for example: *precisa trabalhar, tem que trabalhar, tem que fazer*. The following examples represent past actions in the researchers' narratives, related to their family backgrounds:

A minha mãe **trabalhava** em casa e também na horta.<sup>59</sup>

Example 4.35. Celia.

O meu pai *era* o único que|| **trabalhava** em casa, a minha mãe era doméstica, **ficava** em casa a cuidar de nós.<sup>60</sup>

Example 4.36. Cecilia.

<sup>59</sup> Translation: "My mother used to work at home and also in the vegetable garden."

<sup>60</sup> Translation: "My father was the only one who worked at the house, my mother was a housewife, she used to stay at home to take care of us."

The first extract brings Celia's family memories regarding her mother's chores, while the second extract refers to Cecilia's family. These examples are among several other material clauses which described their family dynamics. Regarding designated chores, part of the researchers depicted their mothers as stay at home mums, while others were daughters of single mothers who had to work outside the home to support the family.

The following examples present actions with the use of material clauses to depict gender relations at her workplace and the influence of non-governmental organizations on gender studies in Cape Verde:

**Sinto que|| as mulheres têm que trabalhar mais, têm que realizar muito mais atividades para serem consideradas competentes, ou trabalhadeiras.**<sup>61</sup>

Example 4.37. Celia.

Celia made use of a modulated material process to show obligation/necessity, things women had to submit to in order to receive attributes such as *competentes* (competent) and *trabalhadeiras* (hard working). In this sense, this extract shows that the social actors women are discursively construed to be engage more intensely to work and academic activities just for being categorized as women (use of the Circumstance of Manner *mais* - more).

Finally, the following example refers to the relation between non-governmental organizations and the production of local gender studies, according to Celia:

**As nossas ONGs às vezes estão a trabalhar com agendas exógenas.**<sup>62</sup>

Example 4.38. Celia.

---

<sup>61</sup> Translation: "I feel that women have to work harder, they have to perform more activities in order for them to be considered competent, or hard-workers."

<sup>62</sup> Translation: "Our NGOs sometimes are working with exogenous agendas."

*Quando você, em vez de pensar na sua própria agenda, naquilo que de facto é importante, você aceita a agenda externa, não é, porque você precisa trabalhar, você precisa de rendimento, você precisa colocar a sua associação a trabalhar.*<sup>63</sup>

Example 4.39. Celia.

As seen in the extracts above, Celia's representational resources depicted two different social actors engaged with material processes: *as nossas ONGs* (our NGOs), and the general *você* (you). The main difference between these social actors in terms of representations is that *the NGOs* are engaged with the process 'to work' in the present form without modalization or modulation, which expresses habitual actions, while *you* is marked with an obligation (modulation) towards the same process. In other words, the realization of work in both clauses implies that in the case of NGOs, their work is already established; they are engaged with existing regular activities, while in the case of the participants represented by 'you' (the local people), they accept to work with the NGO's agenda because they need the NGO's help and support.

*Existential process*

As previously mentioned, existential processes in the researchers' narrative constructions were used to talk about things that existed in Cape Verde at the time of their narration, or to describe habits or things in detail regarding their experiences:

---

<sup>63</sup> Translation: "When you, instead of thinking about your own agenda, in that which is in fact important, you accept the external agenda, right, because you need to work, you need income, you need to put your Association to work."

Nesse aspecto de acesso a ensino é equilibrado, não **há**, não se **faz diferença entre meninas e meninos na escola**, não. **Nós todos tivemos a mesma**, e o que eu acho muito bom aqui em Cabo Verde **é** que o governo deu acesso a todos, de igual forma. **Nós não tivemos esse problema de meninos e meninas na escola.**<sup>64</sup>

Example 4.40. Cecilia.

Educação não, a parte de educação **acho** que não, mas e, e nem na inserção do mundo do mercado também não, mas a nível familiar **nota-se** que|| ainda **há um bocado dessa parte do machismo, desse sistema patriarcal** que ainda **domina um bocadinho.**<sup>65</sup>

Example 4.41. Cecilia.

These extracts were taken from Cecilia's narrative, informing her vision of gender equality/inequality in Cape Verde. According to her representational meaning choices, three main Existential participants were selected: [*não*] *diferença entre meninas e meninos na escola* ([no] difference between boys and girls in terms of schooling), *parte do machismo* (part of sexism), and *sistema patriarcal* (patriarchal system). Regarding the first example, this difference is contextualized with the Circumstances of Location *entre meninas e meninos* (between girls and boys) and *na escola* (at school). The two last examples, on the other hand, were represented within the Circumstance of Location *a nível familiar* (at a family level). In this sense, Cecilia recontextualised two distinct social spheres and how they were affected by sexism: in the case of school – the public sphere – there was a gender balance, while at the private sphere – the

<sup>64</sup> Translation: "In this aspect of school access is balanced, there is no, they make no difference between boys and girls at school, no. We all had the same, and what I think is very nice here in Cape Verde is that the Government gave equal access to all. We did not have this issue of boys and girls at school."

<sup>65</sup> Translation: "Not education, the education part I don't think so, but and, but not even in the insertion in the world of the labor market either, but at the family level it is noted that there is still a lot of this sexism part, of this patriarchal system which still rules a bunch."



family – gender norms are influenced by patriarchy. Although she acknowledged that this patriarchal influence still exists, she weakened it with the use of a quantifier *um bocadinho* (a little).

In contrast, Cristiane produced a different perspective on gender relations in schools and universities in Cape Verde. According to her, gender relations in the academic context were not balanced. While she was talking about what she believed to be gender equality, she mentioned that patriarchy did not affect only women, but men also suffer from its impact. Therefore, she claimed that a gender perspective should find ways to diminish inequalities for both men and woman. As an example, she expressed the following opinion:

*A partir do ensino secundário temos mais mulheres que ||| **permanecem**, no ensino superior **temos mais mulheres** que ||| **permanecem, terminam a formação enquanto os homens acabam por ficar pelo caminho, então quer dizer que aqui há um problema em desfavor dos homens.**<sup>66</sup>*

Example 4.42. Cristiane

In terms of social actors, the extract above represents participants who are involved with relational and material processes, specifically the social actors classified as *women*. The social actors named *men*, on the other hand, are engaged only with relational processes, and they are placed within a Circumstance of Cause (*em desfavor dos homens – in disfavor of men*: behalf) to say whom the Existent participant affects. In this sense, in terms of activation/passivation of social actors, the fact of being placed within a Circumstance and of being engaged with relational processes instead of material ones, weakens these social actors' roles. Therefore, the representation of

---

<sup>66</sup> Translation: "From the basic education onwards we have more women that remain, in the higher education we have more women that remain, they finish their formation while the men end up getting lost in the way, so it means that in here there is an issue in disfavor of men."

the male participants in passive roles is coherent with Cristiane's final argument of the existence of a problem affecting these participants (Cape Verdean men).

### *Verbal process*

As previously mentioned, verbal processes are important meaning-making language resources in narratives to build dialogic passages. In the researchers' narratives, such relevance was also observed; this resource was used to include other voices in the texts, such as voices from family members, work colleagues, professors, and so on. Equally important, the narrators depicted verbal processes to represent their inner voices in situations of decision-making.

In terms of the depiction of gender norms through verbal processes, the extracts below show other social actors' voices and their beliefs regarding feminism:

Um espaço muito machista. Muito machista. Eu **entro** na sala, eles **dizem**: 'Ah, já **vem** a defensora das mulheres.'<sup>67</sup>

Example 4.43. Celia.

In this passage, Celia was talking about how she perceived gender relations in her working environment. To do that, she gave the example of how her students react when she enters the classroom. Since she approached her teaching practice with a gender perspective, she acquired the reputation of *defensora das mulheres* (women defender), which expresses her students' view of what gender studies mean. She made use of verbal process *dizem* (they say) to introduce her students' voice to the narration, with their statements in direct report.

---

<sup>67</sup> Translation: "A very sexist space. Very sexist. I get into the classroom, they say: 'Oh, there it comes the women's defensor.'"

In the extract below, a similar resource was used in Marcela's narration:

Eles **acham** que, ao falar do gênero, da igualdade, eles **acham** que é coisa da modernidade. (...) Só que eu **tento sempre explicar**, mas eles **dizem**: 'isso não se aplica a todos os níveis' [risos] Ainda temos muito o que lidar com essa situação. Mas eu encaro isso com naturalidade. Só respeito a opinião dos outros, eu acho também que as pessoas devem respeitar a minha opinião. Mas só que eu também entendo, nós estamos numa sociedade que ainda temos que trabalhar muito a questão de gênero, porque ainda temos homens ainda com uma mentalidade de que não deveria ter a igualdade de gênero, que deveria continuar a ter sempre a supremacia dos homens em relação à mulher.<sup>68</sup>

Example 4.44. Marcela.

Marcela talked about her friends' usual reactions when they discuss gender and gender equality. In this representation, she depicts herself as the social actor who was engaged in a modulated verbal process, *tento explicar* (I try to explain); this modulation of inclination seems to weaken the realization of the process *to explain*, especially in view of the following verbal process (*eles dizem* – they say), which represents the failure of her attempt to explain. The Verbiage *isso não se aplica à todos os níveis* (this does not apply to all levels), which could imply that gender inequalities do not affect all spheres in society. Therefore, the represented voice of Marcela's friends in her narrative depicts her friends and acquaintances' beliefs in regards to gender and feminist perspectives.

Regarding mental process, it functioned predominantly with evaluation meanings. Taking that into

---

<sup>68</sup> Translation: "They think that, by talking about gender, about equality, they think that it is the thing of modernity. (...) But I always try to explain, but they say: 'this does not apply to all levels. [laughs] We still have a lot to deal with in regard to this situation. But I face it with maturity. I respect the others' opinion, I think that people also have to respect my opinion. But I also understand, we are in a society that still has to work a lot the matter of gender, because we still have men with the mentality that there shouldn't exist the gender equality, that there should always exist this supremacy of men in relation to women."

account, the examples of this type of process are shown in the next section.

#### 4.2. EVALUATION IN THE RESEARCHERS' NARRATIVES

As previously mentioned, the appraisal system unveils the way language is used to evaluate people, institutions, and things. Within this system, one variable for explaining how people construe evaluative meanings is Attitude, which is the making-meaning resource explored in this section regarding the researchers' narratives. Based on the subsystem of Attitude, in this section, I discuss the way the narrators register positive and negative feelings (Affect), their attitudes towards behavior (Judgment), and things they value (Appreciation).

Regarding the construction of affect meanings, most of the researchers' opinions were construed through affective mental processes that showed their feelings as reactions in relation to gender/feminist theories. In this sense, these processes construed meanings of things that were desirable or not through the process of *wanting* or *liking*. For instance, in next passage, Marcela talked about what she understood to be feminism:

Eu acho que o feminismo... bom, na minha perspectiva, eu acho que nós temos que, cada vez mais, lutar pelo que é nosso. Não é uma questão de... temos que estar em brigas com o machismo. Mas é tentar fazer o diferente, é tentar fazer prevalecer o que sentimos **bem**. Ok, eu opto, é minha opção, é a minha opção de vida de fazer o que eu gosto de ser como uma mulher. Eu **não quero** ser como um homem, eu **quero** ser como uma mulher, mas eu **quero também que o homem respeite a minha opção**. Não é questão de: eu **quero fazer tudo que o homem faça**. Não, eu **quero fazer o que eu me sinto bem ao fazer**. Não é porque o homem tenha que sair pra tomar cerveja que eu tenha que fazer. Não é isso. Se eu me sinto bem ao fazer isso, eu faço. Eu acho que sempre devemos levar pela essa ótica.<sup>69</sup>

Example 4.45. Marcela.

The words highlighted in the passage above indicate the lexical resources used to express affect meanings. In this sense, Marcela made use of several affective mental processes to project desirable relational and material processes that express what she believed that has to be done and, according to her, a feminist perspective could offer these possibilities. Furthermore, she reinforced the idea of reacting towards these situations with the use of lexical choices *sentir-se bem* (feeling well). In this clause, her feelings are represented as a base that guides her to do things, which seems to be more relevant than the Judgment of others, who are possibly led by the patriarchal system.

The same passage also presents Judgment meanings which, as Martin and White (2005) explain, are institutionalized feelings of what is considered to be appropriate in terms of behavior, as can be seen in the following clauses:

---

<sup>69</sup> Translation: “I think that feminism... well, in my perspective, I think that we have to, each time more, fight for what is ours. It is not a question of... we have to be in fights against sexism. But it is to try to do it differently, it is to try to make it prevail what we feel good. Ok, I opt, it is my option, it is my choice in life to make what I like, of being like a woman. I don't want to be like a man, I want to be like a woman, but I also want the man to respect my choice. It is not a question of: I want to do all that man do. No, I want to do what I feel good by doing. It is not that because the man has to go out for beer that I have to. It is not that. If I feel good doing it, I do it. I think that we should always take it through this optic.”

Eu acho que o feminismo... bom, na minha perspectiva, eu acho que nós **temos** que, cada vez mais, **lutar** pelo que é nosso. [...] Eu acho que sempre **devemos levar** pela essa ótica.<sup>70</sup>

Example 4.46. Marcela.

In this sense, Marcela's passage construes meanings of *property*, which is related to ethical behavior. These Judgment meanings are realized through modulated actions, which express obligation, such as *ter que lutar* (have to fight), and *dever levar por essa ótica* (should see [feminism]from this perspective). Therefore, the actions of *fight* and *gaze* at things through the perspective she was proposing were part of her ethical premises, based on *what made her feel good*, a meaning realized by the Affect variable. Her whole perspective is represented as something that she praised, admired.

Furthermore, Marcela continued to construe Judgment meanings related to gender/feminism, as seen in the following passage:

---

<sup>70</sup> Translation: "I think that feminism... well, in my perspective, I think that we have to, each time more, fight for what is ours. [...] I think that we should always take it through this optic."

Nós estamos numa sociedade que ainda **temos que trabalhar muito a questão de gênero**, porque ainda temos homens ainda com uma mentalidade de que não **deveria ter a igualdade de gênero**, que **deveria continuar a ter sempre a supremacia dos homens em relação à mulher**, então eu sempre... só que a minha opinião, **não sinto vergonha** de dizer o que eu penso, não **sinto**. Eu falo de uma forma a tentar respeitar a opinião dos outros, ok? Eu tento fazer a sensibilização ao ponto de ver se as pessoas vejam as coisas de uma forma diferente, que não é bem assim. Mas também **temos que entender** que nós não vamos mudar a mentalidade de uma hora pra outra.<sup>71</sup>

Example 4.47. Marcela.

The construed Judgment meanings refer to two distinct entities presented as opposites: *we have to work on gender matters* versus *they (men) [think] there should [be] (no) gender equality, male supremacy over women should continue*. The modulation resources were used to realize Judgment meanings about these two entities, the first showing the ethical obligation of doing something, while the second represented the moral code of the male group and what would be desirable according to this code. Finally, Marcela addresses the obligation to the entity *we*, the one she is inserted in, which refers to women that holds the knowledge of gender issues. The ‘we’ entity is involved in an ethical process related to working with gender issues; it was also represented as a group which needs reflection, that is, to understand that changing people’s perception in terms of gender inequality would not be a quick task.

In addition, Marcela’s extract contain affect meanings through mental process to express the way she felt when giving her opinion. In this sense, she qualified

---

<sup>71</sup> Translation: “We are in a society that still has to work a lot the matter of gender, because we still have men with the mentality that there shouldn’t exist the gender equality, that there should always exist this supremacy of men in relation to women, so I always... it is just my opinion, I am not ashamed to say what I think, I don’t. I talk in a way trying to respect the others’ opinions, ok? I try to sensitize to the point I see that people notice things in a different manner, that it is not like that. But we also have to understand that we are not going to change the mentality from one moment to another.”

her feeling as *not being ashamed of defending gender equality*. In the next clause, although her feeling was not mentioned explicitly, it was reinforced by the repetition of the mental process in the negative form *não sinto* (I do not feel). Therefore, not being ashamed of her opinion implies that she envisions her opinion as true, which differs from the opinions of the social actors 'men', as she would defend what she believed in even when faced with opposing opinions. Thus, her opinion is presented as true and it seems to be influenced by gender / feminism.

The following example reports Judgment evaluations about gender theories produced by other social actors. These social actors represented a group of professors who were members of Celia's qualifying exam committee, as part of her ongoing doctoral study at the time of our interview. While she was talking about her readings on feminist studies from other African countries, she remembered the comments about her review of literature during her qualifying exam. Celia was taking her doctoral degree at a university in Portugal, and she commented that the committee was composed of only Portuguese professors. According to her, this could have affected the suggestions that were given to her:



*Celia:* Então, nesse momento, inclusive, eu lembro quando fui apresentar o meu projeto de doutoramento – no final das aulas, você **tem que apresentar** o projeto de pesquisa – eu acho que no Brasil se chama de

*Interviewer:* Defesa do projeto?

*Celia:* Quando no meio, você vai ...

*Interviewer:* Qualificação.

*Celia:* Sim. É. Então, eu lembro, depois, me chamaram atenção. ‘Ah, nós não temos nada contra teorias feministas no sul, nem da África, nem do Brasil. Mas também **seria bom citar algumas europeias**, não é?’ Porque houve também, eu sinto que houve esse corte.<sup>72</sup>

#### Example 4.48. Celia.

According to Celia’s narration, the group of professors was involved in a relational process which connected the attribute *bom* (good) to the embedded verbal process *citar algumas europeias* (cite some European female feminists); such action was evaluated as something desirable. In this sense, the Judgment meaning in this passage was realized through the lexical units *seria bom* (it would be good), implying as a suggestion that including European theorists to a Review of Literature on Gender Studies is something regular/necessary. Such necessity of including European theorists in her work was reinforced in the next extract, where she explains why she followed their suggestion:

---

<sup>72</sup> Translation: “So, in this moment, even, I remember when I was going to present my PhD project – by the end of the classes, you have to present your research project – I think in Brazil it is called...”

*Interviewer:* Project defense?

*Celia:* When in the middle, you will...

*Interviewer:* Qualification.

*Celia:* Yes. Right. So, I remember, after, they called my attention. ‘Oh, we have nothing against feminist theories in the South, neither in Africa nor in Brazil. But it would also be nice to cite some Europeans, wouldn’t it?’ Because there was also, I feel that there was this cut.”

Então, eu vou encontrar – eu **tenho que fazer** isso, porque senão eu vou ficar prejudicada na nota, não é... Então, você não tem uma autonomia para fazer aquilo que você quer... então eu vou colocar.<sup>73</sup>

Example 4.49. Celia.

This extract includes a realization of a Judgment of property, which entails that Celia had the obligation to follow the suggestion. Additionally, she linked herself to a negative possessive relational process (*você não tem uma autonomia* – you don't have the autonomy) to express her lack of autonomy to do what she judged was best for her work.

Appreciation meanings were also realized in the narratives. Mainly, the narrators used mental processes to express their evaluation of things; as Martin and White (2005) state, a mental process shows an attitude towards things as a “diagnosis” by expressing opinions and attributing values to them. In the case of the researchers' narratives, they mainly construed Appreciation meanings when they were reflecting on the significance of feminist/gender studies in their lives. The passages below are the illustrations of these meaning constructions:

Eu, quando eu falo de feminismo, quando digo que eu defendo o feminismo, é precisamente... eu **vejo** que é uma atitude, é uma estratégia, não é? Um caminho para mostrar às mulheres, não é, que elas devem ter, que elas podem ter as mesmas oportunidades que os homens, que elas devem estar cientes dessa questão, não é?<sup>74</sup>

Example 4.50. Celia.

---

<sup>73</sup> Translation: “So, I will find – I have to do this, because if I don't I will be impaired in the grade, right... So, you don't have an autonomy to do what you want... so I will add it.”

<sup>74</sup> Translation: “I, when I talk about feminism, when I say I defend the feminism, it is precisely... I see it is an attitude, it is a strategy, isn't it? A way to show women, right, that they must have, that they can have the same opportunities as men, that they must be aware of this matter, right?”

In Celia's narration, she attributed Appreciation meanings to the entity *feminism*, expressed through relative identifying clauses (*é uma attitude, é uma estratégia*) projected by the evaluative mental process *vejo* (I see). These relative clauses identified feminism as *attitude, estratégia* and *caminho* (attitude, strategy and path). Regarding these identifications, she depicted them together with mental and relational processes to name the types of events these identifications could allow the participant *women* to do. In other words, it means that feminism, as attitude, path and strategy, could lead women to envision the same possessive attributes as the participant *men* (mesmas *oportunidades* – equal opportunities).

In addition, Celia's narration about feminism presented Judgment meanings referring to the social actor *women*. These meanings are presented and highlighted in the following clauses:

[...] elas **devem ter**, que elas podem ter as mesmas oportunidades que os homens, que elas **devem estar cientes** dessa questão, não é?<sup>75</sup>

Example 4.51.Celia.

This part of the extract shows attitude meaning which regulate how the represented social actor should behave, considering that *having the same opportunities* and *being aware* are modulated by the resource of obligation *devem* (must). It means that, according to her ethics code, the Appreciation meanings previously established could enable the categorized social actor *women* to behave the way that Celia judged to be correct.

The following example also shows a mental process construing appraisal meanings of Appreciation. In this passage, Celia encoded meanings of seeing (eu *vejo* – I see) to say what feminism represented to her:

---

<sup>75</sup> Translation: [...] they must have, that they can have the same opportunities as men, that they must be aware of this matter, right??

Às vezes eu **acho** que ||| as **peessoas** **falam** do **feminismo**, **pensam em** **opressão**, não é?||| Eu **vejo** como **liberdade**.<sup>76</sup>

Example 4.52. Celia.

Celia depicted two social actors, *eu* and *peessoas* (I and people), to produce a comparative form of defining what feminism is through the cognitive mental processes *pensam* and *vejo* (they think and I see). The evaluative meaning attributed to feminism entailed to the participant *people* was the Phenomenon *opressão* (oppression); while Celia's evaluative meaning was expressed through the Circumstance of Role *como liberdade* (as freedom).

Similarly, the following passage from Cristiane's narration presents the use of a mental process to inform her evaluation of feminism:

Então eu **vejo a questão do feminismo** nessa perspectiva de ||| *buscar o equilíbrio no sentido, por exemplo, aonde há fosso, tentar superar esse fosso.*|||<sup>77</sup>

Example 4.53. Cristiane.

This passage shows that Cristiane conceptualized feminism through actions. That is, she made use of propositions with material and existential processes projected from her evaluative mental process *eu vejo* (I see), in order to define her perspective. The material process *buscar* (to search for) represents the main meaning concept from the group of projected clauses, because the subsequent existential and modulated material ones serve as resources to give support for her argument. Their function is established by the logical connector *por exemplo* (for example), which links these two last

<sup>76</sup> Translation: "sometimes I think that people talk about feminism, think about oppression, right? I see as freedom."

<sup>77</sup> Translation: "So I see the matter on feminism in this perspective of searching for balance in the sense, for instance, where there is an issue, to try to overcome this issue."

processes with the previous part of the clause complex. In addition, Cristiane provided Judgment meanings in the passage *aonde há fosso, tentar superar esse fosso* (where there is a gap, try to overcome it), which means that *overcoming a problem* is a desirable and expected action to be done from a feminist perspective.

Furthermore, Cecilia's definition of feminism not only portrayed meanings of Appreciation, but also Affect meanings through mental processes. The two next passages present extracts from Cecilia's narration that show her perspective:

Eu inicialmente, quando eu ouvia falar da questão do feminismo, eu **via**, eu **sentia** que eram movimentos a favor da mulher, mas hoje em dia eu me **sinto** feminista sem estar inserida em nenhum grupo, mas também aquilo o quanto que eu me **sinto** como mulher. Não é? Meu papel como mulher na sociedade, não é?<sup>78</sup>

Example 4.54. Cecilia.

This passage depicts two moments in Cecilia's perspective about feminism: her views before and after having contact with feminist studies. These two perspectives were signaled with mental processes marked in the past and present forms. In the past, it entailed feminism as *movimentos a favor da mulher* (movements in favor of women). On the other hand, feminism to her was evaluated through the mental processes of *sentir-se feminista* and *sentir-se como mulher* (feeling feminist and feeling as a woman) at the moment of the narration. Additionally, the Circumstance of Manner *sem estar inserida em nenhum grupo* (without being inserted in any group) was added to the process *feeling feminist*, which implies that, although she identified herself as feminist,

---

<sup>78</sup> Translation: "At the beginning I, when I heard about feminism, I used to see and feel that they were movements in favor of women, but nowadays I feel as feminist without being inserted in any group, but also that much as I feel as a woman. Right? My role as a woman in society, right?"

she mentioned that she does not belong to any feminist group – she might refer to groups of activists.

In terms of evaluative meanings, Cecilia’s narrative presented affective mental processes (*ver, sentir*) with the participant Phenomenon and Circumstance of Roles functioning as identification rather than positive/negative feelings: *feeling feminist* and *feeling as a woman*. It presents, therefore, non-congruent forms of the usage of the words to describe feelings or reactions. However, it shows that Cecilia represented her worldview by using both words (feminist, woman) as categories which can be performed – as identities, roles.

Although Cecilia’s self-representation included feminist in the extract above, in the following passage, on the other hand, she informed her opinion on the weight of the meanings attributed to feminism, which did not fit into her worldview. She made use of a mental process to express her feelings – evaluative meanings – regarding her view of feminism:

Mesmo eu **sinto** que nós, as mulheres... não posso colocar essa palavra feminismo porque eu acho muito forte, né? Quando fala-se feminismo eu **sinto** assim como se fosse um extremo, não? Eu me **sinto** mulher, na minha totalidade, não é? Na totalidade... então como mãe, mesmo sendo profissional eu consigo conciliar o facto de ser mãe solteira e ser profissional tranquilamente, não tenho problema nenhum.<sup>79</sup>

Example 4.55. Cecilia.

Cecilia expressed her opinion about the word *feminism* through the mental process *acho* (I think), followed by the Phenomenon *forte* (strong), which worked as an attribution. This attribution, in fact, was intensified

---

<sup>79</sup> Translation: “Even I feel that we, the women... I can’t put this word feminism because I think it is too strong, right? When it is said feminism I feel like it is extreme, right? I feel like a woman, in my totality, right? In the totality... so as a mother, even being a professional I am able to conciliate the fact of being a single mother and being a professional easily, I have no problem at all.”

by the Circumstance of Manner *muito* (very), which reinforced the idea that the word ‘feminism’ is not adequate to express her understanding of women’s role in society.

Finally, this last example of appraisal meanings refers to Marcela’s attributions to feminism. She produced meanings of Judgment to conceptualize her definition of feminism:

E eu **acho** que o feminismo nos ajuda muito... as teorias feministas em saber diferenciar as duas coisas: o machismo e o feminismo, porque ao pautarmos pelo feminismo, nós também **temos que saber** que os homens também têm que entender essa parte, não só de entender a parte machista deles [risos], mas também não **temos que ser** também feminista ao extremo só por ter essa teoria, colocar em prática e colocar a nossa liberdade em risco. Porque nós vamos fazer só porque está na moda? Não, eu faço isso porque eu me sinto bem, me sinto como uma mulher e eu acho que devo fazer isso e eu me sinto bem ao fazer isso.<sup>80</sup>

Example 4.56. Marcela.

To start with, Marcela initiated her argument with the use of the cognitive mental process *acho* (I think) to establish that the next clauses referred to an inner world of thoughts and reflections. In terms of content, Marcela gave the entities *machismo* and *feminismo* (sexism and feminism) a parallel function in the clause, which connotes that both entities are at the same level, but with opposite meanings. She developed the differences between these two entities, implying that feminism belonged to the participant *nós* (we), supposedly representing *women*, while sexism belonged to the participant *os homens* (men).

---

<sup>80</sup> Translation: “I think that feminism helps us a lot... the feminist theories in knowing how to differentiate between the two things: the sexism and feminism, because by interlining through feminism, we also have to know that men also have to understand this part, not only of understanding the sexist part in them [laughs], but also we don’t have to be feminist to the extreme just by having this theory, put it in practice and put our freedom at risk. Because we are going to do it only because it is in fashion? No, I do it because I feel good, I feel like a woman and I think I should do it and I feel good by doing it.

Feminism, therefore, was engaged in the material process of *helping* the represented social actors, implicitly representing women, to get involved in the subsequent mental processes of differentiating.

Along with the descriptive representational meanings discussing in the section (4.1.3), the Judgment meanings in the passage, *temos que saber* and *(não) temos que ser* (we have to know and we have to be), symbolized expected behaviors from the participant *nós* (we), which represents the group of *women* who have a feminist worldview. Both modulated resources express meaning of obligation: the first, *nós também temos que saber que os homens também têm que entender essa parte*, implies that the represented group of women need to be conscious that the groups of represented men has the obligation of know the women's 'feminism'. At this depiction, the term *feminism* was construed as women's attribute, while *sexism* was represented as men's attribution. In this sense, feminism and sexism were opposites. The second resource refers to the expectation of not acting as a feminist in an extreme way. At this point, Marcela also described feminism as something strong, extreme, similarly to Cecilia. In addition, Marcela also affirmed that being an extreme feminist could put her freedom at risk. Marcela did not say explicitly the reasons why a feminist perspective would put women's freedom at risk. However, one possibility for explaining her statement is concerning the meaning that was given to the term feminism throughout the participants' narratives, as previously discussed. Taking into account the feminism has a attribution of a 'strong term to be used', and its reference to a struggle that only concerns 'defending' women, Marcela's statement might imply that, within the struggles for gender equality, knowing your rights, but knowing how to concede at times might be a strategy. Therefore, the term feminism in this situation seem to connote 'confrontation' as well.



In the next chapter, the social and cultural implications of the narrator's lexical choices explained in this chapter are further discussed.

## 5. DISCUSSION

This chapter presents the discussion of the data described in chapter four, that is, the interpretation and explanation of the textual data, linking textual features to broader social structures. To begin with, the intermediate dimension of Fairclough's (2003) analytical categories of social practices is taken into account to explain the connections between the textual analysis and social organization. Considering that this discussion is grounded in an interdisciplinary approach, the explanation of the social aspects of the participants' meaning construction resources are aligned with concepts brought from several areas of knowledge, such as African Feminist Studies (Furtado & Vieira, 2015; Silva & Furtado, 2011; Fortes, 2013; Lucas & Silva, 2009; Monteiro, 2015, 2007) and Sociology (Anjos, 2003; Furtado, 2013, Furtado, 2015), with a focus on the Cape Verdean context.

Before moving to the discussion sections, I want to highlight that, during the interviews, the participants were engaged in reconstructing and making sense of their experiences related to the topics under investigation. In that sense, although the participants talked about certain particular themes, they were influenced by the questions I asked, which served as a guide for them to (re)signify and tell their life stories. In addition, the reconstruction of their experiences took place in a contextualized situation, where three variables shaped the language in use: the relationships which were taking place (a foreigner interviewer X a local interviewee), the topic (interview as a part of an academic research), and the language organization (spoken language = in two varieties of Portuguese). These aspects were taken into account when observing the data, especially when considering the relationship between the participants: as an outsider, the things that were said to me, and the way they were told, would probably be different if compared, for instance, to

interviews with a researcher from their own context, even if with the same topic.

In order to proceed with the discussion, the chapter is organized in the following order: first, I discuss the participants' self-representations in section (5.1.) "*Por que que eu não sou uma mulher normal?*": the researchers' self-representations, interpreting and explaining their meaning-making choices to talk about themselves. Next, section (5.2.) *Representation and evaluation of social events*, presents the discussion of the social events narrated by the participant, in relation to gender and race dynamics in Cape Verde. Finally, in section (5.3.) *the Researcher's definitions of Gender and Feminism*, I discuss the way they define and evaluate *gender*, *feminism* and feminist theories.

### 5.1. "*POR QUE QUE EU NÃO SOU UMA MULHER NORMAL?*": THE RESEARCHERS' SELF-REPRESENTATIONS

As shown in the previous chapter, the narrators used a similar range of representational resources to produce meanings regarding their social context, including their own identities, other people's identities, and social events. They also realized several meanings regarding appraisal; they evaluated concepts, people and things around them. In terms of the representation of social actors, the participants as narrators were portrayed mostly in active roles with the pronoun *I*, as expected in life stories, since narrators tend to appear in the first person form (Georgakopoulou, 2008; De Fina & Georgakopoulou, 2015). However, although the participants were represented in active roles, they were mostly engaged in events that defined or characterized other people and things, as observers. In addition, they were engaged in material processes, which represent physical, spatial and temporal aspects of the world when they were describing events related to the past and present

routines, which functioned as a contextualization to the listener of their stories. In other words, although the participants were narrating events about their lives, most of the processes they were engaged in did not represent actions, but aspects of being. Moreover, the participants actively depicted aspects of their inner world, such as thoughts, feelings, and sensations regarding their perceptions of the world.

Taking into account that the narrators were depicted as involved mostly in the same type of processes such as processes of *being* and *thinking*, it represents a high level of abstraction regarding the social events. Thus, the participants were actively discussing the Cape Verdean social structures through relational and mental processes; in other words, it reveals that, while they were discussing issues regarding the social structures, they were represented as thinkers or opinion formers.

In addition, the participants were also depicted in other ways, such as workers, mothers, single mothers, some of them as wives, and finally, as feminists. In terms of the role of worker, this identification was used in parts of the narratives where they were describing their daily life and when they were talking about experiences, such as past jobs or professional duties. Another worker representation include *professors* as active social actors, involved in the promotion of knowledge. For instance, they organized events such as workshops and talks to other social actors (co-workers, the UNI-CV professors) to discuss gender issues.

Regarding the representation of motherhood, some common evaluations were attributed to this role, especially when referring to single mothers. On the one hand, some of them classified this role as difficult, such as in Marcela and Albertina's experiences. That is, they described being single mothers as difficult. On the other hand, Cecilia reported a different experience: she referred to single motherhood as something she could easily handle

alongside her other major role, which is being a professional.

When considering the role of wife, Celia mentioned the difficulties of managing being a wife and being a feminist, especially when her husband reproduced sexist norms. Her strategy to deal with these difficulties was to balance her reactions, at times standing by her point of view, while at other times giving in to avoid conflict. A similar situation occurred with Cristiane in relation to her family members, such as her mother. Both of these participants declared that such strategy resulted in positive changes in their private lives, although they acknowledged there were still improvements to be done.

Finally, regarding the role of feminist, only two out of five participants declared themselves feminists: Celia and Cecilia. The first participant, Celia, identified herself as a feminist, and she defined the term 'feminist' as a synonym of "liberty". She was conducting a doctoral research at the time of the interview. The second participant declared herself using the identification "feminist" with the complement of "without being part of a group", which was supposedly a group of feminists. The other three participants, on the other hand, seemed to avoid the use of the term, not only in moments of self-identification but also when discussing gender equality. Such avoidance includes Cecilia, who later on her narrative characterized feminism as a strong word to use. Marcela similarly gave this quality to feminism in her narrative. Their definitions of feminism and gender are further explored in the last section of this chapter.

Additionally, the narratives showed traits of the participants' personalities: with the use of evaluative language and relational processes, they constructed their characteristics as individuals. For instance, Marcela made use of the word *strong* to describe her personality. In terms of the attributes based on gender norms, Marcela said that she was a *rebel*, and her friends called her *modern*. Celia,

on the other hand, said that her husband asked her why she was not a *normal* woman, as a resource to express expectations that she would behave according to traditional gender conventions.

Moreover, Marcela remembered she was harshly judged when she decided to let her child move to another country with the father. According to her, people around her questioned why she allowed this since, according to traditional gender roles, children are supposed to live with their mothers. When faced with criticism, she had to be incisive in order to stand by her decision and deal with the judgments. These representations show that Marcela and Celia were viewed as social norm breakers in terms of behaving the opposite of what their family members and acquaintances considered to be correct.

Finally, in terms of the participants' commitment to express truth and values, their narration showed a balanced amount of clauses that represented them strongly committed to the truth, as well as to obligations and needs. In other words, they defined things without modality - saying a thing *is* or things *are* -, which expresses a high level of certainty. Moreover, the participants also provided values connected to what was desirable and non-desirable through evaluative clauses, deontic modality, and affective mental processes. Thus, they described real events, but they also described what was expected to be done. The following excerpts serve as illustrations:

Mas de uma forma ou de outra, eu vejo as mulheres cabo-verdianas assim [evaluative clause]. Como guerreiras batalhadoras, não é? Só que às vezes, o que que acontece é que às vezes pra você conseguir essa garrafa [grabbing a bottle on the table] você tem que se submeter pra chegar lá [modulated clause: expressing obligation]. É uma estratégia também, não é? [Non-modalized clause – expressing truth] Mas, tipo, pra você ser respeitada socialmente, você tem que se submeter a um homem [modulated clause: expressing obligation], mas é você que trabalha no campo, é você que na verdade, traz também uma boa parte do rendimento familiar pra casa, não é?<sup>81</sup> [Non-modalized clause – expressing truth]

Example 5.1. Celia.

To conclude, this section showed the several ways which the participants represented themselves. Next section concerns the discussion of the social events that were prominent in their narratives.

## 5.2. EXPLAINING THE PARTICIPANTS' REPRESENTATION AND EVALUATION OF SOCIAL EVENTS

In relation to other social actors, the participants included several people in their representation of social events. They depicted these people (the represented participants) in a form of category, such as *men* and *women*, or as individuals. The individual participants belonged to the groups of *family members* (mother, father, and husband), *friends* (a friend of mine, a friend) and *work staff* (professors, workmates), for instance. In addition, there were non-human participants, which played relevant

---

<sup>81</sup> Translation: “But in some way or another, I see Cape-Verdian women like that. As hardworking warriors, right? It is just that sometimes, what happens is that at times for you to get this bottle you have to subjugate yourself to get there. It is also a strategy, right? But, like, in order for you to be socially respected, you have to subjugate yourself to a man, though it is you who works in the fields, it is you who actually bring also great portion of the family income home, right?”

roles in the meaning construction of the narratives. These participants were institutions such as *non-governmental organizations, the government, and the university*. This part of the discussion, therefore, includes the explanation of these actors inserted in the represented social events involving gender dynamics.

### *Representations of Social Actors*

In relation to the social actors *men* and *women*, the narrators constantly defined and characterized them. These agents, in fact, were classified as a category, that is, they were not named as individuals, rather they represented a social class, even when they were referred to in the singular form: *the woman, the man*. Additionally, these participants were at times further identified as citizens of a geographical context, through adjectives or Circumstances of Place, for instance, *a mulher cabo-verdiana, o homem cabo-verdiano, as mulheres/os homens em Cabo Verde* (the Cape Verdean woman, the Cape Verdean man, women/men in Cape Verde).

These representations were placed in their narratives as projections of mental or verbal clauses, which referred to other people's ideas or verbiages. In this sense, women and men are part of the participants' descriptions to represent what other people think or say, and their observations. Therefore, these classifications served to inform what views regarding women and men's roles are common and popular in Cape Verdean society.

Since the narrators were describing the categories *men and women* in events they evaluate as socially constructed and guided by patriarchal norms, the represented events which included each of these categories also indicated the actions that were conventionalized for men and woman roles. Silva & Fortes (2011) comment that the situation of Cape Verdean women is similar to what has been observed in most African countries: there is



a gender disparity in several spheres of social life, which are based on the privileged position of men in comparison to women. Despite several advances in terms of gender equity achieved by Cape Verdean civil society, Silva & Fortes (2011) emphasizes that women still face a “tough reality” (p. 11). In this sense, gender roles serve as a way to reinforce unequal power relations. For example, Cape Verdean women are culturally seen as responsible for the housework, fragile, and obliged to obey men. Men, on the other hand, are depicted as breadwinners, strong, and also as engaged in processes that reinforce gender violence, such as men can *hit* women, and so on.

Additionally, a significant social phenomenon related to the actors ‘women’ and ‘men’ was *parenting*, in special the issue of single motherhood. In the participants’ narratives, single motherhood was construed with temporal and locational meanings, such as *common* or *habitual in Cape Verde*. This representation aligns with the gender distinction in the recurrent process of emigration in Cape Verde (Rodrigues & Maisonave, 2013; Veiga, 2013). In order to explain how this process conventionalizes roles based on patriarchal values, I first present the significance of emigration in Cape Verde.

According to Furtado (2011), emigration is a social phenomenon with strong influence in the construction of Cape Verde as a nation. Leaving the country or moving to other islands, mainly in search of better work opportunities, is a common process among Cape Verdeans. In fact, as Mourão (2009) points out, it is estimated that the number of Cape Verdeans living outside the country is higher than the number of inhabitants living in the islands to deal with the political aspects of this phenomenon, the *Instituto de Apoio ao Emigrante* (IAPE)<sup>82</sup> was created in 1984, with the objective of providing support for

---

<sup>82</sup> The *Emigrant Support Institute* change its name for the *Institute of Communities* in 2001 ( *Cardoso, 2008*)

emigrants, such as granting citizenship to emigrants' children (Mourão, 2009).

Emigration, therefore, has a significant impact on Cape Verdeans' identities (Furtado, 2011; Mourão, 2009; Rodrigues & Maisonave, 2013; Veiga, 2013). Studies addressing this issue have shown that it is the Cape Verdean men who tend to emigrate, and this is grounded in conventional Cape Verdean gender roles: the male is responsible for the family's up-keeping, while the female is mainly responsible for taking care of the children and the house. Consequently, the woman is the one who stays in Cape Verde and becomes responsible for the whole family, including managing the money which their husband send to them from abroad (Veiga, 2013). Emigration, therefore, seems to be one of the reasons single motherhood is a common social practice in Cape Verde.

As some passages from the participants' narratives show, such gender division of tasks appears to be present in the everyday practices of Cape Verdeans. This division of gender roles extends to who is responsible for the finances and household duties, which shapes the representation of mother and father figures within the nuclear family. These representations appeared frequently in Marcela's narrative, for instance, when she reinforced that single mothers play the roles of *mother* and *father* at the same time, by undertaking parenthood on their own. Thus, although single motherhood appears to be a common phenomenon, Marcela still expects gender distinctions in terms of responsibilities when she states that a single mother plays two distinct roles at the same time.

Raising children is seen as the responsibility of mothers. As Rodrigues (2007) points out, masculinities in Cape Verde are strongly built on patriarchal premises, which link male representations to virility, but not to fatherhood or marriage. For instance, Rodrigues & Maisonave's (2013) study investigated the process of

feminization of Cape Verdean migration and the impact on families. This study showed that in cases of families in which the women emigrated, the children's fathers engaged to what the authors called *occasional* and *active-absent* fatherhood. The first situation referred to the total absence of the fathers, who undertook no responsibilities towards the family. The mothers, thus, were fully responsible for the children, including financially; however, these mothers would eventually ask for their children's father financial aid, which sometimes it could be a succeeded request, sometimes not: that is the reason of the name "occasional fatherhood". Rodrigues & Maisonave (2013) argues that in this type of family arrangement, there is a tendency of having tension or misunderstandings between the children's parents. In the second case, the term active-absent meant that these fathers shared financial costs; however, they were not physically present, since the children were living with their mothers abroad. The study reported that the first situation was the most common one among the interviewees.

Regarding the single mothers that I interviewed (three out of the five participants), only Marcela gave details about her situation. Although she and her ex-partner were in good terms at the time I interviewed her, she mentioned that, in her child's first years of life, she did not have any financial support from her ex-partner. He emigrated to France after they separated, and for years, he gave his child no financial support. According to Marcela, the practice of fathers not giving financial support to their children is common in Cape Verde. She reinforced that, similar to her daughter, she had also grown up with no father figure.

Moreover, when the narrators were discussing single motherhood as a regular practice in their contexts, they showed awareness of the gender roles that are socially established, as can be seen in Cecilia's comments about her research findings:

*Cecilia:* Pra mulher ser mulher, pra se sentir mulher tem que ser mãe. Certo? Os homens não, eles sentem que a paternidade não é assim tão importante. Eles dizem que, que o homem roda, dê espaço pra outro, o homem não pode ficar dentro de uma casa só. O homem pra sentir macho, tem que ter várias mulheres. Então lá poligamia é mesmo acentuada.

*Interviewer:* Bem acentuada, é?

*Cecilia:* Aham. Então por isso, era uma coisa que eu... Depois outra coisa é que as pessoas sentem que o homem não é família. Pra ele, pra elas, pras mulheres. Homem não é família porque tem esse processo de estar hoje aqui e amanhã vir... Que família é sangue... Os filhos.<sup>83</sup>

#### Example 5.2. Cecilia.

In addition, not only were they aware of such gender roles, but they also produced reflections that deconstructed gender norms, after being acquainted with gender studies:

---

<sup>83</sup> Translation: “Cecilia: For the woman to be a woman, to feel as a woman she has to be a mother. Right? Men don’t have to, they feel paternity is not that important. They say that, that the man hang around, give space to another, the man can’t stay inside one house only. The man to feel virile has to have many women. So there, polygamy is very accentuated.

*Interviewer:* Very accentuated, really?

*Cecilia:* Uhum. So because of that, it was something that I... Yet another thing is that people feel that the man is not family. For him, for them, for the women. Man is not family because there is this process of being here today and tomorrow come. That family is blood. The children.”

Eu acho que o fato de estudar gênero me ajudou um bocadinho, em aceitar os outros. Em aceitar. Como são. Então acho que isso foi essencial. E também vai ajudar muito na educação do meu filho. E na minha vida individual também. Porque eu agora não acho que uma família tem que ser nuclear pra ser família, não. Agora eu entendo melhor que posso ser uma família, ser monoparental, é ser uma família... Acho que agora entendo melhor e respeito cada tipo de família, tipo de família do jeito que existe, sem problema nenhum. Certo?<sup>84</sup>

Example 5.3. Cecilia.

Cecilia's narration reflects one aspect that is also present in patriarchal discourse: the idea of a family is made of a mother plus a father and children. Such premise, in fact, can cause psychological damage to single mothers, especially regarding their self-esteem. For instance, Veiga's (2013) study shows that her Cape Verdean interviewees, whose husbands had emigrated to foreign countries, had low self-esteem, depression, and feelings of being responsible for their husbands' departure. In other words, not only had they to cope with other people's expectations of the ideal family, but they also had the tendency of blaming themselves for being alone.

*Representations of institutions*

Several institutions played a significant role in the participants' narratives. They were represented in active roles that involved them with the process of diminishing gender inequalities. Among such institutions, the participants cited the *CIGEF*<sup>85</sup>, *the government*, *foreign institutions* (referring to UN Women, mainly). *The media*

---

<sup>84</sup> Translation: "I think the fact of studying gender has helped me a bunch in it, in accepting the others. In accepting. As they are. So I think that it was essential. And it will also help a lot in the education of my child. And in my individual life as well. Because now I don't think a family has to be nuclear to be a family, no. Now I understand better that I can be a family, be a single parent, it is being a family... I think now I understand better and respect each kind of family, kind of family the way there are, without a problem. Right?"

<sup>85</sup> Research and Training Centre in Gender and Family (CIGEF).

was also mentioned by Cecilia as an entity that played a relevant role in the promotion of the gender equality.

As Mama (2011) points out, there is no denying the strong presence of institutionalized agencies in the construction of gender knowledge in several countries in Africa. They include not only national entities, such as universities and local non-governmental organizations, but also international ones (the United Nations and governments of European countries, for instance), which give financial aid to local scholars to conduct research, to governors to implement policies, and so forth. These institutions have a significant influence on the materials for training experts in gender studies, theoretical explanations chosen to explain their local experiences, and in the process of the local government in the decision-making regarding gender policies. The following examples illustrate the representation of these institutions in the participants' narratives:

Não no sentido de beneficiar, defender somente as mulheres nem no sentido de defender os homens mas lá onde há fosso fazer, criar políticas públicas no sentido de enfrentar o problema, no caso de Cabo Verde agora tem muitos homens por exemplo que morrem de cancro da próstata. Mas há todo um trabalho que as organizações não-governamentais fazem no sentido de mostrar a questão a nível das mulheres. Publicitam, fazem publicidade no sentido de chamar atenção, consciencializar, mas não pensam essa questão por exemplo desde o ponto de vista do homem.<sup>86</sup>

Example 5.4. Cristiane.

In this passage, Cristiane was talking about her view of gender equality, and she argued in favor of policies to

---

<sup>86</sup> Not in the sense of benefitting, defending only women and not in the sense of defending men, but where there's an issue to do, create public policies in the sense of facing the problem, in the case of Cape Verde now there are a lot of men for instance that die of prostate cancer. But there is an entire work which the non-governmental organizations do in the sense of showing the matter at the level of women. They publicize, advertise in the sense of calling attention, raise awareness, buy they don't think on this matter for example from the men's point of view.

improve gender equality when men are in disadvantage. She acknowledged the role of organizations in campaigns that promote gender equality, but she argued that their work only focuses on problems regarding women.

The next example represents the institutions and the participants working in partnership agreements:

Nós estamos a trabalhar a nível do centro de investigação com outras instituições, com outras organizações, e estamos a esquecer de trabalhar em casa, porque às vezes há professores que acreditam conhecer e saber o que que se trata de gênero, que gênero não é muita coisa, quando na verdade nem têm a noção do que que é o gênero, e como é que trabalhando desde uma perspectiva de gênero está a contribuir para o próprio desenvolvimento do país<sup>87</sup>.

Example 5.5. Cristiane.

Through this passage, Cristiane informed the existence of a partnership between the academics and other institutions in terms of spreading knowledge about gender studies, and her concern of discussing the theme within their own institution (university). The following example was taken from Cecilia's narrative. She mentioned that the institutions, such as the Research and Training Centre in Gender and Family (CIGEF) and the media, played an important role in proposing a nationwide discussion about gender inequalities. In this sense, she cited the entities involved in the process:

---

<sup>87</sup> Translation: "We are working at the level of the center of investigation with other institutions, with other organizations, and we are forgetting of working at home, because sometimes there are professors who believe they know and acknowledge what gender is about, that gender is not much, when actually they even have no idea of what gender is, and that working from a gender perspective it is contributing for the country's own development."

Acho que isso está a começar a desenvolver principalmente porque nós temos agora um instituto de gênero. Não é? CIGEF. CIGEF. Então o CIGEF está a ter um papel importante. E a mídia está a dar também muita cobertura.<sup>88</sup>

Example 5.6. Cecilia.

These examples show that in the process of constructing gender knowledge and policies in Cape Verde, the narrators indicated the presence, which, at the certain point, have contributed to the improvement of equalities in gender dynamics in their contexts. They mentioned the existence of agreements between international organizations and the government, including agreements between these institutions and local non-governmental organizations. However, as active social actors (opinion formers) they criticized certain actions coming from the institutions, claiming that sometimes the international agenda superimpose the local activists' agendas. In Celia's narrative, for instance, the financial dependency of these institutions is a reason for such imposition.

### *Racial representations in Cape Verde*

Comments about race issues also appeared in one of the participants' narratives. While she was talking about the lack of historical documents for research about Cape Verde, Celia described the racial stereotypes held by people from Santiago Island. As showed in the previous chapter, this researcher made use of a set of abstract processes to reproduce what other people say, such as relational processes with attributes like *Africa, the most African island, and (non) hygienic people*. Furthermore, Celia also describe an event in which she acknowledged

---

<sup>88</sup> Translation: "I think it is starting to develop mainly because we have now a gender institute. Isn't it? CIGEF. CIGEF. So CIGEF is having an important role. And the media is also giving a lot of coverage."



she reproduced the stereotypes related to skin tone that were attributed to each island in Cape Verde:

Tem uma frase que diz assim – as pessoas dizem sem pensar, mas por trás do discurso, diz muita coisa – ‘ela é preta, mas ela é bonita.’ Às vezes as pessoas olham pra uma pessoa com a pele bem escura e dizem: ‘Hm, preta, mas bonita.’ Quer dizer, tipo que, preto não é bonito. O que mais? Também as próprias feições. Quando vocês diz que as mulheres de Santiago são mais africanas, nesse sentido... Por causa das feições. Os lábios são mais grossos, a pele é mais escura, o nariz é mais largo. Então as pessoas, quando veem uma, às vezes se confundem. Uma vez eu vi – estava eu e o meu marido – entramos num café, a menina que estava a trabalhar lá foi nos atender, então o meu marido disse, tratou com ela como se ela fosse daqui [de Santiago]. Ela disse: ‘Não.’ Quando ela falou, estranhou e disse: ‘Ué, mas por que que você está a falar sobre isso?’ Ela disse: ‘Não, eu sou de São Vicente.’ ‘Ah, é? Estava a pensar que...’ – então, nesse sentido.<sup>89</sup>

Example 5.7. Celia.

In relation to the islands, each one of them appears to reinforce distinct attributions in terms of historical, social and economic traits. For instance, while I was in Cape Verde for field research, I attended social gatherings and I had the opportunity to visit two other islands: *São Vicente* and *Maio*. During my stay in São Vicente, I could observe that attributes such as the more *open-minded* and *modern* place were given to that island. In addition, another aspect mentioned about São Vicente was its higher number of white or fair skin people, due to the miscegenation. My observations were corroborated by

---

<sup>89</sup> Translation: “There is a saying that states – the people say without thinking, but behind the discourse, it says a lot – ‘she is black, but she is pretty.’ Sometimes people look to a person with a very dark skin and say: ‘Hm, black, but pretty.’ It conveys, like that, black is not pretty. What else? Also the features themselves. When you say that the women from Santiago are more African, in this sense... Because of the features. The lips are thicker, the skin is darker, the nose is wider. Then people, when they see someone, sometimes they got confused. Once I saw – it was my husband and I – we got into a coffee shop, the girl who was working there came to serve us, then my husband said, treated her as if she was from here [from Santiago]. She said: ‘No.’ When she spoke, she found it odd and said: ‘Well, but why are you talking about this?’ She said: ‘No, I’m from São Vicente.’ ‘Oh, really? I was thinking that...’ – so, in this sense.”

Celia's illustration regarding skin tones: the implication is that a girl with a darker skin tone, with round nose and thick lips could not be from São Vicente, but rather from Santiago, since the latter is considered, as Celia mentioned, "the most African Island from Cape Verde".

Celia's narration showed an aspect from Cape Verde that has been discussed by scholars who address questions concerning country, race, ethnicity, and class in the construction of Cape Verdean identities (Anjos, 2003; Furtado, 2013, 2015; Monteiro, 2015). As Furtado (2013) points out, reflections on the national Cape Verdean identity represent a complex and oscillating debate in which there is, on the one hand, a defense of a Cape Verdean socio-cultural specificity based on miscegenation and, on the other hand, a redemption of African roots and a resignification of their sense of belonging.

In Cape Verde history, the nation has been referred to as a "colony model" and the colonizers presented it as an example of the "excellence" of Portuguese colonialism (Monteiro, 2015, p. 14). In other words, Cape Verdean society was built on an ideal image of what the colonizer would call "the New State", where there was a racial democracy - the integration of races, coexisting in harmony (Neto, 2009; Monteiro, 2015). According to Monteiro, such 'romantic' narration of the building of the nation resulted in the image of a new state free from the damages of slavery, and it consequently eliminated from view a history of years of sexual slavery in the name of idealistic inter-racial relations.

Monteiro (2015) argues that the process of building the image of Cape Verde as a democratic racial environment was rooted in the Brazilian anthropological work conducted by Gilberto Freyre - *Casa Grande & Senzala* (1933). In the 30s, Cape Verdean intellectuals -

the writers from the literary review called *Claridade*<sup>90</sup> - adopted some of Freyre's concepts to explain Cape Verdean racial dynamics. Freyre's work received several criticisms for romancing the Brazilian colonial history and for spreading the myth of Brazil as a racial democracy, which still resonates when Brazilians discuss racism in present times (Moutinho, 2004; Munanga, 2004; Pacheco, 2003, 2015).

Briefly, Freyre's work focused on explaining how family, intimacy and sexuality were built in daily relations during the Brazilian colonial period. Within this context, miscegenation was seen as a result of affective and sexual relations among the three races that formed the Brazilian nation (indigenous peoples, Europeans and Africans). However, his interpretation of the role of miscegenation in the Brazilian colonial society gave space for readings that diminished the existing racial inequalities and, as consequence, for ignoring and silencing the patriarchal and racial violence of that period (Pacheco, 2015).

Furthermore, scholars contend that Freyre's work additionally corroborated the stereotypes about the hypersexualization and submission of black women as objects of the colonizers' sexual desire, erasing their protagonism in struggles against slavery and patriarchy (Pacheco, 2003, 2015). In fact, the slave-patriarchal system cast black women in the roles of wet nurses and objects of the "slaveholder's sexual advances" (Pacheco, 2003). Such roles do not correspond to the harmonious and free relationships between slaveholders and slaves, as described in Freyre's work. Miscegenation, therefore, represents a history of years of violation of human rights and sexual abuse.

---

<sup>90</sup> Claridade (1936-1960) was a literary review which several Cape Verdean intellectuals published essays and literary texts about national identities and cultural aspects from their society (Monteiro, 2015).

As previously mentioned, all these aspects have to be taken into account in order to understand the notion of miscegenation in Cape Verde, considering that Cape-Verdeans intellectuals appropriated Freyre's notion to forge their ethnic-cultural identities in the 1930s (Monteiro, 2015, p.15). Cape Verdean society was considered a successful community in the sense that the racial tension between the two poles - black-slave vs white-slaveholder - disappeared. Thus, *mestizo* became a celebrated social category, since it was the result of the deletion of the stigmatized primitive culture from Africa, with the aggregation of a more advanced culture coming from Europe (Monteiro, 2015). As Anjos (2003) points out, similar to the explanation of racial dynamics in the Brazilian northeast region in the 1930s, the role of miscegenation in Cape Verdean society was to decrease internal tensions and, at the same time, create a type of collective image which encompassed, *the different*, the non-African and non-European. Thus, the use of the racial classification 'mestizo' constituted, for almost a century, the local identity of the islanders.

In addition, as regards regionalism, Monteiro (2015) points out that certain geographical, political, economic and cultural aspects shaped the identities of the Northern (*Barlavento*) and Southern islands (*Sotavento*<sup>91</sup>). While the Northern islands were symbols of idealized societies, according to the colonizers' perspective, the islands from the South were excluded due to differences in their process of miscegenation. In order to justify the differences between the regions, Monteiro (2015) claims that the writers of *Claridade* explained that such difference is based on the economic regime which was developed in Santiago during the colonial period. In other words, the

---

<sup>91</sup> As previously mentioned in the contextualizing section in chapter one, Barlavento are the islands from the North of the Arquipelago: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal and Boa Vista. Sotavento are the islands located in the South: Maio, Santiago, Fogo, and Brava.

process of miscegenation in Santiago was characterized as ‘unsuccessful’ due to the organization of an agricultural-based economy that reflected a more accentuated slave regime than the other islands – the social roles ‘slaveholders’ and ‘slaves’ were more evident. The islands from the North, which “were colonized by modest people, without large resources for the acquisition of a vast slave labor”, had a particular social arrangement characterized, according to the writers of *Claridade*, as “a family” which slaveholders and slaves lived together (Monteiro, 2015, p.17). According to Monteiro (2015) that is the reason why the miscegenation in a huge scale in the islands from the North, which, according to the colonial racist<sup>92</sup> discourse, “the Santiago islands has not got any benefit from the consequences of miscegenation and interpenetrations of culture in the same proportion that their brothers and sisters from the other island did” (p. 17)

Therefore, on one hand, Cape Verdean national identity was built on the notion of being “the other African”, which would ‘dilute’ the African culture through the process of *whitening* and, consequently, improve the local culture (Monteiro, 2015). On the other hand, another internal identity was created, “the Other”, referring to people from Santiago Island, who shared phenotypical, cultural and behavioral traits inherited from the Africans of the coast. Within this scenario, a cultural hierarchy was established among the islands of Cape Verde. In this

---

<sup>92</sup> The term racialism (adjective racialist) used in this investigation was replicated from Monteiro’s (2015) work. This term refers to the scientific racism discourse (from XIX century) that believed in a hierarchical difference between races based on ‘empirical studies’. As Oliveira Filho et al (2010) mention, “a racialist view postulates that there are “hereditary characteristics” in the human beings that allow them to be divided into a small number of races whose members share “certain traits and tendencies” among themselves that do not share with any member of another race. Such traits and tendencies would form the “racial essence” of human groups; “racial essence” that goes beyond the phenotypic characteristics (visible characteristics such as skin color, hair type etc.)” (p.28).

hierarchy, Santiago was named “the blackest island” from the archipelago (Monteiro, 2015, p. 16), as seen in Celia’s comments.

Furtado’s (2013) argument about the resignification of Cape Verdean’s cultural traits refers to current times, when Cape Verdeans try to ‘rescue’ their African roots and celebrate their cultural diversity. However, as Monteiro (2015) comments, “even in the present context of exaltation, difference and pluralism, there are still traces of racialism, sexism and regionalism” (p. 21), as observed in Celia’s comments after telling her story about her husband and the waitress.

In addition, the complexity of explaining racialism in Cape Verde extrapolates social debates, and affects the choice of theoretical terms used in the Social Sciences. For instance, Furtado (2012) observes that *race* is not used as a social analytical category by national scholars, and neither are the categories *social class* and *ethnicity*; instead, the categories most commonly used in research studies to explain social phenomena in Cape Verde are *identity*, *culture*, *nation*, and *capo-verdeanity*.

The elements above help to explain why the participants of this study found it difficult to use the social category ‘race’ to answer one of my questions from the personal informational questionnaire - *With respect to racial classification (black, white, brown), which one of them do you self-declare?*. After applying the questionnaires and observing the participants’ awkwardness in relation to that question, I tried to discover whether there was any racial category used by the official census agency — *Instituto de Estatísticas de Cabo Verde (INECV)*. The result of my documental research showed that this category is not used as a demographical indicator of Cape Verdeans<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup>To answer that, I looked up the word ‘race’ in the documents that present demographic information about Cape Verdean inhabitants at the INECV website. Source: <http://ine.cv/> Retrieved on 15 November 2017.

### 5.3. DISCUSSING THE PARTICIPANTS' DEFINITIONS OF GENDER AND FEMINISM

Considering the evaluation meanings present in the narratives, the participants made use of evaluative statements with deontic modalities and affective mental processes to say what was valuable, desirable or undesirable, according to their worldviews. In addition, they made use of modulation of obligation to say what a person must or should do. In addition, not only did the narrators present their own evaluations, but they also included other people's appraisal meanings in their representational meanings of social events.

Evaluation meanings were mainly produced when the narrators were defining gender and feminism. In this sense, two main aspects seem significant for discussion: their understanding of gender and feminism as key concepts and their commitments as feminists or experts on the subject. To start with, I explore their understandings and use of the words 'gender' and 'feminism' as key concepts.

Throughout the participants' narratives, I could notice a constant shift between the use of the words gender and feminism, as synonyms. For instance, in Cristiane and Celia's narratives, feminism and gender are represented as an area of study that addresses questions regarding power relations based on socially constructed representations of the sexes, and provides ways for emancipation. However, when considering the five participants, the use of these words represented different meanings in some parts of the narratives.

When these differences occurred, the word *gender* represented a concept part of the ontological basis for their studies; the term gender was also used to define their worldviews towards their observations of social relations in Cape Verde. Within these situations, gender meant equal power distribution between the sexes. As seen

throughout the narratives, the collocations of the word *gender* were frequently found as *questão de gênero* and *perspectiva de gênero* (gender issues, gender perspective) to say that they adopted ‘gender lenses’ for discussion.

Feminism, on the other hand, was represented as a political engagement with a struggle that concerns only women. This view could be seen in moments when the narrators seemed to resist calling themselves feminists, or using the word as a synonym of the process *defending women*. In addition, as previously described in chapter four, feminism was classified as a too strong a word to be used.

These definitions of gender and feminism also reflect the way they are conceptualized in a macro level, that is, at the level of social structures in Cape Verde. Considering Fairclough’s (2001) concept of the dialectical relationship between language and society, the social event (the interview as a text) that was analyzed in this research is connected to chains of other social events in the participants’ lives, chains of events that shape and are shaped by ideologies which operate through language. Thus, it is important to bring to the discussion elements of other social events to understand this dialectical relationship. Taking into account that the Cape Verdean Law against Violence Based on Gender (VBG law) was constantly mentioned in the interviews, my explanation of the participants’ understanding and use of the terms ‘gender’ and ‘feminism’ departs from the definition of gender found in that law.

*Lei sobre a Violência Baseada no Gênero (lei VBG) - Law against Violence Based on Gender (VBG law)*

The implementation of the VBG law in 2011 was the result of several years of campaigns from women’s rights organizations, that, in association with the Cape Verdean government, has produced gender policies and



measures since the 1990's (Vieira, 2013). Organizations such as *Associação Cabo-Verdiana para proteção da família* (VERDEFAM); *Associação de Mulheres Empresárias e Profissionais de Cabo Verde* (AMEPCV); *Associação Cabo-Verdiana das Mulheres Juristas* (AMJ); *Rede de Mulheres Parlamentares* (RMP-CV); and *Rede de Mulheres Economistas de Cabo Verde* (REDEMEC) (Vieira, 2013), had a significant impact in the discussions about women's rights and women's development in Cape Verdean contexts.

In terms of governmental measures, Vieira (2013) highlights the creation of an institution that would be responsible for promoting debates and creating policies to “contribute to equality and rights between man and woman” (p.92). This institution was first called *Instituto da Condição Feminina*; then, in 2006, its name was changed to *Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade do Género* (ICIEG). Several planning measures were created by ICIEG, including the Plano Nacional de Igualdade e Equidade de Género (PNIEG 2005-2011), whose aim was to propose ways to diminish gender violence. This national plan had the collaboration of other civic organizations, including UN Women, and one of its main goals was to create an implement the special VBG law. In 2010, this law was approved, being consequently published and implemented in 2011 (II National Plan for combating Gender Violence, 2009).

Regarding the content of the VBG law, it establishes measures to put the principle of gender equality in practice; therefore, gender equality seems to be the main goal the VBG law aims to ensure. Among several articles that establish when and how the law is to be implemented, its third article presents definitions of *gender*, *gender equality* and *gender violence*. The definitions are given as follows:

“Género”: Representação social do sexo biológico, determinada pelas ideias das tarefas, funções e papéis

atribuídos às mulheres e aos homens na sociedade e na vida pública e privada bem como da relação que se desenvolve entre eles;

“Igualdade de género”: Igualdade, nos termos constitucionalmente consagrados, entre homens e mulheres, reconhecendo a ambos iguais direitos e deveres, implicando igual visibilidade, empoderamento e participação de ambos os sexos em todas as esferas da vida pública e privada.

“Violência baseada no género”: todas as manifestações de violência física ou psicológica, quer se traduzam em ofensas à integridade física, à liberdade sexual, ou em coacção, ameaça, privação de liberdade ou assédio, assentes na construção de relações de poder desiguais, designadamente pelo ascendente económico<sup>94</sup>, social, cultural ou qualquer outro, do agressor relativamente ao ofendido, considerando-se para o efeito: [then, the actions considered as violence are described in a subsection]<sup>95</sup>

The definitions above seem to be the basic pillars of the arguments present in the law. According to these definitions and additional arguments found in the PNIEG from 2005-2011, gender is seen as a historically and socially constructed category, as representations of distinct roles based on biological sex. It is further acknowledged in

---

<sup>94</sup> The words género, coacção, and económico have a different spelling in Cape Verdean Portuguese compared to Brazilian Portuguese.

<sup>95</sup> a) "Gender": social representation of biological sex, determined by the ideas of the tasks, functions and roles assigned to women and men in society and in public and private life, and the relationship between them; b) "Gender Equality": Equality, in constitutionally consecrated terms, between men and women, recognizing both equal rights and duties, implying equal visibility, empowerment and participation of both sexes in all spheres of public and private life; c) "gender violence ": all manifestations of physical or psychological violence, whether resulting in harm to physical integrity, sexual freedom or coercion, threat, deprivation of liberty or harassment, based on the construction of unequal power relations, due particularly to economic, social or cultural power the aggressor has over the offended, considering for this purpose :[ description of the types of violence].

the PNIEG that this social category is ideologically built by unequal relations of power, which has historically put one of the represented groups (women) in disadvantage.

However, this definition covers not only the representation of women, but also the representations of men as victims of gender inequality and gender violence. Gender equality, additionally, is explicitly stated as a constitutional right for Cape Verdeans citizens, which presupposes the existence of a balance in power relations between men and woman. This argument, in fact, is aligned with Cristiane's definition of feminism:

Então eu vejo a questão do feminismo nessa perspectiva de buscar o equilíbrio no sentido-, por exemplo, aonde há fosso, tentar superar esse fosso. Por exemplo aqui no caso de Cabo Verde. No domínio da educação pelo menos que havia uma discrepância muito grande em desfavor das mulheres. Mas hoje as mulheres estão a superar os homens sobretudo. A partir do ensino secundário temos mais mulheres permanecem, no ensino superior temos mais mulheres que permanecem, terminam a formação enquanto os homens acabam por ficar pelo caminho, então quer dizer que aqui há um problema em desfavor dos homens.<sup>96</sup>

*Example 5.7. Cristiane.*

When the concept of gender is approached in discussions about Cape Verdean contexts, its use in the lexical groups 'gender issues' and 'gender perspective' refers to a standpoint of *equality* and balance. It does not mean, however, that the disparity inherited by historical unequal power relations is not taken into account; rather, the debate seems to perceive equality as an aim - towards which a gender perspective has to be direct.

---

<sup>96</sup> Translation: "So I see the matter of feminism in this perspective of searching for a balance in the sense, - for instance, where there is an issue, to try to overcome this issue. For example here in the case of Cape Verde. In the education domain at least that there was a very big discrepancy in disfavor of women. But today women are overcoming men above all. From secondary school onwards there are more women staying, in the higher education there are more women staying, they finish the formation while the men end up getting lost in the way, so it means there is a problem in disfavor of men."

Vieira's work showed such a perspective: in her article, *Processos de significação em contraste: violência contra as mulheres no Brasil e em Cabo Verde* (2013), she compared the differences between meanings of the term gender in the Brazilian and the Cape Verdean laws that criminalize gender violence. She argued that the use of this term could lead to different meanings in particular contexts. Her main argument was that the concept of gender used in the legal Cape Verdean context reinforced a notion of 'balance in gender relations', and detached it from the political position that feminist activism tends to bring. The author referred this process as the "depoliticization of the concept of gender".

In terms of the comparison regarding the meanings constructions in both laws, she concluded that the Brazilian gender law is based on a positive discrimination in favor of underprivileged groups, taking into account the unequal gender relations that mark our context. The VBG law, on the other hand, seems to be focused on the individual rights –a notion which is present, for instance, in international institutions such as the United Nations (UN). Finally, her concluding remarks point out that the Cape Verdean understanding of gender could be seen as a political strategy to "avoid conflict, as it does not problematize unequal gender configurations that are at the root of gender conflicts" (Vieira, 2013, p. 95).

To conclude, this non-confrontational definition of gender crosses the boundaries of the legal context and is seen in other registers, such as in the academic one. Although some of the participants shifted a few times the word gender to feminism as synonyms in some parts of their narratives, the term gender is predominantly used in their definitions. The word gender, therefore, expresses "equality" and "equilibrium".

*Evaluations of feminist and gender theories*

The narrators mostly committed themselves to values based on gender equality. In other words, they presented negative reactions towards practices of sexism that were reported in the narratives. Their theoretical framework was based on readings on feminist and gender studies, coming from their courses for their Master's and Doctoral degrees. In fact, according to Marcela, Celia, and Cecilia, during the years that they were pursuing their master's degree, a cooperation between the University of Cape Verde and the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), Brazil, was ongoing. Professors from UFRGS went to Cape Verde as visiting scholars at the Graduate program in Social Sciences at the University of Cape Verde. One aspect the participants highlighted concerning this cooperation was that many works were conducted using gender as an analytical category, since it was one of the scholars' areas of expertise. The participants' MA research studies were carried out during that time.

In this sense, as Celia observed, her theoretical background in her Masters' was heavily based on theories coming from the Brazilian, European, and North American contexts. Later on, during the interview, she mentioned that she only got in touch with African feminist theories after taking workshops and other courses, including going to some African countries to increase her knowledge on the matter. A similar thing happened to Cristiane: according to her, while studying in Brazil for her Doctoral degree, she only had access to European and American feminist theorists, which she judged to be a disappointment. It was at the University of Cape Verde that she was able to take classes in Feminist Postcolonial Studies, which she believes contributed positively to her research.

Furthermore, as described in chapter four, at the moment of Celia's Doctorate Qualifying, she felt she had little intellectual autonomy. As Mama (2011) affirms, studies in African contexts tend to be influenced by international agencies that regulate several aspects of local agendas, such as health issues concerning women, programs for financial aid, and so forth. In this sense, the author claims the relevance of having autonomy regarding the production of knowledge, because it distinguishes the feminist movements from other institutions, such as the government, international agencies, political parties, social parties, and so forth.

The narratives indicate that the participants are aware of this lack of theoretical autonomy in their contexts. In order to understand the participants' awareness, it is important to discuss the trajectory of the production of knowledge in Cape Verde.

In the introductory chapter of the book *As Ciências Sociais em Cabo Verde – Temáticas, Abordagens e Perspectivas Teóricas*, Furtado (2015) points out the concerns of the Cape Verdean scholars in Social sciences, which is “to produce knowledge that has a local anchorage”, taking into account that “a knowledge is universally relevant just and only under the condition of being locally (nationally) relevant” (p.7). Furtado's (2015) argument reflects the perspectives of recent studies that focus on gender as a social category in Cape Verdean contexts conducted by local scholars (Silva & Fortes, 2011; Fortes, 2013). These studies have questioned the tendency of universalizing women's experiences and the hegemonic theories which are part of 'legitimate' scientific knowledge (Silva & Fortes, 2011). In fact, this perspective was reflected in Cristiane's and Celia's narratives, specifically when they were describing their ongoing research at the time of the interview.

Furthermore, Furtado (2015) observes that, although there have been changes to the theoretical paradigm, the

colonization left consequences in terms of the Cape Verdean production of knowledge: there seems to be, as he points out, an “enchantment” with the models or narratives from political and academic discourses from hegemonic countries, even after Cape Verde’s independence in 1975. Furtado (2015) remarks that during the colonial period, the creation of local and scientific knowledge was not the aim of governments; therefore, the postgraduate formation of Cape Verdeans citizen was to qualify labor force to the country.

In addition, another practice that seems to be a consequence of the colonization process is that of getting graduate degrees in other countries, especially in Portugal. This practice used to be well valued among Cape Verdeans, according to Cristiane’s narration. Besides, the history of public higher education in Cape Verde is fairly recent: the first institutions which offered to teach degrees were launched in 1979. In 1995, the *Instituto Superior de Educação* (ISE) was created; in the following year, other organizations such as the *Instituto Superior de Engenharia e Ciências do Mar* (ISECMAR) and the *Instituto Nacional de Administração e Gestão* (INAG) were launched. Finally, in 2006 the University of Cape Verde was inaugurated. In terms of private institutions, several ones were opened during the years 2000, such as *Universidade Jean Piaget* (the oldest) in 2001, and the *Universidade de Santiago*, in 2008<sup>97</sup>.

Along with the creation of higher education institutions, changes in educational policies and individual requirements to pursue graduate degrees have opened opportunities to a progressive increase in the number of studies with a critical approach produced by Cape Verdeans. However, Furtado (2015) argues that, in spite of

---

<sup>97</sup> Information retrieved from the universities official website: University of Cape Verde - <http://www.Uni-CV.edu.cv/apresentacao/historial>; Jean Piaget University of Cape Verde - <http://www.unipiaget.cv/?r=site/pagina&id=9>; and University of Santiago, Cape Verde - <http://www.us.edu.cv/usSITE/>.

these studies including themes related to Cape Verde and to communities in the diaspora, there are still few studies which aim at deconstructing and decolonizing the production of scientific knowledge. He observes that contributions from the global South<sup>98</sup>, especially from African scholars, are rarely mentioned in the thesis and dissertations produced by Cape Verdeans researchers.

Interestingly, however, the limited dialogue between African scholars and Cape Verdean researchers has not produced a lot of difference between their lines of argumentation. In fact, there seem to be some similarities regarding the participants' perceptions and the theoretical premises from African scholars. For instance, they share a view of feminism and gender similar to that of some African scholars, such as Ogunyemi (1987), Ama Ata Aidoo (1998), and Mama (2011), whose ideas were presented in chapter two. This can be seen in Celia's words, referring to the comments about her review of literature made by qualifying committee:

Eles [os portugueses] acham – ou nós achamos e eles acabam por acreditando nisso – que nós não somos iguais às pessoas do continente. Quando eu falo iguais, no sentido de comportamentos, cultura, etc, etc. Mas nós somos mais próximos que aquilo que nós imaginamos. Então, às vezes parece que Cabo Verde é um mundo à parte. É África porque está próximo do continente. Mas eu quis mostrar [na revisão da literatura] que é muito mais do que isso. Que aquilo que nos aproxima, não é, é muito mais do que aquilo que nos separa.<sup>99</sup>

Example 5.8. Celia.

---

<sup>98</sup> The global South represents metaphorically marginalized regions and countries, mostly in the geographical South (Africa, Latin America and Asia).

<sup>99</sup> Translation: “The [the Portuguese] think – or we think and they end up believing in it – that we are not the same as the people from the Continent. When I say the same, in the sense of behavior, culture, etc, etc. But we are closer than what we imagine. So, sometimes it seems as if Cape Verde is a world apart. It is Africa because is near the Continent. But I wanted to show [in the review of literature] that is way more than that. That that which brings us closer, it's not, it is much more than that which separates us.”



Reflections like the one above illustrate the epistemological discussions scholars in Cape Verde are engaged with, as suggests Furtado (2015) when pointing out the directions that studies in Social Sciences in Cape Verde are taking.

Regarding studies that adopt a decolonizing/deconstructive perspective to their theoretical and methodological approaches, one of their main aims is to give credit to local scholars who produce scientific knowledge related to Cape Verde. Such concern also applies to the contribution of studies from outside the country which question privileged epistemologies, because foreign scholars must take into account the contextual and situational features of Cape Verde (Furtado & Vieira, 2015; Silva & Furtado, 2011; Fortes, 2013; Lucas & Silva, 2009; Monteiro, 2015, 2007).

As seen in the previous chapter, Celia expressed this concern when she talked about international organizations and the impositions of their own agendas which, according to her, do not correspond to local needs (“Our NGOs sometimes are working with exogenous agendas”). In order to build this argument, Celia produced her criticism with a concrete level of representation connected to these institutions/organizations, specifically through the material process *to work*, expressing habitualness. In addition, Celia’s narrative showed that there was a dependency on international aid to continue working/studying.

This experience is discussed in Mama’s (2011) article about what it means to do feminist research in African contexts. According to this scholar, international development discourses are commonly present in discussions regarding gender in African contexts, mainly in those countries where help is needed. As the author points out, developmental feminism includes liberal discourses that aim to end the Systemic oppression of women through several measures, such as integrating women to public and political spheres of decision making

and providing economical emancipation. Consequently, Mama (2011) claims that several materials produced in these countries reflect ‘women in development’ agendas, instead of critical feminist perspectives.

A similar critique was present in Celia’s discourse, showing specifically her dissatisfaction with the imposition of external mainstream agendas:

E às vezes eu fico assim, com receio, de nós nos desvirtuarmos do caminho daquilo que é liberdade, principalmente as associações que estão a buscar a igualdade, que estão a promover mais autonomia, e empoderamento pras mulheres, mas também pros homens, não é? Quando você, em vez de pensar na sua própria agenda, naquilo que de facto é importante, você aceita a agenda externa, não é, porque você precisa trabalhar, você precisa de rendimento, você precisa colocar a sua associação a trabalhar. Até por as suas ideias em prática entre aspas, e você aceita, digamos assim, donativos. É tipo, não há almoços grátis, não é? Não há almoços grátis. Então é isso. Que as nossas ONGs às vezes estão a trabalhar com agendas endógenas, exógenas. Endógenas é de dentro. Eu vejo isso.... Agora o que está na moda, nos últimos dez anos, era o VBG. Agora é paridade. Mas eu só acho piada quando chega as eleições, você desaparece.<sup>100</sup>

Example 5.9. Celia.

Celia’s argument seen to be shared by other Cape Verdean scholars in terms of focusing on local needs. For instance, Fortes (2013) calls she defends ‘an endogenous research agenda’ – she claims that it is necessary to have an agenda which “translates our belonging and our positions within the geography of knowledge”, and

---

<sup>100</sup> Translation: “And sometimes I get like this, with fear, that we detract from the path of that which is freedom, mostly the associations which are searching for the equality, that are promoting more autonomy, and empowerment for the women, but also for the men, right? When you, instead of thinking about your own agenda, in that which is in fact important, you accept the external agenda, right, because you need to work, you need yield, you need to put you association to work. Until putting your ideas in practice, and you accept, let’s say, donations. It is like, there are no free lunches, right? There are no free lunches. So that’s it. That our NGOs sometimes are working with endogenous, exogenous agendas. Endogenous is from within. I see that... Now what is in fashion, in the last ten years, was the VBG. Now it is parity. But I only think it is a joke when elections come, you disappear.”

therefore, “to acknowledge our agenda as peripheral researchers” in order to resist the imposition of epistemological tendencies (p. 88).

Having discussed the social and cultural aspects of the academics’ narratives, in the next chapter I present the concluding remarks of this investigation, including limitations and suggestions for further research.

## 6. CONCLUSION

This chapter outlines the main conclusions of this study and presents some main reflections, as proposed by Fairclough and Chouliaraki (1999). Furthermore, it also provides the limitations of the study, and suggestions for further research.

### 6.1. FINAL REMARKS

Gender arrangements in African contexts are complex and diverse (Mama, 2011; Beoku-Betts & Njambi, 2005). In this sense, it is important to understand how cultural and historical factors shape social relations and resignify concepts in order to discuss gender issues accordingly to the context in question.

For that reason, this study aimed to analyze the narratives of gender produced by Cape Verdean academics, in order to contribute to such discussion. By analyzing their narratives, it was possible to uncover aspects of their perceptions regarding gender dynamics in their country, as well as their perspectives on the discourses of gender and feminist theories. In addition, my analysis also shed light on the way they constructed their identities while construing the representations of social events.

In order to attain these objectives, this investigation had the following research questions:

RQ1. How do Cape Verdean female researchers identify themselves through their personal stories?

RQ2. How do their narratives reflect and construct their values, beliefs, and opinions in relation to gender roles in Cape Verde?

RQ3. How do they evaluate feminist theories, and how do they position themselves before them?

These questions were the basis for organizing the description and discussion of the findings, which can be

found in chapters 4 and 5. Chapter 4 presented the researchers' lexical choices to construct their representations and evaluations of events and issues related to gender. Subsequently, chapter 5 presented the interpretation and possible explanations of the social implications for these choices. Thus, the summary of the results in this chapter is organized following the order of the research questions.

Regarding the participants' self-representation, they placed themselves in active roles as social actors in the represented events. The most occurring role was *opinion formers* and *observers*, considering that they were engaged in relational and mental processes to characterize entities and depict their thoughts. Other self-representations also took place: there were depictions of roles from their private lives, such as (single) *mothers*, *wives*, *daughters*, and from professional settings, such as *workers* and *professors*. The word *feminist* was not directly used to describe themselves, since they only mentioned the word or its concept indirectly, to say that they defended gender equality.

The participants' identities, therefore, were represented as agents of social change regarding gender dynamics in Cape Verde. Such an agency can be seen in different types of events. First, they presented themselves as observers of the unequal power relations in gender dynamics imposed by patriarchal values. Their narratives showed that their values were based on a perspective of observing gender in its relation to power in several spheres in their society. Most of the participants showed similar opinions regarding the unbalanced gender relations at all social levels, while only one participant claimed that there are equal opportunities for women and men in work environments.

The second illustration of the participants' agency is their representation in roles of "doers" involved in social events that promote discussions about gender inequalities,

either through the proposals of events in their work places, or through their actions in their private lives, which seem to represent the break of social norms. Finally, they also depicted themselves as opinion formers, engaged in processes of critical thinking about coloniality in the production of knowledge. Although two out of five participants showed concern about resignifying their theoretical groundings, it can represent a significant aspect in terms of changes in the theoretical paradigm in Cape Verde.

Moreover, regarding the representation of social events, the resources used in the narratives conveyed meanings predominantly to the world of being, serving to relate entities to attributes or identifications, time-space, and location. The representations of concrete events were the second most frequent type of resource, which described events related to the narrators and to other represented participants. Finally, thoughts and feelings were the third most significant meaning-making resource found in the narratives.

All these aspects indicate that, according to the participants' representations, Cape Verdean society is ruled by the patriarchal system. These representations included events the participants were directly involved in, such as their everyday family practices, childhood and teenage memories, as well as at their work routine. Other representations depicted the local society with lexical resources used in generalizations. In other words, they described what Cape Verdean woman and men *are* and *do* with no marks of modality and in the present form. Among the social practices that were depicted, the predominant ones reinforced traditional gender roles in the distribution of house chores and parenting. Furthermore, the theme of single motherhood was also brought into the discussion, and considered one of the most common practices in their country as a result of patriarchy. Besides reinforcing the notion that raising children is a woman's attribution, the

process of male emigration was additionally mentioned as a phenomenon that contributes to the number of single mothers in the country.

In addition, issues regarding race were also brought up by one of the participants. Celia's representational resources chosen to depict racial issues entailed negative attributions to one of the islands, where there seems to be a large number of people with African phenotypical characteristics. In fact, such attributions were projections of verbal or mental processes, which represented them as verbiages or thoughts of people from other islands. As seen in chapter 5, this social phenomenon can be explained by historical aspects of Cape Verdean's nation construction, which seem to be rooted in the act of hierarchizing cultures, similarly to what happened in Brazil and in the Americas in general. *Race* as a social category seems to be a term that is avoided, probably due to a historical process of diminishing the tension among Cape Verdeans. In this sense, the process of constructing a national identity based on racial democratization served to hide the brutal process of colonization. Thus, the event about Celia comments on what people from the other islands say about Santiago Island shows that colonial racial discourse left a heritage in contemporary Cape Verdean society, defining cultures from African as inferior, which consequently promotes stereotypes. Finally, I take Celia's words from her narrative to conclude this theme: "*we don't talk about the things [racial discrimination], the people know, but we don't talk about it*". It referred to the example she provided of racial stereotypes, and represents what Monteiro (2015) calls "a type of 'racism without race' in Cape Verdean ideology" (p.16).

In terms of evaluation meanings, they play a significant role in the parts of the narratives in which the participants defined the concepts of *gender* and *feminism*. I could observe that these meanings were constructed specifically in relation to the expressions "gender

question” or “gender perspective”, both recurrent terms in their narratives. As shown in the explanatory chapter (5), the term gender was used as a synonym for equality or balance between the sexes. This perspective allowed them to approach the discussion from the position that unequal relations can disfavor both genders, despite acknowledging that women’s conditions were historically built in disadvantage in relation to men. In order to illustrate how this understanding extends to other all social structures, I discussed the Cape Verdean law against gender violence and its basic tenets, which are aligned with the same perspective.

The few usages of the words feminist/feminism are also related to attributive and evaluative meanings. The textual evidence shows that attributes given to these discursive entities implied that they carry a strong meaning, which could refer to an agenda that only concerned with women’ needs, instead of fighting for a balance of power relations based on gender. Taking into account Vieira’s (2013) argument that gender is used as a synonym of “equilibrium” in Cape Verdean legal contexts, the use of the word gender, therefore, allows people discuss inequalities in social and political arenas, which seems to be a strategic way for avoiding conflicts. Mama (2011) also refers to this process, which is similar in other African countries, of having “tactical reasons” for approaching the theme. According to her, the funding proposals for activism and scholarship, for example, use a more neutral language, such as “gender”, instead of the “overly political language of ‘feminism’, ‘anti-imperialism’, or ‘neo-liberalism’” (p.7).

To conclude, taking into account the several aspects that shape their local and particular experiences, I finish this section with a question for reflection: are not these forms of defining gender and feminism means of resistance used by the subalterns in face of massive and multiple forms of oppression? I believe this question



remains unanswered. Still, considering that the researchers' evaluations and positions in relation to the categories of gender and feminism express the complexity of their local experiences, which Silva and Fortes (2011) define as "particular experiences that are sometimes seen as contradictory" (p.11), it is my belief that the results brought by this study may shed light on feminist discourse in Africa, proposing a way of looking at narratives of gender in Cape Verde.

## 6.2. LIMITATIONS OF THE STUDY

One of the main challenges of conducting this study was delimiting the amount of data for the analysis, as well as the theme choices to discuss. In other words, due to the large quantity of potential linguistic evidence which could not be explored here, this study may not contemplate other important issues that can be found in the narratives. However, conducting research requires the use of selection criteria and delimitation, since everything cannot fit in one study.

Such challenge shows the complexity of discussing a group of people's identities and perspectives. For that reason, this study also may not put in evidence all the aspects of the participants' identity constructions, as well as other aspects of gender relations in Cape Verde. In fact, considering that identities are not linear and unchangeable, but fragmented and fluid, it is important to emphasize that, as previously mentioned in chapter 5, the language produced in the narratives gathered for this research was shaped by situational variables. Therefore, had the interviews been done differently, the results may have shown other aspects of their identity construction and opinions.

### 6.3. SUGGESTIONS FOR FURTHER RESEARCH

This study primarily intended to compare the narratives of two groups of Cape Verdean women: the researchers and NGO workers. However, due to a large amount of data and the limitations of space and time, this study focused on one group only: the researchers. Therefore, my first suggestion for further research is to conduct a study with similar objectives regarding the second group. The analysis of the narratives from NGO workers could also reveal significant aspects of gender dynamics in Cape Verde.

As a second suggestion, it would be helpful to investigate researchers' narratives from other Portuguese speaking countries, such as Angola and Guinea Bissau. Not only do these countries have a long history of cooperation with Brazil for educational purposes (PEC-G), they also have a cultural influence and presence in the history of Brazil (Okawati, 2015). Finally, another possibility to enrich the discussion proposed by this study is to have a further analysis of training manuals for gender workers in non-governmental organizations in these countries. As mentioned by Mama (2011), it is important to analyze these types of materials due to the influence of their common approach "*Women in Development*", which has the tendency of depoliticizing feminist discourses. Therefore, analyzing these texts could point out which gender perspectives they adopt in the materials.

### 6.4. REFLECTIONS

The present work was designed from my questions about the ways that the construction of knowledge presented in courses on feminism that I took during my academic journey. As I read about feminist theories in these courses, I noticed the lack of epistemologies in which I could feel represented, as a working-class black

woman coming from marginalized “South”. Moreover, considering my strong personal connection with African culture, be it through my religious practices and my relations with Africans from different countries, I questioned myself: what African women, especially from Portuguese-speaking countries, had to say about feminism and how this subject reaches them.

Since then, this question has been guiding my interests as a researcher, because through my readings I have noticed how relevant it is to acknowledge that a hegemonic perspective on women’s needs leads to generalizations of women’s conditions in Africa. This means that this perspective promotes discourses that represent African women only as victims of immutable oppressive practices, disregarding the peculiarities of their multiple and varied contexts. In addition, the same discourses tend to omit the trajectories of these women as producers of knowledge and as gender activists (Beoku-Betts & Njambi, 2005).

As a critical linguist, I understand that discourses have a significant role in all social practices. That is precisely why the possibility of challenging hegemonic tendencies through discourse must be considered, since hegemonic representations play a huge part in maintaining prevailing ideologies and power relations in all spheres of society. This includes spaces for producing knowledge, such as in educational settings, for example.

Consequently, dominant ideological premises lead to asymmetrical relations between people and institutions, giving less space for a construction of ‘plural knowledge’. Thus, the relevance of a study of this nature is providing means of questioning such hegemonic ideologies and sensitizing gazes in order to allow a plurality of knowledge, far from any form of hierarchy.

As Resende (2011) points out, such form of questioning is not a way of denying or invalidating theories from the North that have contributed to the

construction of knowledge. It is, actually, a claim for casting a critical eye on concepts and methods that are concerned with context. In this sense, the discussion proposed here aimed to explore the researchers' narrative with the purpose of contributing to the plurality of knowledge, instead of producing a discussion with a "western judgmental look" at the theme in question. Finally, as a black working class Brazilian woman, who also represents (another) South, this study was also an attempt to make my voice heard, as a scientist, as an applied linguist, and as a researcher.

## REFERENCES

- Abbas, H., & Mama, A. (2014). Pan-Africanism and Feminism. *Feminist Africa*, 19, 1-6. Retrieved from [http://agi.ac.za/sites/agi.ac.za/files/editorial-\\_feminism\\_and\\_pan-africanism.pdf](http://agi.ac.za/sites/agi.ac.za/files/editorial-_feminism_and_pan-africanism.pdf)
- Ahluwalia, P. (2005). Out of Africa: Post-Structuralism's Colonial Roots. *Postcolonial Studies*, 8, 137-154. DOI:10.1080/13688790500153554.
- Aidoo, A. A. (1998). The African woman today. In O. Nnaemeka (Ed.), *Sisterhood, Feminisms and Power: From Africa to the Diaspora*. Trenton, NJ: Africa World Press.
- Amadiume, I. (1987). *Male daughters, female husbands: gender and sex in an African society*.
- Anzaldúa, G. (1987). *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books.
- Beoku-Betts, J., & Njambi, W. N. (2005). African Feminist Scholars in Women's Studies. *Feminism, Race, Translationalism*, 6(1), 113-132.
- Bucholtz, M. and Hall, K. (2005). Identity and Interaction: a Sociocultural Linguistic approach. *Discourse Studies*, 7(4-5), 585-614.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*.
- Butt, D., Fahey, R., Feez, S., Spinks, S., & Yallop, C. (2003). *Using Functional Grammar* (2nd ed.).

Sydney: National Centre for English Language Teaching and Research, Macquarie University.

- Cardoso, K. (2008) A diáspora ao serviço do desenvolvimento: os pontos de contacto entre a emigração e a política externa cabo-verdiana. In P. Góis (Ed.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana* (pp. 195-208). Lisboa: comunidades.
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil* (Coleção Consciência em Debate). São Paulo: Summus.
- Chadya, J. M. (2003). Mother Politics: Anti-colonial Nationalism and the Woman Question in Africa. *Journal of Women's History*, 15(3), 153-157.
- Challinor, E. P. (2015). Contributo para uma reflexão sobre a relação entre género, sexo e parentesco em Cabo Verde. In C.A. Furtado, P. J. Laurent, & I. Évora (Eds.), *As ciências sociais em Cabo Verde: Temáticas, abordagens e perspectivas teóricas* (pp. 27-60). Praia, Santiago, Cabo Verde: Edições Uni-CV.
- De Fina, A., & Georgakopoulou, A. (2008). Analysing narratives as practices. *Qualitative Research*, 8(3), 379-387. DOI:10.1177/1468794106093634.
- \_\_\_\_\_ (2015). *The handbook of narrative analysis*. Chichester, West Sussex: John Wiley & Sons.
- Drew, A. (1995). Female consciousness and feminism in Africa. *Theory and Society*, 24, 1-33.

- Eggins, S. (2004). *An introduction to Systemic functional linguistics* (2nd ed.). New York and London: Continuum.
- Elliot, J. (2005). *Using Narrative in Social Research: Qualitative and Quantitative Approaches*. London: SAGE Publications.
- Évora, R. (2011). Um País de Mulheres Governado por Homens: Democracia e Processo Decisório em Cabo Verde. In C. Silva, & C. Fortes (Eds.) *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e perspectivas* (pp. 67-76). Praia, Santiago, Cabo Verde: Edições Uni-CV.
- Fairclough, N. (2001). Critical discourse analysis as a method for scientific research. In R. Wodak, & M. Meyer (Eds.), *Methods of critical discourse analysis* (pp. 121-138). London: SAGE Publications.
- \_\_\_\_\_ (2003). *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_ (2010). *Critical discourse analysis: the critical study of language*. (2nd ed.). UK: Pearson Education
- Fairclough, N., & Chouliaraki, L. (1999). *Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Ferreira, S. N., & Heberle, V. M. (2013). Text linguistics and critical discourse analysis: a multimodal analysis of a magazine advertisement. *Ilha do Desterro*, 64, 111-133. Florianópolis: UFSC.

- Figueiredo, D. C. (2009). Linguagem e gênero social: contribuições da análise crítica do discurso e da linguística sistêmico-funcional. *DELTA - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 25, 732-754. São Paulo: PUCSP.
- \_\_\_\_\_ (2010). Context, register and genre: implications for language education. *Revista Signos (Impressa)*, 43, 119-141.
- Fortes, C. (2013). “M t’studa p’m k ter vida k nha mãe tem”1. Gênero e Educação em Cabo Verde. *Ciências Sociais Unisinos*, 49(1), 80-89. DOI:10.4013/csu.2013.49.1.10
- Furtado, C. A., & Vieira, M. S. (2015). *Desigualdades sociais e dinâmicas de participação em Cabo Verde* (Vol. 3, Estudos Sociais Cabo-verdianos). Praia, Santiago, Cabo Verde: Edições Uni-CV.
- Furtado, C. A. (2012). Raça, classe e etnia nos estudos sobre e em Cabo Verde: as marcas do silêncio. *Afro-Ásia*, 45, 143-171. DOI:<https://dx.doi.org/10.1590/S0002-05912012000100006>
- \_\_\_\_\_ (2015). Introdução. In C. A. Furtado, P. J. Laurent, & I. Évora (Eds.), *As ciências sociais em Cabo Verde. Temáticas, abordagens e perspectivas teóricas*, 8, 27-60. Praia, Santiago, Cabo Verde: Edições Uni-CV.
- Furtado, C. A., Laurent, P. J., & Évora, I. (2015). *As ciências sociais em Cabo Verde. Temáticas, abordagens e perspectivas teóricas*, 8. Praia, Santiago, Cabo Verde: Edições Uni-CV.



- Furtado, C., Laurent, P., & Évora, I. (2015). *Ciências Sociais em Cabo Verde: Temáticas, Abordagens e Perspectivas Teóricas*, Praia: Ed. UNI-CV.
- Fuzer, C., & Cabral, S. R. (2014). *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Halliday, M. A., & Matthiessen, C. M. (2004). *Introduction to functional grammar* (3rd ed.). Milton Park, Abingdon, Oxon: Routledge.
- Halliday, M.A.K. (1973). *Explorations in the Functions of Language*. London: Edward Arnold.
- \_\_\_\_\_ (1978). *Language as a Social Semiotic*. London: Edward Arnold.
- \_\_\_\_\_ (1985). *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold.
- \_\_\_\_\_ (1994). *An introduction to functional grammar* (2nd ed.). London: Edward Arnold.
- Heberle, V. M. (2011). Texto, discurso, gêneros textuais e práticas sociais na sociedade contemporânea: tributo a José Luiz Meurer. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 12, 155-168.
- Hountondji, P. (2009). Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. In: B. Santos, & M. Menezes

(Eds.), *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina.

Hunston, S. (2011). *Corpus approaches to evaluation: Phraseology and evaluative language*. New York: Routledge.

Imam, A., Mama, A., & Sow, F. (1996). *Engendering African Social Sciences*. Dakar: CODESRIA.

Kiesling, S. F. (2006) Language and Identity in Sociocultural Anthropology. In K. Brown (Ed.), *Encyclopedia of Language and Linguistics (2nd ed.): Linguistic Anthropology* (pp. 495-502). Oxford: Elsevier.

Lucas, M. E., & Silva, S. B. (2009). Ensaios etnográficos na ilha de Santiago de Cabo Verde. Processos identitários na contemporaneidade. *Estudos Sociais Cabo-verdianos, 1*. Praia, Santiago, Cabo Verde: Edições Uni-CV.

Lugones, M. (2010). Toward a Decolonial Feminism. *Hypatia, 25*, 742-759.

Mama, A. (1996). *Women's studies and studies of women in Africa during the 1990s*. Dakar: CODESRIA.

\_\_\_\_\_ (2011). What does it mean to do feminist research in African contexts? *Feminist Review, 4*-20.

Martin, J. R., & Matthiessen, Christian M. I. M., & Painter, C. (1997). *Working with functional grammar*. London: Arnold.

- Martin, J. R., & White, P. R. (2005). *The language of evaluation: Appraisal in English*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- McFadden, P. (2007). African Feminist Perspectives of Post Coloniality. *The Black Scholar*, 37(1), 36-42.
- Mekgwe, P. (2008). Theorizing African Feminism(s). The 'Colonial' Question. *An African Journal of Philosophy*, 20, 11-22.
- \_\_\_\_\_ (2010). Post Africa(n) Feminism. *Third Text*, 24(2), 189-194.
- Mestry, R., & Schmidt, M. (2012). A feminist postcolonial examination of female principals' experiences in South African secondary schools. *Gender and Education*, 24(5), 535-551.
- Meurer, J. L. (2004). Role prescriptions, social practices, and social structures: a sociological basis for the contextualisation of analysis in SFG and CDA. In L. Young, & C. Harrison (Eds). *Systemic Functional Linguistics and Critical Discourse Analysis. Studies in Social Change* (pp. 85-99). London; New york: Continuum.
- Monteiro, E. F. (2009). *Mulheres, democracia e desafios pós-coloniais uma análise da participação política das mulheres em Cabo Verde*. Praia, Santiago, Cabo Verde: Edições Uni-CV.
- \_\_\_\_\_ (2015). *Entre os senhores das ilhas e as descontentes. Identidade, classe e gênero na estruturação do campo político em Cabo Verde*. Cabo Verde: Edições Uni-CV.

- Mourão, D. E. (2009). *Identidades em trânsito: África "na pasajen" identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas*. Campinas, SP: Arte Escrita.
- Ogunyemi, C. (1985). Womanism: The Dynamics of the Contemporary Black Female Novel in English. *Signs*, 11(1), 63-80. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/3174287>
- Okawati, J. (2015). Estudantes africanos na UFSC: (des)encantos extramuros na jornada acadêmica. Florianópolis: UFSC.
- Oliveira Filho, P.; Santos, I. O., & Soares, M. B. (2010). Racismo e Antirracismo em Discursos de Estudantes Universitários. *Psicologia Política*, 10(19), (pp.25-40).
- Oyěwùmí, O. (1997). *The Invention of Women. Making an African Sense of Western Gender Discourses*. Minneapolis, MS: University of Minnesota Press.
- \_\_\_\_\_ (2011). *Gender Epistemologies in Africa: Gendering Traditions, Spaces, Social Institutions, and Identities*. New York: Palgrave Mcmillan
- Pereira, A. A. (2011). We Create Minimum Conditions: survival of the female market vendors of Luanda in the post-war. In C. U. Rodrigues, & A. B. Costa (eds), *Pobreza e paz nos PALOP* (pp. 54-69). Lisboa: Sextante Editora.
- Pilcher, J., & Whelehan, I. (2004). *50 Key Concepts in Gender Studies*. London: SAGE Publications.

Ramalho, V., & Resende, V. M. (2004). Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas. Implicações teórico-metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso*, 5(2), 185-208.

---

\_\_\_\_\_ (2011). *Análise de Discurso (para a) Crítica: O texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores.

Resende, V. M. (2010). Between the European legacy and critical daring: epistemological reflections for critical discourse analysis, *Journal of Multicultural Discourses*, 5(3), 193-212, DOI:[10.1080/17447140903443801](https://doi.org/10.1080/17447140903443801)

Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento.

Rosabal, M. (2011). As Faces (In) Visíveis da Violência de Género. In C. Silva, & C. Fortes (Eds.), *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e perspectivas* (pp. 141-166). Praia, Santiago, Cabo Verde: Edições Uni-CV.

Santos, B., & Menezes, M. (2009). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina.

Santos, S. Q. S., & Machado, V. L. C. (2008). Políticas públicas educacionais: antigas reivindicações, conquistas (Lei 10.639) e novos desafios. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 16(58), 95-112. DOI:<https://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362008000100007>

- Seidman, I. (2006). *Interviewing as qualitative research: a guide for researchers in education and the social sciences* (3rd ed.). New York; London: Teachers College Press.
- Silva, C. A. (2015). Relações de poder e resistência: práticas de violência contra as mulheres na intimidade. In A. C. Furtado, & M. S. Vieira (Eds.), *Desigualdades sociais e dinâmicas de participação em Cabo Verde* (Vol. 3, Estudos Sociais Cabo-verdianos). Praia, Santiago, Cabo Verde: Edições Uni-CV.
- Silva, C., & Fortes, C. (2011). *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e perspectivas*. Praia, Santiago, Cabo Verde: Edições Uni-CV.
- Slembrouck, S. (2015). The Role of the Researcher in Interview Narratives. In A. De Fina, & A. Georgakopoulou (Eds.), *The Handbook of Narrative Analysis*. DOI:[10.1002/9781118458204.ch12](https://doi.org/10.1002/9781118458204.ch12)
- Steyn, M., & Van Zyl, M. (2009). *The Prize and the Price. Shaping Sexualities in South Africa*. Cape Town: HSRC Press.
- Sylvester, C. (1995). African and Western Feminisms: World-Traveling the Tendencies and Possibilities. *Signs*, 20(4), 941-969. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/3174888>
- Tamale, S. (2011). *African Sexualities. A reader*. Capetown: Pambazuka Press.
- Thompson, G. (2004). *Introduction to Functional Grammar* (2nd ed.). London: Hodder Education.

Van Dijk, T. A. (1995). *Communicating racism: Ethnic prejudice in thought and talk*. Newbury Park: SAGE Publications.

\_\_\_\_\_ (2001). 'Multidisciplinary CDA: A Plea for Diversity', In R. Wodak, & M. Meyer (Eds.), *Methods of Critical Discourse Analysis* (pp. 950-120). London: SAGE Publications.

\_\_\_\_\_ (2003). 'The Discourse–Knowledge Interface', In R. Wodak, & G. Weiss (Eds.), *Critical Discourse Analysis. Theory and Interdisciplinarity* (pp. 85-109). London: Palgrave.

\_\_\_\_\_ (2015). Critical Discourse Analysis. In D. Tannen, H. E. Hamilton, & D. Schiffrin (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 466-485). UK: Bloomsbury Publishing Plc.

Vieira, M. (2013). Processos de significação em contraste: Violência contra as mulheres no Brasil e em Cabo Verde. *Ciências Sociais Unisinos*, 49(1), 90-96. DOI:10.4013/csu.2013.49.1.11

Visentini, P. F., Ribeiro, L. T., & Pereira, A. D. (2013). *História da África e dos Africanos*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Wodak, R. & Meyer, M. (Eds.) (2001). *Methods of critical discourse analysis* London: SAGE Publications. DOI: 10.4135/9780857028020

Wodak, R. (2001). What CDA is about – a summary of its history, important concepts and its developments. In R. Wodak & M. Meyer (Eds.), *Methods of critical*

*discourse analysis* (pp. 1-13). London: SAGE Publications. DOI:10.4135/9780857028020.n1

---

\_\_\_\_\_ (2006). Critical linguistics and critical discourse analysis. In J-O. Östmann, J. Verschueren, & E. Versluys (Eds.), *Handbook of Pragmatics* Amsterdam: John Benjamins.



## APPENDIX I – Audiotranscriptions

### *Albertina audiotranscription*

Interviewer: A intenção dessa pesquisa é conhecer, né, e compreender a visão das pesquisadoras que estão trabalhando com questões de gênero, no caso pesquisadoras tanto de mestrado, doutorado, enfim, que estão a pesquisar sobre esses temas aqui em Cabo Verde pra né, até mesmo e também, conhecê-las um pouco mais profundo, por isso essas perguntas íntimas. Então, eu vou iniciar, na verdade, querendo saber um pouco dessa trajetória, até o trabalho que você faz atualmente, ok? Então, assim, poderias começar, por exemplo, falando um pouco da sua estrutura familiar, daonde você veio?

Albertina: Na minha estrutura familiar somos treze irmãos, na maioria do sexo feminino. Meninas, oito, e cinco rapazes. Bom, eu posso até falar a questão da divisão das tarefas domésticas. Assim, quando nós éramos três, eu sou o terceiro. Tenho uma irmã, um irmão, depois sou eu. Quando éramos apenas três, eu não via tanta diferença porque meu irmão do meio fazia tanto, fazia as coisas de homem e de mulheres. Por acaso, ele, por exemplo, sabe bem passar brilho no móvel. Lavava louça, varria, a minha irmã mais velha ia buscar água e fazer limpeza e eu, como eu tinha mais jeito em tratar de crianças, eu cuidava dos meus irmãos e lavava louça. Mas quando vieram mais irmãos, não é isso mudou tudo. A minha mãe já, pronto, funciona como mesmo as mulheres têm que fazer o trabalho das mulheres, os rapazes o trabalho dos rapazes. Mas eu às vezes pensava ‘Por quê?’ Mas no início eu pensei assim, como éramos apenas três, via necessidade de mais pessoas trabalharem. Depois as meninas tornaram-se mais do que os rapazes, embora quando nós éramos três, também éramos duas meninas e um rapaz. Mas quando as meninas tornaram-se mais, pronto. Tudo mudou. As mulheres tinham que cuidar de roupa dos rapazes, cozinhar

e tudo. Até porque os mais novos já não sabem fazer nada, não sabem... E eu e minha mãe de vez em quando falamos nisso: ‘Ah, vá lá fazer – quando eu morava com ela- ah, vá lá fazer o jantar.’ Quando eu cresci ‘Não, não faço. Ah, não vou fazer.’ ‘Ah, e os rapazes, como é que vão co-?’ Eu disse: ‘São os teus homens. Eu não vou fazer, porque eles devem também aprender a fazer.’

Interviewer: [risos]

Albertina: Bom, fiquei mesmo revoltada, por que que eu tenho que fazer e os outros não fazem?

Interviewer: Então você questionava na época?

Albertina: Sim, sim. Questionava, questionava. Lavar as roupas, então... Era uma briga absurda... Eu às vezes me chateava punhava na água e tirava...punhava. Por causa dessas coisas... Mas foi a partir do momento em que as meninas tornaram cada vez mais do que os homens, então os mais novos deixaram de fazer os deveres da casa também. Já praticamente não faziam nada. Não faziam nada no que dizia respeito aos trabalhos domésticos.

Interviewer: E aí você provinha de uma família de pai e mãe, moravam juntos?

Albertina: Sim, sim. Por acaso, graças a deus eu vejo os meus pais como um casal exemplar, porque também há um problema. A minha mãe é mais assim, mandona, autoritária. O meu pai é, ele aceita tudo. Então quando precisávamos de algo, ou queríamos ir pra um espaço, não pra algum lugar: ‘Peça a vossa mãe. Se a vossa mãe vos deixar, eu também já vos d-, já pronto.’ Então era, assim, e ele sempre tipo baixou a bola. Baixou a bola, e a minha mãe que cuidava de tudo. Até o dinheiro do final do mês, ele entregava o envelope todo, quando precisa sair, ‘Ah, dá um dinheiro pra pôr no bolso, assim.

Interviewer: Então ela tinha um controle

Albertina: A minha mãe, até aí ainda tá em controlo. Meu pai dificilmente vai ao frigorífico sequer, pra tirar água pra viver. Não, nem sequer água. Eu disse: ‘Eu não

gosto de ter um marido como tu.’ Então, nem tirar água pra beber. Se minha mãe não lhe der o que comer, não come. Não come. A minha mãe tem que implorar tudo, e ele diz assim: ‘Ah, eu trago o meu dinheiro todo pra casa, a mulher é que tem que fazer de tudo. Porque eu cumpro com as minhas obrigações.’

Interviewer: E sobre os teus irmãos, assim, com a questão de formação? São todos formados, como é que é?

Albertina: Assim, eu. Em relação aos meus dois irmãos mais velhos, eu era digamos assim, a mais esperta. Eu vejo-, a mais esperta no sentido em que, quando eu cresci, os dois já estavam a estudar. Então eu aprendia muito com eles. Eu ouvia o meu pai a ensiná-los eu fixava aquilo. Pois fui a primeira a entrar, por exemplo, no liceu, lá em casa. A minha irmã mais velha parou, teve que parar o estudo, foi muitas vezes na sexta classe e não conseguia sair, porque ela também, não é que ela não aprendia... Ela era tipo aquelas crianças um pouco traquinas, faltava às aulas, juntava com os colegas, não estudava. Mas não é, não porque não aprendia. E o meu irmão do meio era já um pouco cabeça-dura. Porque não sabia a tabuada, quando os meus pais nos ensinavam. E eu emendava ao meu irmão e o meu pai dava-me algo pra bater. ‘Então tens que bater nele.’ E depois, quando ele saía, eu levava. Eu levava. Então, em termos de escolaridade, eu fui a primeira até a fazer o doutoramento, tenho outra irmã já que-, pois eu tenho... Em termos de escolaridade, todos nós fomos para a escola. Porque o meu pai é um homem que se preocupava muito com os estudos até agora, até ainda. Os netos também ele sempre incentiva, até costuma pagar a escola estando pra o neto, pra ver como é que ele preocupava muito. A mais velha deixou de estudar, mas ele insistiu. E as outras também deixaram, mas ele insistiu pagando escolas particulares pra elas estudarem. Então ele sempre foi um homem muito dedicado e preocupado com a escolarização. Levantava de madrugada juntamente

conosco para nos ensinar. Levantava de madrugada pra nos ensinar... Senta-se à mesa juntamente conosco. Fez um quadro em casa de argamassa, de cimento, assim. Comprava giz e trazia pra casa pra nós estudar. Por acaso, quanto a isso...

Interviewer: E o que ele fazia? Ele era

Albertina: O meu pai, ele era polícia. Era polícia, policial. E ele fez a carreira na polícia, porque, antes, foi pra tropa, né, pro militar, depois entrou pra polícia, guarda, polícia nacional, depois foi pra polícia das alfândegas, marítimas. Não, capitania. Polícia marítima, depois foi pra alfândega, que é polícia fiscal. Em Cabo Verde, nós temos três tipos de polícia. Agora tá tudo num bolo, mas há subdivisão. Mas ele fez carreiras diferenciada em todos esses corpos policiais.

Interviewer: E sua mãe, trabalhava?

Albertina: A minha mãe vendia. Inicialmente, ela ficava em casa, cuidava de nós, depois ia pra... Também tínhamos uma propriedade agrícola no interior. Então, e minha mãe também ia trabalhar. Porque meu pai, para além de polícia, também trabalhava aos fins-de-semana, ou nas férias, e ia pra localidade, pra agricultura. Mas quando fomos crescendo, e eu tornei-me mais crescida, conseguia tomar conta dos irmãos, e a minha mãe passou a vender no mercado. Antes, vendia em casa. Fazia coisinhas em casa, pastéis, doce, comida...assim essas coisas. E vendíamos produtos da horta, mas depois ela passou a vender no mercado. Ir, comprar no mercado central, e levar para outro mercado ao pé da casa, e vendia.

Interviewer: Ok. E você pode agora falar um pouquinho daonde vocês vieram, de que bairro, você falou zona, né? De que local, como é que era?

Albertina: Assim, os meus pais eram duma localidade, Rui Vaz, no interior de Santiago, onde se praticava ainda né, agricultura. Eles também praticavam agricultura. Depois casaram-se, o meu pai veio pra militar. Ele até conta que, casou-se um dia, no dia seguinte entrou

na tropa, no militar. Depois então vieram morar pra Praia, na Praia, a capital. E nós todos nascemos na capital. Depois, meu pai saindo do militar, entrou na polícia e foi transferido pra Somada. Fomos pra Somada, eu era a mais nova, depois nasceu o meu irmão, um pouco veio atrás, depois de mim. Nasceu ali. Depois voltamos pra Praia outra vez e aqui residimos desde então.

Interviewer: Ah, desde então, né?

Albertina: Desde então.

Interviewer: Então acesso à escola, assim, nunca foi

Albertina: Nunca foi um problema. Nunca foi. E assim, aquela distância, se calhar alguns quilômetros, porque eu sempre... havia muitas escolas na minha localidade, ao pé da casa, mas tive sempre o azar de ser colocada numa escola distante. Assim, a cerca de alguns quilômetros da minha casa, mas eu ia a pé, não era assim tão longe. Eu ia a pé. Mas nós não tivemos assim problema com acesso à escola. Por isso.

Interviewer: Ok. Agora eu gostaria que você falasse um pouco da tua formação, como é que você chegou a ser professora daqui da universidade, como que foi esse processo.

Albertina: Assim, o meu primeiro emprego quando fiz o ex- agora. Atualmente diz-se nono ano, mas quando fiz no, na antiga... No antigo modelo, sistema. Nas subdivisões, era o quinto ano. Agora diz-se ex quinto ano. Então, quando eu completei o quinto ano, comecei a trabalhar, tinha desenove anos, quase vinte. Comecei a trabalhar na secretaria da escola como assistente administrativa. Cuidava das papeladas, dos papeis. Depois, de vez em quando, quando faltava algumas professoras nas turmas, a gestora me pedia para ficar com os alunos, assistir os alunos e tudo isso. Aí eu comecei a sentir o gosto pro ensino, até que um dia eu resolvi 'Não, eu vou fazer formação de professores.' Então, quando eu cheguei, porque eu e a minha gestora, nós éramos amigas. Quando

eu cheguei, eu disse assim: ‘Ah, eu vou fazer a formação do professor,’ que era o magistério primário. ‘Ah, não, por que que vais?’ Porque ela confiava em mim, porque eu recebia propina, propina não, mensalidade

Interviewer: Salário, né?

Albertina: Não, pagamento da mensalidade escolar.

Interviewer: Ah, ok. Sim, sim, sim.

Albertina: Então eu era administrativa, tipo tesoureira, fazia folha dos professores e tudo isso. Então ela tinha muita confiança em mim. Dizia assim: ‘Então, por que que tu vais pra formação de professores, podes ficar aqui. Tens a chance de fazer carreira na administração.’ Eu disse: ‘Não. Daqui a três anos vou receber quase o triplo desse vencimento que eu tenho, eu vou’ Pois eu decidi. Tive que deixar mesmo, pedi exoneração do cargo e fui pra formação, ganhar uma bolsa que era pequenina, mas pronto. Eu sabia que a formação era durante três anos; fiz dois anos, depois fui para o estágio, já o vencimento melhorou.

Interviewer: Só um esclarecimento: onde você trabalhava, era uma universidade, não, né?

Albertina: Não, não. Era numa escola do ensino básico.

Interviewer: Era pública, particular?

Albertina: Pública. Pública. Então, depois preparei pros testes, consegui. Por acaso, eu nunca reprovei nos concursos, já participei em vários, nunca reprovei.

Interviewer: Parabéns.

Albertina: Consegui [risos] Consegui e fui no [we were interrupted]

Interviewer: Estamos a falar do processo, né? Quando você saiu, você pediu exoneração, e você ganhou a bolsa.

Albertina: Sim. Então fui fazer a formação. Depois comecei a trabalhar como estagiária no ensino básico, com uma turma da quinta classe.

Interviewer: Só uma questão: essa formação, ela é a nível universitário, ou é só uma especialização?

Albertina: É o médio. É o curso médio.

Interviewer: Ah é o curso médio, ok. Ok. Entendi

Albertina: Curso médio de três anos, pra ser docente do ensino básico. Depois trabalhei durante sete anos. Sete? Sete, sim. Cerca de sete anos. Porque comecei com uma turma, fiz o estágio, depois trabalhei com uma turma de sexta classe, depois mais quatro anos. Seis anos. Seis anos, depois resolvi, porque eu também trabalhei e estudei. Porque quando eu entrei como assistente, eu tinha o nono ano – ex quinto ano. Depois, fiz o décimo-primeiro, depois fiz o ano zero enquanto a trabalhar e estudar. Fiz o ano zero, resolvi fazer o curso superior em Portugal, porque na altura não havia cá em Cabo Verde. Foi em 2000, fui pra Portugal.

Interviewer: Através de uma bolsa?

Albertina: Não, não tinha bolsa. Tive que deixar o meu vencimento já de professora; imagina na década de, nos finais de 90 eu recebia 44000 escudos cabo-verdeanos, formada. Mas eu disse: ‘Não, eu quero ir, quero ir, quero ir.’ Mas também foi tudo graças ao meu pai e à minha mãe, mas principalmente ao meu pai porque ele é quem me encorajou. Porque eu me lembro claramente no dia, eu tava em casa dele na varada, távamos a falar, e ele disse assim: ‘Mas tu já fizeste o ano zero?’ Eu disse: ‘Sim.’ ‘Então vai fazer o curso, o quê que tás a fazer aqui? Vai fazer o curso superior, que eu fico com as miúdas. Fico com as miúdas, não se preocupe.’ E eu, no início, quando fui foi um pouco difícil, porque eu lembrava, porque eu é quem cuidava das minhas filhas, eu quando estudava de vez em quando lembrava-me que elas traziam... Porque já tinham - a mais velha tinha doze anos, a do meio tinha – porque eu, elas quando nasceram – eu fui precoce, a primeira pelo menos porque eu ainda nem, faltavam... Quando a primeira nasceu, faltavam três meses para eu completar os dezoito

anos. Então, quando fui pro curso, a mais velha tinha doze, a do meio tinha onze, e a mais nova tinha um ano e dez meses. Imagina.

Interviewer: Então você tinha filhos nessa época?

Albertina: Sim, sim, sim. Minha última nasceu quando eu tinha vinte e oito anos. Então, imagina como é que foi duro, foi mesmo duro. E depois – logo no primeiro ano, não tive assim sucesso em todas as cadeiras, porque também cheguei atrasada; muito problema, muita burocracia com aquisição de visto pro estudante, naquele ano foi difícil. Eu só consegui o visto em novembro, então fui no dia 30 de novembro. Fui pra Portugal, comecei a assistir às aulas em dezembro, já dois meses de atraso. Mas consegui fazer aquelas cadeiras práticas, mas aquelas mais teóricas foram difíceis. Por exemplo, teorias sociológicas, métodos, metodologia de investigação

Interviewer: Então você escolheu o curso de

Albertina: Sociologia. Fui fazer Sociologia. É assim, em Cabo Verde, muitas vezes não se escolhe assim totalmente, porque dependemos das vagas, então a escolha não é totalmente isenta de muitas condicionalidades. Por exemplo, eu como a nota mais alta que eu tinha no ano zero era a nota da geografia, eu candidatei-me em cinco opções pra fazer geografia. Tínhamos que candidatar seis opções, deram-nos seis opções. Então eu candidatei cinco opções, todos os cursos ligados a geografia. Sociologia foi a última opção. Mas acabei por gostar e agora vejo se um dia, assim com um impacto maior do que geografia. Não sei, mas eu penso que

Interviewer: Do que antes assim, né?

Albertina: Sim, sim, antes não – até porque nem sequer tive Sociologia durante o meu percurso escolar. Só fui conhecer as matérias de Sociologia – e assim, de qualquer forma, algumas matérias tinham a ver com algo que nós já tínhamos aprendido no décimo-segundo, mas não dizia Sociologia. Por isso. Mas consegui me adaptar e



– só no primeiro ano, como cheguei atrasada, depois com aquele impacto de deixar as filhas e tudo, isso foi difícil mesmo. Porque eu - como dizia antes - eu começava a estudar eu lembrava-me das minhas filhas que traziam o caderno a pedir pra ajudar a estudar. Então epa, isso foi

Interviewer: Isso foi a parte mais difícil. E você vinha com frequência pra ver seus filhos, como é que era?

Albertina: Eu comecei a vir após dois anos, no segundo ano. No primeiro ano não deu. No segundo ano, a saudade apertou demais. Então, eu vim. Vim a partir daí, vim de dois em dois anos até terminar a licenciatura e mestrado. Porque eu fiquei lá quase oito anos.

Interviewer: Ah, você fez mestrado lá também?

Albertina: Sim, sim. Fui em novembro de 2000 e voltei em julho de 2008. Então, quase oito anos. Faltavam meses pra completar oito anos. Fiz licenciatura e mestrado em Portugal, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Agora já é uma universidade, antes era uma – acho que tem, não sei se já ouviu falar.

Interviewer: Não, não. Ok. Poderia falar um pouquinho do seu mestrado, como o quê que você

Albertina: Eu fiz o mestrado em desenvolvimento social e econômico em Africa- estudos africanos. Trabalhei o tema – ah, na licenciatura trabalhei o tema de participação política dos imigrantes cabo-verdianos. E no mestrado, trabalhei o tema sobre a questão da descentralização e desconcentração como fator de desenvolvimento local em Cabo Verde. Comparei dois conceitos – conceito da Praia (pra ver qual quer era mais distante), a distância em relação ao poder central implica ou tem algum impacto na administração autárquica do cabo... Então pronto foi esse o tema que eu trabalhei no mestrado.

Interviewer: Aí você terminou o mestrado e

Albertina: Voltei. Voltei em 2008, a candidatura tava aberta logo em setembro pra entrar no – na docência cá na universidade, candidatei-me e consegui logo.

Interviewer: Parabéns. Que bom. E como foi o processo do doutorado, do doutoramento, né?

Albertina: Ah, o doutoramento. Aqui, assim – eu como passei quase oito anos fora, eu sempre disse assim: ‘Não, já não vou poder fazer um curso assim, que demore tanto tempo lá fora, porque já fiquei muito tempo longe do meu país. Não, agora quero fazer o que está no meu alcance cá na universidade.’ Então, apareceu essa chance, abriram esse doutorado com a parceria entre – com a UFRGS – o professor José Carlos, por exemplo, era um coordenador desse doutoramento. Então, eu candidatei-me. Fiz a prova de acesso, consegui, comecei o mestrado. Porque eu também disse assim: ‘Ah, não, chega. Não vou mais, porque agora vou preocupar-me em formar a família,’ mas a família ainda não formei [risos]. Ainda não, porque se eu esperasse até formar família não...

Interviewer: Sim, sim.

Albertina: Porque nessas andanças eu também tive que – porque não se pode ter tudo. Porque, assim, quando eu fui pra licenciatura, eu fui com o pai da minha filha mais nova. Porque as duas mais velhas têm outro pai. Então, fui com o pai da minha filha mais nova. Fomos lá, mas depois aquilo não deu, porque... pronto – ele tinha outra aqui, e resolveu ficar com a outra. Olha, foi

Interviewer: Uma loucura [risos]

Albertina: Foi, eu deixei. Eu deixei, porque eu disse: ‘Ah, não vou ficar nessas andanças.’ Então, pronto. Agora, eu queria ver se formava família e isso tudo. Mas depois, quando apareceu a chance de entrar no curso ah, vou fazer o curso, né?

Interviewer: Sim, aí você dava aula? Dava aula e também

Albertina: Aqui, aqui. E o mestrado era aqui, mas eu fiz – participei de um programa de mobilidade na França,

em Bourgogne, no âmbito de doutoramento, tive três meses em Bourdeaux. Tive três meses na UNB, Brasília também. Eu pro Brasil fui duas vezes, no âmbito do doutoramento. Fui uma vez – a primeira vez que eu fui, tivemos uma semana. Depois fui pra França, depois fui pro Brasil outra vez.

Interviewer: E no seu doutorado, você já começou a abordar questão de gênero, ou ainda não? Como

Albertina: Não, ainda não. A questão de gênero veio a propósito, porque como o meu tema de doutoramento era origem inicial e trajetória dos estudantes cabo-verdianos no ensino superior, os que vão pra fora e os que ficam, né, aqui? Então, eu me interessei por analisar a questão de gênero. E como é que eu tenho um capítulo – não é bem um capítulo, ao analisar a origem, não é, os perfis, tive que analisar a questão de gênero. Mas não foi a intenção logo não, ‘Tenho que ver isso,’ não. E agora cada vez mais estou a sentir empolgada de entrar no – por exemplo, aquela parte que eu apresentei alguns dados da tese, mas já aquela parte da escolha da área. Por exemplo: por que que – eu reparei que na realidade, as meninas vão – é uma minoria pra CT, sobretudo pra engenharia. Então, eu disse: ‘Por que que eu não vou tentar saber – por que que são só a minoria? O quê que elas têm de diferente?’ Então, por isso é que eu resolvi. Mas inicialmente, gênero em si – não, não foi a área, foi uma dimensão da análise que eu enveredei, via necessidade.

Interviewer: E como foi o contato, assim? Como que você procurou chegar até essa vertente, né? Como que foi, assim, a questão teórica, uma ajuda, ou supervisão? Como que foi?

Albertina: Assim, por acaso, como a questão de gênero não era assim tão – uma dimensão tão importante, né? Porque não era importante, eu é que não estava a ver assim aquilo. Depois meu orientador aconselhou-me: ‘Não, tens que ler mais documentos sobre gênero para

sustentar, para familiarizares com os conceitos,' até porque eu sinto um pouco de dificuldade às vezes em abordar, eu sinto que estou a precisar de ler mais coisas. Então, ele me sugeriu-me o Bourdieu - Dominação Masculina, [inaudible] e alguns outros autores, para poder encaixar ali na análise.

Interviewer: Ah, então seu orientador está te guiando pra essas questões.

Albertina: Sim, sim.

Interviewer: Ok... Pode falar.

Albertina: Por acaso, também há um outro aspecto que eu tentei abordar – ainda está em estudo – que é a questão da prostituição como estratégia de sobrevivência escolar no ensino superior. Eu, por acaso, na minha análise, eu reparei que tanto meninas como rapazes deram algumas respostas com evidência que leva achar que – só que eu não consegui, porque como o foco do estudo não era essa parte, então eu fiquei – tem essa parte ainda em aberto para analisar, a questão da prostituição. Embora vários jornais – vários, não, dois jornais falam disso: Jornal Notícia do Norte e Jornal da Semana. Eu consegui captar algumas informações dos jornais que eu pus na tese, mas ficou assim em aberto – já em evidência, mas precisamos comprovar o fato. Porque, novamente, o estudo parte de evidência: ‘Dizem, dizem, dizem,’ vamos confirmar se na realidade há ou não. Até porque eu fiz uma entrevista – o professor José Carlos sempre me dizendo: ‘Então, não vais continuar com aquele tema?’ Eu disse: ‘Epa, isso requer tempo’ porque há temas que são mais difíceis de analisar. Por exemplo, os alunos da turma disseram– pronto, porque eu tinha uma turma que – havia uma aluna que disseram que ela se prostituía mesmo, mas eu tentei conquistá-la, conquistá-la, conquistá-la, um dia levei à minha casa, pra estarmos mais à vontade, mas ela não, não, não disse. Até eu procurei, então – após várias questões, várias – mas deu algum indício. Depois eu disse: ‘Então, e tu não conheces nenhuma colega que faz essas, pronto, que prostitui e que’

– ‘Professora, há muitas.’ Há muitas, mas elas não dizem. Elas não dizem, eu até fiquei assim, porque os colegas me indicaram, mas ela também não disse. Não disse. E conta coisas que muitas vezes leva porque – imagina uma pessoa que já assistiu sexo em grupo, tudo isso. E depois ela dizia assim: ‘Não, eu tenho muitos amigos, eu nunca comprei telemóvel, e muitas vezes costuma me faltar gás. Chamei um amigo, trouxe-me um gás, e eu nunca passei mal, sempre tenho amigos pra me desenrascar.’ Mas depois não diz exatamente.

Interviewer: Então, em outras palavras, prostituição como uma forma de permanência na universidade.

Albertina: Ah, mas só que ainda não é um estudo, porque eu não sei – por necessidade, se dá uma aproximação tão, digamos assim, íntima pra que elas contem. Porque não, não

Interviewer: Porque senão

Albertina: Até ela disse: ‘Ah, muitas, mas elas não dizem.’ Assim como ela não disse. Eu a levei à minha casa, tudo. Não diz. ‘Mas eu tenho muitos amigos, eu nunca, por exemplo, senti falta...’ Depois vê-se quanto à origem social, é uma família humilde, ela tem filhas, foi abandonada pelo marido. O marido – pai do filho, né, imigrou, ela ficou, não se deu bem com o familiar, teve que ir pra casa dos pais outra vez. Ela disse-me que muitas vezes saía de casa pra não ver os filhos a sofrer, assim – deixava – mas, não conta.

Interviewer: Não conta. Ok. Então, pra finalizar, né, gostaria que você, um pouco das leituras que você mencionou que tem, agora que você está estudando mais a fundo sobre esse tema. Qual o valor – qual o grau de importância que você acredita que esse seu trabalho tem, né, com ou seja – à sociedade, com – até pra si mesma, como indivíduo, né, qual o grau de importância pra você?

Albertina: Eu, assim, por acaso, com esse último questionário que eu apliquei há dez estudantes – das

quinze que há aqui na universidade, no quarto ano, porque temos apenas quinze. Eu entrevistei dez, nas áreas mais, digamos assim, socialmente masculinizadas, eletrotécnica, informática, matemática e, qual mais? Construção civil.

Interviewer: Engenharia civil.

Albertina: Sim, engenharia civil. Eu, por acaso, vi que, na realidade, estamos a precisar de um estudo aprofundado sobre essa matéria a perceber como é que as questões culturais. Eu, a priori, pensava assim: ‘Ah, as meninas que vão pra essa área de certeza são as traquinas que brincam com carro, que brincam com isso, só com brincadeiras de rapazes, e depois...’ Parecia que criam aquela disposição, né, por causa da socialização. Mas depois eu acabar por ver que não – ainda continua a socialização muito arraigada nos padrões culturais: as meninas brincam com as bonecas e só com as meninas, e os rapazes – até nos sonhos, maioria – eu posso até mostrar as entrevistas que eu tenho. A maioria dizia que ‘Eu queria ser médica.’ Diziam: ‘Quero ser médica,’ mas já no fim via-se logo que o sonho foi-se embora, por quê? Sobretudo, por causa da socialização secundária. As outras influências que acabaram por fazer com que o sonho já não fosse

Interviewer: Seguidos, né?

Albertina: Não. Deixa-me ver onde é que eu – eu tenho o que são os resumos das respostas. Pra não – deixe-me ver.

Interviewer: Profissão dos sonhos de criança, né?

Albertina: Ah não, aqui é relação de profissão sonhos de criança. Ah, medicina, aqui diz que (nao se lembra) médica, medica. E assistente, médica, médica, tá vendo? Então, uma que queria ser professora. Então vê-se que mesmo a forma de socialização da criança interferia também na, nos sonhos delas, e voltada ao que socialmente está estipulada pras mulheres. Cuidado e educação... Mas, pronto, que eu reparei já na, com as influências posteriores, na outra fase da socialização e com outras

influências e também voltada à racionalidade, questão do trabalho, mercado de trabalho, mudaram, já a maioria foi influenciada pelo irmão, ou pelos professores e outros colegas por causa da saída profissional dessas áreas. Por acaso eu achei importante porque [risos] foi mesmo foi uma descoberta. Eu acabei por descobrir isso, não sei se já há estudos feitos nessa área mas por acaso não li, mas acabei por ver que os padrões de socialização da sociedade ainda continua a ser esse ainda que é tradicional, meninas em casa, rapazes.. né. Mas a escolha da área muitas vezes não depende da do, da socialização mas o que aprende em casa mas já numa outra fase da socialização.

Interviewer: Que é a posteriori

Albertina: Sim, e também, o que é que aconteceu. Veja que quanto a escolarização dos irmãos. Todas têm irmãos nas áreas de engenharia. Aqui, aqui, todas. E na maioria meninas. Olha, dois-, duas meninas. Aqui, deixa-me ver, aqui. Aqui também, uma menina, menina. Está a ver? Então, Menina. Então eu penso que foram influenciadas sobretudo pelo contexto familiar mas já numa outra fase não diretamente do pai, mas dos irmãos. Não diretamente dos pais porque quanto ao nível de instrução dos pais eu vejo aqui... uma. Aqui os pais têm licenciatura e aqui a mãe tem, é mestre De resto tudo é ensino médio, básico e secundário. Diferença em termos do capital cultural, institucionalizado. É baixo. Então

Interviewer: Seria essas

Albertina: Essas influências outras, né, na segunda fase da socialização, não no início. não no início, porque ainda continua. É

Interviewer: E aí você está em fase, doutoramento está em andamento, né?

Albertina: Não, já terminei

Interviewer: Ah, já terminou

Albertina: Já terminei

Interviewer: Ah, ok, ok.

Albertina: Eu, esses dados eu fui recolher para, tentar responder às dúvidas que- novas pistas que ocorreram durante a análise. Como eu vi que realmente as meninas eram em minoria na área de ciência e tecnologia e em alguns cursos... procurei tentar saber o por que. Esses dados foram escolhidos e depois (), finais de janeiro.

Interviewer: Ah ok, ok. Pra você uma pós, pesquisa de pós-doutorado então

Albertina: Sim, sim

Interviewer: OK. Então ok. Então ok. Então seria isso, basicamente. Agradeço muito pelo seu tempo, vou fechar, né, vou fechar aqui.

### *Cecilia audiotranscription*

#### Parte I

Interviewer: ok. e (..) aqui . ok. Então é .. Cecilia pra iniciar, é... porque, que pra meio que conhecer essas mulheres, né, que fizeram esses tipos de trabalho, eu vou com umas perguntas desde o até pra te conhecer melhor até o seu trabalho que você fez.

Cecilia: Ok, certo

Interviewer: Então primeiramente eu queria que só você falasse um pouco sobre daonde você veio, é, como que foi teu trajeto até a universidade, poderia começar falando do local ou daonde você nasceu, enfim

Cecilia: Eu sou da Cidade da Praia, Cabo Verde, e nasci aqui na Praia, os meus pais são caboverdeanos. E eu estudei com toda parte de ensino básico e secundário aqui em Cabo Verde, e não tive nunca nenhum problema nos estudos, Depois segui pra Portugal pra fazer licenciatura em Ciências da Comunicação, fiz essa licenciatura na Covilhã, uma cidade de Portugal que se chama Covilhã, na Universidade da Beira Interior, também não tive problema nenhum de integração, inicialmente foi um bocadinho difícil mais por causa do tempo que lá é muito frio, mas não tive problema nem com adaptação, nem com problema



de notas, não. E eu fui pra fazer em cinco anos, fiz em quatro anos e meio porque houve reestruturação no meio do curso, depois voltei. Logo que voltei comecei a trabalhar aqui (.) logo, logo, menos que três meses do regresso, comecei a trabalhar aqui no INE, no Instituto Nacional de Estatística como responsável na área de comunicação. E depois dessa fase eu passei a trabalhar hoje em dia mais na área de comunicação em relações públicas e cooperação, e neste momento vou coordenar uma área aqui dentro do INE com a nova reestruturação e novo organograma. Eu vou agora coordenar uma área que é de comunicação, difusão e relações e (.) institucionais.

Interviewer: Hm, interessante

Cecilia: E eu fiz o meu mestrado aqui também da UNI-CV logo que eu fiquei a saber que existia mestrado em Ciências Sociais sempre eu me interessei por áreas Sociais, inicialmente tentava pensar fazer psicologia, ou então alguma área, áreas da sociologia, áreas afins, mas como eu vi logo mestrado em Ciências Sociais eu- é foi algo que me interessou, então eu logo eu me candidatei, eu fui selecionada e fiz o meu mestrado, e defendi, fiz a minha tese na área de gênero e maternidade e paternidade no interior de Santiago, e fiz o meu- e foi muito bom, trabalhei com professores da Universidade de, do Rio Grande do Sul do Brasil, foi meu coorientador, professor José Carlos dos Anjos, e a minha orientadora foi a professora Miriam, Miriam Steffen. Eu acho bom paramos um bocadinho.

Parte II

Interviewer: Aconteceu alguma coisa.

Cecilia: Ok

Interviewer: [risos]

Cecilia: Ta certo.

Interviewer: Então vamos lá, é, então poderia me falar um pouquinho mais da estrutura familiar...

Cecilia: Da minha família

Interviewer: assim. Aham.

Cecilia: Os meus pais são casados, somos dez filhos, não é. O meu pai era o único que trabalhava em casa, a minha mãe era doméstica, ficava em casa a cuidar de nós. Ah, desde cedo, é, como havia aquela questão do pai trabalhar fora de casa, a mãe em casa, via-se mesmo que o poder se concentrava no meu pai (-h)

Interviewer: Hm-hum

Cecilia: Então isso me incomodava muito, porque... a maioria das, das decisões via-se que ele tomava sozinho. Ou ele impunha a decisão (de ir e vir), impunha praticamente tudo, a minha mãe não tinha muita força. No que eu reparei com o tempo, quando começamos a crescer, começamos a ter mais habilitações, e, e depois da nossa formação eu senti que minha mãe mudou um bocado, ficou com um bocadinho mais de força. Não sei se é por causa de nós, não é, (por estarmos) com outro nível de escolaridade, ela começou a, começou a já ter um bocadinho mais de voz em casa, que ela antes não tinha, era tudo decidido pelo meu pai, porque ele era o único que trabalhava, a minha mãe ficava em casa a cuidar de nós, mas o fato também da minha mãe ficar em casa a cuidar de nós (-h) teve, foi muito bom por um lado, eu digo. Por um lado, porque. Nós somos dez, então o fato de estar em casa, e ela nos apoiou muito nos estudos, e aquela organização familiar ali permitia que ninguém fugisse ao sistema. Isso foi muito bom porque ela não trabalhava fora de casa, também não tinha condições para o fazer, então isso também ajudou muito na nossa educação em casa.

Interviewer: O sistema? O que, que sistema?

Cecilia: Tô a dizer a, o sistema familiar no seu todo. Então isso influenciou muito, mas ah, o que me incomodava muito, era, o que me levou muito a tentar fazer estudos sobre gênero, é ver aquele poder do homem dentro de casa. Um poder muito forte, dominador, patriarcal, entre aspas, não é. Então isso me incomodava muito. Então quando eu terminei a licenciatura em

Ciências da Comunicação, e eu sempre tive aptidão para área social, então quando voltei comecei a trabalhar aqui no INE na minha área de comunicação, ainda até estou a trabalhar na minha área de comunicação, mas sempre dizia pra mim mesma que, se eu fizesse um mestrado, um pós-graduação, que seria na área de, na área social. Então logo que fiquei a saber da, da candidatura, candidatei-me para fazer mestrado em Ciências Sociais. Mas logo que eu comecei a fazer o mestrado, que eu comecei a ter aquelas teorias de gênero, e também todas aquelas teorias que os [ininteligível] pós-coloniais, interessei-me cada vez mais pelo estudo da mulher.

Interviewer: Você teve disciplinas no mestrado de gênero?

Cecília: Tive, tive disciplinas de gênero. Disciplina de gênero no mestrado. Então isso, isso me ajudou muito porque tive duas cadeiras de gênero. E foram dadas por três professoras diferentes, foram dadas pela professora Miriam, professora Andrea Lobo (.) que ela nos deu a parte da família também um bocado e, mais pra parte do gênero, e também tive uma professora que veio (deste país), não me lembro o nome dela que nos deu uma parte sobre gênero, certo.

Interviewer: Ok.

Cecília: Então nós seguimos um bocado sobre gênero, acho que isso influenciou muito nos trabalhos finais, porque a maioria do pessoal trabalhou gênero

Interviewer: Interessante

Cecília: Muito pouca gente trabalhou outra área. A não ser o meu irmão que trabalhou a parte de sindicalismo. Mas dentro do sindicalismo ele tem uma parte da tese que fala de gênero, certo?

Interviewer: Sim, Interessante. Tu se recorda um pouco assim de como que eram as discussões

Cecília: Na sala de aula?

Interviewer: É, que tinha tanto homens e mulheres

Cecília: Sim, tinha tanto homens e mulheres

Interviewer: E como que eram as discussões, assim, tinha alguma resistência? Como que você sentia?

Cecília: Por exemplo, nos rapazes que se sentia um bocadinho... da resistência, mas nem todos, alguns. Que tentavam misturar uma outra ideia em relação àquilo que a pessoa, a professora passava, de igualdade de gênero, em alguns temas específicos notava-se que, pro lado dos rapazes, por que nós estávamos naquela fase da mulher já estar a conquistar o espaço público (pois é) muito mais fácil nós, nós que estamos a viver nesse percurso, né, estar no espaço público, de ter um... uma influência, na nossa vida estar a influenciar não só o espaço público pra nossa inserção no mundo do mercado, tudo isso pra nós é muito mais fácil- mesmo sabendo que estamos numa situação na (sociedade/cidade) ainda um pouco, essa parte da desigualdade de gênero é ainda um bocado notável não muito, mas em alguns aspectos. Educação não, a parte de educação acho que não, mas e, e nem na inserção do mundo do mercado também não, mas a nível familiar nota-se que ainda há um bocado dessa parte do machismo. Desse sistema patriarcal que ainda domina um bocadinho. Não é?

Interviewer: Aqui em Cabo Verde.

Cecília: Em Cabo Verde que estou a dizer. Então quando se fala de homem e mulher especificamente, não estou a dizer da educação nem na inserção- se nota um bocado daquela influência da dominação do homem. Em relação à mulher.

Interviewer: Então só pra esclarecer um pouco, a educação você diz por exemplo, é, meninas e meninos estudando, tendo acesso a educação

Cecília: À educação. Ter acesso a educação e acesso ao mundo de trabalho. Isso posso dizer que aqui em Cabo Verde não temos esse problema. Podes encontrar uma mulher no cargo, num cargo importante como um homem num cargo importante. Eu acho que isso não influencia muito. Mesmo no acesso à educação. Mas quando se fala

de homem e mulher em casa, na família, inserido no ambiente familiar já se nota um bocado desse domínio, da tentativa de domínio do homem. E também do domínio do homem no espaço público no sentido de o homem querer, mesmo estando casado ou vivendo em união de facto querer fazer a sua vida social sozinho. Isso ainda é muito notável, mesmo em relação a pessoas com certo nível de escolaridade ainda nota-se que essa influência ainda é forte. Certo.

Interviewer: Então assim, na universidade por exemplo você não notava essas questões de gênero. Assim, você, por exemplo na sala de aula ou até a questão dos professores, você achou que é equilibrado

Cecília: Sim, é equilibrado, nesse aspecto de acesso a ensino é equilibrado, não há, não se faz diferença entre meninas e meninos na escola, não. Nós todos tivemos a mesma, e o que eu acho muito bom aqui em Cabo Verde é que o governo deu acesso a todos, de igual forma. Nós não tivemos esse problema de meninos e meninas na escola.

Interviewer: E não se, e por exemplo assim não se observa por exemplo, determinados custos há mais busca masculina, feminina, ou algum tipo de trabalho que é mais uma... É, como eu posso explicar. Que há mais homens do que mulheres, por exemplo, algum tipo de trabalho...assim

Cecília: Pouco tipo de trabalho que eu posso dizer que é mais homens do que mulheres é na parte de Engenharia, mas podemos encontrar ainda mulher na área de Engenharia, mas já na outras áreas não, Arquitetura não, nas outras áreas eu acho que não, Economia não, Contabilidade não, mas Medicina também não, aqui temos tantas médicas como médicos, não temos problemas nesse aspecto. O único aspecto que eu reparo que se vê, principalmente da parte de Engenharia Civil há mais homens do que mulheres, mais homens do que mulheres na parte de Engenharia Civil, nas outras engenharias não, até tenho uma irmã que é engenheira elétrica. Uma única coisa que eu acho é mais dentro de casa. Que ainda vê-se

uma coisa que eu, que às vezes isso me impressiona. A pessoa com certo nível de escolaridade mas mantém aquela mentalidade. Então o que é que me chegou a pensar? Que isso está na educação. A forma, isso ainda é notável, a forma como os pais educam os filhos em casa, vê-se que ainda em Cabo Verde, que na divisão das tarefas domésticas, que a menina é mais inserida nesse trabalho que os rapazes. Os rapazes ficam mais com, com trabalhos que tem a ver com espaço público. E as meninas mais com o espaço doméstico. E mesmo vendo na, podemos ver... entre casais mesmo entre casais jovens nota-se, fizemos até um inquérito aqui no INE sobre tempo e trabalho não remunerado, vê-se mesmo que a mulher gasta mais tempo no trabalho doméstico do que os homens. Mesmo no cuidado das crianças, mais mulher do que homem.

Interviewer: Sim, sim

Cecília: Estamos a ver alguma modificação mas ainda é uma coisa muito

Interviewer: Pequena

Cecília: Muito pequena. Porque antigamente não se via homens a levar os filhos pra escola, não se via homens a... irem a

Interviewer: Reuniões, assim

Cecília: Reuniões de pais nas escolas, mas agora já se nota. Com a nova, e , nova geração se já se nota algum o envolvimento do homem nessas tarefas que antes não se via muito. Eu não me lembro nunca do meu pai ter ir à escola (se ver) de mim, por exemplo. Ele não podia ir a uma reunião nunca. Mas eu agora que, na escola do meu filho eu noto a presença de homens, tem ainda mais mulheres, mas aí nota-se a presença de homens na, nas reuniões. Os homens levam os filhos à escola, já se percebe um bocado essa mudança. Mas essa mudança não é uma mudança que se nota que, que vai ser fácil, uma mudança que se vê que está-se fazer gradualmente, muito lento. Muito lento, ainda.

Interviewer: Um processo lento, ainda.

Cecilia: Um processo lento. E vê se mais nas pessoas com algum nível de escolaridade essa mudança. Certo?

Interviewer: Sim, sim, sim

Cecilia: Ok?

Interviewer: Então, é, a, lembrei agora da questão do objeto que você (vai) explicar um pouquinho com é foi o processo que estava contando, né, que a gente foi interrompido, como tu chegou a ter o teu objeto de estudo, como foi?

Cecilia: Sim, sim, foi assim. Eu, é, como eu te disse eu fiz a comuni-, Comunicação (Civil), eu sempre tive interesse pela área Social, então logo que eu comecei o mestrado, comecei a ter aquelas teorias de gênero, então eu ia muito a Somada, interior de Santiago por que a minha irmã vive lá. Então íamos tanto a Ribeira da Barca. Uma coisa que fazia muita impressão é ver meninas com quatorze, quinze anos, já com, já com, já *mãe*, às vezes com dezessete anos com dois filhos. Então aquilo me impressionava, então quando comecei a estudar, e... a pós graduação, o mestrado, então eu comecei a ter aquelas teorias de gênero, então eu comecei a pensar muito em estudar aquela comunidade. Pra saber exatamente que é que se passa lá.

Interviewer: Sim. Essa comunidade, pode falar um pouquinho da comunidade, como ela é, questão, ah (.)

Cecilia: É, é, ela é uma comunidade pescatória, vivem pelo mar, a maior parte das dos homens e das mulheres são peixeiras, pescadores, e nível de vida é muito baixo, lá, é muito baixo.

Interviewer: Então seria uma comunidade pobre?

Cecilia: Pobre. Comunidade pobre, onde maior parte da juventude não tem acesso a [risos] ao ensino porque fica longe da cidade da Somada, não são todos os pais que têm condições de pôr seus filhos no Liceu, alguns põem, mas nem todos, certo? Então as meninas começam muito cedo já com treze, quatorze anos, a trabalhar. A

trabalhar no quê? Na apanha de areia, numa comunidade que fica perto que se chama Charcos. Então as meninas vão cedo, e apanha de areia é um processo interessante, por que não é só menina que vai, vai um grupo. O homem entra no mar, tira areia, e passa pra mulher e a mulher, até sair do mar, um processo, um tempo - muita gente está, e praticamente incluído nesse processo. Então há grupos, formam-se grupos, de apanhar areia. Meninas e meninos. Então é lá que começa já começa aquele entrosamento com o sexo masculino, meninas muito cedo começam a namorar, porque levantam de madrugada, pra irem aos charcos, pra tirar areia no mar. Então lá é que começa toda aquela fase do namoro, muito cedo, as meninas, muito cedo, já não frequentam um nível- não frequentam a escola, tem o nível de escolaridade básico, outras vão até a sexta classe, não continuam ao Liceu... Então a forma de sobreviver é apanhar areia. Então muitas desde cedo já começam a namorar, a frequentar aquele ambiente de trabalho, elas já se sentem mulher muito cedo. Tomam conta de casa, já fazem, já cozinham, já lavam a roupa. Meninas novinhas, doze, treze anos, já estão uma dona de casa, perfeita! Não sei se é isso tudo que faz com que elas muito cedo também entram no mundo do trabalho, muito cedo também entram naquele processo.

Interviewer:: São mães

Cecilia: São mães muito cedo. Só que esse processo de ser mãe que me levou ao meu estudo que é... o processo que é a maternidade e paternidade no interior de Santiago, porque eu tentei estudar isso, eu via que muitas dessas meninas tinham filhos com os rapazes mas não continuavam a relação com eles. Depois tinham filhos com outros homens. Então foi isso que me levou a estudar a maternidade e paternidade lá e entender

Interviewer: Como que é esse processo.

Cecilia: Esse processo, não é.

Interviewer: Ok...



Cecilia: Então eu comecei com o que, a estudar todo o processo de nascimento, desde o parto. O processo do parto, todo esse processo

Interviewer: Você a (casa) e observou?

Cecilia: Sim, eu estive lá um mês a observar, a transcrever, fiz uma etnografia lá, estive lá um mês a acompanhar. Acompanhar a família de parteiras, acompanhar as jovens, estar em espaço público com eles, espaço noturno, pra ver com é que tudo isso funciona, foi lá que eu comecei a fazer o meu trabalho, e fazer o meu diário de campo. Depois, fiz a minha tese. Mas o que eu achei tão interessante lá é uma coisa que, que é engraçada. E a forma que como eles moldam o corpo, como diz Inglood, é que esse dar forma ao corpo. Quando a criança nasce, é todo um processo de trabalhar corpo da criança, quando a criança nasce com o nariz achatado, endireitar, afinar a bochechinha, então todo esse processo também de transformar o corpo, não é? Então foi tudo isso que eu estudei. Toda a parte do nascimento, do parto feito em casa, várias formas de fazer o parto em casa, e também formas de moldar o corpo, certo? E não só na criança como a mãe depois do parto, todo esse processo de moldar o corpo, levar o útero pra o lugar, fazer todo esse processo, as parteiras fazem isso. Com a mãe e com o bebê. Então eu tentei, tentei analisar esse processo, entender até com a teoria de Inglood, não é, de dar forma ao corpo, que o corpo não é morto, com as pessoas pensavam. Que se pode dar vida ao corpo, certo? Então foi através da teoria de Inglood que eu tentei analisar esse processo de nascimento e do parto em Ribeira da Barca. Depois, centrei-me mais na questão da maternidade. Lá elas dizem: “que ca ta pari é mula”. Quem não tem filho, que é uma mula, sabe que é mula, que ela não produz.

Interviewer: Sim, sim.

Cecilia: Sim? Então pra elas, é tão importante, é muito importante ter filhos. Filho pra eles é essencial, pra eles.

Interviewer: Sim, há um papel da mulher, então

Cecilia: Pra mulher ser mulher, pra se sentir mulher tem que ser mãe. Certo? Os homens não, eles sentem que a paternidade não é assim tão importante. Eles dizem que, que o homem roda, dê espaço pra outro, o homem não pode ficar dentro de uma casa só. O homem pra sentir *macho*, tem que ter várias mulheres. Então lá poligamia é mesmo acentua.

Interviewer: Bem acentuada, né?

Cecilia: Aham. Então por isso, era uma coisa que eu. Depois outra coisa é que as pessoas sentem que o homem não é família. Pra ele, pra elas, pras mulheres. Homem não é família porque tem esse processo de estar hoje aqui e amanhã vir. Que família é sangue. Os filhos.

Interviewer: Então há muitas famílias ali na que na qual, não tem o papel do homem.

Cecilia: Do homem, sim.

Interviewer: São mulheres que (lidam).

Cecilia: Mas uma outra coisa que reparei. Essas mulheres têm filhos com vários homens. Mas quem no final vai tomar conta de seus filhos são, o outro homem, não é, que não é pai daquelas crianças. Certo?

Interviewer: Tem um segundo..

Cecilia: O segundo. Então tu vêes que o homem que não tá nessa casa a tomar conta desse filho que é dele toma conta do outro filho, que não é dele.

Interviewer: Sim, sim

Cecilia: Entende?

Interviewer: Interessante, interessante. Isso acontece. É. Interessante, depois a gente fala sobre isso [risos]. Mas é interessante.

Cecilia: Então foi isso que que praticamente se deu a minha tese. Certo? Então foi isso.

Interviewer: Isso é uma curiosidade: tens vontade de fazer um doutoramento?

Cecilia: Eu tenho vontade de fazer um doutoramento. Continuar. Da parte de gênero.

Interviewer: Questão de gênero. Seria interessante.

Cecilia: Interessante. Então a minha tese eu achei foi muito bom, ter estado lá, e isso é gerou a mudar um bocadinho do que eu pensava. Isso é porque eu tinha muitos tabus. Eu lembro quando comecei o trabalho de campo eu vim a dizer “mas professor – mas professor José Carlos dos Anjos - mas aquelas meninas têm filhos com vários homens” “Cara, tu precisas ler Nietzsche.

Interviewer: [risos]

Cecilia: Tu não podes estar no campo a julgar as pessoas”. Então foi um processo um bocado difícil de tentar separar o eu, a minha pessoa, do meu objeto de estudo.

Interviewer: Sim

Cecilia: Mas eu tive que fazer essa separação pra poder entender a vivência delas.

Interviewer: E fazer uma leitura, né?

Cecilia: Sim, uma leitura. Então foi isso que inicialmente tive algum problema. Eu lembro que o meu professor dizia “ tem que ler Nietzsche” [risos] pra desprender [risos]

Interviewer: Consegues lembrar de outras, de algum aspecto que tu relutou um pouco também, assim que mudou de, dessa, de contato com essas teorias...

Cecilia: Sim, isso. O contato com essas teorias me ajudou a ver que quando mais há equilíbrio de gênero, nós como seres humanos vivemos melhor. Mesmo na família. Então quando um homem é mais presente dentro de casa, ajuda a mulher, há mais sintonia. Mesmo para as crianças, é muito bom para a educação dos meninos. Então isso levou-me a pensar que nós em Cabo Verde estamos a educar os meninos muito mal. Ou seja, deixamos os meninos livres e as meninas ficam em casa nas tarefas domésticas. Então eu neste momento tive um filho, um rapaz, com treze anos. Mas ele faz tarefas domésticas, eu estou a habituá-lo, por que assim, ele vai ser um homem melhor. Vai ser um pai dedicado, um pai mais presente.

Porque se nota, aqueles homens que não têm muita frequência dentro de casa, porque há homens aqui em Cabo Verde que vão só dormir em casa, a presença é na parte de dormir, mas não apoiam muito.

Interviewer: Há no Brasil também [risos]

Cecilia: Não apoiam muito. Então esse apoio pro equilíbrio da criança, da família é essencial. O que eu reparei aqui em Cabo Verde, não fiz um estudo, mas eu posso... Coisa que eu noto, né? Quando o homem é mais caseiro, ajuda a mulher, (.) os filhos crescem com outra mentalidade. Os filhos são, irão ser melhores pais, por exemplo, melhor maridos. Certo? Foi isso que eu notei. Então nesse processo vou ajudar meu filho também a ser um homem melhor.

Interviewer: Sim, sim.

Cecilia: Certo? Não vai ter os preconceitos e mesma a nível da sexualidade é uma coisa que eu tento não criar tabus. Se eu falo com ele da homossexualidade normalmente. Homens são homossexuais, as mulheres também são homossexuais, normalmente, sem nenhum tabu.

Interviewer: E qual é a reação deles?

Cecilia: Como eu sempre falo com ele assim normal, ele reage de uma forma normal, ele respeita. Até eu tinha um amigo meu que era homossexual, ia lá em casa E mas ele se vestia como uma mulher, desfrizava o cabelo, tinha. Era extremamente feminino.

Interviewer: Um aspecto afeminado

Cecilia: Ele ia lá em casa, normalmente. Porque eu sempre me lidei bem com o, com ele, normalmente. Até ele se chamava Zeza porque ele se sentia melhor mulher do que homem, então ele chamava Zeza, normal. Até um dia ele veio cá no trabalho, A ascensionista ficou meio – como tu chamas cá o rapaz de Zeza? Mas assim que é o nome, assim que ele prefere ser chamado, então (.) Então não tenho esses problemas. Eu acho que o fato estudar gênero me ajudou um bocado nisso, em aceitar os outros.

Em aceitar. Como são. Então acho que isso foi essencial. E também vai ajudar muito na educação do meu filho. E na minha vida individual também. Porque eu agora não acho que uma família tem que ser nuclear pra ser família, não. Agora eu entendo melhor que posso ser uma família, ser monoparental, é ser uma família... Acho que agora entendo melhor e respeito cada tipo de família, tipo de família do jeito que existe, sem problema nenhum. Certo?

Interviewer: Legal. Cecilia, então só uma pergunta, então. Mais uma pergunta: com relação às tuas leituras de gênero, agora na Comunicação aqui em Cabo Verde, como que é a comunicação, como que é a mídia, né, os processos, as questões aqui que você observa a partir da tua leitura de gênero, né. Como que é?

Cecilia: Por exemplo, a nível da Comunicação Social. Ultimamente o que eu noto é que tá a inserir muito sobre as questões do gênero. Muito muito, muito, muito. Vê-se Comunicação Social faz cobertura de atividades ligadas ao gênero, tenta mostrar que meninas e meninos são iguais, têm as mesmas oportunidades, eu acho que isso está a começar a desenvolver principalmente porque nós temos agora um instituto de gênero. Não é? CIGEF. CIGEF. Então o CIGEF está a ter um papel importante. E a mídia está a dar também muita cobertura

Interviewer: Isso tá chegando na mídia?

Cecilia: Tá chegando, tá chegando na mídia e um outro aspecto também que eu acho que tá muito importante é a luta contra a violência doméstica, que está a chegar muito também na mídia. E depois que eu senti que a Comunicação Social começou a dar grande importância a isso, até medidas de políticas estão a ser tomadas em Cabo Verde para melhorar nesse sentido.

Interviewer: E quais são os órgãos que estão envolvidos, assim, as instituições que estão envolvidas, é, nessa divulgação, enfim. O gove-, por exemplo o governo...

Cecilia: O governo também. O governo, através da CIGEF. Também temos e ultimamente o governo aprovou-foi em 2009 a lei da (VVG), então isso criou também um posto só de (VVG) na polícia, que eu acho que isso é extremamente importante, porque (jura), antigamente as meninas eram violadas, os rapazes, a comunidade não falava mas agora já não, com tanta divulgação da mídia as pessoas já começaram a falar. Então há mais casos, notas-se que há mais casos, não é porque há mais casos, sempre houve casos, não eram denunciadas. E agora já são denunciadas, já. Pode-se até na Comunicação Social tu ouves questões de violações, de crianças, de menores e que agora vêm à tona, Que antes, não, que antes era encoberto pela comunidade mas agora a comunidade já sabe que deve, que tem um número que pode chamar.

Interviewer: E já estão denunciando

Cecilia: Estão denunciando. Isso já é muito bom.

Interviewer: Sim

Cecilia: Certo? Há muita coisa que antes acontecia que hoje em dia depois do governo e mesmo da Comunicação Social ter um papel muito, muito ativa, um papel muito ativo nesse processo, eu sinto que há mais denúncia, e também com a criação da lei VBG há mais denúncia. Já na escola também já se fazem palestras, muitas palestras nas escolas que se dão, que se dá na Comunicação Social, sobre questões de gênero .O governo tá tendo um papel muito, através do CIGEF, um papel muito, muito forte nesse processo

Interviewer: E os especialistas, assim, que você ouve falar, né, eles daonde eles vêm assim, quem que por exemplo oferece as palestras? Quem são essas pessoas envolvidas, você conhece?

Cecilia: Sim, sim. eu conheço. Por exemplo, que eu vejo muito é da presidente da CIGEF, ela tem um papel muito (.) muito ativo nesse processo, vê-se muito na televisão ela a dar palestras nas escolas, também pessoas da universidade, a universidade está tendo um papel muito

forte nesse processo, vê-se muitas atividades realizadas em parceria com a universidade e o governo, com as escolas. Então acho que isto está a ser muito, está a ser muito bom. Mas principalmente nas escolas primárias, vê-se que hoje em dia a questão de gênero já começa a ser trabalhada desde a, nos meninos desde a escola primária. Isso é extremamente importante na mudança do comportamento, de atitude.

Interviewer: Desde pequenos.

Cecilia: Desde pequenos.

Interviewer: Falam dessas questões. Interessante. Então minha última pergunta, ok? É (.) como que a palavra feminista, né? Ou feminismo, feminista, ela te contempla como mulher, como, a, trabalhadora aqui no INE, ou em outros espaços sociais que você convive. Como que isso te afeta, contempla ou não, como que você poderia definir essa questão? Assim, feminista, como que isso te define, ou não, né?

Cecilia: Por exemplo, eu inicialmente, quando eu ouvia falar da questão do feminismo, eu via, eu sentia que era, que eram movimentos a favor da mulher. Mas hoje em dia eu me sinto feminista sem estar inserida em nenhum grupo. Mas também aquilo o quanto que eu me sinto como mulher. Não é? Meu papel como mulher na sociedade, não é? Então eu me sinto mãe, eu tenho esse papel que eu desempenho, sou profissional eu me sinto bem como profissional. Eu não tenho nenhum problema no meu mundo de trabalho como mulher. Eu já desempenhei cá, estou a desempenhar, tranquilamente. E em reuniões, em atividades não me senti inferior aos homens. Me sinto sim, como a mesma capacidade, igual, da mesma forma. Mesmo eu sinto que nós, as mulheres, não posso colocar essa palavra feminismo porque eu acho muito forte, né? Quando fala-se feminismo eu sinto assim como se fosse um extremo, não. Eu me sinto mulher, na minha totalidade, não é? Na totalidade- então como mãe, mesmo sendo profissional eu consigo conciliar o facto de ser mãe solteira

e ser profissional tranquilamente, não tenho problema nenhum. Eu consigo educar o meu filho, muito bem, ele está a ter bons resultados na escola, sempre foi pro quadro de honra. Eu consigo ser profissional tranquilamente, e neste momento também estou a lecionar na universidade, sou professora. E dou aulas de Ciências de, da Relações Públicas. Estou a lecionar no laboratório de Comunicação Estratégica, eu consigo conciliar isso muito bem. Consigo cuidar bem do meu filho, ter uma presença muito forte em casa mas também no mundo de trabalho, não me sinto diferente de um homem, sinto que estamos no mesmo patamar. Igual.

Interviewer: Sim, sim, certo.

Cecilia: O fato de eu ser mulher não influencia no meu dia a dia de trabalho. Eu não sinto isso.

Interviewer: Ok, ok. Então ok, muito obrigada. Então acho que é isso, né? Muito obrigada mesmo. Agora vamos pra finalizar aqui.

#### Celia's Audiotranscription

Interviewer: Então, como eu falei né, anteriormente, então eu vou fazer algumas perguntas pra te conhecer um pouco melhor, né, como pesquisadora, como mulher caboverdeana. Então eu gostaria que você iniciasse a conversa falando um pouco da tua origem, de onde que você é, do, né aqui de Santiago, daonde você é.

Celia: Nasci aqui no nordeste da ilha, nós chamamos aqui de interior, é numa, agora cidade, antes não era cidade, chamado de Calheta, no município de São Miguel. É o mesmo município de origem da Clementina, certamente você vai entrevistar mas também da Carmelita, que também pesquisa nessa área, da Eurides, não sei se vai entrevistá-la também, pesquisa nessa área também... Eu passei entre a casa dos meus pais e a minha avó, fui criada entre os dois. Com a minha vó e com meus pais, na



verdade só depois da adolescência que eu fui morar efetivamente com os meus pais mas pouco tempo depois eu casei então-

Interviewer: Então você passou a morar com

Celia: Sim, com o marido

Interviewer: Ok, e a sua família assim, o contexto familiar, como que era assim, o contexto familiar, quantos irmãos, enfim.

Celia: Ah, ok. Bom, a minha mãe tem sete, comigo sete. O meu pai tem mais sete ou oito. Somos, do meu pai somos quinze. Mas nós crescemos, os filhos da minha mãe na casa, o meu pai vivia com a minha mãe, e mais um irmão que a minha mãe criou, não é. Ok.

Interviewer: Ok. E esse bairro que você comentou aqui no norte né, ele é considerado interior, como que é?

Celia: É interior, é pobre.

Interviewer: É pobre

Celia: Sim

Interviewer: Interior. Vocês passaram alguma dificuldade?

Celia: Muitas. [risos] muitas

Interviewer: Poderia falar um pouco sobre

Celia: Olha. Sei lá. No contexto geral, o meu pai professor, não é, do ensino primário, assim, olhando com os olhos das pessoas de lá, vivíamos bem. Mas só que olhando com os meus olhos hoje, considero que passamos sim por privações, por necessidades. O meu pai além de muitos filhos, a minha mãe trabalhava em casa e também na horta. Eu lembro de manhãzinha eles iam pra horta, minha mãe e meu pai, voltavam, o meu pai ia trabalhar, não é, dar aulas, depois à tarde ia pescar, não é. Então na verdade eu lembro que a (cachupa) já experimentou era o prato de todos os dias, [risos] no jantar a (cachupa) no almoço eu lembro que era peixe, o meu pai pescava peixe, e os produtos da horta.

Interviewer: E essa horta tua mãe vendia pra fora, como

Celia: Sim, sim. Trazia pra casa principalmente banana e vendia. Nós também, nós os filhos mais velhos de manhãzinha íamos vender banana madura, pra vizinhança. Certo, sim. Então, é isso.

Interviewer: E como que foi a questão da educação, como que você-, como que foi o processo pra chegar até a universidade?

Celia: Ah ok, ok. Eu-, quando eu entrei pela primeira vez na escola, na primeira classe, eu estava com a minha avó. Então eu estudei aqui na Praia, porque a minha avó também morava no interior, num outro município, que se chama de Santa Cruz, mas as filhas mais novas dela estavam a estudar aqui na Praia, então ela vinha durante o período escolar ficar com elas, depois nas férias ela voltava pra lá. Então me lembro – acho que – talvez era o último ano das filhas das minhas tias que estavam aqui na Praia, como estava com elas, estudei aqui, depois da segunda classe eu fui estudar nesse município com ela, e depois eu fui estudar no município dos meus pais. Inclusive, meu pai foi meu professor [risos], me batia muito. Depois – não tinha muitos liceus como agora há, então aqui nós teríamos da primária – tínhamos o que chamávamos de ciclo preparatório. No ano em que – em princípio, eu viria pra casa da minha avó pra estudar pro ciclo preparatório, abriu lá em São Miguel, então fiquei a estudar lá. Depois no liceu – dois anos de ciclo preparatório, depois o liceu, eu vim aqui pra Praia. Por que havia liceu em Santa Catarina, e aqui na Praia; como havia as irmãs do meu pai – estavam aqui na Praia, uma delas tinha casado. Entretanto, eu vim pra cá, fiquei com ela dois anos. Estudei dois anos de liceu, depois no terceiro ano, fui pra Santa Catarina, que é um outro município. Estava lá uma outra tia, irmã do meu pai. Fui lá estudar, fiquei na casa dela. Depois, no último ano, fomos morar – os irmãos aumentaram na escola, não é – e eu tinha... Porque assim, nós somos sete, da minha mãe. Nos primeiros anos eram três filhas com um ano de diferença. Depois é que vieram,

assim, a espaçar mais a idade. Depois eu estudei em Santa Catarina mais dois anos, depois terminei o liceu entre aspas, porque fazíamos o último ano, que é chamado de ano zero aqui na Praia. Eu voltei pra Praia e fiquei na casa de uma tia da minha mãe pra terminar o ano zero. Quando eu finalizei, candidatei ao processo de bolsa, mas entretanto, como a minha média era de catorze, não é – foi priorizado os alunos com a média mais alta, e eu fiquei por aqui. Comecei a trabalhar, entretanto, com meu pai, porque meu pai era – naquele ano, acho que uns dois anos antes, ficou a representar a Comissão de Recenseamento Eleitoral lá em São Miguel. Então, né, como eram férias, eu fiquei lá a introduzir os dados no computador.

Interviewer: Você trabalhava

Celia: Exato. Então, recebi – foi dois ou três meses. Aí, nesse processo, eu pedi – fiz um pedido pra Câmara local, me colocaram pra trabalhar de estagiária. Fiquei lá, foi aí que eu comecei a namorar com o meu atual marido, não é... Eu o conheci aqui na Praia, porque ele trabalhava também no processo eleitoral, então eu trazia a documentação, e lá que eu o conheci. Então, ele foi pra lá, entretanto, trabalhar na Câmara Municipal, a gente se conheceu, e depois eu vim viver com ele, eu deixei de trabalhar lá. Ok, depois, passado aquele período, eu vim – entretanto, me chamaram da direção de bolsas, não é, que havia uma vaga de bolsa pra China. Ok, eu disse – já estava com o meu marido – eu disse, sim, eu vou. Eu fui lá, mas fiquei um mês e voltei pra cá.

Interviewer: E você chegou a ir pra

Celia: Sim.

Interviewer: Esse processo de bolsas é oferecido por quem?

Celia: É pela China. Na altura, foi pela China. Fomos nós... havia muita pouca gente ia pra China na altura, hoje há muita procura.

Interviewer: Interessante.

Celia: Eu voltei, entretanto. Casamos depois que eu voltei, já estávamos a viver juntos, mas depois casamos. Depois eu fiquei em casa, a minha filha, primeira filha, nasceu. Quando ela tinha seis meses, abriu a primeira universidade aqui, a Piaget. A primeira universidade privada. Então, me chamaram novamente, não é, pra ir – a direção geral de bolsas – pra ir, que eles iam nos dar uma bolsa que ia ajudar a propina. Eu fui

Interviewer: Pra onde?

Celia: Na Universidade Piaget.

Interviewer: Piaget. Ah, aqui.

Celia: Sim, sim, sim. Assim, fiquei lá cinco anos

Interviewer: E essa – aí você fez que curso na

Celia: Sociologia. Sim. O que mais? Já no quarto ano, comecei a trabalhar lá.

Interviewer: Na Piaget?

Celia: Sim, sim, sim. Porque eles escolhiam os melhores alunos para serem monitores, digamos assim. É tipo um – não é um assistente, mas estava lá preparado, digamos assim, alguns alunos pra depois, estudando, assumir digamos assim as disciplinas na universidade. Depois que eu terminei a licenciatura – ah, nesse tempo, porque a bolsa que me deram não chegava nem pra pagar a propina, eu fui ao banco. O meu pai e um outro vizinho meu assinou de fiador, tomei um dinheiro pra pagar a propina. Quando eu comecei a trabalhar na Piaget, eu desisti, comecei a liquidar esse montante.

Interviewer: Você desistiu de...

Celia: Do financiamento bancário. Como comecei a trabalhar, eu disse: 'Não, agora já não preciso.' Porque se não eu ia pagar muito mais quando... é, o juros é uma loucura. Então, quando eu terminei também a licenciatura, o meu segundo filho nasceu, não é. Fiquei a trabalhar na Piaget até 2009. Depois... entretanto, também em 2007, entrei num mestrado na UNI-CV em Ciências Sociais. Em 2009, terminei. Me convidaram pra UNI-CV, deixei a

Piaget e vim pra cá. E vim pra cá, estou na UNI-CV desde 2009. Em 2010, nasceu a minha filha mais nova.

Interviewer: E você dá aulas na UNI-CV?

Celia: Sim, sim, sim. Dou aulas na UNI-CV desde então. Em 2014, ganhei uma bolsa pra ir fazer doutoramento em Portugal, então estou neste processo.

Interviewer: Está no processo de... mas você já iniciou o doutoramento?

Celia: Sim, sim, sim. Já estou neste momento num processo de recolha de dados [risos] Por acaso, por acaso cheguei há pouco fui fazer uma entrevista a um senhor, então só saí de lá uma e tal. Estou nesse processo, pra depois começar a organizar os dados e a escrever. Mais ou menos essa é a minha história.

Interviewer: Ok. E só voltando ali na Piaget, você teve experiência em dar aula?

Celia: Sim, sim, sim. Quando- era pra dar aulas.

Interviewer: Você começou a dar aula lá na Piaget?

Celia: Sim, sim. Primeiramente, junto com vários professores. Nós íamos pra... assistíamos às aulas teóricas, e depois nas aulas práticas, que eram discussões de textos, visitas de estudos, nós organizávamos e acompanhávamos os professores responsáveis. Então, quando eu terminei a licenciatura, aí eu comecei a dar aulas, digamos assim, um pouco mais autônoma-mente.

Interviewer: Sim, ok. Então, aí o mestrado. Você poderia falar um pouquinho do seu mestrado?

Celia: Sim. Foi um mestrado em Ciências Sociais. Foi em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi ali que eu comecei também a me interessar pelas questões de gênero. Na nossa sala, estava uma colega, ela era presidente do Instituto Cabo-Verdiano de Igualdade de Gênero. Então ela começou a dizer que seria bom, não sei o quê- começamos a discutir. Claro, ressurgir, digamos assim, ou acordou aquela veia mais rebelde, digamos assim. De não aceitar determinadas coisas. Então, aí eu comecei a ler mais, então eu disse:

‘bom, eu vou fazer qualquer coisa ligado a essa questão, agora o quê?’ Depois eu disse: ‘Bom, também eu quero fazer alguma coisa ligado ao meu conselho de origem, que é São Miguel, que é agrícola. Então eu fui pesquisando, fui questionando, falando com – um dia eu falando com a minha irmã, ela me disse: ‘Olha, por que que você não estuda as mulheres onde elas trabalhavam, à ribeira. As mulheres de lá todas fazem grogue. Por que você não vai saber por que que elas fazem grogue e as outras não?’ Aí foi aí que eu comecei a me interessar, eu fui lá, esse processo todo. Então, a minha dissertação de mestrado é sobre a autonomia que as mulheres adquirem nas zonas rurais a partir da ocupação de espaços masculinos, não é. Porque a fornadja - espaços onde se produz grogue, vocês dizem cachaça, né?’

Interviewer: Cachaça, isso. Sim, sim.

Celia: Isso, é. Aguardente. Então, era um espaço masculino. Masculino, utilizavam-se- eram os bois etc. Mas com a imigração dos homens e não sei o quê, as mulheres começaram a ocupar esse espaço, ganhando uma grande relevância e, inclusive, decidindo a forma de trabalho, como disse, a renda etc etc. Então, foi aí que surgiu, digamos assim

Interviewer: A tua pesquisa, né?

Celia: Sim.

Interviewer: E como que você buscou, de que forma você buscou amparo teórico, né, questões de gênero? Você teve nas disciplinas, no mestrado, como que foi? Como foi teu contato com as teorias feministas ou de gênero?

Celia: Foi – antes eu tinha um professor. Era um homem maduro, quase a formar. Começou por ser o meu orientador, eu lembro que essa moça que eu lhe falei implicava sempre com ele. Quando ele dizia: ‘Meus senhores,’ por exemplo, ‘não, minhas senhoras também, que eu não sou senhor.’ Então, mas pronto. Depois eu mudei pra – ele não pôde continuar – mudei pra uma outra pessoa, mas foi uma professora que veio nos dar uma –

brasileira também – que veio nos dar um seminário; falando com ela, não sei o quê, (constava) muitas dificuldades... Como é que enquadrava as coisas... Porque uma coisa é você recolher dados, desagregar por sexo, outra coisa é você compreender e interpretar esses dados. Então, ela passou um conjunto de informações, de teorias, de discussões, mas na questão das mulheres, na agricultura; eu lembro que, também, na maioria brasileiras, não é – então, pode-se ver que o meu amparo teórico, digamos assim, na minha tese de mestrado, são brasileiras e brasileiros do sul. Lembro da – como é que é o nome da senhora? Anita Brumer, Brumer? Acho que sim. Uma outra – teve um outro casal, Fortmann. Então, foi aí que começou, né, foi aí que começou. Claro que depois eu fui procurando, fui procurando, fui me interessando pelas questões, não é, lendo outras coisas. Também foi muito importante um curso que eu fiz na Bahia, no Brasil.

Interviewer: Na Bahia?

Celia: Sim, sim, sim. Estive lá na Pós Afro, então numa fábrica de ideias em 2009. Já estava praticamente... já tinha terminado o mestrado. Foi aí que eu tive de facto contato com outras teóricas, que eu tive, digamos assim, um maior conhecimento dos próprios movimentos feministas. Uma das feministas negras, por exemplo. Nós tivemos não só brasileiras, mas negras. Uma das professoras, por exemplo. Além da Ângela Figueiredo, teve a americana Angela Davis, então ela foi uma das professoras do curso. Então aí ela nos passou todo um leque não só de movimentos, mas como é que, a partir desses movimentos, vão produzindo teorias. Então, hoje há uma discussão que aí, eu digamos que...aí que eu me batizei nessa discussão. Em relação à discussão com as feministas africanas... Eu diria que foi no ano passado, através de um curso que eu fui fazer em Zimbábue. Então, eu comecei a ter contacto. Estive lá uma senhora de Uganda que falou muito sobre isso. Sobre essas questões, apresentando autoras. Uma vez, também, estive em

Uganda, num curso sobre educação e gênero, então tive também essa preocupação de mostrar às africanas que trabalham com essas questões. Então, nesse momento, inclusive, eu lembro quando fui apresentar o meu projeto de doutoramento – no final das aulas, você tem que apresentar o projeto de pesquisa – eu acho que no Brasil se chama de

Interviewer: Defesa do projeto?

Celia: Quando no meio, você vai

Interviewer: Qualificação.

Celia: Sim. É. Então, eu lembro, depois, me chamaram atenção. ‘Ah, nós não temos nada contra teorias feministas no sul, nem da África, nem do Brasil. Mas também seria bom citar algumas europeias, não é?’ Porque houve também, eu sinto que houve esse corte. É que nós estamos aqui, cá entre nós, os portugueses são muito paternalistas. Eles acham – ou nós achamos e eles acabam por acreditando nisso – que nós não somos iguais às pessoas do continente. Quando eu falo iguais, no sentido de comportamentos, cultura, etc etc. Mas nós somos mais próximos que aquilo que nós imaginamos. Então, às vezes parece que Cabo Verde é um mundo à parte. É África porque está próximo do continente. Mas eu quis mostrar que é muito mais do que isso. Que aquilo que nos aproxima, não é, é muito mais do que aquilo que nos separa. Então, nesse processo dessa discussão, de algo sul-sul, e por aí.

Interviewer: Como essa qualificação, essa chamada de atenção, quando eles pediram pra colocar feminismo – falar mais sobre as europeias – como que você se sentiu? Como que foi esse feedback?

Celia: Ah, eu disse: ‘Sim, que eu vou colocar, né? Bom, eu vou colocar.’

Interviewer: Mas você não vai colocar?

Celia: Eu vou. O que que eu vou fazer? Vou colocar uma parte que é sobre revisão de literatura. Então vou dar uma pincelada, tipo assim, que não sei o quê, que blá, blá,



blá; porque...Quando eu leio a trajetória do movimento feminista em Portugal – a professora me aconselhou um livro assim sobre a história do feminismo – não tem nada a ver eu não diria, mas não tem muita coisa a ver com a nossa realidade, sabe? São objetivos diferentes, são histórias diferentes, são lutas diferentes. É claro que, tudo bem, a luta acaba sendo por ser a base... mais igualdade, mais equidade, mais justiça e emancipação pras mulheres... Mas os caminhos pra (elas chegarem) é diferente, porque o nosso contexto é diferente, sabe? Então, a mesma coisa eu vejo muitas vezes como é que se- embora ainda não ficou bem claro como é que a discussão de algum movimento feminista em África traz muito a questão da saúde e do HIV-SIDA. Que não é uma coisa que tem muito a ver conosco. É claro que tem, tem, tem sim; mas não é naquela dimensão, sabe? Porque, por exemplo, outras coisas acabam que por ser mais relevantes, como a violência, sabe, a violência. Então, é por aí, ok? Então, eu vou encontrar – eu tenho que fazer isso, porque se não eu vou ficar prejudicada na nota, não é... Então, você não tem uma autonomia para fazer aquilo que você quer... então eu vou colocar assim... inclusive – mas também são questões de egos também. Você tem que – já sabe, também, a academia como é que é. A senhora que deveria ficar, a minha co-orientadora, desistiu, e não sei o quê, e não sei o quê, e disse lá na defesa do projeto, que não pode aceitar e que não sei o quê, mas eu vi que são perspectivas diferentes, que se vê as coisas de forma diferente. Enquanto que trabalham, por exemplo, na universidade as pessoas trabalham muito com a questão do mundo laboral, não é?... Mas o mundo laboral europeu formal, com leis e não sei o quê, não é a mesma coisa com o nosso mundo laboral aqui. Principalmente quando se falamos de mulheres. Que elas estão num campo estritamente informal. Você vai no mercado, você vai no Sucupira e você vê. Sabe, então

Interviewer: Interessante, interessantíssimo. Voltando à questão da qualificação, que eu fiquei bem interessada: os professores que estavam nessa banca, não sei – que lá no Brasil a gente chama banca – os professores que estavam na banca, eles eram todos portugueses, é isso?

Celia: Sim. Todos portugueses, dois homens, duas mulheres. Dos quatro, apenas uma – que é a minha orientadora atual – tem uma experiência africana. Ela já tem um trabalho aqui em Cabo Verde, mas também trabalha muito em Angola e em Guiné-Bissau. Então, já tem uma experiência africana, ela é antropóloga. O problema é que tem uma experiência africana, mas ela não tem uma experiência, uma perspectiva de gênero, sabe? Então, aí é uma outra questão que se coloca, não é? Então, não tem essa sensibilidade; então, no fundo ela me disse que está a descobrir isso junto comigo, sabe? Então, estamos nesse processo.

Interviewer: No processo, né? Você poderia falar um pouco do projeto?

Celia: Sim, sim. É basicamente, analisar, eu quero analisar as desigualdades de gênero no que toca aos direitos de propriedade, não é? Principalmente na questão do acesso e do controle das terras agrícolas. Aqui em Cabo Verde, no que toca às terras, há uma confusão enorme, não é? Há muita dificuldade na identificação dos proprietários. Também, a própria história da colonização do país levou a esse resultado, não é? Então, você tinha, você ainda- já não existe, mas as pessoas reconhecem os grandes proprietários que eram chamados de morgados. Então, como é que é esse processo? Você está numa – uma outra dificuldade que nós temos é a questão da memória institucional, e da memória coletiva. Às vezes eu fico a imaginar como é que num país a escravatura foi abolida em mil oitocentos e – você não tem nenhuma referência. Nada escrito.

Interviewer: Nada.

Celia: Nada. Eu nunca vi. Você ouve relatos da história, é ficção. Claro, com base em alguma história contada, mas não existe nada escrito. Você vai no arquivo, não tem nada. ‘Que fulano era escravo, que o beltrano era, e não sei o quê. Então, assim, pra você conhecer histórias, a única coisa que você sabe que estão nos livros de história é que Cabo Verde foi povoado pelos brancos europeus e pelos escravos africanos. Ponto.

Interviewer: Ponto.

Celia: É.

Interviewer: [risos] Mas aqui estão vocês pra fazer essa diferença.

Celia: É. Há um grande debate em volta disso, aqui na ilha de Santiago. As outras ilhas dizem que nós somos – que a África somos nós, não é? É a ilha mais africana de Cabo Verde. Já ouviu falar?

Interviewer: Não ouvi falar. Por quê?

Celia: É, porque aqui nós somos mais pretos. Porque aqui nós nos comportamos como os africanos, porque aqui nós não somos higiênicos, porque aqui há muito barulho, porque aqui há muito lixo, porque aqui não sei o quê, porque aqui não sei o que mais... então, entre o preconceito e a verdade, se mistura, então há desde inquietos, estúpidos, não é – você se sente africano, você se sente europeu. A elite, a elite cabo-verdiana, principalmente a elite de São Vicente, né – que tem essa questão, não é? Nós não somos nem africanos, nem europeus. Nós somos atlânticos. Mas atlânticos significam o quê? É um novo continente que foi criado? Então...

Interviewer: Isso é uma discussão presente até hoje?

Celia: É. Então, por exemplo, pessoas que estão a estudar identidade podem falar ainda com mais propriedade sobre esse assunto.

Interviewer: Sim, sim.

Celia: Sobre identidade e política.

Interviewer: Depois se você puder me indicar

Celia: Sim, sim. A Eufêmia, não sei se você já conheceu, ela também faz parte do CIGEF

Interviewer: Ah, ela faz parte do CIGEF?

Celia: Sim, sim. Embora ela participa pouco, mas ela faz parte.

Interviewer: Interessante. Porque eu peguei a dissertação dela pra ler, e tem esse aspecto também. E nesse aspecto, assim, nessa questão de identidade: tem alguma transversal com relação a gênero? Você acha que tem alguma coisa que relaciona a gênero nessa questão?

Celia: Tem, tem, tem.

Interviewer: Se você for pensar, por exemplo, no aspecto de preconceito e discriminação, né; será que as mulheres – enfim, é uma pergunta, né – as mulheres de peles mais escuras, né, ou provindas de determinados lugares têm menos privilégios do que outras?

Celia: Eu diria que antigamente sim. Por exemplo, tem uma frase que diz assim – as pessoas dizem sem pensar, mas por trás do discurso, diz muita coisa – ‘ela é preta, mas ela é bonita.’ Às vezes as pessoas olham pra uma pessoa com a pele bem escura e dizem: ‘Hm, preta, mas bonita.’ Quer dizer, tipo que, preto não é bonito. O que mais? Também as próprias feições. Quando vocês diz que as mulheres de Santiago são mais africanas, nesse sentido

Interviewer: É.

Celia: Por causa das feições. Os lábios são mais grossos, a pele é mais escura, o nariz é mais largo. Então as pessoas, quando vêem uma, às vezes se confundem. Uma vez eu vi – estava eu e o meu marido – entramos num café, a menina que estava a trabalhar lá foi nos atender, então o meu marido disse, tratou com ela como se ela fosse daqui [de Santiago]. Ela disse: ‘Não.’ Quando ela falou, estranhou e disse: ‘Ué, mas por que que você está a falar sobre isso?’ Ela disse: ‘Não, eu sou de São Vicente.’ ‘Ah, é? Estava a pensar que...’ – então, nesse sentido, a essa questão, principalmente quando você for mais para o

interior, não é. Então, eu acredito até que – não sei até que ponto está escrito ou está estudado ou analisado, por exemplo, todo o investimento ou o não-investimento que se fez, o não-investimento ou o investimento que se fez por exemplo na educação nas outras ilhas e não se fez em Santiago foi por causa disso, não é? É que tem um famoso dizer que tem uma – uma frase de um famoso escritor aqui que diz que ‘em Santiago, não é preciso escolas, porque aqui os homens se preocupam com a enxada,’ são agricultores, não é... Mas pronto, eu penso que essa questão acaba por se diluir, porque nós não falamos das coisas. As pessoas sabem, mas nós não falamos. É a mesma coisa quando eu falo, por exemplo, a questão da escravatura. Não se falou, não se falou, foi se escondendo, e tipo, aqui não houve escravatura; é tipo, aqui a coisa foi mais-

Interviewer: Vamos dizer, livres, né?

Celia: É, as coisas foram mais suaves, e não sei o quê, houve algumas vezes um certo exagero dos portugueses, mas foi tudo mais tranquilo, e não sei o quê. Então...

Interviewer: Sim. E agora eu fiquei pensando de você estar falando a respeito. Nas suas aulas, você aborda alguma coisa com relação a gênero? Você ensina?

Celia: Sim, sim.

Interviewer: E como que é essa – ah, fugiu a palavra – mas como é que os alunos recebem, né? Como que são as discussões?

Celia: A primeira coisa, quando você fala de gênero, a primeira coisa – principalmente dos rapazes

Interviewer: Ah.

Celia: ‘Já vem defender as mulheres.’ É a primeira coisa. ‘Já vem defender as mulheres; que as mulheres têm muitos direitos, que os homens já não têm direitos,’ que não sei o quê mais, que as mulheres têm mais privilégios, sabe? Esse discurso. Esse discurso que você ouve.

Interviewer: Que é o discurso comum, né?

Celia: É, não é? Então, que essa questão de feminismo é treta, e não sei o quê. Que as mulheres querem mandar nos homens, não é? Então, pra você explicar que gênero não é mulher, não é; que lutar pela igualdade não é lutar para que as mulheres, digamos assim, dominem os homens... Então há todo um... Embora, este modo não – nas disciplinas que eu, aquelas que eu leciono aqui na Achada de Santo Antônio, na [inaudible], não façam parte do currículo, mas eu introduzi. Introduzi o módulo sobre questões de gênero. Meu trabalho aqui é com metodologia, com introdução às ciências sociais, e com sociologia das organizações. Então eu introduzo um módulo que é sobre igualdade de gênero. Então procuro sempre – quando não é em forma de, por exemplo, de matéria: na sociologia das organizações, nós falamos desde – das questões laborais- quase todos os temas tratados eu procuro introduzir e mostrar como é que isso se diferencia... E nas outras disciplinas, eu coloco sempre um módulo que é “Temas Contemporâneos”; então eu introduzi, sabe? Então, como é, tipo, temas livres, aí eu coloco, passo textos. Então, eu creio que, de alguma forma, estamos a conseguir alguma coisa, alcançar alguma coisa na universidade. Mas ainda falta um longo caminho a ser percorrido. Certo? Então, até as pessoas entenderem, porque as pessoas – quando eu falo as pessoas entenderem, as pessoas já entenderam. O problema é que há um medo, digamos assim, não sei nem se medo, de perder determinados privilégio. Então, ‘eu prefiro não te ouvir, eu não quero falar, eu não quero discutir, eu não quero debater, porque se não os meus argumentos, como não são sólidos,’ não é, então... Isso foi a mesma coisa que aconteceu com a discussão da lei especial do VBG, não é? Que foi, que foi...

Interviewer: Ela foi implementada, não é?

Celia: Sim. Foi aprovada na Assembleia Nacional, então os deputados, todos eles, tipo foi uma imposição de fora pra dentro, não é? Fica mal na fotografia, hoje em dia,

dizer determinadas coisas, então votaram. Você aceita, mas... aqueles deputados – e aqui é uma terra muito pequena; você já sabe: fulano bate na mulher, cicrano bate na mulher, beltrano bate na mulher. E não é só do partido A, ou do partido B, são todos eles. Então, sabe? É tipo, aqui há um – bom, é geral, não é, que entre marido e mulher não se mete a colher [risos]. Então, quer dizer, tá tudo bem. É tipo, outras justificativas, ‘não, a mulher é que é agressora. E quando o homem bate, é porque ele também está a se defender,’ não é? Ou seja, ela agride verbalmente, não é, e o homem

Interviewer: Esse é o argumento?

Celia: É. Ela agride verbalmente, e o homem, como não fala, como não grita, então bate. Tipo, então é... existe – a lei foi, ainda, eu não considero que ela ainda tenha um sucesso grande

Interviewer: Por conta disso, né?

Celia: Os juízes, não é? Não aceitaram, depois houve uma – uma vez um vizinho estava a bater na companheira, eu chamei a polícia. Chamei a polícia, então uma mulher, uma agente, me respondeu. Estava a dizer pra ela, e ela pergunta: ‘Mas o que que eles estão a fazer? O que que eles estão...’ Eu disse: ‘Mas o homem está a bater na mulher, e você não está a ouvir daqui os gritos?’ Aí ela continuou com a mesma pergunta. Eu desliguei o telefone, sabe. Então... é uma sociedade muito difícil quando você tem – a mesma coisa se passa com a violência sexual contra crianças. Se você denunciar, você que fica o mal da fita. A família, todo mundo fica contra você. Todo mundo sabe que acontece alguma coisa ali, mas ninguém diz nada. Ninguém diz nada, quando você diz – crianças, a pessoa, ‘Ah;’ às vezes até a própria mulher. Então, precisamos ainda trabalhar. E às vezes eu fico...fico...

Interviewer: Desanimada?

Celia: É, desanimada quando eu vejo que, inclusive, entre uma certa elite, entre a classe média, entre mulheres escolarizadas – elas acham que isto aqui é frescura, não é?

‘Essa questão de gênero, de igualdade de gênero, é tudo frescura. Eu não precisei de nada disso pra chegar aqui.’ Então eu tenho que sentar pra conversar. Olha, se...

Interviewer: Até as alunas, né, agora são

Celia: Sim, é tipo um – isso aqui é... Se o homem bate na mulher, é porque se desentenderam. Não tem uma questão de gênero ali por detrás, sabe? Então você tem que explicar. Inclusive, o assédio, são questões que há muito que nós temos que debater. Debater, debater, debater. Mas também uma outra coisa que eu lhe digo: em fevereiro, não sei se vai estar aqui?

Interviewer: Vou estar em fevereiro, até dia 15.

Celia: Ah, ok. Então vai participar do simpósio do CIGEF.

Interviewer: Sim.

Celia: É. Eu vou apresentar um tema que é precisamente sobre isso, sabe? Um pouco do movimento feminista em Cabo Verde, e mostrar como é que a influência da discussão das temáticas de gênero é uma imposição dos organismos internacionais. Eu vou lhe dizer, ao ano mulheres, eu sei, financiam 90% as atividades, ou mais, do CIGEF. Mas eles dão dinheiro e eles dizem quais os temas a serem debatidos. É isso. É esse aqui, esse aqui, esse aqui e esse aqui, não é? Quem é que vem fazer as consultorias, é fulano, é beltrano, é cicrano. Claro que em segredo, sim; off-record, como se diz.

Interviewer: Ok.

Celia: Ok, então nós somos uma sociedade pequenina. Inclusive, às vezes é uma crítica que eu faço: o ICIEG – não sei se, qualquer coisa, pode tirar isso fora. Mas há um clube, há um clube que é dominado pelo ICIEG, pela ONU mulheres, só entra quem elas quiserem. Literalmente, é o que eu vejo. Posso estar errada. Mas os convites pra participar dos seminários, pra participar das atividades, pra participar das ações, têm destinatários identificados. ‘Se eu gosto de você, se nós somos amigas, eu te chamo.’ Ponto. As outras são invisibilizadas. OK.



Interviewer: Outras também que trabalham com essa mesma temática

Celia: Exato. E trabalham muito com as ONGs, porque. Porque as ONGs, as associações precisam de dinheiro. Então eu preciso de dinheiro pra fazer essas atividades. E se você me dá dinheiro, estamos quites. Eu faço o queR você quer, você me dá dinheiro, eu também trabalho, no final do ano eu apresento o meu relatório, você apresenta o seu e ponto. Mas às vezes é preciso colocar o dedo na ferida. Que não está a ser colocado. Eu, eu vou- só vou dar-te um exemplo O ICIEG, a ONU mulheres, não sei o que, fizeram campanha, fizeram campanha, fizeram campanha para participação das mulheres na política. Mulheres, ONGs, não sei o quê, quando tivemos uma mulher candidata a primeira ministra eu não ouvi ninguém, todas sumiram. Sumiram! Sem ser injusta com ninguém, até há dias uma pessoa amiga estava a me dizer isso, eu fui a única que escrevi no jornal. A defender essa questão.

Interviewer: Você

Celia: Sim. Não vi ninguém do CIGEF. Ninguém. Nós temos mais de dez colaboradoras. Nem pra dar um ‘gosto’. Quando eu publiquei o artigo não só no jornal, no jornal online, mas também no facebook. Nem um ‘gosto’. Certo. Não é? Ou seja, está aqui limpinho, não sei o que, tá tudo bonitinho mas tá muito lixo por debaixo do tapete que é preciso limpar. É preciso falar, é preciso discutir.

Interviewer: Essa questão que você falou por exemplo nas influências das instituições internacionais que vêm, financiam, ajudam. Quais outros temas que você acha com relação as questões de gênero que não são contempladas por essas ajudas, ou enfim, o que você acha que deveria dar mais atenção. Como observadora, como uma pesquisadora da sociedade, né. Em Cabo Verde.

Celia: A questão, a questão – eu trabalho muito com a questão das mulheres rurais, então tenho muita

sensibilidade por essa área. Mulheres por exemplo que estão na apanha da areia. Mulheres-

Interviewer: Que seria isso?

Celia: Mulheres que levantam às seis da manhã e vão pra praia, entram na água, saem até as duas. Você não tem mais de que quinze anos de vida útil de trabalho. Pois você não consegue fazer mais nada. Eu tenho uma colega que está a trabalhar essa questão, que é Lurdes. Ela também faz parte do CIGEF. Depois tu terá oportunidade de falar com ela. Mulheres que estão no campo. Não é? Inclusivamente sobre a questão da política eu acho que há uma, há um olhar muito superficial sobre não só política mas tomada de decisão. Há dias eu vi que o ICIEG juntamente com a ONU Mulheres fizeram um... ok, uma jornada de reflexão sobre essas questões e uma das decisões é que vão exigir ao poder político, aos decisores a paridade nas listas na política. Aquilo me deu graça... Quer dizer, há menos de seis meses, há menos de oito meses você teve a oportunidade de... você não fez. Você quer mostrar o quê, que você é independente? Independente do quê? Ou você é militante ou você não é. Ou você é ativista ou você não é. Não é? Tipo, quer dizer, eu não quero [inaudible] de tal partido, eu não quero ser marcado com esse partido, então deixo a campanha terminar depois eu venho com a bandeira outra vez. Que é que vai respeitar a sua luta? Mas pronto. Um outro debate que eu vejo que está a ser introduzido é a questão do movimento LGBT. As nações Unidas está a financiar fortemente esse movimento. Esse programa. Nada contra, ok. Nada contra. A questão é, tem duas questões aqui. Primeiro, todo mundo sabe que o fulano, inclusive na cidade da Praia algumas pessoas principalmente mulheres já estão a viver juntas. Não é? Todo mundo sabe, mas ninguém fala. Falamos no pé da orelha. Mas depois ninguém fala. Ok. Tem até a Claudia, que ela agora está na ONU Mulheres, ela tem trabalho e é ativista também dessa área, não é, ela fez o seu metrado sobre isso. Ela que era presidente do ICIEG. Então você vê

que há uma forçosa introdução dessa questão pra debate. Mas as pessoas não debatem... Vai ver nas redes sociais. Quando se fala alguma coisa sobre isso quantos ‘gostos’, quantos comentários. As pessoas ficam todas por detrás da cortina a ver. Não é?

Interviewer: Me parece assim, né. Você pode me dizer- me parece que há uma – as pessoas evitam conflito, né.

Celia: Depende. Evita conflitos mas sociedade mais conflituosa do que a nossa, tá difícil de encontrar, não é? As pessoas evitam conflito sim.

Interviewer: Evitam conflito ao discutir tal coisas, né

Celia: É. Pode ser. Pode ser

Interviewer: E você havia comentado antes que algumas coisas estão mudando, né. Algumas coisas dentro das discussões que vocês fazem seja na universidade, enfim. Pra onde tá caminhando essas questões de gênero? Com tudo que a gente tem conversado, com tudo que você expôs com essas ajudas, enfim, com as ONGs, tudo, como que- Como que tá indo, né, essas questões aqui em Cabo Verde?

Celia: Olha, eu falo sempre há uma mudança de paradigma. Antes se falava muito de questões de mulheres. Falava-se- defendia-se a emancipação de mulheres. Mas aos poucos introduz-se o conceito de gênero. Não é. Num primeiro momento muito confundindo gênero com as mulheres, até hoje, às vezes quando você fala com as pessoas, falam de gênero mas estão a confundir-se as questões sobre as mulheres... Mas há por exemplo, não só a lei. A lei da violência baseada no gênero, é uma das leis mais, digamos assim, avançadas, até pra nossa realidade, pro nosso contexto. Né? E mais, até diferente do Brasil, essa lei protege homens e mulheres, ok. Aquela lógica que nós falamos. A Maria só apanho porque ela violentou o José primeiro. Não é. Então tanto a Maria como o José estão-, podem ser sancionados com essa lei. Que é a lei

especial de VBG. Não é. Tem casos de mulheres que já foram condenadas. Já foram condenadas e normalmente as penas são mais duras. O homem normalmente é uma repreensão, depois é pena suspensa, pena suspensa, e só depois prisão. Mas nas mulheres a mão é dura.

Interviewer: E quais são os tipos de violências que são classificadas pra

Celia: Todas. todas

Interviewer: Física

Celia: Física, psicológica, monetária, sexual.

Interviewer: E pelo teu conhecimento, quais são os tipos de violências que as mulheres são julgadas?

Celia: Eu conheço um caso... não é física, mas é, é... não sei se enquadra no- É... enquadra um pouco no psicológico. No psicológico e no monetário. É uma senhora que colocava o marido pra dormir no terraço. Não é. Foi sentenciada com três anos... De prisão. E ela foi obrigada a sair de casa mas só que depois o marido resolver sair. Não é? Não sei onde é que ele encontrou solução. Já que ele passou tanto tempo dormindo no terraço [risos]. Pra os juízes disseram 'perai, você ficar com a casa?' Não, agora eu não quero'. Mas pronto, são coisas que às vezes ultrapassa o meu entendimento. Então, é mais nesse sentido.

Interviewer: E o que você acha sobre isso? Sobre essas condenações, qual é a tua opinião a respeito?

Celia: Eu acho que normalmente, não sei - há essa tendência para se ser mais dura com as mulheres. É tipo assim, 'ah, nós defendemos as mulheres, nós fazemos uma lei por causa das mulheres, e vocês são a primeira a violar essa lei'. Então, embora não se compara, não é, a proporção de mulheres agressoras com homens agressores. Embora também uma outra crítica que eu faço sempre é em relação aos dados. Você não tem dados pra compreender, pra explicar nada. Os últimos dados que você tem 2005. Mais de dez anos. Muita coisa mudou. Muita coisa mudou, agora você precisa conhecer a

realidade onde vive, se pronunciar. E depois, por uma questão cultural, o homem não... não faz denúncias. São as mulheres que fazem a denúncia, se você encontrar um, dois homens que fazem denúncia, é muito. Ok. Mas isto é, tem mais a ver com as questão da não assunção da responsabilidade materna, mais por essa questão... Mais por essa questão. Um ou outro – acho que há vários, vários casos que já foram à televisão de mulheres que são agredidas pelos companheiros, pelos maridos, pelos ex-companheiros. Homem, acho que um ou dois dentro de todos esses anos. A maioria vai porque a mulher abandonou os filhos, a mulher não está a cuidar bem dos filhos, sabe? Mais por essas questões. É. Normalmente, quando vão queixar, diria que é por causa das crianças. Eles querem a guarda das crianças, ok? Não porque eles se sentem agredidos, ok?

Interviewer: Sim. Então

Celia: As próprias instituições não estão preparadas para receber os homens. Temos que dizer isso. Não estão preparadas nem pra receber as mulheres, quanto mais os homens num contexto como o nosso, em que o homem é o forte, o homem é o provedor, o homem é que manda, sabe? Homem que é homem, mulher não bate. Se uma mulher bater é porque é frouxo.

Interviewer: Sim. Se você fosse então definir, né, falar sobre a sociedade cabo-verdiana, ela seria uma sociedade patriarcal, né? Ou não, o que que você acha?

Celia: Patriarcal no sentido de que o homem é o centro de referência, ok? Então às vezes você encontra mulheres que são autônomas economicamente, mas que dependem do marido, ok? Você acredita que um homem que ganha dez mil – o meu pai, vou te dar o exemplo do meu pai pra não ir longe. Você acha que o meu pai, recebendo um salário de professor – não é muita coisa, não dá pra muita coisa – consegue sustentar quatro mulheres? Ele dá uma coisinha de vez em quando, mas aquilo que ele vai lá buscar é muito mais, não é? Quando eu falei “o que

ele vai lá buscar,” não estou a pensar nem na intimidade, estou a pensar – às vezes quando ele vai lá, ele tem do bom e do melhor. Comida, cama pra deitar, etc. etc. Não é? Eu tenho uma amiga, ela disse que a mãe dela teve seis filhos com esse senhor, o senhor tinha outras famílias, outras mulheres. Ela disse que lembra todos os anos, pelo natal, o pai mandava uma galinha.

Interviewer: Uma galinha.

Celia: Uma galinha, uma vez por ano.

Interviewer: Nossa.

Celia: Mas ele ia lá, tipo de quinze em quinze dias, ou uma vez no final-de-semana. Comia, deitava, a mulher estava a colocar a comida na mesa. Estava a virar, só pra dizer que tem um homem, que nem é dela, né, mas essa – nesse sentido, sim, eu diria que é uma sociedade patriarcal... Porque, tipo, ter um homem é ter um status. É ter um status.

Interviewer: O que seria um homem que não é dela?

Celia: Bom, essa é uma palavra minha. Homem [risos]

Interviewer: O que que seria isso?

Celia: É. Pra mim, o homem que não é dela é um homem que tem lá a sua mulher, vive naquela casa, passa lá os dias. Passa na casa dela de vez em quando. Mas tudo bem, ela vê como o homem dela. Eu é que não vejo como o homem dela, não é?

Interviewer: Sim, sim, entendi.

Celia: É, eu

Interviewer: [risos] Eu só queria que você esclarecesse um pouco.

Celia: É, não é dela nesse sentido, não é? Acontece alguma coisa, ele morre, não é? É lá na casa dele com a mulher dele que é feito todo o aparato, não é? As outras nem vão, choram lá na casa delas e colocam o luto ou sei lá. É complicado.

Interviewer: É, complicado mesmo [risos]. [...] Vamos ver aqui mais uma questão, pra gente já finalizar,

né, já tomei muito o seu tempo. De que maneira o teu conhecimento teórico, né – de que maneira essas tuas leituras, elas afetam a tua vida pessoal?

Celia: Afetam muito, querida [risos]. Afetam muito.

Interviewer: Total, né?

Celia: É. Você tem que balançar muita coisa, ó. Casei com dezenove anos, depois fui pra universidade, trabalho desde os vinte e quatro, tenho três filhos. O marido é quinze anos mais velho, nem é da minha geração que você pode dizer que acaba por compreender melhor essas questões. Então nós temos, assim, conflitos sobre essa questão... Que ele não casou com nenhuma feminista, que ele não quer saber dessas questões de gênero. Às vezes você puxa, puxa, puxa a corda, mas pra não arrebentar, você acaba por- cedendo, já vou ensinando os filhos como é que é. No início, ele nem aceitava que o – eu tenho uma menina, um rapaz e uma menina – que o rapaz, por exemplo, fazia as coisas lá de casa. ‘Não, nós então colocamos empregada pro rapaz não fazer as coisas,’ ‘Não, tem que fazer.’ Ensino, até o... nesse momento está o filho mais velho dele – não é meu – lá em casa. Eu o coloco pra lavar loiça, pra limpar a casa, a minha filha – é claro que, a minha filha reclama. Que a maior parte das tarefas ela é que faz, não é? Então eu tenho que balançar, inclusive chegando a um acordo das coisas que nós fazemos, ok? Por exemplo, ele vai fazer as compras, ou ele leva as crianças pra escola, sabe? Então, nesse sentido, porque é... adaptar um pouco- Uma vez eu estava a falar com uma amiga minha. Eu disse: ‘O meu marido me disse por que que eu não sou uma mulher normal?’ [risos] Mas ela disse: ‘Ó, o meu me disse a mesma coisa.’ Ela estava num processo de separação, também está nessa área, trabalha com essas questões, ela disse: ‘Ele me disse a mesma coisa. Por que que eu não sou uma mulher normal?’ [risos] Não é? Aquela que – e depois olha uma coisa: eu estou metida na política, eu estou fazendo doutoramento, eu sou dona-de-casa, eu sou mãe, então você sente que as coisas

não são como você gostaria que fossem. A vida pessoal, é recente isso, às vezes eu tenho que conciliar, não vou a determinado lugar. Ao mesmo tempo, às vezes que ele apoia, mas depois – por exemplo, eu vou a reuniões de partido, tem cinquenta homens, você só encontra uma ou outra mulher.

Interviewer: Sim.

Celia: Então é, são – é difícil- é uma luta difícil. É uma luta difícil. Às vezes, é mais fácil você ficar em casa, não é, do que batalhar. É mais fácil, não é? Mas

Interviewer: E às vezes você fica em casa?

Celia: Não. Não. [risos]

Interviewer: Esse – você falou rebelde, né? O que que seria essa alma rebelde?

Celia: Eu acho que é por causa da minha avó, sabe?

Interviewer: Hm, me conta da sua avó.

Celia: A minha avó – eu tenho em mente de fazer um livro sobre a trajetória da minha avó.

Interviewer: Ótimo.

Celia: A minha avó casou cedo, era de uma família também abastada. Só que, você sabe, quando você é de uma família abastada, o que que os filhos fazem? Arrebatam o dinheiro dos pais. Ficaram sem nada, com umas terras, uma ou outras terras. Então, ela casou, por infelicidade, um ano depois o marido morreu. Ela ficou com a criança pequenininha nos braços. Não sei o que aconteceu, ela não ficou na casa dos pais do marido. Voltou pra casa dos pais. Às vezes eles escondem alguma coisa de você que você tem que cavar pra descobrir. Depois, só que o que que eu vejo nela? Eu vejo nela uma mulher batalhadora. Uma mulher batalhadora que não se importa com aquilo que os outros pensam dela, não é? Ela diz que nunca esperou por um homem pra comer, ou pra fazer seja o que for, não é? Então voltou, trabalhou a terra, era uma mulher das poucas – eu até uma vez eu disse – das poucas que com a idade dela, em 1940-50, andava de cavalo, sabe? Então, depois ela teve um relacionamento



em que nasceu o meu pai. Não ficou, o homem era casado, não ficou. Depois veio a ter um outro relacionamento, não é? Não casaram, viveram juntos, tiveram mais três filhos. Mas um dia ela me disse: ‘Olha, não ature homem mufino.’ Eu vou lhe explicar o que que é um homem mufino. [risos]

Interviewer: Tudo bem, sem problemas.

Celia: ‘Não ature homem mufino.’ Eu não fiquei com fulano porque ele é mufino, não é? Então depois ela casou com um americano. Mas assim, apesar de toda essa história, ela nunca baixou a cabeça. Normalmente, quando você casa, ou quando você tem um filho com homens diferentes, você é estigmatizada. Ela nunca permitiu isso. Nunca ninguém faltou respeito com ela nesse sentido, sabe? É uma mulher forte, batia também, então

Interviewer: Batia?

Celia: É, você não desrespeitava, não tem como. Então, eu acho que eu – eu tenho um pouco dela, se calhar, porque eu cresci com ela, sabe? Então, assim, uma mulher forte. Uma mulher forte. Sempre defendeu os seus direitos, os seus interesses, sabe? Então... porque no caso, o destino dela seria ficar, não é, esperando que o homem traga alguma coisa pra casa, mas ela tinha a sua horta, e ela tinha trabalhadores, não é? Então...

Interviewer: Ela era

Celia: Eu vejo isso. Homem mufino é

Interviewer: Tá, explica. Explica homem mufino.

Celia: É tipo um homem que não tem serventia, não é? Que não tem atitude, que não tem garra, que não tem – é, é mais ou menos isso. Então eu acho que, é.

Interviewer: Legal, interessante. Escreva o livro dela, por favor.

Celia: É, é, não, ela

Interviewer: Ela merece. [risos]

Celia: Eu vejo, então. Mas de uma forma ou de outra, eu vejo as mulheres cabo-verdianas assim. Como guerreiras batalhadoras, não é? Só que às vezes, o que que

acontece é que – às vezes pra você conseguir essa ‘garrafa’[ pegando a garrafa em cima da mesa] você tem que se submeter pra chegar lá. É uma estratégia também, não é? Mas, tipo, pra você ser respeitada socialmente, você tem que se submeter a um homem, mas é você que trabalha no campo, é você que – na verdade, traz também uma boa parte do rendimento familiar pra casa, não é? Ao mesmo tempo que ela é autônoma, não é autônoma, não é? Porque ela vai, ela ganha o seu próprio dinheiro, mas quando ela vem, é tipo – pra não haver brigas, pra não haver conflitos – ela diz: ‘Tudo bem, marido, e agora, como nós fazemos?’ É nesse sentido.

Interviewer: Nas tomadas das decisões, ela não tem tanta autonomia.

Celia: Exato, é partilhado e não sei o quê. Então, pra você poder ser uma mulher normal. [risos]

Interviewer: Uma mulher normal.

Celia: É.

Interviewer: Então não queremos ser uma mulher normal.

Celia: Então.

Interviewer: Então. Bom, acho que essa é minha última questão, tá? Algo mais assim a refletir, né? Como que a palavra – enfim, esse conceito – ‘feminista’ te contempla como mulher, como professora, como estudante, como alguém no mundo?

Celia: Eu, quando eu falo de feminismo, quando digo que eu defendo o feminismo, é precisamente – eu vejo é uma atitude, é uma estratégia, não é? Um caminho para mostrar às mulheres, não é, que elas devem ter, que elas podem ter as mesmas oportunidades que os homens. Que elas devem estar cientes dessa questão, não é? Agora, eu tenho as mesmas oportunidades, mas também ao mesmo tempo, você tem direito a escolhas. Mas o facto de eu escolher uma coisa não implica, não invalida que eu seja inferior ou que eu seja tratada de uma forma discriminatória, não é? Tudo bem, eu posso escolher ser

dona-de-casa, ficar em casa e cuidar dos filhos. Ótimo, é normal. Mas isso não significa, não é, que a própria sociedade, que o próprio marido, que a própria família veja em mim uma pessoa menor, ou uma pessoa que não contribui para o rendimento familiar.

Interviewer: Uma anormal. [risos]

Celia: Sabe? A minha luta é nesse sentido. Eu não quero ser mais que os homens, nem menos do que os homens, eu quero ser reconhecida pelas minhas escolhas, eu quero ter as mesmas oportunidades. Em querendo não casar, tudo bem. Em querendo casar, tudo bem. Em querendo ter filhos, não ter filhos, sabe? nesse sentido, ok? Não é – às vezes eu acho que as pessoas falam do feminismo, pensam em opressão, não é? Eu vejo como liberdade.

Interviewer: Liberdade.

Celia: É. Então...

Interviewer: Interessante, liberdade. Ser livre.

Celia: É, defender a...

Interviewer: E as mulheres cabo-verdianas são livres? O que você acha?

Celia: Ainda não. Em querendo, seriam, mas ainda não. Mas ainda não. Eu acho que as mulheres se auto-aprisionam num modelo social pra serem aceitas. Eu acho, não é? Então, eu tenho uma amiga... Às vezes- Mas é complicado até tomar um café. Eu tenho uma amiga, um dia eu disse pra ela: ‘Ah, eu vou tomar um café com um colega de trabalho, com um amigo meu.’ Ela ficou escandalizada. Pois ela me disse se o meu marido sabe. Eu disse: ‘Sim, ele sabe.’ ‘Ai, se o marido dela souber que ela vai tomar um café com uma pessoa, não é? E isso pra mim foi – e é – questão de muita briga, não é? Porque a pessoa vê a Celia tomando um café com uma pessoa do sexo masculino, e vão pensar e vão dizer que tem alguma coisa com essa pessoa, e que não sei o quê, e que não sei o que mais... E chega aos ouvidos do marido, e não sei o quê, sabe? Pra mim, isso é castrar a minha liberdade. Disse:

‘Você- não se importa com o que as pessoas pensam de você, mas eu me importo. Mas é que assim, vindo você falando com uma outra pessoa, eu não penso em outra coisa. É normal pra mim.’ Então é nesse sentido. Muitas vezes nós deixamos de fazer as coisas porque a sociedade— quando eu falo sociedade nós também pensamos que é errado, sabe? Então, também eu acredito que os homens também pensam que sim. Tirando um ou outro que genuinamente quer conversar, quer trocar ideias, se o colega me convidar pro café, que eu for, ele pode pensar que eu quero alguma coisa com ele, não é? Eu não quero nada contigo, se eu quero, eu digo, não é? Então, são questões que – por isso que eu falo de liberdade. Ao mesmo tempo que nossa terra é bonita, aqui você sente livre, mas você não sente livre. Você sente livre, não é, porque – quando eu falo que você vai na Europa, no Brasil eu não sei como é que é, estive lá pouco tempo. Não há nenhum contacto, as pessoas entram, estão no autocarro; chega o comboio, as pessoas entram, mas não encostam. Tipo, você passa, você – ao mesmo tempo é bom e não é bom. Você passa despercebido. A pessoa passa, tipo que, não vê. Não, não vê.

Interviewer: Sim, não te – não interage.

Celia: É. Ao mesmo tempo é bom, mas também não é bom. Porque são seres humanos, são pessoas que vivem de contactos. Então a mesma coisa que em Cabo Verde você sente, que você está num espaço onde você pode conversar, não sei o quê... Mas ao mesmo tempo, você sente que você não tem essa sua liberdade, não é? Certo? Tipo, às vezes quando eu falo em liberdade, as pessoas pensam: ‘Ah, liberdade pra fazer coisas erradas.’ Não, é liberdade pra eu ser eu. Pra eu levantar a hora que eu quiser, pra eu trabalhar, pra eu fazer isso, fazer isso...

Interviewer: Vestir o que quiser.

Celia: É. Então, mas é – temos um longo caminho a percorrer. Temos um longo caminho a percorrer. Já percorremos bastante, mas temos um longo caminho a

percorrer, ok. E às vezes eu fico assim, com receio, de nós nos desvirtuarmos do caminho daquilo que é liberdade, principalmente as associações que estão a buscar a igualdade, que estão a promover mais autonomia, e empoderamento pras mulheres, mas também pros homens, não é? Quando você, em vez de pensar na sua própria agenda, naquilo que de facto é importante, você aceita a agenda externa, não é, porque você precisa trabalhar, você precisa de rendimento, você precisa colocar a sua associação a trabalhar. Até as suas ideias em prática entre aspas, e você aceita, digamos assim, donativos. É tipo, não há almoços grátis, não é? Não há almoços grátis.

Interviewer: Sim, sim.

Celia: Então é isso. Que as nossas ONGs às vezes estão a trabalhar com agendas endógenas, exógenas. Endógenas é de dentro.

Interviewer: Sim.

Celia: É. Exógenas então. Eu vejo isso. Eu vejo isso. Agora o que está na moda, nos últimos dez anos, era o VBG. Agora é paridade. Mas eu só acho piada quando chega as eleições, você desaparece. Eu fui candidata a, nas últimas eleições autárquicas, a uma câmara municipal. Vocês falam município, ao município.

Interviewer: Sim.

Celia: E nunca, com toda a evolução, com todo o trabalho que foi feito nessas eleições de 2016, nunca houve tão pouca participação das mulheres. As mulheres se elegeram menos. No parlamento aumentou três por cento, dois por cento, de deputadas. Não é? Perdemos o comboio de fazer história. Eu não sei até quando, não é? Mas também, um pouco- às vezes eu critiquei na altura a candidata a primeira ministra por causa disso. Ela disse uma frase que eu fiquei chocada. Ela disse assim: ‘Eu não quero que vocês votem em mim porque eu sou mulher.’ Mas eu disse, num dos artigos que eu escrevi, eu disse: ‘Eu pediria voto precisamente porque eu sou mulher. Porque eu sou mulher, não significa apenas que eu tenho os órgãos

sexuais femininos. Significa toda uma história social, cultural, dum país sobre mim. E tudo aquilo que você fez e você faz, não é, para quebrar essas barreiras e chegar lá.’ Eu vejo assim, não é? Mas pronto, ela optou por essa estratégia porque o que vale é a competência, e não sei o quê. As pessoas dizem: ‘Ah, não quero saber se é homem ou se é mulher, desde que seja competente.’ Eu disse: ‘Pois interessante, é que normalmente a competência só é exigida para as mulheres. Pros homens, nem se pensa, é competência. Se está lá, é porque é competente.’ Mas a mulher, a primeira coisa que se pergunta: ‘É competente pra estar lá?’ Então, [...]

Interviewer: Como professora, né, quanto ao espaço que você trabalha. Como é que é – como se dá essas relações, né? Como que você observa?

Celia: Um espaço muito machista. Muito machista. Eu entro na sala, eles dizem: ‘Ah, já vem a defensora das mulheres.’ Mas o que que eu vejo é que, no meu contexto de trabalho, né, é que nós somos uma das unidades mais pequenas, não é? As mulheres- sinto que as mulheres têm que trabalhar mais, têm que realizar muito mais atividades para serem consideradas competentes, ou trabalhadeiras. A maioria das atividades organizadas fora, de extensão, principalmente, é organizada pelas professoras. Os homens não estão nem aí, entram na sala de aula, dão as suas aulas, e vão embora. Não é atendimento ao aluno, não é visitas, não é conferências, não é seminários, não é nada disso, sabe? Às vezes eu digo: ‘Tem bigode? Nessa escola aqui, as mulheres são mais competentes do que os homens.’

Interviewer: Tem que mostrar trabalho?

Celia: É, tem que mostrar, tem que mostrar pra você ser reconhecido. E na hora de, como é que se diz? De promover, os homens são primeiro.

Interviewer: Em questão de promoção, né?

Celia: É.

Interviewer: Os cargos administrativos, ou de responsabilidade.

Celia: sim. Ok. Há um ou outro caso de – mas eu acho, tem a ver com a pessoa, e com o meio de onde ela veio – eu diria que de assédio mesmo, não é? De violência, só porque é mulher. Tivemos um caso (acho que aqui) na reitora lá na escola, do professor; porque perdeu um argumento com uma outra professora, e ameaçou bater, sabe? Então, eu acho que são coisas, se eu estivesse lá, eu ia arranjar barulho, mas pronto, eu estou de licença [risos]. Ela me disse, eu disse: ‘Olha, não faz a queixa só aqui na reitora não. Vai na polícia, vai no tribunal e queixa. Ele fez isso só porque você é mulher. Se fosse homem, ele não faria isso.’ Não é, pensava duas vezes. Quer dizer, você é mulher, você é frágil, então uma das coisas que eu vejo é isso. Tem que trabalhar mais, busca organizar mais, busca fazer as coisas pra ser reconhecidas.

Interviewer: E números, como é que é?

Celia: Na universidade não há tanta diferença em número de professores e professoras. Tem um certo equilíbrio. Aliás, na área de educação, se você for analisar as estatísticas, você vai ver que já atingimos a paridade em termos de número de homens e mulheres a nível de ensino básico, a nível de ensino secundário neste momento nós temos mais meninas que rapazes, os liceus. Os rapazes abandonam mais, reprovam mais. Não é. Então, e essa tendência está a chegar na universidade. Se há uns tempos os homens eram muito mais agora a coisa está a virar, não é. Então até criei um projeto, mas acabei por não levar adiante por causa de falta de tempo, que é basicamente sobre isso, de... Também nos temos de fazer esse trabalho junto dos rapazes. Não é. Porque quando eu falo que eu tenho que educar os meus filhos é nesse sentido. Eu não posso educar a minha filha pra fazer assim assim assado, mas depois quando ela crescer, não é, ela vai encontrar um homem que é o contrário. Todo o trabalho que eu fiz fica sem valor. Se eu não ensinar os rapazes também como é que deve ser, não é?

Interviewer: É isso que você fala com relação a olhar nas questões de gênero, em olhar para os homens?

Celia: É, sabe? Você tem que mostrar aos homens que isso, desde cuidar os filhos é normal, Não é? É normal, não é uma coisa de mulher, isso não te fazer, não vai te transformar num gay, você vai continuar homem, não é. Sabe, mas tem que - imagina, eu falo pra minha filha: ‘você e o seu marido vão trabalhar, voltam pra casa, o marido senta em frente da televisão, eu vou pra cozinha.’ Isso acontece comigo, mas já não vai acontecer com a minha filha, não é? Vai haver conflitos. Vai haver situações de- que devem ser. Então nesse sentido os homens têm que saber. Que, ‘bom, ah, você ficou em casa’ ou, ‘é trabalho de mulher’, não é trabalho de mulher. É trabalho de todos. Então é esse trabalho que tem que ser feito, quando você ensina, educa o homem a pensar que ele é macho, que ele deve utilizar a violência... Só o prejudica. Só o prejudica, no seu futuro, só o prejudica. Enquanto que nesse momento as meninas aprendem a fazer muitas coisas ao mesmo tempo, porque nós ensinamos assim. Vai pra escola, quando vem cuida da casa, cuida dos irmãos mais novos, enquanto os rapazes estão na rua a brincar. Não é. Então ela consegue conciliar ao mesmo tempo várias tarefas, incluindo estudar. Ele não consegue, só faz uma coisa de cada vez, porque foi ensinado assim. Então... acho- E é isso, espero ter respondido. Alguma outra coisa?

Interviewer: É isso mesmo. Muito obrigada. Muito obrigada mesmo.

*Cristiane audiotranscription*

Interviewer: aqui... deixa eu ver se não está desligado. Ok, tudo certo. Bom, então só retomando um pouco da questão da minha pesquisa, o meu interesse é investigar as mulheres que estão fazendo pesquisa, como pesquisadoras, estão fazendo, estão produzindo



conhecimento com relação a gênero em Cabo Verde. Essa é a minha-, intuito, né. Então, também conhecê-las de uma forma mais íntima também, então eu vou começar com umas perguntas desde o seu contexto, daonde você vem e até chegar ao seu profissionalismo, né. Primeiramente então eu queria perguntar, você poderia me dizer um pouco daonde, o seu contexto daonde você vem, enfim, daonde você nasceu, um pouco da sua família?

Cristiane: Bom, é assim, eu nasci em Calheta, São Miguel, em outra cidade, outro concelho. Cresci num meio bem rural mesmo, não no centro da cidade mas no meio rural, numa família extensa, nuclear mas extensa. É assim, a minha vivência foi marcada inicialmente por-, desde o momento que nasci não tinha a presença do pai, não porque minha mãe e o meu pai eram separados, mas por causa da questão da emigração que é uma questão muito forte no contexto de Cabo Verde, sobretudo na altura na população no meio rural. Então, quando eu nasci eu sou a sétima filha, os meus irmãos, o primeiros já tinha imigrado na altura, inicialmente por estudarem mas acabaram por não dar continuidade, e o meu pai já era imigrante, mesmo antes deles e... E assim, a minha vivência foi marcada por essa relação com um pai presente em termos de colaboração financeira pra família, mas esse lado afetivo, eu considero que não foi assim muito forte, porque – também a tecnologia não na altura não ajudava muito. Não ajudava muito porque assim, era uma carta que chegava um mês, dois meses e tal. Então isso fazia com que eu não sentia uma relação tão próxima em relação ao meu pai o quanto sentia pela minha mãe. Então ao longo dessa relação, a mesma coisa posso dizer também com relação aos primeiros irmãos, por exemplo, que emigraram cedo e também não tive essa relação de proximidade com eles em razão dessa questão da emigração. Que duma certa forma afastou em termos de relação afetiva, mas por outro lado também apoiou até na decisão de eu e dos meus irmãos mais pequenos continuarem a estudar. Porque

assim, o meu pai, os meus irmãos mais velhos eles então sempre mandavam remessas pra Cabo Verde, e isso de certa forma fez com que a minha mãe também, com o esforço que fazia aqui, pudesse nos mandar pra Praia, que era cidade-, que é cidade capital a partir de onde nós poderíamos estudar porque no local onde eu nasci não havia o liceu. Então tive que vir pra Praia, e fiquei com a minha tia, e... Ia pra casa da minha mãe depois de um mês, às vezes de quinze em quinze dias, conforme, de acordo com a própria questão, situação também financeira. Acho que isso foi uma questão bem marcante na relação com os meus pais e também com os meus irmãos. Com as minha irmãs mais novas, que tivemos essa relação mais próxima porque no momento em que eu cresci, no momento de formação da personalidade tive essa oportunidade de conviver diretamente com elas fomos quase da mesma geração, e dos irmãos mais velhos havia uma distância assim, que de certa forma dificultava a relação entre, essa relação mais afetiva, mais proximidade, e tal. E depois, e depois eu vim pra Praia... Vim- fui acolhida por uma outra família, que é irmã da minha mãe, era uma outra socialização, uma outra aprendizagem, uma outra dinâmica mesmo, na relação familiar até porque a forma como eu era educada, muito fechada, no interior, isso foi bem uma coisa marcante já cidade que as pessoas tinham uma forma mais livre, entre aspas, de educarem, de se relacionarem, então isso também de certa forma ajudou a pensar nessa possibilidade de não continuar, por exemplo, de não seguir com a vivência que a minha mãe, as minhas irmãs mais velhas levaram, que era o de pensar 'ou eu vou trabalhar no campo ou eu vou emigrar', então eu comecei já a nesse momento de uma forma bem firme a dizer 'não, eu não quero emigrar, não quero trabalhar no campo, quero formar-me e, mesmo já na altura eu queria era mesmo ser professora, ser professora. Então a cada momento que passava eu via a possibilidade de não reproduzir aquilo que os meus pais, avós, reproduziram ao longo do tempo. Isso

foi, foi uma coisa assim bem marcante, foi ali que estudei, terminei, fiz a minha formação a nível superior também em Cabo Verde. Isso tem uma pequena história também, o porquê de fazer formação aqui em Cabo Verde, tinha a oportunidade de fazer formação em Portugal ou mesmo no Brasil, mas eu me considero uma pessoa muito apegada à família, e na altura eu não queria deixar a minha mãe, que já na altura deixou de viver também em Calheta de São Miguel e passou a viver na Praia. Então foi ali que eu decidi ‘bom, tenho a oportunidade de fazer formação’, foi na altura que abriu a primeira universidade que não era só a docência, pra área da docência mas pras outras áreas, eu inscrevi, consegui, fiz a minha formação inicial ali. A nível do mestrado, eu fiz Ciências Sociais, mas voltada mais concretamente para Sociologia. Também em Cabo Verde, já não em uma universidade privada, mas na universidade pública de Cabo Verde, e já trabalhava há algum tempo, porque como eu formei-me aqui em Cabo Verde comecei a trabalhar mesmo antes de terminar a formação. E essa questão também do trabalhar mesmo antes tem a ver com a própria situação financeira da família (deixa eu só desligar)

[...]

Cristiane: Estava a falar da questão [...] E nessa possibilidade de fazer a formação, trabalhando ao mesmo tempo era também uma forma de poder estar a formar e apoiar a minha mãe com os outros filhos mais pequenos que na altura já estavam a fazer ensino superior mas fora de Cabo Verde e sem bolsa. Então trabalhei e estudei ao mesmo tempo, terminei a licenciatura, depois fiz o mestrado também em Cabo Verde, Ao longo-, quando eu terminei o mestrado, estava a lecionar no ensino secundário, fiz o concurso pra trabalhar na Uni-CV, consegui. Consegui inicialmente em tempo parcial, depois vim com tempo integral, terminei a... E já nessa altura convidaram-me -, abriram o Centro de Investigação em Género e Família, convidaram-me para dirigir o centro, foi

ali que eu trabalhei e ao mesmo tempo não queria deixar a docência porque é a área que eu realmente gosto, sinto-me muito à vontade em sala, então eu disse que poderia trabalhar na coordenação do CIGEF, mas que queria continuar com pelo menos uma turma, até como forma de incentivar os alunos pra pesquisa, porque também é a área que eu gosto. Depois, assim, continuei durante três anos entre o CIGEF e o campus de Palmarejo, lecionando no curso de Ciências Sociais. Terminando essa parte, bom, e já ali eu decidi, ‘bom, eu quero fazer o doutoramento e não quero fazer em Cabo Verde porque eu queria ter uma dedicação exclusiva. Estando aqui eu teria que trabalhar, não teria licença. Saindo fora, eu teria a possibilidade de conseguir a licença da instituição onde eu trabalho, no Uni-CV, pra poder estudar. Solicitei a licença, concorri, consegui a vaga na UFSC, pedi a licença e iniciei o doutorado, quando eu iniciei o doutorado tive de deixar o centro de investigação e ficar vinculada apenas enquanto docente. Enquanto docente normalmente vou um semestre, e durante o semestre ficaria de licença, voltando teria que trabalhar, o que dificulta em certa forma o fazer doutorado trabalhando. Então acho que é mais ou menos isso [risos]

Interviewer: Sim, sim. Só gostaria de retomar umas coisas que você mencionou. Então, a sua mãe, ela também era provedora, ela também trabalhava

Cristiane: Sim, ao longo, sim. Toda nossa-, se hoje temos o grau acadêmico que temos, foi também em grande medida, não só pela ideia da minha mãe dizer ‘eu quero que os meus filhos cresçam e tenha uma vida diferente da que eu tenho’, ela sempre dizia isso, então fazia todo um esforço . Enquanto meu pai estava em Portugal trabalhando, mandando algumas remessas, ela estava em Cabo Verde, trabalhava na agricultura, [inaudible] , regadio, criava animais e nós também estávamos lá poiando todo esse processo pra que possamos ter, porque era difícil só pro meu pai sustentar a família, alimentação e custar as despesas da educação sobretudo, porque a minha,

até o EBI nós podíamos fazer lá no interior, mas depois teríamos que vir pra cidade e vindo pra cidade tinha um custo elevado que só o meu pai não conseguia. Bom

Interviewer: Esse EBI que você comentou

Cristiane: Ensino básico. Ensino básico, acho que no Brasil...

Interviewer: Seria ensino fundamental

Cristiane: Ensino fundamental, aham. Então foi ali que

Interviewer: Sim, sim

Cristiane: Então foi ali que eu acho que a contribuição dela foi fundamental, e sobretudo a decisão, determinação dela em dizer, ‘não, eu quero que estudem’, diante de um conjunto de limitações, por exemplo no meu caso, quando eu... é uma parte que eu acho que entra também a questão do gênero, é assim, quando eu terminei o básico, de acordo com os valores, as regras, os princípios da comunidade onde eu vivia, quem deveria prosseguir os estudos são os rapazes e não as meninas. As meninas deveriam ficar próximo da mãe. Deixar uma menina sair de São Miguel pra vir estudar na Praia na altura era... uma mãe que não tinha assim... Que não via o risco que corria deixando a filha vir estudar na Praia, porque é dar oportunidade pra que a filha saia e faça boa vida, entre aspas, de certa forma é apoiar a perdição da filha também entre aspas.

Interviewer: A sua mãe apoiou, na verdade, ela nunca foi contra

Cristiane: Mesmo contra a vontade dos vizinhos porque ali era assim, não eram apenas os pais que tomavam as decisões, as decisões eram tomadas pelos pais sim, mas os vizinhos também de certa forma estavam lá, tomavam decisões

[Interromperam a entrevista, a sala que estávamos seria ocupada]

Interviewer: E a nossa conversa, vamos ver... Estávamos falando da sua mãe, né, do papel dela, da

questão da educação também, aí me surgiu uma curiosidade, é só você a professora?

Cristiane: É sim. Somos nove, os quatro primeiros não estudaram. Aliás, estudaram, terminaram o básico, iniciaram o liceu, dois deles terminaram o liceu, foram para Portugal pra estudar, começaram em Portugal mas depois deixaram e foram trabalhar na construção civil. E cinco que vieram, os mais pequenos, estudaram, Tenho uma irmã que fez o mestrado em Gestão de Patrimônio, um irmão que fez, o mais pequeno a Contabilidade, fez a licenciatura. E um outro que fez o mestrado em Ciência Política. E eu que estou agora no doutorado.

Interviewer: Ok. E você mencionou alguma-, com relação que você depois veio pra Praia, e aí você vem pra uma outra família, tinha uma outra dinâmica, tu poderia falar um pouco mais dessa dinâmica que era diferente?

Cristiane: Sim, era assim, porque enquanto no interior, por exemplo, com os meus pais era assim, tu tinhas a hora para sair, hora pra entrar, e a hora que a menina tinha pra entrar era diferente, sair e entrar é diferente da hora- que o horário que o rapaz teria, se via um controle sobre o momento de saída e de entrada das meninas e não havia tanto para os rapazes. E uma outra questão também que notei tinha a ver com o ir à festa. Por exemplo, no interior quando eu ia à festa ou ao baile era sempre acompanhada de uma pessoa mais velha, se a minha mãe não pudesse ir conosco, teria uma pessoa que ela responsabilizava pra nos acompanhar. Enquanto que em casa da minha tia, nós íamos pra festas da escola ou mesmo de vizinhos sem ter uma pessoa que teria que nos acompanhar, caso essa pessoa não pudesse, não íamos, no caso da, no interior. Mas já com a minha tia era diferente, além de-, tipo, tínhamos a possibilidade de ter tempos livre pra ir à praia, coisa que a minha mãe não deixava no interior e que era assim, um controle sobre as meninas era exagerado, de certa forma quando comparado, e quando eu vim pra casa da minha tia, apesar de ela ser ainda

conservadora, porque ela também veio do interior, mas de uma certa forma ela era um pouco mais flexível, e em certo momento por exemplo podíamos pedir, ela fazia alguma resistência mas chegava num momento que ela acabava sempre liberando enquanto que a minha mãe tinha essa dificuldade. Essa dificuldade da minha mãe às vezes era o fato também de ter o marido emigrar, ter de prestar contas por exemplo ao marido sobre o que faz ou deixa de fazer a filha. Então muitas vezes ela poderia até ter a sensibilidade pra deixar e sabe que poderia confiar, mas não o fazia porque os vizinhos olhavam, diziam, e chegava sempre ao conhecimento do meu pai, e não era uma boa imagem deixar as meninas por aí, saindo pra festas e tal. Então eu percebi essa mudança muito forte.

Interviewer: E como tu sentia, assim. Com essa mudança, como é que você se sentiu?

Cristiane: No início eu enca-, bom, tinha algumas dificuldades e até na forma como deixavam, eu nem pedia porque a partir da (se fosse) a minha mãe não deixava, não tinha essa vontade de pedir de sair, mas eu quando eu fui lá e tinha primas que estudávamos inclusive na mesma sala, somos da mesma geração, então acabei assim, ganhando esse hábito de querer sair e fazer outra coisa além de estar sempre a trabalhar e em casa ou estudar. Isso mudou de certa forma minha forma de encarar a forma como de certa forma prendiam as meninas em casa. Isso chocava um pouco quando eu ia ao interior nos finais de semana ou durante as férias grandes, a forma como eu vestia, era a forma como falava, era a forma como - de estar, que também mudou o fato de estar no grupo com os rapazes, conversando e tal, começaram de certa forma a me ver com outros olhos e isso, alguns valores começaram a chocar com os valores que ainda eram preservados no meio rural, na zona onde nasci e cresci, praticamente. Então houve um choque, e, termos de valores e da forma que éramos educadas e de alguns valores que eu de certa forma adquiri na cidade que eram incompatíveis com a

forma de pensar do campo. Então foi uma coisa assim bem marcante e de certa forma chocante, eu tinha que em alguns momentos fazer valer aquilo que eu achava que era o correto e que as pessoas consideravam que não era e que não era aceitável, e nesta sequência algumas das pessoas próximas da minha mãe davam o conselho, o conselho era ‘melhor tirares a tua filha da escola’. E a minha mãe sempre dizia: ‘não eu estou a fazer isso, e isso é pro bem dela, eu vou partir do princípio que ela está ali para estudar, para depois adquirir, conseguir, ter conhecimentos, conseguir trabalhar, ter um emprego diferente daquilo que os outros irmão estão a ter neste momento e a vida há de ser, ter uma vida diferente daquela que eu levei’. Então ela sempre diante de um conjunto de situações do contra que as pessoas apresentavam ela sempre tentava mostrar que o valor máximo dela era nós conseguirmos formar e conseguir um emprego.

Interviewer: E você menciona da questão que tinha uma história, né, a formação em cabo Verde, o porquê que você escolheu, poderia falar um pouco mais a respeito?

Cristiane: O escolher Cabo Verde tinha duas questões: eu sempre tinha assim, um interesse em trabalhar, fazer a formação em alguma área social, e Sociologia era uma questão que eu, que me interessava por algumas informações que eu já tinha na altura. E pra mim, já na altura, o estudar Sociologia, Ciências Sociais no teu país ,tu terias, estarias a dialogar, a pensar a partir de exemplos concretos da tua realidade que ajudaria a compreender, a poder dar alguma contribuição pra tua sociedade. Então foi neste sentido que eu sempre, já na altura o fato, a questão – havia duas questões, uma questão de querer fazer uma formação na área social e fazer a formação no país era uma forma de estar a dialogar com questões da nossa sociedade, pensar a questão social a partir de exemplos concretos da realidade caboverdeana, outra coisa era a minha dificuldade em deixar a minha mãe. Que era a questão das redes, da proximidade, dessa questão afetiva, então eu



disse ‘se eu posso fazer isso em Cabo Verde, ficando próximo da minha mãe, fazer a formação que eu quero, pra quê que eu tenho que sair?’ Foi ali que fiquei, e também a possibilidade de ficar e continuar a trabalhar pra poder apoiar os meus pais na educação dos outros filhos, isso foram as três questões que de certa forma me fizeram pensar nessa possibilidade de formar em Cabo Verde.

Interviewer: E com relação às questões, as teorias né, a formação em questão de teorias de gênero, quando que, como que começou esse processo, como que você entrou em contato, como que foi? Os primeiros contatos

Cristiane: Eu acho que o primeiro contato de uma certa forma foi informalmente, em casa. Porque a divisão de trabalho, as tomadas de decisão, a minha mãe trabalhava, tinha rendimentos mas as decisões de certa forma eram tomadas pelo meu pai ou ela pensa, comunica, para a partir daí tomar a decisão. Outra coisa, os trabalhos, a divisão sexual do trabalho em casa, isso me chamava atenção, eu estava em casa, não - saía, fazia algum trabalho, o meu irmão por alguma coisa estava em casa, mas ou ele sai e brinca, entra em casa eu tenho que, tipo, lavar a louça, colocar a comida na mesa pra ele se servir. Isso me [risos] irritava de certa forma pelo fato de estar a fazer isto, mas por que eu e eu estou a fazer isto, ele está de certa forma desde manhã não fez nada, eu fiz todo o trabalho em casa e teria ainda que servi-lo? Então isso são questões que em casa me chamavam atenção, na rua por que os meninos podiam, os rapazes podiam estudar além do ensino secundário e as meninas não tinham a mesma possibilidade pelo fato de ‘tu tens que ficar próxima da tua mãe pra ela te controlar o tempo todo. Ir estudar na Praia é um grande esforço dos teus pais tomarem essa decisão diante das imposições de certa forma, da vizinhança e da comunidade onde estás cercada.’ Então eu acho que na comunidade também houve um incentivo na minha família concretamente, mas concretamente em termos formal foi quando eu iniciei a

licenciatura, eu morava numa comunidade que era periférica aqui da cidade, então eu observava todos os dias discussões entre casais e a forma como o poder se exercia, tipo de cima pra baixo, então eu decidi estudar porque eu pensei, e assim ‘as mulheres, mulheres e homens numa relação violenta, e muitas vezes a mulher está mais numa posição de vítima. Ela apanha, apanha, apanha mas não deixa a relação, mas por quê que não deixa a relação, uma relação marcada pela violência? Então eu disse ‘como compreender isso? Vou estudar isso.’ Então foi a partir daí que eu entrei no meu primeiro contato também formalmente com a questão de gênero a partir da monografia que eu trabalhei que era “a violência contra as mulheres no espaço doméstico” trabalhando completamente na relação conjugal. E foi assim, uma coisa muito difícil porque não tinha material em Cabo Verde, (e também eu) senti falta de bibliografias sobre o assunto, que discutem a questão no contexto de Cabo Verde, trabalhei muito com referências de Portugal e do Brasil, e as referências em Cabo Verde eram muito poucas e as aquelas que existiam não eram trabalhos acadêmicos, eram mais trabalhos de consultoria a nível de, solicitadas por instituições e que não atendiam alguns dos objetivos que eu tinha traçado. Então foi assim bem difícil a nível do mestrado disso, ficou algumas questões que eu gostaria de abordar mas que não consegui abordar que eu trabalhei mais no sentido de trazer um panorama geral, eu disse agora vou focalizar trabalhando a representação pra ver até que ponto isto está a contribuir na reprodução da violência. Então a nível de mestrado já eu trabalhei a trajetória de mulheres vítimas analisando a partir de suas representações. E inicialmente eu queria abordar os homens porque já na altura eu observava que alguns homens também eram, viviam situações de violência e que a violência poderia ser vista numa perspectiva relacional, e não no sentido de ver a mulher enquanto vítima passiva o tempo todo. Mas no início não consegui, estando numa

sociedade patriarcal eu sei que havia homens, eu observava, via na comunidade onde eu residia, mas entretanto não querem falar. Então estava no plano, no projeto, mas não consegui materializar, eu acabei estudando apenas a trajetória das mulheres, eu disse ‘bom, a nível de doutorado eu vou tentar’ e vi que havia alguma possibilidade de começar a fazer isso a partir do momento que a lei foi implementada, então com a implementação da lei houve toda uma sensibilização, e alguns homens começaram a dar a cara, a mostrar que de fato sofrem, e a denunciar, então foi a partir daí eu disse ‘não, aquela parte que eu queria trabalhar que não consegui, agora eu vou tentar fazer isso a nível de doutorado’, então neste momento estou a trabalhar as relações de gênero e poder, e pegando também a relação no âmbito conjugal, mas trabalhando narrativas de homens e mulheres que vivem situações de violência, independentemente de trabalhar desde uma perspectiva vitimista, eu quero trabalhar homens e mulheres numa relação violenta, pensando sobretudo a partir - numa perspectiva mais relacional e não no sentido de uma dominação masculina no tempo todo, mas também ver do lado das mulheres, como é que elas reagem às situações de violência. Então [risos] acho que é mais ou menos por aí que eu comecei a interessar, o fato também de quando entrei na universidade convidaram-me pra trabalhar no centro, me convidaram, na sequência do trabalho que eu desenvolvi ao longo da licenciatura, e foi uma oportunidade muito grande porque foi aí que eu dialoguei mais com teorias tanto em nível de, feministas, dialoguei com teorias pós-coloniais, dialoguei com alguns, a nível de antropologia, porque antes o diálogo era essencialmente com textos no quadro da Sociologia, e aí alguns da Ciência Política, foi aí que eu comecei também a perceber que no âmbito da Antropologia esta questão de gênero está a ser mais debatido por exemplo que no âmbito da Sociologia e da Ciência Política. E foi aí que saí da Sociologia, que é a minha formação inicial, pra entrar na

Antropologia Social na UFSC, Também por ter feito toda uma pesquisa, saber que a questão de gênero está muito bem trabalhada, hoje numa fase muito bem avançada quando a comparar com outras universidades que eu tentei articular com Portugal no sentido de ver, então eu vi que as discussões em termos de gênero aí estavam muito mais desenvolvidas e contactei a professora Miriam, tive o aceite da universidade e fiz tudo, concurso, consegui bolsa da CAPES para fazer o doutorado.

Interviewer: Aí lá também tem a questão das disciplinas, né

Cristiane: Sim, sim

Interviewer: E como que foi as disciplinas, assim, como que, quando você cursou lá no Brasil e teve contato com diversas teorias, né. Como é que foi a tua leitura com relação à realidade do Cabo Verde assim, em outras palavras, quais teorias que você acha que alcança a realidade de Cabo Verde?

Cristiane: É assim, eu tipo tive alguma decepção. Porque eu fui pra encontrar toda essa discussão a vários níveis em termos de teorias de gênero, mas eu percebi que... E assim, pelo menos na minha formação era muito epistêmica, que trabalhavam era essencialmente ocidental. Eu lembro de um curso com a Doutora Miriam focado na questão de gênero e que trouxe umas das autoras pós-coloniais. Então eu sempre eu disse 'se eu quero trabalhar a realidade caboverdeana pensando a partir de uma episteme que está mais diretamente relacionada com a realidade que eu quero trabalhar', e eu fique assim, eu estou com uma parte teórica que não vai de encontro com aquilo que eu gostaria de fato de encontrar, eu pensei que poderia encontrar uma discussão também pós-colonial para tentar fazer dialogar com toda episteme ocidental. Isso não encontrei, foi assim no primeiro momento um choque. E depois quando eu regressei pra fazer a pesquisa, tive-, entrei em contato com o coordenador em pós-graduação e Ciências Sociais daqui, sobre uma questão de abrir um

novo curso de doutorado, eu pedi pra ver quais são as disciplinas que estavam à lecionar naquele semestre. Uma das disciplinas era aquela disciplina que eu estava à procura, que era “teorias feministas e estudos pós-coloniais”. Foi ali que eu inscrevi como uma disciplina isolada, e fiz a disciplina, e assim, foi um momento que-, bom, durante um ano eu não consegui durante dois meses, porque foi uma disciplina (modular), durante dois meses, tive acesso a um leque muito grande de referências que neste momento estão a ajudar-me a repensar esta parte teórica que eu já tinha de certa forma trabalhado, mas sempre senti falta dessa discussão de textos mais, que abordam a África [inaudible], tentando de certa forma trazer as suas especificidades, coisa que a nível das teorias mais ocidentalizadas eu não consegui encontrar. Então foi mais ou menos nessa linha. E mesmo pras discussões de gênero eu encontrei uma parte curricular que discute muitas questões das mais centrais na Antropologia, eu pensei que pelo fato de ter enveredado pela área de gênero pudeste encontrar mais disciplinas que abordassem, eu encontrei-, eu sei que havia algumas disciplinas optativas, eu sempre procurava as optativas mas tinha coisas mais a nível do... Não estou a lembrar agora exatamente o nome que sobre indígenas, alguma coisa mais voltada pra essa questão, território, antropologia urbana, eu queria encontrar mais nessa área do gênero e a única disciplina que eu encontrei gênero foi gênero, família, parentesco com a professora Miriam o fato também, uma coisa muito interessante o estágio de docência que eu fiz, e a disciplina era família nas sociedades-, gênero, família nas sociedades complexas, isso foi assim um momento também que eu tive contato com autores que dialogam-, trabalham com uma perspectiva, ainda que não trabalham concretamente o gênero mas trabalham a partir de uma perspectiva de gênero e isso foi muito bom e está sendo neste momento que eu estou a trabalhar a parte teórica.

Interviewer: A parte teórica, sim. Que fase você está no mestrado, no – perdão – doutorado?

Cristiane: Eu na verdade deveria- este ano é o último ano.

Interviewer: Ah sim

Cristiane: Mas como eu iniciei [risos] por questões da maternidade tive que suspender então eu tenho mais um semestre, e além disso eu iniciei o curso na UFSC no segundo semestre quando deveria iniciar no primeiro. Então no semestre que terminou a licença de maternidade eu tinha iniciar-, teria que fazer o segundo semestre. E eu não precisava do segundo semestre porque eu comecei pelo segundo semestre. Eu precisava era do primeiro semestre para fazer as disciplinas que só lecionam no primeiro semestre. Então eu tranquei um semestre, porque não tinha nenhuma disciplina que eu deveria fazer, eu tranquei e fui no ano seguinte pra fazer o primeiro semestre. Então tenho ainda mais, formalmente tenho ainda mais um ano, quero agora trabalhar nos sentido de fechar este ano no máximo primeiro semestre do próximo ano, mas eu tenho até 2018 pra.

Interviewer: Ok, ok. Bom, então falamos sobre a questão das teorias, né. Eu queria te perguntar, como se dá então, como pesquisadora, observadora da sociedade caboverdeana, como se dá as relações de gênero em Cabo Verde, como você poderia definir isso?

Cristiane: Eu acho que. Bom, é uma questão bem difícil de certa forma, porque... estamos ainda numa sociedade que de certa forma busca ser uma sociedade moderna mas que ainda preserva características, princípios, valores de sociedade patriarcal. É uma sociedade ainda um pouco tradicional. Então neste sentido às vezes nós encontramos um conjunto de pessoas que pelo fato de estarem a trabalhar numa área X, mais voltado pra questão de gênero, estarem ligadas a uma instituição de promoção de igualdade de gênero, fazem em termos profissionais fazem isso mas quando tu vais verificar, por

exemplo na prática, no dia a dia delas na casa, na família, continua a ser uma relação onde existem hierarquias de poder. E nos espaços de convivência também tu percebes que existe uma grande discrepância em termos de papéis de homens e papéis de mulheres. Essa divisão ainda continua na nossa sociedade embora no discurso, eu acho que a nível do discurso nós estamos de certa forma a avançar nesta questão, em termos de lei, em termos de discurso sim, mas se fores ver na prática, no dia a dia das pessoas, sim. E comesças a perceber que ainda essas questões das relações de gênero, sobretudo pensar uma relação de igualdade há todo um trabalho feito mas ainda muita coisa precisa ser feita no sentido de mudar a mentalidade, porque há muita coisa que ainda de fato, de certa forma nós internalizamos e exteriorizamos agora, sem muitas vezes refletir sobre. Constantemente acabamos por mostrar nossa-, esse desequilíbrio de poder entre homens e mulheres, às vezes a própria questão do machismo não é o homem machista mas encontramos mulheres machistas, mulheres que criam, que reproduzem passam isso no processo de socialização de filhos e filhas, por exemplo então, há todo um trabalho ainda a ser feito, e a meu ver ainda essa relação é uma relação muito desequilibrada, favorecendo essencialmente os homens, basta pensar por exemplo na questão da os trabalhos por exemplo, os cuidados, e até na escolha dos cursos tu podes está espalhados nos dados estatísticos da UniVC quem são os alunos que fazem, que fazem o que, quem está na área das Ciências Exatas, quem está na área de Sociais. Em casa, quais são os trabalhos que são os homens, quais são os trabalhos que são atribuídas as mulheres, então de certa forma isso está muito explícito ainda na nossa sociedade como há uma relação desequilibrada de poder com-, sobretudo ver uma relação na verticalidade e não na horizontalidade, penso que ainda...

Interviewer: E como professora, aqui na Uni-CV como que está essas questões, como você lida por exemplo

na sala de aula com essas discussões. Como é que é a recepção dos alunos quando é debatido essas questões seja por disciplina, seja por algum momento que você já enfrentou isso?

Cristiane: Na disciplina, porque eu trabalhei uma disciplina que é questão da violência baseada no gênero, um módulo, e trabalhei disciplina gênero e relações sociais também, no curso de Ciências da Educação. Há muita coisa que os alunos encaram com natural, como.. é uma coisa que já está dada, nem precisa discutir, que é uma coisa que espelha essa relação de poder, dando poderes aos homens e tirando poder às mulheres. Inconscientemente fazem, naturalizam isso e acham que o anormal seria fazer o contrário. E a nível dos professores também eu percebo isso em muitas situações, o que é que os professores pensam. Eu lembro de algum tempo nós organizamos uma formação porque pensamos, é assim, nós estamos a trabalhar a nível do centro de investigação com outras instituições, com outras organizações, e estamos a esquecer de trabalhar em casa, porque às vezes há professores que acreditam conhecer e saber o que se trata de gênero, que gênero não é muita coisa, quando na verdade nem têm a noção do que é o gênero, e como é que trabalhando desde uma perspectiva de gênero está a contribuir para o próprio desenvolvimento do país. Então, organizamos uma formação com várias sessões, e quando chegamos ali pra nossa decepção só tinham quatro professores num universo de... não sei, quantos professores nós temos aqui entre integral e professores por exemplo a tempo parcial. Então foi assim, iniciamos a formação, mas não teve sucesso porque não tivemos uma presença significativa pensando o universo de professores que temos aqui na universidade. Por que, porque ainda não ligam, entre aspas para a questão de gênero, não acham que seja uma questão importante, que tem outros assuntos mais urgentes e emergentes para serem discutidos, que a questão de gênero não é tão importante assim. Então, ou porque



resumem o gênero em duas palavras e acham que gênero é mulher. Então, e quem está a discutir a questão de gênero está a colocar-se na defensiva da mulher e tão somente. E pior ainda quando se fala de homens, de tentar envolver os homens. Professores homens pra envolver nessa questão de gênero porque acha que é uma questão que deve ser levada a bom termo pelas mulheres, e não pelos homens. Isso é uma questão ainda que temos que trabalhar no sentido das pessoas perceberem que há que discutir, que há muita coisa por detrás da questão de gênero, e que isso passa por uma questão de formação, de investigação, e não simplesmente pra dizer 'eu sei o que é, é homem e mulher', ou é colocar a mulher numa situação de submissão e o homem numa situação de poder ou então-. Isso é muito visível entre os professores, é visível também entre os alunos. E às vezes é lamentável perceber que estamos a nível do ensino superior e pessoas ainda com uma consciência de que sabem tudo sobre gênero quando na verdade nem o conceito em si o que significa e qual a importância do trabalhar a questão de gênero. Então...

Interviewer: Você mencionou com relação que tem um grupo né, de pessoas que acham que sabem, e outras que aí no caso que veem gênero como a questão da mulher, fica na defensiva. Poderia esclarecer um pouco mais esse. Que seria essa defensiva?

Cristiane: Eu acho que muita ge-, pessoas a nível da chefia acabam por trazer essa questão. Eu lembro quando abriram o Centro de Investigação em Gênero e Família e toda a discussão para nomear quem será, quem dirigiria o centro. E eu percebi quando falaram comigo, o reitor na altura falou comigo eu percebi que o quê que está por detrás da escolha de quem vai dirigir. Teria que ser uma mulher e... eu percebi isso, posso até estar enganada mais eu percebi que ideia da escolha, a escolha teria que ser uma mulher. Até porque eu percebi que se tivessem convidado um homem, ele poderia até não aceitar. Porque gênero é uma questão de mulher e as mulheres é que lidam

com essa questão, não sei, mas isto está na mentalidade das pessoas e por exemplo, tentamos ao longo do tempo, esses anos quatro, cinco anos pra ver, pra tentar trazer colaboradores homens para o centro. É mais fácil conseguir cola-, professoras para colaborarem no Centro de Investigação de Gênero que encontrar os homens. Até o momento temos um homem que se dispôs a colaborar com o centro. Mas temos muitos homens que simplesmente não acham que devem estar a dar a sua colaboração nesta área.

Interviewer: Sim, sim. Entendo Até mesmo porque tem outro viés, por exemplos da masculinidades, enfim

Cristiane: Não, e não vejo, é por isso que estou a dizer que quando pensam na questão de gênero estão a pensar sempre nessa relação de ‘estamos a defender a mulher e é colocar a mulher numa situação de passividade, pensar o homem numa situação dominante, então ainda tem muita coisa, não abrem a possibilidade pra ver quais são as possibilidades de explorar temáticas interessantes desde a questão da masculinidade, explorar a questão da dinâmica das interações familiares, a questão de gênero numa perspectiva da de desenvolvimento, a questão da emigração, eu posso trabalhar a emigração a partir de uma perspectiva de gênero, é importante ver essa questão porque quem migra, por que é que são os homens primeiramente a emigra, por exemplo por que não as mulheres, o que que está por detrás desta lógica de interação familiar e que acabamos por trazer a partir de uma discussão em torno do gênero. Então eu penso que é uma questão que precisa... é preciso sensibilizar as pessoas pra poderem dar essa abertura a partir daí começarmos a introduzir os conteúdos, as temáticas para poder perceber que o gênero não é apenas aquilo que consideram ser o gênero mas que tem muita coisa a explorar, no domínio de gênero, e que todas as áreas nós podemos fazer uma análise desde uma perspectiva de gênero. Pegar, tratar o gênero como uma questão transversal. Mesmo que eu esteja a trabalhar uma questão que a partir, eu considero

que não tem nada a ver com gênero, acaba por ter. Porque em toda análise nós trabalhamos com pessoas. E como é que nós percebemos o fosso entre homens e mulheres, aos perceber esses fossos nós estamos a trabalhar desde uma perspectiva de gênero, ainda que no nosso tema não tenha a palavra gênero. Então eu acho que isso ainda falta no nosso contexto e temos que trabalhar no sentido de trazer os homens pra essas discussões. Pra até pra mudarmos, pra começarmos também a pensar que não é uma questão somente das mulheres, que tem uma variedade, uma infinidade de temáticas que podemos abordar desde uma perspectiva de gênero, e estando a fazer isto estar obviamente a contribuir pro desenvolvimento de Cabo Verde.

Interviewer: Então minha última pergunta, né, só pra gente finalizar então. Seria um pergunta mais reflexiva, assim, né, como pessoa, indivíduo. o que a palavra feminismo, feminista, ela significa pra você como mulher, professora, enfim, como, nos teus papéis que você desenvolve na sociedade, né, o que que significa essa palavra pra você?

Cristiane: Bom, pra mim adotar uma perspectiva feminista é fazer uma reflexão pra perceber onde há fossos entre homens e mulheres. Não no sentido de defender a mulher, nem no sentido de defender os homens, é mais uma perspectiva d procurar relações equilibradas de poder dentro da sociedade. Por exemplo, quando foi, começou-se a implementar a lei contra violência baseada no gênero então começou toda uma discussão 'ah, foi a lei que produziram pra beneficiar as mulheres' e tal e tal. Mas na própria lei tem um conjunto de medidas que salvagam tanto os homens como as mulheres. Mas o fato de pensar a lei a partir de uma sociedade conservadora e que de certa forma preserva uma sociedade patriarcal, então acabamos sempre por trazer um conjunto de medidas que mais beneficiam as mulheres também porque elas visivelmente, eu falo, visivelmente porque eu acredito que os homens

também sofrem a violência, assim como as mulheres sofrem, mas o fato de estarmos numa sociedade patriarcal, os homens recusam a denunciar situações de violência e as mulheres como (a partir) da sociedade aceita que é natural, então elas aceitam e denunciam essas situações. Então na altura houve toda uma discussão a dizer que é uma lei que beneficia as mulheres, que quando uma das medidas tomadas é criar grupos defensivos. E em Cabo Verde tem grupos defensivos (agredidos) de homens por VVG e não tem por exemplo (inaudible) de uma forma geral, incluídos pras mulheres ou também separado só pras mulheres. E a questão que coloco por exemplo é, caso uma mulher for tiver uma pena, por exemplo, suspensa por ter agredido o marido. Como é que fica: será que ela não deve passar por esse processo educativo? Então eu vejo a questão do feminismo nessa perspectiva de buscar o equilíbrio no sentido-, por exemplo, aonde há fosso, tentar superar esse fosso. Por exemplo aqui no caso de Cabo Verde. No domínio da educação pelo menos que havia uma discrepância muito grande e desfavor das mulheres. Mas hoje as mulheres estão a superar os homens sobretudo. A partir do ensino secundário temos mais mulheres[inaudible] permanecem, no ensino superior temos mais mulheres que [inaudible] e permanecem, terminam a formação enquanto os homens acabam por ficar pelo caminho, então quer dizer que aqui há um problema em desfavor dos homens. E neste caso eu sou a favor de que temos que traçar políticas públicas para debelar o problema que está. No sentido, então não é pensar só defensiva da mulher mas pensar no sentido em ter uma sociedade equilibrada com relação-, uma sociedade justa. Não no sentido de beneficiar, defender somente as mulheres nem no sentido de defender os homens mas lá onde há fosso fazer, criar políticas públicas no sentido de enfrentar o problema, no caso de Cabo Verde agora tem muitos homens por exemplo que morrem de cancro da próstata. Mas há todo um trabalho que as

organizações não-governamentais fazem no sentido de mostrar a questão a nível das mulheres. Publicitam, fazem publicidade no sentido de chamar atenção, consciencializar, mas não pensam essa questão por exemplo desde o ponto de vista do homem. A nível da educação, os homens morrem, há muitos homens que morrem porque os homens não procuram os serviços de saúde. Por que que não há uma medida, uma política no sentido de debelar esse problema? Então eu penso gênero nessa perspectiva sobretudo uma perspectiva de-, penso na questão do feminismo sobretudo nessa perspectiva de políticas de discriminação positiva. Aonde há falhas tentar fazer alguma, implementar algumas políticas pro sentido de minimizar os efeitos da... as consequências das práticas, por exemplo, por que que morrem muitos homens, o que temos que fazer pra evitar que esses homens, que não procuram os centro, passem a procurar o centro de saúde e a prevenir certas doenças, sobretudo o câncer da próstata, é uma questão que tem matado muitos homens aqui do contexto de Cabo Verde

Interviewer: Então acho que essa é uma questão totalmente cultural, né?

Cristiane: Sim, é uma questão cultural, os homens não procuram porque o homem é forte, enquanto forte ele não pode mostrar frágil, não pode procurar-, quando ele chega às estruturas da saúde é porque está doente de fato. Não chega à saúde, aos centros de saúde no sentido de prevenir. Então isso reflete também aquilo que de certa forma é cultivada na sociedade caboverdeana, enquanto que as mulheres não, elas vão a consultas de...

Interviewer: Rotina?

Cristiane: Ginecologia, fazem as suas consultas de rotinas. Os homens não fazem isso. Em Cabo Verde, bom, pode ter algum mas é muito raro. Então muitas vezes quando chegam às estruturas, chegam por vezes com o câncer já numa fase avançada e que não conseguem sobreviver. Isso tem acontecido muito e em caso de Cabo

Verde eu acho que se deve pensar medidas para neste caso, se eu estou a falar de gênero, eu acho que devíamos pensar numa situação de, sempre tentar procurar políticas de discriminação positiva. Eu sou a favor de pensar o gênero pensando homens e mulheres ao mesmo tempo, e não no sentido mais de defensiva, defender, defender. Lá onde precisa ser defendido eu defendo as mulheres, lá onde precisa os homens, mas pra ver perspectiva de gênero sobretudo pensar a questão numa perspectiva relacional. Então. E o que que muitas vezes eu percebo que os homens quando nós estamos a falar de questões de gênero, ‘ah, vem lá aquela feminista. Vem lá aquela que vai colocar na defensiva e aquela que sempre quer contrapor tudo que poderá favorecer os homens’. Eu particularmente acho que devemos até pra conseguir que os homens também se integrem nesse debate, eu acho que temos que começar a discutir desde uma perspectiva de gênero coisas que também de certa forma lhe dizem respeito. Porque a partir daí começam a ver que o gênero não é só essa questão de mulher como estão a ver o tempo todo e começam a pensar também numa perspectiva bem mais ampla de trabalhar a questão da paternidade, a questão da masculinidade, a questão dos vários arranjos que temos em termos de família em Cabo Verde, que tudo são questões que podem ser abordadas desde uma perspectiva de gênero.

Interviewer: Ok, eu acho que é isso, né. Eu tenho só mais uma perguntinha [risos]. Finalizando. A última. Como que esse teu olhar, depois de tantas leituras, sejam elas teóricas, sejam vivências, como que isso afeta a tua vida pessoal, né, a tua convivência com o social. Como que te afeta?

Cristiane: Eu me apaixonei pela questão de gênero a partir da-, porque a primeira, eu lembro que a primeira formação que eu fiz em- Era uma formação de gênero e família. Então é assim, a cada questão que descobríamos na formação, eu via aquilo. ‘Isso é alguma coisa que

aconteceu na minha família' 'Como eu poderia ter agido se tivesse antes esse conhecimento?' Então eu acho que eu apaixonei-me por esta área não só do ponto de vista profissional mas porque adquirindo conhecimentos neste campo isso pode servir-me desde o ponto de vista pessoal, como que isso mudou a minha forma de estar, de relacionar com o meu marido, com a minha filha, com os meus pais até pra chamar atenção, há muitas coisas que a minha mãe fazia, muito inconscientemente, que de tanto chamar atenção ela já mudou a forma de fazer e de achar que aquilo era certo, e eu lembro de uma vez termos, estávamos a falar eu e a minha mãe, ela disse: 'Cristiane, se tu tivesses nascido no tempo que eu nasci, tu não encontravas, não conseguias encontrar um trabalho.' 'Mas por que que eu não conseguia?' 'Tu não conseguias prover a tua família' 'Por que?' 'Não encontravas um trabalho. Porque isso nem se abria a boca pra falar.' Então eu acho que aprender essa questão de gênero, isso serviu muito pra minha, pra mudar um conjunto de coisas em mim, na minha relação com os integrantes da minha família, com os meus amigos, da forma como de certa forma eu falo com eles, e isso lhes toca de certa forma e eles começam a, não é mudar de repente, mas pelo menos a tocar quando falam alguma coisa e a estar mais atento naquilo que falam e que fazem. E isso pra mim é um ganho mais do que aquilo que estou a nível profissional, mas sobretudo o fato de ver que é possível a partir de um diálogo, uma conversa, que reflete aquilo que eu consegui, teoricamente a nível das várias formações e conferências, que eu aprendi que de certa forma partilho com as pessoas próximas e que elas também mudam de certa forma e mudem também as outras pessoas do seu círculo e acabo por-, eu acredito que fazendo isso, e as outras pessoas também fazendo isso pode-se pensar na possibilidade um dia de termos uma sociedade mais equilibrada, mais justa que vê homens e mulheres como portadores de direitos iguais. Enquanto seres humanos que todos nós temos direitos e que devemos

também, que temos deveres, e que devemos respeitar uns aos outros, mas numa perspectiva até de injustiça social. Eu acho que a partir do momento que começamos a refletir, a pensar essa questão de gênero como uma questão que não necessariamente tenha que ser uma profissional da área pra poder agir dessa forma, começaremos certamente a mudar um conjunto de questões culturais que ainda são muito fortes no contexto de Cabo Verde, e que nós podemos mudar, lentamente claro, mas que conseguiremos com o tempo pensar uma sociedade mais equilibrada em termos de relações de gênero, em termos de poder, e mesmo na relação na família, no trabalho, porque no trabalho também encontramos muita questão ainda... Podem a nível da lei, há todo um conjunto de medidas que favorecem homens e mulheres mas não prática, como é que estão a ser postas em prática, então eu acho que mudando paulatinamente vamos conseguir mudar a forma de estar e de se relacionar no contexto, na nossa sociedade.

Interviewer: Ok, Ok. É isso, Cristiane, muito obrigada

Cristiane: Caso tenha alguma coisa, ao longo da conversa tiver alguma coisa que queres esclarecer

Interviewer: Sem problemas, posso entrar em contato sim.

Cristiane: Só dar um toque

Interviewer: Muito obrigada mesmo

[...]

### *Marcela audiotranscription*

Interviewer: gravando aqui... E tá gravando aqui. Ok. Então, vamos começar. Eu vou só falar um pouco novamente, da minha pesquisa né, que eu tô com interesse em conhecer as pesquisadoras, estudantes que se interessaram pela temática de gênero, que fizeram suas



dissertações ou monografias, enfim, sobre gênero, é, e tentar entender através do relato de vocês as relações de gênero é o que se dá em Cabo Verde. Que aí é mais ou menos isso. E aí tem algumas perguntas que vão ser um pouco pessoais, assim, com relação à tua vida, né? E depois a gente parte pra questão mais, a tua questão profissional e enfim, o teu estudo. Ok? Então, é, na verdade a primeira parte eu queria te perguntar um pouco sobre daonde você veio, assim, você falar um pouco da, um pouco da sua origem, um pouco da sua estrutura familiar. Ok? Pode ser?

Marcela: Em primeiro lugar eu também gostaria de te agradecer

Interviewer: Ok, que bom [risos]

Marcela: [risos] Por fazer parte desse estudo porque mesmo os entrevistados também fazem parte da-

Interviewer: Sim

Marcela: da investigação

Interviewer: Claro, com certeza.

Marcela: Relativamente a sua pergunta... Eu venho do interior, da cidade. Sou de uma família muito humilde. Muito- Fui criada com muitas dificuldades, porque a minha mãe foi a única responsável pela minha educação. Porque o meu pai faleceu quando eu tinha ainda nove anos. Mas como é bem... a nossa vivência, o meu pai só me reconheceu quando eu tinha seis anos. Então eu tive muita-pouca convivência com meu pai. Ele me reconheceu como filha a, com seis anos e eu com nove anos meu pai faleceu. Então, foi apenas esses três anos de- que foi muito pouco. Então a minha mãe foi a responsável, foi mãe e pai com é o habitual aqui em Cabo Verde [risos] A mãe ser a responsável, única responsável, fazendo o papel de mãe e pai ao mesmo tempo. Então foi ela quem me deu toda a educação, com tanto esforço, e sem nenhum recurso. Então ela sempre dizia: ‘a única herança que eu posso te deixar é dar-te o estudo’ [risos]. Então, e daí eu, toda a minha vida acadêmica até o ensino secundário eu sempre estive em

Calheta, que é onde eu nasci, é no interior da ilha de Santiago

Interviewer: Santiago. Sim

Marcela: Então depois do ensino secundário, e eu vim aqui na cidade da Praia pra fazer o meu- a minha licenciatura que era aqui na Universidade de Cabo Verde mas na altura que foi em 2006, foi, ainda estava o Instituto Superior da Educação. Então em 2006 eu iniciei... Foi no ano 2005, 2006. Então aí eu iniciei meu curso de licenciatura. Eu fiz o curso de licenciatura em Educação de Infância, e logo no segundo ano do curso eu consegui uma vaga pra trabalhar no Instituto, aonde eu estudava. Então eram, era, um período, e eu estudava à noite... Então o dinheiro dava só para pagar a propina [risos]. Aí então, daí eu, eu aceitei mesmo assim, porque, no primeiro ano, eu vinha de Calheta todos os dias pra cidade da Praia. Eu trabalhava lá em Calheta como animador cívico, para educação dos adultos, então eu trabalhava na parte da tarde, saía às cinco e vinha para Praia para assistir às aulas às seis, seis e meia e sempre eu chegava atrasada porque o percurso [risos]

Interviewer: É longo, é muito longe?

Marcela: Pois é. Sim. Então eu, quase duas horas, dura um bocadinho. Então daí eu já no primeiro ano eu vinha à noite para a Praia para, para assistir às aulas, e regressava a Calheta meia-noite, tinha dias que chegávamos a uma hora de madrugada porque o caminho...

Interviewer: Bem longo

Marcela: Pois. Então daí já no segundo ano quando eu conseguia vaga pra trabalhar mesmo que seja um período, mas a remuneração era igual, então eu logo falei 'não', eu disse, 'não, eu vou ficar aqui, vou ver se dá pra fazer alguma outra coisa'. Então... Na altura eu recebia quinze mil escudo. Para trabalhar das oito até meio-dia. Então eu fiquei aqui, aluguei um quarto com colegas, partilhávamos, eram quatro meninas e partilhávamos um quarto. Então eu decidia quinze mil escudo pagava a

propina dez mil escudo, [risos] e restava cinco mil escudo. E como eu trabalhava de oito hora até meio-dia, então eu tinha um professor, que é uma coisa muito interessante que eu gosto sempre de partilhar [risos]. Eu tinha um professor que na altura acabou de ter um bebê. Então ele precisava de uma pessoa pra ficar com a bebê porque a mãe tinha que trabalhar, pra ficar com o bebê da, de, de meio-dia até as sei-, dezoito horas. Então eu disse, era o professor do meu curso, eu disse eu preciso porque eu trabalho até meio dia e preciso de mais dinheiro para poder custear as despesas do curso. Então eu saía meio-dia, ia logo diretamente para a casa do professor, eu almoçava lá, e ficava com o bebê até as dezoito horas, saía e vinha assistir às aulas. Então daí dá [risos] dá para obter algum troco para, nos gastos com o curso. Então daí eu fiquei a fazer isto foi três meses, mas foi uma experiência muito agradável. E depois de encerrar o curso, eu tive a minha fi-engravidai, [risos] E eu tenho uma filha que agora (-mente) já vai fazer dez anos [risos].

Interviewer: Nossa, dez anos...

Marcela: Então daí já foi, eu fui morar com o pai da minha filha, moramos junto, quatro anos, depois separamos. Porque a situação ficou um bocadinho complicada, tivemos que separar. Aí então daí já terminei o curso de licenciatura em 2009, defendi em 2010 a monografia de licenciatura. Mas já em 2009, no meu trabalho já em 2008 eu já trabalhava o dia inteiro. Passei de um período para os dois períodos. Então depois em 2009 eu fui convidada para ser a secretária do conselho directivo... Porque eu sou- eu trabalhava como telefonista, depois em 2009 eu fui convidada para trabalhar como secretária do conselho directivo. Aí já, o salário já era um

Interviewer: Melhor, que bom

Marcela: Então aí já o contrato também porque tinha já anos de serviço, o contrato mudou, também o salário, aí a coisa melhorou

Interviewer: E já estava, já tinha se formado?

Marcela: Sim, sim, sim.

Interviewer: Nessa altura

Marcela: Sim, já. Em 2009 terminei a licenciatura. Então fiquei cinco anos a trabalhar como secretária do conselho directivo, e depois de cinco ano houve uma mudança no serviço, mudança interna, e em dois mil e, foi 2015, em 2016 eu fui transferida aqui, para coordenar o curso de pós-graduação. E em 2011 comecei a fazer o meu mestrado em Ciências Sociais, e foi daí que fiz a investigação relativamente ao gênero. E... foi 2011, iniciei em 2011, terminei em 2013, em dezembro de 2013 e defendi a minha dissertação.

Interviewer: fez em dois anos, né?

Marcela: Sim, sim. Dois anos.

Interviewer: Ok. Então, é só uma outra pergunta, você chegou a lecionar, você chegou a dar aula?

Marcela: Ah, eu lecionei antes de fazer o curso de licenciatura, foi a minha primeira profissão [risos] Logo que eu terminei o ensino secundário em 2003, logo nesse ano que eu terminei eu consegui uma vaga para trabalhar com adultos, em educação, alfabetização para adultos. Então foi o meu primeiro trabalho, tive dois anos. E já no ano que vim fazer o curso, porque também minha mãe não podia custear-me o curso, então tinha que trabalhar um ano, para fazer as minhas economias para poder pagar a propina do curso. Então eu tive que terminar o curso de, o ensino secundário, parar, eu parei um ano, e trabalhei, consegui [risos] como eu ainda estava com a minha mãe, não pagava arrenda, não tinha tanta despesa, [risos] então eu fiz uma economia que dava pra pagar um ano de propina. De onze mil escudo mensal, eu consegui pagar o primeiro ano do curso sem nenhum problema. E no primeiro ano do curso, como eu já tinha referido, eu vinha todos os dias para a cidade da Praia, percorria quase uma hora e meia, quase duas horas para chegar aqui para assistir às aulas à noite. Então foi, foi aí que eu... Depois

que eu transferi para, para a cidade da Praia, parece que foi a melhor decisão que eu tomei [risos]

Interviewer: Sim, até mesmo na questão de tempo, né? Poupar tempo, sim.

Marcela: [risos] Pois é. Sim, sim. [risos]

Interviewer: É, só um curiosidade, você tem irmãos? Aí, no caso, você convivia com irmãos?

Marcela: Sim, nós somos sete.

Interviewer: Da sua mãe?

Marcela: Sim, sim. E todos, nós temos, nós cinco temos pais diferente. Eu tenho nenhum irmão de mãe e pai.

Interviewer: Do mesmo pai. Ok

Marcela: Não, não. Nós somos cinco de pais diferentes e a minha mãe casou depois do meu nascimento. Arranjou um marido e casou, mas os meus irmãos maiores só temos todos pais diferentes. Então e ... Eu sou, eu sou o quinto. O quinto filho

Interviewer: Sim, sim.

Marcela: Eu (confio) os meus irmãos todos também estudaram, todos têm trabalho, a minha mãe ficou em casa sozinha [risos]

Interviewer: Isso que eu ia perguntar, que todos seus irmãos assim, eles têm um ensino superior, como é que é?

Marcela: Que tem um curso superior ainda, só eu.

Interviewer: Ah, ok. Só você

Marcela: O meu irmão mais velho, ele foi para, porque o pai estava em Portugal, e o... o pai... o pai tomou com cinco, cinco anos, ele foi pra Portugal e já com uma vida lá. Então o meu, o segundo irmão, o segundo filho da minha mãe ele fez o ensino secundário e já, e depois ingressou, depois do serviço militar ingressou para a polícia. E ele já está com família, com trabalho. E as minhas duas irmã mais velha terminaram o ensino secundário, também cada uma faz a sua vida, já está com a família. E a minha irmã mais nova, ela é a última irmã. E ela agora nesse momento está a fazer licenciatura. Ela fez um curso profissional, conseguiu trabalho e agora está a

fazer licenciatura. Mas também já está com uma família [risos]

Interviewer: Estão todos encaminhados.

Marcela: E o meu irmão mais novo nesse momento está no segundo ano do curso de licenciatura

Interviewer: Professores

Marcela: [risos]

Interviewer: Ok. É, Você poderia falar um pouco mais sobre a tua exp- como foi, né, a tua experiência em ser mãe no meio do curso, assim que você comentou, né. Como que foi ter engravidado, como foi esse processo na universidade, como foi?

Marcela: Pois é. Foi um... Eu disse que, eu sempre... Quando falo esse assunto eu acho que na altura eu ainda não tinha tanta experiência, não sabia nem completamente o que que estava a passar

Interviewer: [risos] Ok

Marcela: Mas, ok. Porque o... o meu namorado, nós já tínhamos um ano a namorar, depois aconteceu, veio a gravidez, falei com ele, (inaudible), 'ok, vamos ter'

Interviewer: Vamos ter o filho

Marcela: [risos] Quando aí, decidimos morar juntos, nós morávamos juntos, e foi no terceiro ano do curso. E depois quando a minha filha nasceu,

Interviewer: Perdão, no terceiro?

Marcela: Terceiro ano.

Interviewer: Terceiro ano do curso, ok.

Marcela: E quando a minha filha nasceu, foi um bocadinho complicado. Porque aqui na cidade da Praia não tinha família. Eu era eu e o meu namorado. Então... E o meu namorado não trabalhava na altura, só com o meu vencimento que tínhamos que pagar qualquer coisa, despesas da casa. E, só que, em relação a ele, eu tive todo o apoio dele, sempre o apoio emocional, então... Nesse aspecto não foi muito difícil, porque ele sempre me acompanhou, todas as fases da gravidez até o nascimento

da minha filha. Agora o que foi mais difícil era tentar conciliar o trabalho, o estudo e

Interviewer: E ser mãe

Marcela: Pois é. Isso é fase mais difícil. Então, mas só que ele também me ajudava em casa, por acaso ele foi [risos]... Só que depois ele começou a deixar de fazer alguma coisa porque ele disse que eu fiquei a, tipo, a obrigar ele a fazer coisa qualquer coisa em casa.

Interviewer: [risos] Sim

Marcela: Mas no começo era tudo bonito porque quando eu chegava em casa achava tudo pronto, comida na mesa, tudo prontinho. Isso me ajudou bastante. Mas os homens aqui pensam que o trabalho doméstico é pras mulheres, e eles como se estão a ajudar.

Interviewer: Sim. Sim, sim

Marcela: [risos] Então. Então foi daí que, depois quando ele disse que eu estava a tentar impor a ele fazer alguma coisa em casa, e ele sentiu que não era o papel dele. Então foi daí que houve aquelas divergências, porque eu também com a minha personalidade que eu tenho [risos]

Interviewer: [risos]

Marcela: E depois no quarto ano do curso, que era o último ano, tinha o estágio, tinha o trabalho de fim do curso e tinha a minha vida profissional. Aí então com ele não estava a ajudar muito em casa, a minha mãe já sabia o que é que estava a passar, então a minha mãe disse que, que eu podia deixar a minha filha com ela, porque ainda estava com um ano, que eu podia deixar a minha filha com ela porque eu não tinha condições de deixar- de pagar creche pra ela, e também o pai não estava ajudar muito, eu tive que deixar a minha filha com a minha mãe. Com um ano de idade a minha filha ficou com a minha mãe em Calheta para poder conciliar o trabalho final do curso, o estágio e a vida profissional. Isso foi o- não sei, se eu não teria minha mãe não conseguiria terminar o curso de licenciatura. Então foi

Interviewer: Você chegou a atrasar alguma coisa?

Marcela: Sim, sim, sim. Atrasei porque eu terminei o curso em 2009 e só defendi a monografia em 2010. Quase um ano de atraso. Porque, porque eu tinha o estágio, tinha o trabalho, tinha- então. A minha mãe quando ofereceu pra ficar com a minha filha, ah seria já [risos]

Interviewer: Seria uma ajuda, né?

Marcela: Pois é, uma grande ajuda porque se eu não tivesse a minha mão, não, eu não conseguiria terminar a monografia. Então quando a minha mãe ficou coma a minha filha em Calhetas, já eu comecei a trabalhar a minha monografia, para entregar. E também consegui terminar o estágio, e aí comecei a... Ficou um bocadinho mais fácil, (aí). Depois, já logo quando eu terminei, foi em 2010, defendi a minha monografia, e até eu já tinha dito que eu não iria estudar mais. Porque não fui muito fácil, não foi, não foi muito fácil e ainda mais torna mais difícil quando não temos uma pessoa... Tipo como um namorado, ou um marido pra nos apoiar. Isso fica ainda mais difícil. Então daí, e em 2011, fechei o, eu disse não, eu vou estudar, sim [risos].

Interviewer: (inaudible) continuar

Marcela: Não, eu ingressei para um curso de mestrado, porque eu já, já sentia uma motivação interior. Já, a minha vida já estava, a vida profissional já estava muito, corria muito bem. Então, e a minha filha também, eu já tinha condições de deixar- de pagar creche pra minha filha. Então, mas mesmo quando comecei o, o mestrado a minha mãe não queria que eu trouxesse a minha aqui para a cidade da Praia

Interviewer: Ahhh

Marcela: [risos]

Interviewer: Ela queria continuar...

Marcela: Porque ela (disse) assim, já tinha, já apegou. E ela queria que ela ficasse, então ela ficou ainda mais um ano, em 2011, e em 2012 agora eu disse, não, agora ela vai ter que preparar pro próximo ano, vai para a



escola então é melhor ela ficar aqui comigo, na cidade da Praia, porque tem melhores condições a nível de ensino, tudo. Então já em dois mil e- 2012 a minha filha

Interviewer: veio pra cá

Marcela: filha veio pra cá, consegui colocar ela numa creche, que é perto aí, perto do trabalho, e depois no ano a seguir ela foi, entrou para o ensino primário.

Interviewer: Sim. Aí vocês vivem sozinhas?

Marcela: Sim, sim, eu e a minha filha, sim.

Interviewer: Sim. Da questão, você falou ali, da sua personalidade. É, você poderia falar um pouco mais dessa personalidade? Fiquei curiosa

Marcela: [risos] É assim, eu, às vezes, eu disse, eu sou uma pessoa, eu, porque eu sou... Não gosto que as pessoas fazem coisa que eu, eu posso até pela primeira vez, não faça isso porque eu não gosto. Mas já na segunda ou terceira vez, já eu fico brava [risos]

Interviewer: [risos] Fica muito brava

Marcela: E também eu. Até que agora já sou, já sou mais fácil de relacionar. Mas já na altura eu também até digo que era... Não tinha uma maturidade suficiente. Porque eu ainda era muito nova, era a primeira relação

Interviewer: Foi com o (teu) namorado

Marcela: Ter morado junto, foi o meu primeiro namorado, de morar junto, então eu acho que o que faltou um pouco de maturidade (dele), mesmo da minha parte e também da parte dele, porque também era a primeira vez que ele estava a morar com uma pessoa, e nós tinha de, apenas com 22 anos,

Interviewer: Novos

Marcela: Então eu acho que foi, que foi isso que levou . E eu, tendo em conta a minha personalidade com eu tinha dito, eu tenho uma personalidade muito forte. Eu não gosto de, tipo que alguém me imponha a fazer qualquer coisa, não, isso eu não gosto. Eu gosto é de fazer quando eu tenho prazer em fazer, faço. Agora só que não me peça pra fazer nada... [risos] que não goste. Então, e

também mesmo, às vezes eu vejo coisa, as mulheres aceitar coisas que eu, no meu caso não aceitaria. Então o que mais me levou mesmo a ser eu sou um bocadinho rebelde, mas isso já mudei um bocadinho, já com a maturidade já relevo algumas coisa, já vi que nem sempre dá pra ter razão, é o mais importante [risos]

Interviewer: [risos] Ok, ok

Marcela: [risos] Mas eu tenho uma personalidade muito forte [risos]

Interviewer: Ok, ok. E com que é a relação agora, hoje em dia, do teu ex-namorado com a filha, com vocês, como é que é?

Marcela: É o seguinte, depois que separamos, A minha filha, e ele continuou sem trabalho, e eu é que era responsável da minha filha, como a minha mãe me educou também... eu, eu fui mãe e pai ao mesmo tempo. E essa situação não ia muito fácil. Porque nós, eu sinto que... Que estava a faltar algo pra minha filha que eu não poderia dar, que era a parte do pai. Mas só que o pai foi também um bocadinho presente. Ele sempre ia visitar mesmo não tendo nada pra dar em termos de material ele sempre visitava, falava com ela. Só que depois, o pai viajou. O pai viajou para a França, porque ele aqui não conseguiria, não conseguiu trabalhar, então ele foi para a França, e sempre quando chegou lá, sempre falava com a minha filha, e

Interviewer: Ele ajudava financeiramente?

Marcela: Não, quando chegou nos primeiro ano como ele, não tinha um trabalho, então. Porque eu também nunca exigi. Eu nunca exigi, só chamei atenção, 'olha, tu sabes que tens uma filha, e que ela precisa de algo, eu não vou exigir isso, depende de tua responsabilidade'. Então quando ele chegou, e eu também nunca briguei pra dizer, 'ah, tens que dar, se não dá, não vais ver a filha', eu nunca fiz isso. Porque eu acho que a parte emocional da criança é o mais importante. Porque aquele laço de pai é uma coisa que eu nunca poderia dar para minha filha. Eu posso dar tudo, da parte da mãe, mas da parte do pai ela teria que ter

amizade, o laço com o pai. Então por isso eu nunca, nunca proibi o pai de ver a minha filha. Porque eu acho que é um direito dela. Eu não posso lhe tirar esse direito mesmo tendo em conta que o pai não cumpre com a responsabilidade dele. Então, quando o pai viajou para a França, Nos primeiros, o primeiro ano ele não conseguiu mandar nada porque... Porque ele não tinha, não começou a trabalhar logo que chegou. Aí então quando ele começou a trabalhar, começou a mandar. De vez em quando mandava 100 euros, mandava 200 euros. Não mandava todos os meses, regularmente, porque ele não tinha um trabalho fixo. Mas sempre ele ligava, quando não podia mandar, ele me dava uma explicação. Então aí eu comecei a entender que nem sempre... Não é porque ele não queria dar. É porque ele não tinha. E quando começou a trabalhar, começou a apoiar a filha.

Interviewer: Começou a apoiar

Marcela: Então, em 2014, quando, até mesmo quando ele chegou, em França, eu chamei atenção mais uma vez, eu disse ‘olha, já que já estás lá, eu sei que lá é outra condições, eu só peço que quando tiver condições me ajuda com a despesa da filha porque ela já está a crescer, agora as despesas aumentam cada vez mais e eu não vou poder suportar tudo sozinha e eu quero dar o melhora para a minha filha.’ Ele disse ‘não, eu sei bem disso e isso está a me- eu estou a pensar nisso todos os dias, e assim que tiver qualquer coisa, eu vou mandar.’ Então, quando ele começou a trabalhar então aí ele começou a enviar o dinheiro, também sempre falava com a filha, chamava quase, todos os meses pelo menos duas vezes, ele ligava pra falar com ela. Então em 2015, ele já tinha a vida organizada, ele disse que queria que a filha ficasse com ele na França. Porque, eu fiquei a pensar... Ok, tudo bem, é a única filha que eu tenho. A minha filha já está com sete, na altura estava com sete ano. Eu disse, ele... a minha filha concretamente não teve tanto tempo de convivência com o pai, mesmo de perto. Porque quando nós separamos, a

minha filha ainda tinha apenas, não ainda nem tinha completado um ano. Depois a minha filha foi ficar com a minha mãe, quando voltou, nós dois já estávamos separados. Então eu pensei, dessa questão de, na proposta da minha filha viver com ele na França. Ok, é minha única filha, se a minha filha for eu vou ficar aqui sozinha. Mas logo ao pensar na minha situação em que eu não tive nenhuma convivência com o meu pai em perto, que isso me deixa com uma profunda tristeza, eu disse eu não vou cometer o mesmo erro, eu vou dar esta oportunidade para a minha filha, que eu não tive... Que é de conviver com o pai de perto. Então foi uma da-, foi uma decisão muito difícil. Porque a nossa sociedade... conec-, sempre liga filhos à mãe. Filhos têm de estar junto com a mãe. Mas nem sempre temos que pensar assim. Porque em primeiro lugar eu não penso só em mim, eu penso na minha filha. Porque, eu sei que, para além de estar junto com o pai ela vai ter outras condições. Porque ah ... condições de uma criança em França não é igual o que temos em cabo Verde. E depois eu fico, fiquei a pensar. Agora, nesse momento eu vou recusar por orgulho recusar, que minha filha não vai ficar lá? E depois a minha filha pode me culpar mais tarde. Por exemplo, ela pode não encontrar a oportunidade em Cabo Verde, depois ela vem me acusar. ‘ O meu pai queria que eu fosse e tu não deixaste!’. Eu também não quero que minha filha venha me culpar por isso. Então o que eu disse, eu demorei um tempo pra dizer pra ele se íamos ou não. Se a minha filha iria ou não. Então, depois eu disse, como eu já tinha marcado férias, em França, porque eu tenho familiares lá. E eu já tinha estado lá em 2012, e eum dois mil e cat- em 2015, eu pensei. (.) Vamos pra férias, eu e a minha filha, se ela gostar ela pode ficar. Porque eu também não posso também decidir pra dizer ‘não, váis ficar lá’ sem também saber se a minha filha, mesmo sendo tão pequena, mas eu acho que ela teria também de mostrar algum interesse em ficar. Então eu disse, ok, eu não vou dizer ela vai ficar obrigatoriamente mesmo sendo contra a

vontade dela. Então nós vamos como-, vamos pra fêria, ela vai, vai conhecer, se ela gostar ela pode dizer que sim, se ela disser que não, nós não va-, ela não vai ficar. Então fomos em dois mil e-, 2015 não, 2016. 2015 eu fui sozinha, 2016. Ai, não, em 2015, foi 2014 que eu fui de férias sozinha. Em 2015 fomos, e ela foi ter com o pai, o pai sempre. É um encontro tão emocionante que já tinham anos que não tinham a estar de perto. Então, e depois eu perguntei, ‘filha, olha, você quer ficar?’ Ela disse ‘ainda não sei’.

Interviewer: [risos] bonitinha

Marcela: [risos] Então depois, passando alguns dias, o pai disse ‘olha, você vai ficar aqui’ quando começou a falar com ela, a mostrar que que ela pode fazer, que ela tem, que ela vai frequentar as escolas, o que que é possível fazer. Depois ela disse assim, que ela vai ficar. Eu disse ‘olha, vai ficar, mais qualquer dia, se não queres ficar você vai voltar. Não há nenhum problema. Que vais ficar aqui por vontade própria. Se não gostares, no final do ano, só vais terminar esse ano, e se não gostares vai pra Cabo Verde, vai ficar lá. E depois ela ficou até ainda, e foi em (2006), em agosto, fui visitar, pra ver de perto, como é que ela estava, Mas ela não teve muita dificuldade em socializar, ela frequentou o ela já estava no quarto ano. E correu tudo normalmente

Interviewer: Ah, então ela está lá hoje?

Marcela: Ela está lá, sim. Agora eu estou aqui sozinha [risos]

Interviewer: Ah, ok, ela está la. Entendi

Marcela: Sim, ela está lá

Interviewer: Ok, ok. Então, voltando então pra quando você fez o mestrado, né? Quando você iniciou o mestrado. Poderia dizer assim, por que Ciências Sociais, por que que você se interessou, e se engajou, né, com os estudos de Ciências Sociais

Marcela: É o seguinte, eu sempre, desde o ensino secundário eu gostava da Sociologia. Só que quando

terminei o-, o ensino secundário, no momento em que eu queria vir pra universidade, não tinha vaga para o curso de Sociologia. Então, eu fui pro curso de Educação da Infância mas não fui por gosto. Eu fiz o curso de Educação de Infância porque é a unica vaga que existia no momento. Então, eu fiz o curso, e depois quando, em 2011, quando abriu o mestrado em Ciências Sociais, eu disse ‘agora eu vou fazer o [risos] o curso que eu gosto’ [risos]. E tendo a licenciatura, eu disse ‘ei, eu não vou fazer mais uma licenciatura, agora eu vou fazer um mestrado e fazer uma especialização na área que eu, que eu gosto’, porque eu sempre gostei da Sociologia. Então, foi daí que eu entrei para o curso de mestrado em Ciências Sociais,

Interviewer: E como foi a experiência, como foi o curso, pra você?

Marcela: Foi uma experiência muito agradável, aprendi muito, para além da parte curricular do curso, também tive uma grande aprendizagem em termos pessoais. Porque no curso tinha muita-, tinha colegas muito mais experiente, tinha colegas que estudaram fora, que fizeram licenciatura fora, trouxeram experiências diferente, já mesmo em termos de vivência tinham pessoas mais, já mais adultos, pessoas com mais experiência mesmo de vida. Então foi uma, foi um aprendizado para além da parte acadêmica, mas também para

Interviewer: parte pessoal

Marcela: Para a parte pessoal. Então daí eu comecei a ver muitas coisas de forma diferente. Tendo em conta que eu estou a interagir com pessoas de idades diferente, pessoas de áreas diferente, pessoas que já têm mais experiência... Então foi muito valioso nesse aspecto. E também em termos da parte acadêmica, o currículo também, gostei. Porque trabalhamos diversas disciplinas do programa. E também foi, até que eu acho que fazer o mestrado foi muito mais fácil que fazer licenciatura. [risos] Porque, porque tudo foi, foi mais fluido, porque licenciatura é muito pesada, e depois logo ao sair do ensino

secundário, vem deparar com o curso de licenciatura é muito mais pesado. Tanto que o mestrado é à base de seminário, de apresentação

Interviewer: tu diz assim a estrutura, né?

Marcela: Sim, sim, sim. Então da forma que o curso, que ocorreu o curso, eu disse que fazer o curso de mestrado foi muito mais fácil que fazer o curso de licenciatura, mas também eu acho que também eu já estava mais preparada, já tinha mais maturidade para encarar um curso com mais seriedade. [risos]

Interviewer: Sim, sim, entendi. E como foi pra chegar até teu objeto de estudo, como é que foi esse processo?

Marcela: Assim, para, porque no curso tínhamos vários seminários, e também tínhamos, dentro do curso de Ciências Sociais, tínhamos três vertentes, que era a Ciência Política, tínhamos Antropologia e temos a... Ciências Sociais, então dentro das Ciências Sociais nós tínhamos também vertentes, que era Políticas Públicas, e tínhamos Gênero e Família então eu fui para Gênero e Família. Porque sempre é um tema que... Que eu sinto, que eu sinto vontade em trabalhar, então daí é que vem depois de vários seminários relativamente a Gênero e Família, aí eu senti uma motivação de trabalhar o tema mais aprofundadamente.

Interviewer: Sim. E quais-, quem que deu os seminários, né, qual foram os professores, daonde, da onde... são os professores?

Marcela: Tínhamos a professora Miriam, que veio da (.). Já esqueci o nome da universidade dela

Interviewer: Unisinos, né?

Marcela: Ah, sim, sim, da. Sim, sim. Tínhamos a professora Miriam

Interviewer: do Brasil?

Marcela: Sim, sim. Também tínhamos a. Foi a professora Miriam, a professora Jaqueline, que era mais para a área da Antropologia, mas baseado no gênero.

Interviewer: Ela é do Brasil também?

Marcela: Sim, sim, sim.

Interviewer: Ok

Marcela: E também tínhamos o professor José Carlos do Anjos. Também do Brasil. Então sempre-, sempre eles trouxeram-nos vários instrumentos que nos ajudaram a chegar concretamente, com a orientação deles consegui, conseguimos traçar o nosso objetivo de estudo.

Interviewer: Ok, ok. E pode falar um pouquinho do que você fez, que você pesquisou?

Marcela: Ah, sim. Relativamente ao meu estudo... Inicialmente tínhamos traçado um plano, o objetivo mesmo era trabalhar a violência baseada no gênero, mas com uma metodologia quantitativa. Então começamos a fazer coleta de dados, e eu iniciei o meu estudo, e até, e no início era fazer um estudo comparativo qualitativo e comparativo ao mesmo tempo, que era recolher, comparar os dados de casos de violência doméstica em Calheta de São Miguel comparando com a cidade da Praia.

Interviewer: Ok. Essa Calheta de São Miguel é uma cidade do interior?

Marcela: É interior. Interior da ilha de Santiago. Então era ter esses parâmetros da cidade e do interior, para ver o peso... E também a diferença, fazer essa comparação, dentre essas duas-, desses campos de estudo. Mas só que o tempo era muito, muito curto. Então tínhamos que delimitar.

Interviewer: Isso dá uma tese. [risos]

Marcela: Pois... Então tínhamos que fazer uma delimitação no campo de estudo. Então, até mesmo já tinha, já tinha dados quantitativos mesmo do caso, das ocorrências em Calheta de São Miguel. Só que na cidade da Praia foi muito complicado, chegamos a pedir autorização para recolha de dados na esquadra da polícia, mas infelizmente não mostraram abertura então, isso ficou a dificultar nosso estudo então o orientador me disse, ‘olha, temos que delimitar isso, fazemos um trabalho só



em Calheta de São Miguel, porque na cidade da Praia já vimos que está difícil.’ Então, aí centramos nosso estudo em Calheta de São Miguel. Aí em Calheta de São Miguel, quando chegamos na fase ainda de recolhidas de dados. Aí em primeiro lugar, fomos para a esquadra de polícia para obtermos dados da ocorrência naquele ano. Então, e também conhecer as vítimas que deram entrada nas queixas, nos registros de ocorrência para podermos saber como é que vamos delimitar o nosso processo de, da recolha de dados, e traçamos entrevista para vermos quantas pessoas temos, e quantas pessoas vamos-, vamos colher para nosso estudo. Então a partir daí, a ter que ir na esquadra da polícia eles foram muito prestativos, nos ajudaram muito, nos ofereceram até os boletins da ocorrência para ver os nomes das pessoas para podermos ver se escolhemos as pessoas e quais as pessoas que deveríamos escolher para o nosso estudo. Então a partir daí, tendo a base de dados do-, do número da ocorrência, então começamos já, já tínhamos recorde da cidade então começamos a trabalhar o-, a nossa entrevista. E, da entrevista, quando traçamos o perfil das pessoas que queríamos fazer a entrevista, que eram pessoas que sofreram violência doméstica, mas tínhamos homem e mulher, queríamos entrevistar homem e mulher, só que o homem só conseguimos um. Só conseguimos um, e mulheres, algumas mulheres até desistiram ao longo do curso da entrevista. Mas ao fazer a entrevista, ao analisar as entrevistas, meu orientador me disse: ‘por que que não, para além da entrevista, porque a entrevista não vai dar... não vamos ter uma base para sustentar a nossa investigação.’ Porque a entrevista as pessoas nem sempre respondem, nem perguntam porque, ainda mais numa zona de interior. As pessoas ainda sentem um bocadinho de receio em falar sobre a violência doméstica. Então, com a entrevista, então, não conseguíamos ter os dados concretos do que queríamos pra sustentar a nossa investigação. Então, daí, meu orientador me sugeriu para fazermos

histórias de vida. Então, com as pessoas que nos deram entrevista, vamos tentar seguir os passos e reconstruir uma história de vida. Só que nem todos que concederam entrevista estavam disponíveis para prosseguir com história de vida. E, nas que aceitaram, mas foi muito difícil; foi muito, muito difícil convencer as pessoas. Foi várias tentativas, mesmo falando: ‘não, seu nome não vai ser divulgado. É para o estudo acadêmico, não é para...’ Porque, as pessoas, ainda mais, algumas pessoas já me conheciam, então [risos]

Interviewer: Porque você é de lá, é isso?

Marcela: Sim, sim, sim. Então, algumas pessoas já me conheciam, então ficou aquela desconfiança: “não, ela já me conhece, já sabe...” Então, fica aquela desconfiança, então. Mas conseguimos algumas pessoas pra fazer histórias de vida, foi muito gratificante fazer o trabalho. Não foi fácil, não foi fácil, porque ainda mais trabalhar num campo que já é familiar. Então...

Interviewer: Se distanciar do objeto.

Marcela: Sim, sim. Então nós... e aí é a questão de se distanciar...

Interviewer: Dos participantes, né?

Marcela: É um bocadinho difícil. Então... Mas foi muito gratificante.

Interviewer: Vocês conseguiram.

Marcela: Sim, sim. Conseguimos fazer histórias de vida. Nesse momento, não estou a lembrar quanto, mas utilizamos seis. Utilizamos seis histórias de vida pra dissertação. Aí já conseguimos uma base mesmo para...

Interviewer: E o que vocês conseguiram concluir com o trabalho? O que vocês concluíram?

Marcela: A nossa conclusão da nossa investigação é que, ainda no interior, e no interior ainda... as pessoas sentem um bocadinho de vergonha em falar que são violentadas. Porque até mesmo homens, sabemos que há vários homens nessa situação, mas eles não querem (tratar).

Interviewer: Só uma questão: é violência física?

Marcela: Nós trabalhamos violência física e violência psicológica. Tanto para homem quanto para as mulheres. Então achamos que é preciso fazer mais trabalhos de perto, porque vimos, constatamos que há pessoas que, mesmo tendo conhecimento, mas ainda falta aquela coragem de abrir, de falar sobre esta temática. E há casos em que acontece violência doméstica, mas a pessoa não tem a coragem de denunciar o opressor.

Interviewer: Por questões morais, assim

Marcela: No interior, no interior, o que nós constatamos é que, mais, como posso te dizer, há outras dificuldades, mas eu acho que mais é a parte moral. Porque mesmo os homens não querem sentir a sua dignidade perdida, pela masculinidade pelo... E aqui em Cabo Verde é muito forte, e não querem datar, não querem apresentar a queixa.

Interviewer: E as mulheres?

Marcela: As mulheres já, algumas mostraram resistência. Porque, outros que não tinham como fazer... algumas, uma ou duas que não sabiam se podiam, como podiam fazer o relato da ocorrência junto das entidades que deveriam fazer. Então, mas há outros casos em que a mulher não quer denunciar, porque se denunciar, o agressor fica ainda mais agressivo e ela não tem como sair, não tem condições. Porque é caso de mulheres que não trabalham, é caso de mulheres que têm filho e não têm como sustentar a vida sozinha, independente do opressor. Então daí fica mais difícil. E até encontramos casos em que a mulher continua na casa com o opressor, não por questão da falta de condições, mas porque... tem um caso até mesmo que foi muito, eu achei... Isso deu muito o que falar no meu estudo, porque... ela não queria sair. Ela queria sair, só que a mãe não lhe apoiava pra sair, porque a mãe também já passou a vida inteira com o marido na violência, ela disse: 'se eu, até ainda e não morri, tu também não vais morrer.'

Interviewer: Olha só...

Marcela: E ela saiu da sua casa, foi pra casa da mãe, e a mãe: ‘não, vais ter que voltar pra sua casa. Uma mulher quando é casada, é casada para sempre.’ E ela acha que sofrer de violência faz parte do casamento.

Interviewer: Sim, sim.

Marcela: Então, essa questão cultural que ainda é muito, muito, muito forte. Ainda mais no interior da cidade aí, bem mais forte, porque os homens ainda consideram como donos das mulheres. Eles acham que devem fazer tudo que vier na cabeça, e que eles fazem isso por que ser homem dá-lhes direito de fazer isso com as mulheres. E também há mulheres que aceitam isso por que também acham que, como sendo mulher, é o papel da mulher.

Interviewer: Sim, sim. Interessante. Então, só mais umas duas perguntas, tá? Então a minha outra pergunta seria com relação especificamente às teorias de gênero, né? Depois do contato com as teorias de gênero, das tuas leituras, que você diz mesmo que modificou muito a questão pessoal; como é que ficou as tuas leituras com relação aos ambientes em que você convive? Por exemplo, seja sociais, assim; seja, por exemplo, com amigos, família, o que que você observa, agora depois com essas leituras, né, de gênero [risos] no trabalho, enfim

Marcela: Bom, no trabalho, eu acho que, no trabalho é mais passivo, porque no meu mundo do trabalho, o mundo acadêmico, já questões de gênero já é mais socializado, já é mais debatido e acho que as pessoas aqui já estão com a questão de gênero, já estão mais sensibilizadas para esta questão. Então aí já não sinto tanta diferença. Mas, na minha casa, a minha mãe, agora que eu já estou muito moderna [risos]

Interviewer: Ah, ela fala que você é moderna. Ok [risos].

Marcela: É que ela usa um discurso que, ela disse: ‘se você continuar assim, não vai encontrar marido’ [risos] Porque ela ainda que, para uma mulher encontrar um

marido, tem que ir num padrão que o homem quer. E eu falo abertamente: ‘não, eu não quero isso para mim, não.’ Então em termos familiares isso ainda é uma coisa que estamos a tentar conciliar [risos]. Mas em termos, tipo, da convivência social, eu não sinto nenhuma diferença, porque eu acho também que são pessoas que... eu convivo com jovens na mesma situação, então eles também já estão mais atualizados, mais sensibilizados na questão de gênero... Mas sempre há alguns ali e outros aqui que sempre estão a levar a supremacia dos homens em relação à mulher, então estas coisas temos sempre de

Interviewer: E como você lida, como você enfrenta uma situação assim?

Marcela: Ah, eu sempre falo o que eu penso. Eu só peço que respeitem a minha decisão, só isso. Tu podes pensar assim, mas eu não vejo nessa ótica. Eu sempre digo o que eu penso, e eu não mudo a minha forma de pensar porque os outros acham que eu deveria pensar diferente. Até eu tenho um amigo que me disse que eu sou muito moderna [risos] Eles acham que, ao falar do gênero, da igualdade, eles acham que é coisa da modernidade.

Interviewer: E eles não são modernos, então? [risos]

Marcela: Só que eu tento sempre explicar, mas eles dizem: ‘isso não se aplica a todos os níveis’ [risos].

Interviewer: Ah, olha só. Resistência, né?

Marcela: Ainda temos muito o que lidar com essa situação. Mas eu encaro isso com naturalidade. Só respeito a opinião dos outros, eu acho também que as pessoas devem respeitar a minha opinião. Mas só que eu também entendo, nós estamos numa sociedade que ainda temos que trabalhar muito a questão de gênero, porque ainda temos homens ainda com uma mentalidade de que não deveria ter a igualdade de gênero, que deveria continuar a ter sempre a supremacia dos homens em relação à mulher, então eu sempre... só que a minha opinião, não sinto vergonha de dizer o que eu penso, não sinto. Eu falo de uma forma a tentar respeitar a opinião dos outros, ok? Eu tento fazer a

sensibilização ao ponto de ver se as pessoas vejam as coisas de uma forma diferente, que não é bem bem assim. Mas também temos que entender que nós não vamos mudar a mentalidade de uma hora pra outra. Nós temos que fazer com o quê, na prática. Por exemplo, eu saio com os meus amigos no final-de-semana, sentamos, tomamos uma cerveja, porque eu acho normal. Eu convido um colega: ‘vamos tomar uma cerveja, eu pago a conta.’ E tem uns que ficam meio surpreendidos [risos].

Interviewer: Como assim, né?

Marcela: Mas eu acho que é com essas atitudes que... porque não é só falar, não é só falar, não. Queremos ter a igualdade, e mostrar uma parte de que nós somos. Porque o gênero não deve ficar só na teoria. Igualdade de gênero nós temos que pôr na prática. Então eu acho que é nesse aspecto que temos que tentar mudar, tentar mostrar na prática que nós podemos fazer o que os homens fazem.

Interviewer: Ok. Então minha última pergunta, tá? Mais assim, mais reflexiva, né? Como a palavra feminista ou feminismo, né, ela te define como mulher, como estudante, como trabalhadora? Como que ela define ou não; essa palavra, quando vem na sua cabeça, o que que ela traz pra você?

Marcela: Eu acho que o feminismo... bom, na minha perspectiva, eu acho que nós temos que, cada vez mais, lutar pelo que é nosso. Não é uma questão de... temos que estar em brigas com o machismo. Mas é tentar fazer o diferente, é tentar fazer prevalecer o que sentimos bem. Ok, eu opto, é minha opção, é a minha opção de vida de fazer o que eu gosto de ser como uma mulher. Eu não quero ser como um homem, eu quero ser como uma mulher, mas eu quero também que o homem respeite a minha opção. Não é questão de: ‘eu quero fazer tudo que o homem faça. Não, eu quero fazer o que eu me sinto bem ao fazer.’ Não é porque o homem tenha que sair pra tomar cerveja que eu tenha que fazer. Não é isso. Se eu me sinto bem ao fazer isso, eu faço. Eu acho que sempre devemos

levar pela essa ótica. E eu acho que o feminismo nos ajuda muito nas teorias feministas em saber diferenciar as duas coisas: o machismo e o feminismo. Porque ao pautarmos pelo feminismo, nós também temos que saber que os homens também têm que entender essa parte, não só de entender a parte machista deles [risos], mas também não temos que ser também feminista ao extremo só por ser essa teoria, colocar em prática e colocar a nossa liberdade em risco. Porque nós vamos fazer só porque está na moda? Não, eu faço isso porque eu me sinto bem, me sinto como uma mulher e eu acho que devo fazer isso e eu me sinto bem ao fazer isso.

Interviewer: Fazer sem ser julgado, né?

Marcela: Sim, sim [risos].

Interviewer: Sim, sim. Acho que é isso mesmo. Então ok, Marcela, muito obrigada, seria isso mesmo, muito obrigada mesmo. E enfim, eu vou fechar aqui, porque já tá ótimo.

## APPENDIX II – textual analysis

Table II.1 – Process Occurrences And Types.

Process	Number Of Occurrences	Process Type
SER	1336	RELATIONAL
TER	517	RELATIONAL
FAZER	313	MATERIAL
ESTAR	280	RELATIONAL
DIZER	217	VERBAL
IR	183	MATERIAL
TRABALHAR	145	MATERIAL
VER	135	MENTAL
FICAR	123	RELATIONAL
HAVER	118	EXISTENTIAL
ACHAR (Think)	108	MENTAL
PODER	101	MODAL VERB
QUERER	100	MENTAL
SABER	100	MENTAL
COMEÇAR	94	MATERIAL
FALAR	93	VERBAL
PENSAR	83	MENTAL
SENTIR	63	MENTAL
DAR	62	MATERIAL
ESTUDAR	61	MATERIAL
DEIXAR	44	MATERIAL
CHEGAR	40	MATERIAL
CONSEGUIR (CAN)	38	MODAL VERB (MODULATED)
TENTAR	38	MATERIAL
TERMINAR	37	MATERIAL
PRECISAR	33	MENTAL
DEVER	32	MODAL VERB (MODULATED)
ENCONTRAR	32	MATERIAL
PASSAR	32	MATERIAL
CONSEGUIR (GET)	31	MATERIAL
ENTRAR	31	MATERIAL
AJUDAR	29	MATERIAL
MUDAR	28	MATERIAL
SAIR	28	MATERIAL
COLOCAR	27	MATERIAL
VIR	27	MATERIAL
GOSTAR	26	MENTAL
LEMBRAR	26	MENTAL



<b>CHAMAR</b>	25	MATERIAL
<b>NASCER</b>	24	MATERIAL
<b>ACABAR</b>	23	MATERIAL
<b>LEVAR</b>	23	MATERIAL
<b>TRAZER</b>	23	MATERIAL
<b>MOSTRAR</b>	22	MENTAL
<b>VIVER</b>	21	MATERIAL
<b>VOLTAR</b>	21	MATERIAL
<b>DEFENDER</b>	20	MATERIAL
<b>PERCEBER</b>	20	MENTAL
<b>TOMAR</b>	20	MATERIAL
<b>ACEITAR</b>	19	MENTAL
<b>CONTINUAR</b>	19	MATERIAL
<b>OLHAR</b>	19	MENTAL
<b>NOTAR</b>	17	MENTAL
<b>PEDIR</b>	17	VERBAL
<b>CONHECER</b>	16	MENTAL
<b>FALTAR</b>	16	MATERIAL
<b>CASAR</b>	15	MATERIAL
<b>CUIDAR</b>	15	MATERIAL
<b>PAGAR</b>	15	MATERIAL
<b>ENTENDER</b>	14	MENTAL
<b>PROCURAR</b>	14	MATERIAL
<b>ACONTECER</b>	13	MATERIAL
<b>CRESCER</b>	13	MATERIAL
<b>INICIAR</b>	13	MATERIAL
<b>MANDAR</b>	13	MATERIAL
<b>ABRIR</b>	12	MATERIAL
<b>ANALISAR</b>	12	MENTAL
<b>FORMAR</b>	12	MATERIAL
<b>MORAR</b>	12	MATERIAL
<b>APOIAR</b>	11	MATERIAL
<b>VENDER</b>	11	MATERIAL
<b>APRENDER</b>	10	MATERIAL
<b>BUSCAR</b>	10	MATERIAL
<b>DENUNCIAR</b>	10	VERBAL
<b>INTERESSAR</b>	10	MENTAL
<b>APANHAR</b>	9	MATERIAL
<b>CRIAR</b>	9	MATERIAL
<b>DEBATER</b>	9	VERBAL
<b>DECIDIR</b>	9	MENTAL
<b>EDUCAR</b>	9	MATERIAL
<b>ENSINAR</b>	9	MATERIAL
<b>EXISTIR</b>	9	EXISTENCIAL
<b>INTRODUZIR</b>	9	MATERIAL
<b>SEPARAR</b>	9	MATERIAL
<b>ABORDAR</b>	8	VERBAL

<b>ASSISTIR</b>	8	MENTAL
<b>BATER</b>	8	MATERIAL
<b>CANDIDATAR</b>	8	MATERIAL
<b>CONSIDERAR</b>	8	MENTAL
<b>ESCOLHER</b>	8	MENTAL
<b>LECIONAR</b>	8	MATERIAL
<b>MORRER</b>	8	MATERIAL
<b>ORGANIZAR</b>	8	MENTAL
<b>OUVIR</b>	8	MENTAL
<b>RECEBER</b>	8	MENTAL
<b>TIRAR</b>	8	MATERIAL
<b>ACOMPANHAR</b>	7	MATERIAL
<b>ACREDITAR</b>	7	MENTAL
<b>APRESENTAR</b>	7	MATERIAL
<b>CONVIDAR</b>	7	VERBAL
<b>DIALOGAR</b>	7	VERBAL
<b>GANHAR</b>	7	MATERIAL
<b>IMAGINAR</b>	7	MENTAL
<b>INFLUENCIAR</b>	7	BEHAVIOURAL
<b>LER</b>	7	MATERIAL
<b>PARTICIPAR</b>	7	MATERIAL
<b>REPARAR</b>	7	MENTAL
<b>TRATAR</b>	7	BEHAVIOURAL
<b>COMPRAR</b>	6	MATERIAL
<b>EMIGRAR</b>	6	MATERIAL
<b>LAVAR</b>	6	MATERIAL
<b>LIGAR</b>	6	MATERIAL
<b>PERCORRER</b>	6	MATERIAL
<b>RECONHECER</b>	6	MENTAL
<b>SUSTENTAR</b>	6	MATERIAL
<b>TRAÇAR</b>	6	MATERIAL
<b>BRINCAR</b>	5	MATERIAL
<b>COMPARAR</b>	5	VERBAL
<b>COMPREENDER</b>	5	MENTAL
<b>DEPENDER</b>	5	RELATIONAL
<b>EXIGIR</b>	5	VERBAL
<b>EXPLICAR</b>	5	VERBAL
<b>FREQUENTAR</b>	5	MATERIAL
<b>LEVANTAR</b>	5	MATERIAL
<b>PARTILHAR</b>	5	MATERIAL
<b>PREOCUPAR</b>	5	MENTAL
<b>RELACIONAR</b>	5	RELATIONAL
<b>SIGNIFICAR</b>	5	RELATIONAL
<b>SOFRER</b>	5	MENTAL
<b>ADQUIRIR</b>	4	MATERIAL
<b>COMPLETAR</b>	4	MATERIAL
<b>CONQUISTAR</b>	4	MATERIAL
<b>CONTAR</b>	4	VERBAL

<b>CONTRIBUIR</b>	4	MATERIAL
<b>CONVERSAR</b>	4	VERBAL
<b>DESCOBRIR</b>	4	MATERIAL
<b>DORMIR</b>	4	BEHAVIOURAL
<b>ENCARAR</b>	4	MATERIAL
<b>ENTREVISTAR</b>	4	VERBAL
<b>ESPERAR</b>	4	BEHAVIOURAL
<b>IMPOR</b>	4	MATERIAL
<b>MARCAR</b>	4	MATERIAL
<b>NAMORAR</b>	4	MATERIAL
<b>OBSERVAR</b>	4	MENTAL
<b>PERGUNTAR</b>	4	VERBAL
<b>REFLETIR</b>	4	MENTAL
<b>RESPONDER</b>	4	VERBAL
<b>SEGUIR</b>	4	MATERIAL
<b>SENTAR</b>	4	MATERIAL
<b>SERVIR</b>	4	MATERIAL
<b>TORNAR</b>	4	RELATIONAL
<b>UTILIZAR</b>	4	MATERIAL
<b>AUMENTAR</b>	3	MATERIAL
<b>BAIXAR</b>	3	MATERIAL
<b>CHORAR</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>COMER</b>	3	BEHAVIOURAL
<b>CONFIAR</b>	3	MENTAL
<b>CONFUNDIR</b>	3	MENTAL
<b>CONSTATAR</b>	3	MENTAL
<b>CONVIVER</b>	3	MATERIAL
<b>COORDERNAR</b>	3	MATERIAL
<b>CORRER</b>	3	MATERIAL
<b>DEFENDER</b>	3	VERBAL
<b>DELIMITAR</b>	3	MATERIAL
<b>DESEMPENHAR</b>	3	MATERIAL
<b>DESENVOLVER</b>	3	MATERIAL
<b>DESISTIR</b>	3	MATERIAL
<b>DIFICULTAR (PUT UP RESISTANCE)</b>	3	MATERIAL
<b>DISCUTIR</b>	3	VERBAL
<b>ENQUADRAR</b>	3	RELATIONAL
<b>EVITAR</b>	3	MATERIAL
<b>EXPLORAR</b>	3	MATERIAL
<b>FAVORECER</b>	3	MATERIAL
<b>FINANCIAR</b>	3	MATERIAL
<b>IMPLEMENTAR</b>	3	MATERIAL
<b>IMPORTAR-SE</b>	3	MENTAL
<b>INCOMODAR</b>	3	MENTAL
<b>INGRESSAR</b>	3	MATERIAL
<b>LIDAR</b>	3	MATERIAL
<b>LUTAR</b>	3	MATERIAL

<b>MELHORAR</b>	3	MATERIAL
<b>PARAR</b>	3	MATERIAL
<b>PEGAR</b>	3	MATERIAL
<b>POR</b>	3	MATERIAL
<b>PRESERVAR</b>	3	MATERIAL
<b>QUESTIONAR</b>	3	VERBAL
<b>RECOLHER</b>	3	MATERIAL
<b>RECUSAR</b>	3	MENTAL
<b>REPRODUZIR</b>	3	VERBAL
<b>REPROVAR</b>	3	MATERIAL
<b>RESOLVER</b>	3	MATERIAL
<b>RESPEITAR</b>	3	MENTAL
<b>TRANSFERIR</b>	3	MATERIAL
<b>VIAJAR</b>	3	MATERIAL
<b>VISITAR</b>	3	MATERIAL
<b>ABANDONAR</b>	2	MATERIAL
<b>ACONSELHAR</b>	2	VERBAL
<b>AFETAR</b>	2	MATERIAL
<b>AGREDIR</b>	2	MATERIAL
<b>APAIXONAR</b>	2	MATERIAL
<b>APROVAR</b>	2	MENTAL
<b>ARRANJAR</b>	2	MATERIAL
<b>ARREBENTAR</b>	2	MATERIAL
<b>ATENDER</b>	2	MATERIAL
<b>ATURAR</b>	2	MENTAL
<b>BALANÇAR</b>	2	MATERIAL
<b>BENEFICIAR</b>	2	MATERIAL
<b>CENTRAR</b>	2	MATERIAL
<b>CHOCAR</b>	2	MATERIAL
<b>COLABORAR</b>	2	MATERIAL
<b>CONTROLAR</b>	2	MATERIAL
<b>COSTUMAR</b>	2	BEHAVIOURAL
<b>COZINHAR</b>	2	MATERIAL
<b>CULPAR</b>	2	VERBAL
<b>CUMPRIR</b>	2	MATERIAL
<b>DEBELAR</b>	2	MATERIAL
<b>DEITAR</b>	2	MATERIAL
<b>DEMORAR</b>	2	RELATIONAL
<b>DESLIGAR</b>	2	MATERIAL
<b>DIFERENCIAR</b>	2	RELATIONAL
<b>DOMINAR</b>	2	MATERIAL
<b>ENTREGAR</b>	2	MATERIAL
<b>ESCONDER</b>	2	MATERIAL
<b>ESQUECER</b>	2	MENTAL
<b>FALECER</b>	2	MATERIAL
<b>FECHAR</b>	2	MATERIAL
<b>FUNCIONAR</b>	2	MATERIAL
<b>IMPRESSIONAR</b>	2	BEHAVOIRAL

<b>INCENTIVAR</b>	2	BEHAVIOURAL
<b>INSCREVER</b>	2	MATERIAL
<b>INSERIR</b>	2	MATERIAL
<b>INSISTIR</b>	2	MENTAL
<b>LIMPAR</b>	2	MATERIAL
<b>MISTURAR</b>	2	MATERIAL
<b>OBRIGAR</b>	2	MATERIAL
<b>OCORRER</b>	2	MATERIAL
<b>OFERECER</b>	2	MATERIAL
<b>OPTAR</b>	2	MATERIAL
<b>PARECER</b>	2	RELATIONAL
<b>PERDER</b>	2	MATERIAL
<b>PERMITIR</b>	2	MATERIAL
<b>PRATICAR</b>	2	MATERIAL
<b>PREFERIR</b>	2	MENTAL
<b>PREPARAR</b>	2	MATERIAL
<b>PREVENIR</b>	2	MATERIAL
<b>PROMOVER</b>	2	MATERIAL
<b>REAGIR</b>	2	BEHAVIOURAL
<b>SOBREVIVER</b>	2	MATERIAL
<b>SOLICITAR</b>	2	VERBAL
<b>SUBMETER</b>	2	MATERIAL
<b>SUGERIR</b>	2	VERBAL
<b>SUMIR</b>	2	MATERIAL
<b>SUPERAR</b>	2	MATERIAL
<b>TRANSFORMAR</b>	2	RELATIONAL
<b>VALER</b>	2	RELATIONAL
<b>VESTIR</b>	2	MATERIAL
<b>VIRAR</b>	2	MATERIAL
<b>ACORDAR</b>	1	MATERIAL
<b>ACUSAR</b>	1	VERBAL
<b>ADOTAR</b>	1	MATERIAL
<b>AFASTAR</b>	1	MATERIAL
<b>AFINAR</b>	1	MATERIAL
<b>AGIR</b>	1	MATERIAL
<b>AGRADECER</b>	1	VERBAL
<b>ALMOÇAR</b>	1	MATERIAL
<b>AMEAÇAR</b>	1	VERBAL
<b>APRESENTAR</b>	1	VERBAL
<b>APRISIONAR</b>	1	MATERIAL
<b>APROXIMAR</b>	1	MATERIAL
<b>ARRENDAR</b>	1	MATERIAL
<b>ARTICULAR</b>	1	VERBAL
<b>ASSINAR</b>	1	MATERIAL
<b>ASSUMIR</b>	1	MATERIAL
<b>ATINGIR</b>	1	MATERIAL
<b>ATRASAR</b>	1	MATERIAL
<b>AVANÇAR</b>	1	MATERIAL

<b>BATALHAR</b>	1	MATERIAL
<b>BATIZAR</b>	1	MATERIAL
<b>BEBER</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>BRIGAR</b>	1	MATERIAL
<b>CAPTAR</b>	1	MATERIAL
<b>CASTRAR</b>	1	MATERIAL
<b>CAVAR</b>	1	MATERIAL
<b>CEDER</b>	1	MATERIAL
<b>CHATEAR</b>	1	MENTAL
<b>CITAR</b>	1	VERBAL
<b>COMETER</b>	1	MATERIAL
<b>COMPROVAR</b>	1	MATERIAL
<b>COMUNICAR-SE</b>	1	VERBAL
<b>CONCORRER</b>	1	MATERIAL
<b>CONFIRMAR</b>	1	VERBAL
<b>CONSCIENCIALIZAR</b>	1	MENTAL
<b>CONTACTAR</b>	1	VERBAL
<b>CONTRAPOR</b>	1	VERBAL
<b>CONVENCER</b>	1	VERBAL
<b>CRITICAR</b>	1	VERBAL
<b>CUSTAR</b>	1	RELATIONAL
<b>CUSTEAR</b>	1	MATERIAL
<b>DATAR</b>	1	RELATIONAL
<b>DEPARAR</b>	1	MATERIAL
<b>DESAGREGAR</b>	1	MATERIAL
<b>DESAPARECER</b>	1	MATERIAL
<b>DESENRASCAR</b>	1	MATERIAL
<b>DESENTENDER</b>	1	MENTAL
<b>DESFRIZAR</b>	1	MATERIAL
<b>DESPRENDER</b>	1	MATERIAL
<b>DESRESPEITAR</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>DESVIRTUAR</b>	1	MATERIAL
<b>DILUIR</b>	1	MATERIAL
<b>DIRIGIR</b>	1	MATERIAL
<b>DISPOR</b>	1	MATERIAL
<b>DISTANCIAR</b>	1	MATERIAL
<b>DIVULGAR</b>	1	VERBAL
<b>ELEGER</b>	1	MATERIAL
<b>EMENDAR</b>	1	MATERIAL
<b>ENCAIXAR</b>	1	MATERIAL
<b>ENCOBERTAR</b>	1	MATERIAL
<b>ENCONSTAR</b>	1	MATERIAL
<b>ENDIREITAR</b>	1	MATERIAL
<b>ENFRENTAR</b>	1	MATERIAL
<b>ENGANAR</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>ENVIAR</b>	1	MATERIAL
<b>ESCLARECER</b>	1	VERBAL

<b>ESPAÇAR</b>	1	MATERIAL
<b>ESPELHAR</b>	1	MATERIAL
<b>EXERCER</b>	1	MATERIAL
<b>EXPERIMENTAR</b>	1	MATERIAL
<b>EXTERIORIZAR</b>	1	VERBAL
<b>FINALIZAR</b>	1	MATERIAL
<b>FIXAR</b>	1	MATERIAL
<b>FOCALIZAR</b>	1	MENTAL
<b>FUGIR</b>	1	MATERIAL
<b>GRITAR</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>HABITUAR</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>IMPLICAR (TEASE)</b>	1	VERBAL
<b>IMPLORAR</b>	1	VERBAL
<b>INCLUIR</b>	1	MATERIAL
<b>INDICAR</b>	1	VERBAL
<b>INTEGRAR</b>	1	MATERIAL
<b>INTERAGIR</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>INTERNALIZAR</b>	1	MENTAL
<b>INTERPRETAR</b>	1	MENTAL
<b>INTERROMPER</b>	1	MATERIAL
<b>IRRITAR</b>	1	MENTAL
<b>JULGAR</b>	1	MENTAL
<b>JUNTAR</b>	1	MATERIAL
<b>LIQUIDAR</b>	1	MATERIAL
<b>METER</b>	1	MATERIAL
<b>MOLDAR</b>	1	MATERIAL
<b>NATURALIZAR</b>	1	MENTAL
<b>OCUPAR</b>	1	MATERIAL
<b>PESQUISAR</b>	1	MATERIAL
<b>PRENDER</b>	1	MATERIAL
<b>PREVALECER</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>PRONUNCIAR</b>	1	VERBAL
<b>PUBLICAR</b>	1	MATERIAL
<b>PUBLICITAR</b>	1	MATERIAL
<b>QUEBRAR</b>	1	MATERIAL
<b>QUEIXAR</b>	1	VERBAL
<b>REALIZAR</b>	1	MATERIAL
<b>RECLAMAR</b>	1	VERBAL
<b>RECONSTRUIR</b>	1	MATERIAL
<b>REGRESSAR</b>	1	MATERIAL
<b>REPENSAR</b>	1	MENTAL
<b>REPRESENTAR</b>	1	RELATIONAL
<b>REQUERER</b>	1	VERBAL
<b>RESTAR</b>	1	RELATIONAL
<b>RESUMIR</b>	1	VERBAL
<b>SUPORTAR</b>	1	MENTAL
<b>SURGIR</b>	1	MATERIAL

<b>TOCAR</b>	1	MATERIAL
<b>TRANSCREVER</b>	1	MATERIAL
<b>TROCAR</b>	1	MATERIAL
<b>ULTRAPASSAR</b>	1	MATERIAL
<b>USAR</b>	1	MATERIAL
<b>VARRER</b>	1	MATERIAL
<b>VERIFICAR</b>	1	MENTAL
<b>VIOLENTAR</b>	1	MATERIAL

Table II.2 – Relational Processes.

<b>Process</b>	<b>Number of Occurrences</b>	<b>Process Type</b>
<b>SER</b>	1336	RELATIONAL
<b>TER</b>	517	RELATIONAL
<b>ESTAR</b>	280	RELATIONAL
<b>DEPENDER</b>	5	RELATIONAL
<b>SIGNIFICAR</b>	5	RELATIONAL
<b>RELACIONAR</b>	5	RELATIONAL
<b>TORNAR</b>	4	RELATIONAL
<b>ENQUADRAR</b>	3	RELATIONAL
<b>DIFERENCIAR</b>	2	RELATIONAL
<b>PARECER</b>	2	RELATIONAL
<b>TRANSFORMAR</b>	2	RELATIONAL
<b>VALER</b>	2	RELATIONAL
<b>DEMORAR</b>	2	RELATIONAL
<b>CUSTAR</b>	1	RELATIONAL
<b>DATAR</b>	1	RELATIONAL
<b>REPRESENTAR</b>	1	RELATIONAL
<b>RESTAR</b>	1	RELATIONAL
<b>TOTAL:</b>		<b>2169</b>

Table II.3 – Material Processes.

<b>Process</b>	<b>Number of Occurrences</b>	<b>Process Type</b>
<b>FAZER</b>	313	MATERIAL
<b>IR</b>	183	MATERIAL
<b>TRABALHAR</b>	145	MATERIAL
<b>COMEÇAR</b>	94	MATERIAL
<b>DAR</b>	62	MATERIAL
<b>ESTUDAR</b>	61	MATERIAL



<b>DEIXAR</b>	44	MATERIAL
<b>CHEGAR</b>	40	MATERIAL
<b>TERMINAR</b>	37	MATERIAL
<b>ENCONTRAR</b>	32	MATERIAL
<b>PASSAR</b>	32	MATERIAL
<b>ENTRAR</b>	31	MATERIAL
<b>AJUDAR</b>	29	MATERIAL
<b>MUDAR</b>	28	MATERIAL
<b>SAIR</b>	28	MATERIAL
<b>COLOCAR</b>	27	MATERIAL
<b>VIR</b>	27	MATERIAL
<b>CHAMAR</b>	25	MATERIAL
<b>NASCER</b>	24	MATERIAL
<b>ACABAR</b>	23	MATERIAL
<b>LEVAR</b>	23	MATERIAL
<b>TRAZER</b>	23	MATERIAL
<b>VIVER</b>	21	MATERIAL
<b>VOLTAR</b>	21	MATERIAL
<b>TOMAR</b>	20	MATERIAL
<b>CONTINUAR</b>	19	MATERIAL
<b>FALTAR</b>	16	MATERIAL
<b>APOIAR</b>	11	MATERIAL
<b>CASAR</b>	15	MATERIAL
<b>CUIDAR</b>	15	MATERIAL
<b>PAGAR</b>	15	MATERIAL
<b>PROCURAR</b>	14	MATERIAL
<b>ACONTECER</b>	13	MATERIAL
<b>CRESCER</b>	13	MATERIAL
<b>INICIAR</b>	13	MATERIAL
<b>MANDAR</b>	13	MATERIAL
<b>ABRIR</b>	12	MATERIAL
<b>FORMAR</b>	12	MATERIAL
<b>MORAR</b>	12	MATERIAL
<b>VENDER</b>	11	MATERIAL
<b>APRENDER</b>	10	MATERIAL
<b>BUSCAR</b>	10	MATERIAL
<b>APANHAR</b>	9	MATERIAL
<b>CRIAR</b>	9	MATERIAL
<b>EDUCAR</b>	9	MATERIAL
<b>ENSINAR</b>	9	MATERIAL
<b>INTRODUZIR</b>	9	MATERIAL
<b>SEPARAR</b>	9	MATERIAL
<b>BATER</b>	8	MATERIAL
<b>CANDIDATAR</b>	8	MATERIAL
<b>LECIONAR</b>	8	MATERIAL
<b>MORRER</b>	8	MATERIAL
<b>TIRAR</b>	8	MATERIAL

<b>ACOMPANHAR</b>	7	MATERIAL
<b>GANHAR</b>	7	MATERIAL
<b>LER</b>	7	MATERIAL
<b>PARTICIPAR</b>	7	MATERIAL
<b>COMPRAR</b>	6	MATERIAL
<b>EMIGRAR</b>	6	MATERIAL
<b>LAVAR</b>	6	MATERIAL
<b>LIGAR</b>	6	MATERIAL
<b>PERCORRER</b>	6	MATERIAL
<b>SUSTENTAR</b>	6	MATERIAL
<b>TRAÇAR</b>	6	MATERIAL
<b>BRINCAR</b>	5	MATERIAL
<b>FREQUENTAR</b>	5	MATERIAL
<b>LEVANTAR</b>	5	MATERIAL
<b>PARTILHAR</b>	5	MATERIAL
<b>ADQUIRIR</b>	4	MATERIAL
<b>COMPLETAR</b>	4	MATERIAL
<b>CONQUISTAR</b>	4	MATERIAL
<b>CONTRIBUIR</b>	4	MATERIAL
<b>DESCOBRIR</b>	4	MATERIAL
<b>ENCARAR</b>	4	MATERIAL
<b>IMPOR</b>	4	MATERIAL
<b>MARCAR</b>	4	MATERIAL
<b>NAMORAR</b>	4	MATERIAL
<b>SEGUIR</b>	4	MATERIAL
<b>SENTAR</b>	4	MATERIAL
<b>SERVIR</b>	4	MATERIAL
<b>UTILIZAR</b>	4	MATERIAL
<b>AUMENTAR</b>	3	MATERIAL
<b>BAIXAR</b>	3	MATERIAL
<b>CONVIVER</b>	3	MATERIAL
<b>COORDERNAR</b>	3	MATERIAL
<b>CORRER</b>	3	MATERIAL
<b>DELIMITAR</b>	3	MATERIAL
<b>DESEMPENHAR</b>	3	MATERIAL
<b>DESENVOLVER</b>	3	MATERIAL
<b>DESISTIR</b>	3	MATERIAL
<b>DIFICULTAR</b>	3	MATERIAL
<b>DOMINAR</b>	2	MATERIAL
<b>EVITAR</b>	3	MATERIAL
<b>EXPLORAR</b>	3	MATERIAL
<b>FAVORECER</b>	3	MATERIAL
<b>FINANCIAR</b>	3	MATERIAL
<b>IMPLEMENTAR</b>	3	MATERIAL
<b>INGRESSAR</b>	3	MATERIAL
<b>LIDAR</b>	3	MATERIAL
<b>LUTAR</b>	3	MATERIAL

<b>PARAR</b>	3	MATERIAL
<b>PEGAR</b>	3	MATERIAL
<b>POR</b>	3	MATERIAL
<b>PRESERVAR</b>	3	MATERIAL
<b>RECOLHER</b>	3	MATERIAL
<b>REPROVAR</b>	3	MATERIAL
<b>RESOLVER</b>	3	MATERIAL
<b>TRANSFERIR</b>	3	MATERIAL
<b>VIAJAR</b>	3	MATERIAL
<b>VISITAR</b>	3	MATERIAL
<b>ABANDONAR</b>	2	MATERIAL
<b>AFETAR</b>	2	MATERIAL
<b>AGREDIR</b>	2	MATERIAL
<b>APAIXONAR</b>	2	MATERIAL
<b>ARRANJAR</b>	2	MATERIAL
<b>ARREBENTAR</b>	2	MATERIAL
<b>ATENDER</b>	2	MATERIAL
<b>BALANÇAR</b>	2	MATERIAL
<b>BENEFICIAR</b>	2	MATERIAL
<b>CENTRAR</b>	2	MATERIAL
<b>CHOCAR</b>	2	MATERIAL
<b>COLABORAR</b>	2	MATERIAL
<b>CONTROLAR</b>	2	MATERIAL
<b>COZINHAR</b>	2	MATERIAL
<b>CUMPRIR</b>	2	MATERIAL
<b>DEBELAR</b>	2	MATERIAL
<b>DEITAR</b>	2	MATERIAL
<b>DESLIGAR</b>	2	MATERIAL
<b>ENTREGAR</b>	2	MATERIAL
<b>ESCONDER</b>	2	MATERIAL
<b>FALECER</b>	2	MATERIAL
<b>FECHAR</b>	2	MATERIAL
<b>FUNCIONAR</b>	2	MATERIAL
<b>INSCREVER</b>	2	MATERIAL
<b>INSERIR</b>	2	MATERIAL
<b>LIMPAR</b>	2	MATERIAL
<b>MISTURAR</b>	2	MATERIAL
<b>OCORRER</b>	2	MATERIAL
<b>OFERECER</b>	2	MATERIAL
<b>PERDER</b>	2	MATERIAL
<b>PERMITIR</b>	2	MATERIAL
<b>PRATICAR</b>	2	MATERIAL
<b>PREPARAR</b>	2	MATERIAL
<b>PREVENIR</b>	2	MATERIAL
<b>PROMOVER</b>	2	MATERIAL
<b>SOBREVIVER</b>	2	MATERIAL
<b>SUBMETER</b>	2	MATERIAL

<b>SUMIR</b>	2	MATERIAL
<b>SUPERAR</b>	2	MATERIAL
<b>VESTIR</b>	2	MATERIAL
<b>VIRAR</b>	2	MATERIAL
<b>ACORDAR</b>	1	MATERIAL
<b>ADOTAR</b>	1	MATERIAL
<b>AFASTAR</b>	1	MATERIAL
<b>AFINAR</b>	1	MATERIAL
<b>AGIR</b>	1	MATERIAL
<b>ALMOÇAR</b>	1	MATERIAL
<b>APRISIONAR</b>	1	MATERIAL
<b>APROXIMAR</b>	1	MATERIAL
<b>ARRENDAR</b>	1	MATERIAL
<b>ASSINAR</b>	1	MATERIAL
<b>ASSUMIR</b>	1	MATERIAL
<b>ATINGIR</b>	1	MATERIAL
<b>ATRASAR</b>	1	MATERIAL
<b>AVANÇAR</b>	1	MATERIAL
<b>BATALHAR</b>	1	MATERIAL
<b>BATIZAR</b>	1	MATERIAL
<b>BRIGAR</b>	1	MATERIAL
<b>CAPTAR</b>	1	MATERIAL
<b>CASTRAR</b>	1	MATERIAL
<b>CAVAR</b>	1	MATERIAL
<b>CEDER</b>	1	MATERIAL
<b>COMETER</b>	1	MATERIAL
<b>COMPROVAR</b>	1	MATERIAL
<b>CONCORRER</b>	1	MATERIAL
<b>CUSTEAR</b>	1	MATERIAL
<b>DEPARAR</b>	1	MATERIAL
<b>DESAGREGAR</b>	1	MATERIAL
<b>DESAPARECER</b>	1	MATERIAL
<b>DESENRASCAR</b>	1	MATERIAL
<b>DESFRIZAR</b>	1	MATERIAL
<b>DESPRENDER</b>	1	MATERIAL
<b>DESVIRTUAR</b>	1	MATERIAL
<b>DILUIR</b>	1	MATERIAL
<b>DIRIGIR</b>	1	MATERIAL
<b>DISPOR</b>	1	MATERIAL
<b>DISTANCIAR</b>	1	MATERIAL
<b>ELEGER</b>	1	MATERIAL
<b>EMENDAR</b>	1	MATERIAL
<b>ENCONSTAR</b>	1	MATERIAL
<b>ENCAIXAR</b>	1	MATERIAL
<b>ENCOBERTAR</b>	1	MATERIAL
<b>ENDIREITAR</b>	1	MATERIAL
<b>ENFRENTAR</b>	1	MATERIAL

ENVIAR	1	MATERIAL
ESPAÇAR	1	MATERIAL
ESPELHAR	1	MATERIAL
EXERCER	1	MATERIAL
EXPERIMENTAR	1	MATERIAL
FINALIZAR	1	MATERIAL
FIXAR	1	MATERIAL
FUGIR	1	MATERIAL
INCLUIR	1	MATERIAL
INTEGRAR	1	MATERIAL
INTERROMPER	1	MATERIAL
JUNTAR	1	MATERIAL
LIQUIDAR	1	MATERIAL
MOLDAR	1	MATERIAL
METER	1	MATERIAL
OBRIGAR	2	MATERIAL
OCUPAR	1	MATERIAL
PESQUISAR	1	MATERIAL
PRENDER	1	MATERIAL
PUBLICITAR	1	MATERIAL
PUBLICAR	1	MATERIAL
QUEBRAR	1	MATERIAL
REALIZAR	1	MATERIAL
RECONSTRUIR	1	MATERIAL
REGRESSAR	1	MATERIAL
SURGIR	1	MATERIAL
TOCAR	1	MATERIAL
TRANSCREVER	1	MATERIAL
TROCAR	1	MATERIAL
ULTRAPASSAR	1	MATERIAL
USAR	1	MATERIAL
VARRER	1	MATERIAL
VIOLENTAR	1	MATERIAL
MELHORAR	3	MATERIAL
APRESENTAR	7	MATERIAL
CONSEGUIR (GET)	31	MATERIAL
DEFENDER	20	MATERIAL
<b>TOTAL</b>	<b>2159</b>	

Table II.4 – Mental Processes.

Process	Number of Occurrences	Process Type
VER	135	MENTAL
ACHAR	108	MENTAL

<b>QUERER</b>	<b>100</b>	<b>MENTAL</b>
SABER	100	MENTAL
PENSAR	83	MENTAL
SENTIR	63	MENTAL
PRECISAR	33	MENTAL
GOSTAR	26	MENTAL
LEMBRAR	26	MENTAL
MOSTRAR	22	MENTAL
PERCEBER	20	MENTAL
ACEITAR	19	MENTAL
OLHAR	19	MENTAL
NOTAR	17	MENTAL
CONHECER	16	MENTAL
ENTENDER	14	MENTAL
ANALISAR	12	MENTAL
INTERESSAR	10	MENTAL
DECIDIR	9	MENTAL
ASSISTIR	8	MENTAL
CONSIDERAR	8	MENTAL
ESCOLHER	8	MENTAL
ORGANIZAR	8	MENTAL
OUVIR	8	MENTAL
RECEBER	8	MENTAL
ACREDITAR	7	MENTAL
IMAGINAR	7	MENTAL
REPARAR	7	MENTAL
RECONHECER	6	MENTAL
COMPREENDER	5	MENTAL
PREOCUPAR	5	MENTAL
SOFRER	5	MENTAL
OBSERVAR	4	MENTAL
REFLETIR	4	MENTAL
CONFIAR	3	MENTAL
CONFUNDIR	3	MENTAL
CONSTATAR	3	MENTAL
IMPORTAR-SE	3	MENTAL
INCOMODAR	3	MENTAL
RECUSAR	3	MENTAL
ATURAR	2	MENTAL
ESQUECER	2	MENTAL
INSISTIR	2	MENTAL
PREFERIR	2	MENTAL
CHATEAR	1	MENTAL
DESENTENDER	1	MENTAL
FOCALIZAR	1	MENTAL
INTERNALIZAR	1	MENTAL
INTERPRETAR	1	MENTAL

<b>IRRITAR</b>	1	MENTAL
<b>JULGAR</b>	1	MENTAL
<b>REPENSAR</b>	1	MENTAL
<b>SUPORTAR</b>	1	MENTAL
<b>OPTAR</b>	2	MENTAL
<b>VERIFICAR</b>	1	MENTAL
<b>RESPEITAR</b>	3	MENTAL
<b>DESRESPEITAR</b>	1	MENTAL
<b>NATURALIZAR</b>	1	MENTAL
<b>APROVAR</b>	2	MENTAL
<b>TOTAL</b>	<b>975</b>	

Table II.5 – Verbal Processes.

<b>Process</b>	<b>Number of Occurrences</b>	<b>Process Type</b>
<b>DIZER</b>	<b>217</b>	<b>VERBAL</b>
<b>FALAR</b>	<b>93</b>	<b>VERBAL</b>
<b>PEDIR</b>	<b>17</b>	<b>VERBAL</b>
<b>DENUNCIAR</b>	10	VERBAL
<b>APRESENTAR</b>	1	VERBAL
<b>DEBATER</b>	9	VERBAL
<b>ABORDAR</b>	8	VERBAL
<b>DIALOGAR</b>	7	VERBAL
<b>COMPARAR</b>	5	VERBAL
<b>EXIGIR</b>	5	VERBAL
<b>EXPLICAR</b>	5	VERBAL
<b>CONTAR</b>	4	VERBAL
<b>CONVERSAR</b>	4	VERBAL
<b>ENTREVISTAR</b>	4	VERBAL
<b>IMPLICAR</b>	1	VERBAL
<b>PERGUNTAR</b>	4	VERBAL
<b>RESPONDER</b>	4	VERBAL
<b>DISCUTIR</b>	3	VERBAL
<b>QUESTIONAR</b>	3	VERBAL
<b>ACONSELHAR</b>	2	VERBAL
<b>CULPAR</b>	2	VERBAL
<b>SOLICITAR</b>	2	VERBAL
<b>SUGERIR</b>	2	VERBAL
<b>ACUSAR</b>	1	VERBAL
<b>AGRADECER</b>	1	VERBAL
<b>AMEAÇAR</b>	1	VERBAL
<b>CITAR</b>	1	VERBAL
<b>COMUNICAR-SE</b>	1	VERBAL
<b>CONTACTAR</b>	1	VERBAL
<b>CONTRAPOR</b>	1	VERBAL
<b>CRITICAR</b>	1	VERBAL
<b>DIVULGAR</b>	1	VERBAL

<b>ESCLARECER</b>	1	VERBAL
<b>EXTERIORIZAR</b>	1	VERBAL
<b>INDICAR</b>	1	VERBAL
<b>PRONUNCIAR</b>	1	VERBAL
<b>QUEIXAR</b>	1	VERBAL
<b>RECLAMAR</b>	1	VERBAL
<b>REQUERER</b>	1	VERBAL
<b>RESUMIR</b>	1	VERBAL
<b>ARTICULAR</b>	1	VERBAL
<b>CONVENCER</b>	1	VERBAL
<b>CONVIDAR</b>	7	VERBAL
<b>IMPLORAR</b>	1	VERBAL
<b>DEFENDER</b>	3	VERBAL
<b>TOTAL</b>	<b>442</b>	

Table II.6 – Behavioral Process

<b>Process</b>	<b>Number of Occurrences</b>	<b>Process Type</b>
<b>INFLUENCIAR</b>	<b>7</b>	<b>BEHAVIOURAL</b>
<b>TRATAR</b>	<b>7</b>	<b>BEHAVIOURAL</b>
<b>ESPERAR</b>	<b>4</b>	<b>BEHAVIOURAL</b>
<b>CHORAR</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>COMER</b>	3	BEHAVIOURAL
<b>INCENTIVAR</b>	2	BEHAVIOURAL
<b>IMPRESIONAR</b>	2	BEHAVIOURAL
<b>REAGIR</b>	2	BEHAVIOURAL
<b>BEBER</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>ENGANAR</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>GRITAR</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>HABITUAR</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>COSTUMAR</b>	2	BEHAVIOURAL
<b>DORMIR</b>	4	BEHAVIOURAL
<b>INTERAGIR</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>PREVALECER</b>	1	BEHAVIOURAL
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>	

Table II.7 – Existential Processes.

<b>Process</b>	<b>Number of Occurrences</b>	<b>Process Type</b>
<b>HAVER</b>	<b>118</b>	<b>EXISTENTIAL</b>
<b>EXISTIR</b>	9	EXISTENTIAL
<b>TOTAL</b>	<b>126</b>	



Table II.8 – Modal Processes.

Process	Number of Occurrences	Process Type
<b>CONSEGUIR (CAN)</b>	38	MODAL VERB (MODULATED)
<b>DEVER</b>	32	MODAL VERB (MODULATED)
<b>PODER</b>	101	MODAL VERB
<b>TOTAL:</b>	<b>171</b>	

### *Examples of clauses*

Table II.9 – relational clauses: to be; to have

Então ela começou a dizer que **seria** bom, não sei o quê- começamos a discutir.

Ah, nós não **temos** nada contra teorias feministas no sul, nem da África, nem do Brasil. Mas também **seria** bom citar algumas europeias, não é?

As outras ilhas dizem que nós **somos...** que a África **somos** nós, não é? **É** a ilha mais africana de Cabo Verde. Já ouviu falar?

E a minha irmã mais nova, ela é a última irmã.

Ah, eu lecionei antes de fazer o curso de licenciatura, **foi** a minha primeira profissão.

Fui criada com muitas dificuldades, porque a minha mãe **foi** a única responsável pela minha educação.

Minha última [filha] nasceu quando eu **tinha** vinte e oito anos. Então, imagina como é que **foi** duro, **foi** mesmo duro. E depois logo no primeiro ano, não **tive** assim sucesso em todas as cadeiras, porque também cheguei atrasada; muito problema, muita burocracia com aquisição de visto pro estudante, naquele ano **foi** difícil.

É assim, em Cabo Verde, muitas vezes não se escolhe assim totalmente, porque dependemos das vagas, então a escolha **não é** totalmente isenta de muitas condicionalidades.

[...] por que que eu reparei que na realidade, as meninas que vão **é** uma minoria pra CT, sobretudo pra engenharia. Então, eu disse: “Por que que eu não vou tentar saber por que que **são** só a minoria?”

Essa mudança [gender equality] não é uma mudança que se nota que, que **vai ser** fácil, uma mudança que se vê que está-se fazer gradualmente, muito lento. Muito lento, ainda.

Os homens não, eles sentem que a paternidade não é assim tão importante.

---

Lá elas dizem: “ke ka ta pari é mula”. Quem não **tem** filho, que é uma mula, sabe que é mula, que ela não produz.

---

Então pra elas [from her field research], é tão importante, é muito importante ter filhos. Filho pra eles é essencial, pra eles.

---

### Table II.10 – Material clauses: to work and to do/make.

---

Então, quando eu completei o quinto ano, [eu] **comecei a trabalhar** tinha dezenove anos, quase vinte.

---

Quando você, em vez de pensar na sua própria agenda, naquilo que de facto é importante, você aceita a agenda externa, não é, porque você **precisa trabalhar**, você precisa de rendimento, você precisa colocar a sua associação a trabalhar.

---

Sinto que as mulheres **têm que trabalhar mais**, têm que realizar muito mais atividades para serem consideradas competentes, ou trabalhadeiras.

---

Então eu sempre disse se eu quero **trabalhar** a realidade caboverdeana pensando a partir de uma episteme que está mais diretamente relacionada com a realidade que eu quero trabalhar.

---

As nossas ONGs às vezes **estão a trabalhar** com agendas exógenas.

---

E no mestrado [eu], **trabalhei** o tema sobre a questão da descentralização e desconcentração como fator de desenvolvimento local em Cabo Verde.

---

A minha mãe **trabalhava** em casa e também na horta.

---

O meu pai era o único que **trabalhava** em casa, a minha mãe era doméstica, ficava em casa a cuidar de nós.

---

Ela já tem um trabalho aqui em Cabo Verde, mas também **trabalha** muito em Angola e em Guiné-Bissau.

---

Nós **trabalhamos** violência física e violência psicológica, tanto para os homens quanto para as mulheres.

---

As mulheres **têm que fazer** o trabalho das mulheres, os rapazes o trabalho dos rapazes.

---

Eu disse: “São os teus homens. Eu **não vou fazer**, porque eles devem também aprender a fazer.”

---

**Fui fazer** Sociologia.

---

Bom, também eu quero|| **fazer** alguma coisa ligado ao meu conselho de origem, que é São Miguel, que é agrícola.

---

Então, você não tem uma autonomia para **fazer** aquilo que você quer... então eu vou colocar assim.

---

São as mulheres que **fazem** a denúncia, se você encontrar um, dois homens que **fazem** denúncia, é muito.

---

Inconscientemente [os rapazes] **fazem**, naturalizam isso [reproduzem violência baseada em gênero] e acham que o anormal seria **fazer** o contrário.

---

Já na escola também já se **fazem** palestras, muitas palestras nas escolas que

---

se dão, que se dá na Comunicação Social, sobre questões de gênero.

Então eu acho que é nesse aspecto que temos que tentar mudar, tentar mostrar na prática que nós **podemos fazer** o que os homens **fazem**.

**Fiz** licenciatura e mestrado em Portugal, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

“Olha, não **faz** a queixa só aqui na reitora não. Vai na polícia, vai no tribunal e queixa.”

Table II. 11 – Mental Clauses: to see; to think, to feel.

Então, pode-se **ver** que o meu amparo teórico, digamos assim, na minha tese de mestrado, são brasileiras e brasileiros do sul.

Graças a deus eu **vejo** os meus pais como um casal exemplar, porque também há um problema. A minha mãe é mais assim, mandona, autoritária.

E às vezes eu fico...fico...

É, desanimada quando eu **vejo** que, inclusive, entre uma certa elite, entre a classe média, entre mulheres escolarizadas – elas acham que isto aqui é frescura, não é? ‘Essa questão de gênero, de igualdade de gênero, é tudo frescura.

Só que o que que eu **vejo** nela? Eu **vejo** nela uma mulher batalhadora. Uma mulher batalhadora que não se importa com aquilo que os outros pensam dela, não é?

Eu **vejo**, então. Mas de uma forma ou de outra, eu **vejo** as mulheres caboverdianas assim. Como guerreiras batalhadoras, não é?

Não é – às vezes eu **acho** que as pessoas falam do feminismo, pensam em opressão, não é? Eu **vejo** como liberdade.

Então eu **vejo** a questão do feminismo nessa perspectiva de buscar o equilíbrio no sentido-, por exemplo, aonde há fosso, tentar superar esse fosso. Por exemplo aqui no caso de Cabo Verde.

Por exemplo, que eu **vejo** muito é da presidente da CIGEF, ela tem um papel muito (.) muito ativo nesse processo, **vê**-se muito na televisão ela a dar palestras nas escolas, também pessoas da universidade, a universidade está tendo um papel muito forte nesse processo, **vê**-se muitas atividades realizadas em parceria com a universidade e o governo, com as escolas.

Às vezes eu **vejo** coisa, as mulheres aceitar coisas que eu, no meu caso não aceitaria. Então o que mais me levou mesmo a ser eu sou um bocadinho rebelde, mas isso já mudei um bocadinho, já com a maturidade já relevo algumas coisa, já vi que **nem sempre dá pra ter razão**, é o mais importante.

Tu **podes pensar** assim, mas eu não **vejo** nessa ótica. Eu sempre digo o que eu penso, e eu não mudo a minha forma de pensar porque os outros acham que eu deveria pensar diferente.

Eu, por acaso, **vi** que, na realidade, estamos a precisar de um estudo aprofundado sobre essa matéria a perceber como é que as questões culturais.

Mas eu **vi** que são perspectivas diferentes, que se vê as coisas de forma diferente.

Eu nunca **vi**. Você ouve relatos da história, é ficção. Claro, com base em alguma história contada, mas não existe nada escrito. Você vai no arquivo, não tem nada. 'Que fulano era escravo, que o beltrano era, e não sei o quê.

Então eu **vi** que as discussões em termos de gênero aí estavam muito mais desenvolvidas e contactei a professora Miriam, tive o aceite da universidade e fiz tudo, concurso, consegui bolsa da CAPES para fazer o doutorado.

Então o que mais me levou mesmo a ser eu sou um bocadinho rebelde, mas isso já mudei um bocadinho, já com a maturidade já relevo algumas coisas, já **vi** que nem sempre dá pra ter razão, é o mais importante.

Inicialmente **tentava pensar** fazer psicologia, ou então alguma área, áreas da sociologia, áreas afins, mas como eu **vi** logo mestrado em Ciências Sociais eu- é foi algo que me interessou, então eu logo eu me candidatei, eu fui selecionada e fiz o meu mestrado,

Mas no início eu pensei assim, como éramos apenas três, **via** necessidade de mais pessoas trabalharem.

Se **via** um controle sobre o momento de saída e de entrada das meninas e não havia tanto para os rapazes.

Então é assim, a cada questão que descobríamos na formação, eu **via** aquilo.

Porque antigamente não se **via** homens a levar os filhos pra escola, não se **via** homens a.... irem a reuniões de pais nas escolas, mas agora já se nota.

Eu **via** que muitas dessas meninas tinham filhos com os rapazes mas não continuavam a relação com eles. Depois tinham filhos com outros homens. Então foi isso que me levou a estudar a maternidade e paternidade lá e entender

Esse processo, não é.

Por exemplo, eu inicialmente, quando eu ouvia falar da questão do feminismo, eu **via**, eu **sentia** que era, que eram movimentos a favor da mulher. Mas hoje em dia eu me **sinto** feminista sem estar inserida em nenhum grupo. Mas também aquilo o quanto que eu me **sinto** como mulher. Não é? Meu papel como mulher na sociedade, não é?

### Table II.12 – Verbal process: to say.

Eu **disse**: 'Eu não gosto de ter um marido como tu.' Então, nem tirar água pra beber.

Quando eu cheguei, eu **disse** assim: 'Ah, eu vou fazer a formação do professor,' que era o magistério primário. 'Ah, não, por que que vais?' Porque ela confiava em mim, porque eu recebia propina, propina não, mensalidade

Ok, eu **disse** – já estava com o meu marido – eu disse, sim, eu vou. Eu fui lá, mas fiquei um mês e voltei pra cá.

Um dia eu falando com a minha irmã, ela me **disse**: 'Olha, por que que você não estuda as mulheres onde elas trabalhavam, à ribeira. As mulheres de lá todas fazem grogue. Por que você não vai saber por que que elas fazem grogue e as outras não?'

Meu marido **disse**, tratou com ela como se ela fosse daqui [de Santiago]. Ela **disse**: ‘Não.’ Quando ela falou, estranhou e disse: ‘Ué, mas por que que você está a falar sobre isso?’ Ela disse: ‘Não, eu sou de São Vicente.’ ‘Ah, é? Estava a pensar que...’

Mas um dia ela me **disse**: ‘Olha, não ature homem mufino.’ Eu vou lhe explicar o que que é um homem mufino.

Estávamos a falar eu e a minha mãe, ela **disse**: ‘Carmelita, se tu tivesses nascido no tempo que eu nasci, tu não encontravas, não conseguias encontrar um trabalho.’ ‘Mas por que que eu não conseguia?’ ‘Tu não conseguias prover a tua família’ ‘Por que?’ ‘Não encontravas um trabalho. Porque isso nem se abria a boca pra falar.’

Pois. Então daí já no segundo ano quando eu conseguia vaga pra trabalhar mesmo que seja um período, mas a remuneração era igual, então eu logo falei ‘não’, eu **disse**, ‘não, eu vou ficar aqui, vou ver se dá pra fazer alguma outra coisa’.

Professora, há muitas.’ Há muitas, mas elas não **dizem**. Elas não **dizem**, eu até fiquei assim, porque os colegas ma indicaram, mas ela também não disse. Não disse.

Há um grande debate em volta disso, aqui na ilha de Santiago. As outras ilhas **dizem** que nós somos – que a África somos nós, não é? É a ilha mais africana de Cabo Verde. Já ouviu falar?

Eu **diria** que antigamente sim. Por exemplo, tem uma frase que diz assim – as pessoas **dizem** sem pensar, mas por trás do discurso, diz muita coisa – ‘ela é preta, mas ela é bonita.’ Às vezes as pessoas olham pra uma pessoa com a pele bem escura e **dizem**: ‘Hm, preta, mas bonita.’

Um espaço muito machista. Muito machista. Eu entro na sala, eles **dizem**: ‘Ah, já vem a defensora das mulheres.’

Lá elas **dizem**: “que ca ta pari é mula”. Quem não tem filho, que é uma mula, sabe que é mula, que ela não produz.

Eles **dizem** que, que o homem roda, dê espaço pra outro, o homem não pode ficar dentro de uma casa só. O homem pra sentir macho, tem que ter várias mulheres. Então lá **poligamia** é mesmo acentua.

Eles acham que, ao falar do gênero, da igualdade, eles acham que é coisa da modernidade. Só que eu tento sempre explicar, mas eles **dizem**: ‘isso não se aplica a todos os níveis’.

Toda nossa-, se hoje temos o grau acadêmico que temos, foi também em grande medida, não só pela ideia da minha mãe **dizer** ‘eu quero que os meus filhos cresçam e tenha uma vida diferente da que eu tenho’, ela sempre **dizia** isso, então fazia todo um esforço.

Então foi isso que inicialmente tive algum problema. Eu lembro que o meu professor **dizia** “tem que ler Nietzsche” [risos] pra desprender [risos] Sim, isso. O contato com essas teorias me ajudou a ver que quando mais há equilíbrio de gênero, nós como seres humanos vivemos melhor.

Foi aprovada na Assembleia Nacional, então os deputados, todos eles, tipo foi uma imposição de fora pra dentro, não é? Fica mal na fotografia, hoje em dia, **dizer** determinadas coisas, então votaram.

É tipo, aqui há um – bom, é geral, não é, que entre marido e mulher não se mete a colher (h). Então, quer **dizer**, tá tudo bem. É tipo, outras justificativas,

‘não, a mulher é que é agressora. E quando o homem bate, é porque ele também está a se defender,’ não é?

As próprias instituições não estão preparadas para receber os homens. **Temos que dizer** isso.

Estava a virar, só pra **dizer** que tem um homem, que nem é dela, né, mas essa – nesse sentido, sim, eu diria que é uma sociedade patriarcal... Porque, tipo, ter um homem é ter um status. É ter um status.

Ter acesso a educação e acesso ao mundo de trabalho. Isso **posso dizer** que aqui em Cabo Verde não temos esse problema.

Pouco tipo de trabalho que eu **posso dizer** que é mais homens do que mulheres é na parte de Engenharia, mas podemos encontrar ainda mulher na área de Engenharia, mas já na outras áreas não, Arquitetura não, nas outras áreas eu acho que não, Economia não, Contabilidade não, mas Medicina também não, aqui temos tantas médicas como médicos, não temos problemas nesse aspecto.

Não sinto vergonha de **dizer** o que eu penso, não sinto. Eu falo de uma forma a tentar respeitar a opinião dos outros, ok? Eu tento fazer a sensibilização ao ponto de ver se as pessoas vejam as coisas de uma forma diferente, que não é bem bem assim.

### Table II.13 – Existential process: there to be.

Graças a deus eu vejo os meus pais como um casal exemplar, porque também **há** um problema. A minha mãe é mais assim, mandona, autoritária. O meu pai é, ele aceita tudo.

Então, hoje **há** uma discussão que aí, eu digamos que...aí que eu me batizei nessa discussão.

Principalmente na questão do acesso e do controle das terras agrícolas. Aqui em Cabo Verde, no que toca às terras, **há** uma confusão enorme, não é? **Há** muita dificuldade na identificação dos proprietários.

O problema é que **há** um medo, digamos assim, não sei nem se medo, de perder determinados privilégios.

E começa a perceber que ainda essas questões das relações de gênero, sobretudo pensar uma relação de igualdade **há** todo um trabalho feito mas ainda muita coisa precisa ser feita no sentido de mudar a mentalidade, porque **há** muita coisa que ainda de fato, de certa forma nós internalizamos e exteriorizamos agora, sem muitas vezes refletir sobre.

A nível da educação, os homens morrem, **há** muitos homens que morrem porque os homens não procuram os serviços de saúde. Por que que não **há** uma medida, uma política no sentido de debelar esse problema?

Nesse aspecto de acesso a ensino é equilibrado, não **há**, não se faz diferença entre meninas e meninos na escola, não.

. Educação não, a parte de educação acho que não, mas e, e nem na inserção do mundo do mercado também não, mas a nível familiar nota-se que ainda **há** um bocado dessa parte do machismo. Desse sistema patriarcal que ainda domina um bocadinho.

E também **há** mulheres que aceitam isso por que também acham que, como

sendo mulher, é o papel da mulher.

Então achamos que é preciso fazer mais trabalhos de perto, porque vimos, constatamos que **há** pessoas que, mesmo tendo conhecimento, mas ainda falta aquela coragem de abrir, de falar sobre esta temática. E **há** casos em que acontece violência doméstica, mas a pessoa não tem a coragem de denunciar o opressor.

Mas no início não consegui, estando numa sociedade patriarcal eu sei que **havia** homens [suffering gender violence], eu observava, via na comunidade onde eu residia, mas entretanto não querem falar.

Havia muita pouca gente ia pra China na altura, hoje **há** muita procura

Ao mesmo tempo que ela é autônoma, não é autônoma, não é? Porque ela vai, ela ganha o seu próprio dinheiro, mas quando ela vem, é tipo – pra não **haver** brigas, pra não haver conflitos – ela diz: ‘Tudo bem, marido, e agora, como nós fazemos?’ É nesse sentido.

Então **houve** um choque, e, termos de valores e da forma que éramos educadas e de alguns valores que eu de certa forma adquiri na cidade que eram incompatíveis com a forma de pensar do campo.

Então foi daí que **houve** aquelas divergências, porque eu também com a minha personalidade que eu tenho.

### Examples of evaluation clauses

Table II.14 – Evaluation meanings

<p>Eu inicialmente, quando <b>eu ouvia</b>   falar da questão do feminismo  , eu <b>via</b>, eu <b>sentia</b> que [<i>eram movimentos a favor da mulher</i>], mas hoje em dia <b>eu</b> me <b>sinto</b> <b>feminista</b> sem [estar inserida em nenhum grupo], mas também aquilo o quanto que <b>eu</b> me <b>sinto</b> <i>como mulher</i>. Não é? Meu papel <i>como mulher na sociedade</i>, não é?</p>	<p>Eu = Senser (Cecilia) Ouvia = mental process Falar da questão do feminismo = projected proposition</p> <hr/> <p>Via; sentia = Mental Process (Evaluative) <i>Eram movimentos</i> = identifying relational process (projected) <i>a favor da mulher</i> = circumstance of cause – APPRECIATION</p> <hr/> <p>Eu = Senser Sinto = mental process (Evaluative) <i>Feminista</i> = Phenomenon (as attribute) - AFFECT [Estar inserida em nenhum grupo] = proposition (hypotaxis)</p> <hr/> <p>Eu = Senser Sinto = mental process (Evaluative) <i>como mulher</i> = circumstance of role - APPRECIATION Meu papel = Phenomenon</p>
--	---

*Como mulher na sociedade* =  
circumstance of role -  
APPRECIATION

Mesmo eu sinto que ||nós, as mulheres...||, não posso colocar essa palavra feminismo porque eu acho muito forte, né? Quando fala-se feminismo eu sinto assim como *se fosse um extremo, não*.

Eu me sinto mulher, na minha totalidade, não é? Na totalidade- então como *mãe*, mesmo sendo *profissional* eu consigo conciliar o facto de ser *mãe solteira* e ser *profissional tranquilamente*, não tenho problema nenhum.

Cecilia  
Eu = Senser  
nós, as mulheres = possible projection (unfinished)  
eu = Actor  
*não posso* = JUDGEMENT: CAPABILITY  
Colocar = material Process  
*Consigo* = JUDGEMENT: CAPACITY  
*Tranquilamente (normal)* = JUDGMENT: NORMALITY  
Elliptical 'I' = Token  
Tenho = relational process  
Problema = Value

E eu acho que || o feminismo nos ajuda muito... as teorias feministas em saber diferenciar as duas coisas: o machismo e o feminismo, porque ao pautarmos pelo feminismo, nós também temos que saber que os homens também têm que entender essa parte, não só de entender *a parte machista deles* [risos], mas também não temos que ser também *feminista ao extremo* só por ser essa teoria, colocar em prática e colocar a nossa liberdade em risco.||

Eu= Senser (Marcela)  
Acho= Mental process (Evaluative)  
[O feminismo nos ajuda...] = projected clauses:  
<sup>1</sup> O feminismo = Actor  
Ajuda = material process  
Nos = Goal  
<sup>2</sup> As teorias feministas = Actor  
[possibly "to help us" – repeated idea]  
Saber diferenciar = mental process  
As duas coisas: o machismo e o feminismo = Phenomenon.

<sup>3</sup>Pautarmos = material process  
Pelo feminismo = circumstance of means

<sup>4</sup>Nós = Senser  
Temos que saber = mental process (modulated)  
Temos = JUDGEMENT: PROPRIETY

<sup>5</sup> Os homens = Senser  
Têm que entender = mental process (modulated)  
Têm= JUDGEMENT: PROPRIETY  
Essa parte = Phenomenon



	<p><sup>6</sup> Entender = mental process A parte machista deles = Phenomenon</p> <p>*most projected clauses are hypotaxis.</p>
<p>Eu <b>vejo</b> <u>as mulheres cabo-verdianas</u> <i>assim, como guerreiras e batalhadoras</i>, não é? Só que às vezes, o que que acontece é que – às vezes pra você conseguir essa ‘garrafa’ [taking the bottle on the table] você tem que se submeter pra chegar lá. É uma estratégia também, não é?</p>	<p>Célia Mental process <i>Como guerreiras e batalhadoras</i>= circumstance of role - APPRECIATION</p>
<p>Tipo, você passa, ao mesmo tempo é <i>bom</i> e não é <i>bom</i>, você passa despercebido. [...] Ao mesmo tempo é <i>bom</i>, mas também não é <i>bom</i>, porque são seres humanos, são pessoas que vivem de contactos. Então a mesma coisa que em Cabo Verde você sente, que você está num espaço onde você pode conversar, não sei o quê... Mas ao mesmo tempo, você sente que você não tem essa sua liberdade, não é?</p>	<p><i>bom</i> = Attribute - AFFECT <i>[The fact of] passa despercebido</i> = what is being evaluated</p> <p>affect as ‘quality’: attributed to participants</p>
<p>O que eu acho muito <i>bom</i> aqui em Cabo Verde é que o governo deu acesso a todos, de igual forma.</p>	<p><i>bom</i> = Attribute - AFFECT <i>[The fact of] o governo deu acesso a todos</i> = what is being evaluated</p> <p>affect as ‘quality’: attributed to participants</p>
<p>Então a minha tese eu achei foi muito <i>bom</i>, ter estado lá, e isso gerou a mudar um bocadinho do que eu pensava. Isso é porque eu tinha muitos tabus.</p>	<p><i>bom</i> = Attribute - AFFECT <i>[The fact of] ter estado lá</i> = what is being evaluated</p>
<p>Então quando um homem é mais presente dentro de casa, ajuda a mulher, há mais sintonia. Mesmo para as crianças, é muito <i>bom</i> para a educação dos meninos.</p>	<p><i>bom</i> = Attribute - AFFECT <i>[The fact of] quando um homem é mais presente dentro de casa</i> = what is being evaluated</p>
<p>E eu, no início, quando fui foi um pouco <i>difícil</i>, porque eu</p>	<p>Difícil = Attribute – AFFECT <i>[the fact of moving away from home</i></p>

---

lembrava, porque eu é quem to study]  
cuidava das minhas filhas.

---

## APPENDIX III – documents

### *Intructions – Ethical Commetee (UFSC)*

10092018

Gmail - dúvidas para submissão de projeto - participantes e instituição estrangeira



Liliane Barbosa Macedo &lt;liliane.macedo@gmail.com&gt;

#### dúvidas para submissão de projeto - participantes e instituição estrangeira

2 mensagens

Liliane Barbosa Macedo <liliane.macedo@gmail.com>  
 Para: cep.propesq@contato.ufsc.br

13 de outubro de 2016 15:00

Boa tarde,

Estou organizando os documentos necessários para emissão do meu projeto de pesquisa de doutorado e estou tendo dificuldades de encontrar algumas informações no site. Por gentileza, gostaria de saber se quando e uma instituição estrangeira onde a pesquisadora irá coletar os dados (ex: universidade em outro país) o documentos de declaração de instituição e TCLE sofrem alguma alteração com relação a formatação e conteúdo? Onde exatamente posso obter essa informação?

Desde já agradeço a atenção,

Liliane.

--

**Profª Liliane Barbosa Macedo**  
 Professora Substituta do Curso de Letras/Inglês e Secretariado Executivo  
 Departamento de Línguas Estrangeiras - CCE/UFSC  
 Doutoranda da Pós-graduação em Inglês  
 Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil

Lecturer  
 Department of Foreign Languages at Federal University of Santa Catarina  
 PhD Candidate in Applied Linguistics  
 PPGI, Federal University of Santa Catarina - Brazil

CEP@H-UFSC <cep.propesq@contato.ufsc.br>  
 Para: Liliane Barbosa Macedo <liliane.macedo@gmail.com>

13 de outubro de 2016 15:49

Liliane!

Os CEP@Hs do Brasil só analisam pesquisas realizadas no Brasil com brasileiros.

Atenciosamente,

Angélica Puskás

--

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos  
 Universidade Federal de Santa Catarina  
<http://oep.ufsc.br>  
 (48) 3723-6894

[Texto das mensagens anteriores oculto]

## Instructions – professor Furtado

10092018 Gmail - estudante visitante do Brasil - notificação  
 Liliane Barbosa Macedo <liliane.macedo@gmail.com> 12 de dezembro de 2016 13:15  
 Para: "Uni-CV / Dir. CIGEF - Clementina Baptista Furtado" <clementina.furtado@docente.unicv.edu.cv>

Bom dia professora,

Agradeço imensamente sua contribuição!

Revisei o projeto conforme as suas sugestões. Qual seria o próximo procedimento? Teríamos que enviar ao comitê de ética, certo? Caso a sua resposta seja positiva, eu envio ao comitê diretamente ou senhora, como minha supervisora em Cabo Verde, o envia?

Segue abaixo o projeto revisado. Aguardo seu retorno.

Muito obrigada.

Liliane.

[Texto das mensagens anteriores oculto]



Liliane\_Projeto de doutorado\_português.docx.pdf  
 763K

Uni-CV / Dir. CIGEF - Clementina Baptista Furtado 2 de janeiro de 2017  
 <clementina.furtado@docente.unicv.edu.cv> 20:29  
 Para: Liliane Barbosa Macedo <liliane.macedo@gmail.com>

Prezada Liliane

boa noite e feliz 2017. Para que corra tudo bem com a sua pesquisa e sua missão em Cabo Verde.

Estive e analisar novamente a sua questão sobre o Comitê de Ética e a resposta e vi que a pessoa que reagiu estava a ver colecta no sentido de colecta de algum material (sangue, saliva...) e não colecta de dados. Pois, em Cabo Verde usamos mais a expressão recolha. Colecta é mais usado nos bancos de análises hospitalares.

Como já lhe tinha dito, temos um Comitê de Ética do Ministério da Saúde mas os pedidos que para lá encaminhamos são aqueles que intererem com o psiquico das pessoas por exemplo. Se estamos a fazer trabalhos sobre as condições de saúde... e semelhantes. E as respostas têm vindo meio tardias. No seu caso é colecta de histórias de vida. Portanto, a opção é fazer a pesquisa sem necessidade de recorrer ao Comitê.

O que queria articular consigo, já que virá agora em Janeiro, é a planificação das suas actividades a realizar aqui em Cabo Verde.

Se para lhe informar, temos um simposio em parceria com a Wellesley Centers for Women (EUA) nos dias 10 e 11 de Fevereiro. Penso que estará cá e seria uma oportunidade de participar: Género, Justiça Social e Empoderamento da Mulher. Se concordar, iremos acertar e enviava uma proposta de tema a apresentar. Veja essa possibilidade com a sua orientadora.

Outra coisa é eu ir já, de acordo com o seu plano ir identificando possíveis mulheres a serem entrevistadas.

Portanto, temos que agilizar a programação da sua estadia, concorda.

## Consent forms

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

## Prezada participante,

Eu, Litiane Barbosa Macedo, sou estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação de Inglês na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil, em parceria com a Universidade do Cabo Verde – UNICV, Cabo Verde. Venho, através desta, convidá-la a participar da minha pesquisa de doutorado. Esta pesquisa, sob supervisão da professora Dra. Débora de Carvalho Figueiredo na UFSC e pela professora Dra. Cláustina Furtado na UNICV, tem como objetivo de investigar os discursos sobre gênero social através das narrativas de mulheres cabo verdianas a fim de compreender suas perspectivas sobre tal tema.

Sua participação envolve, primeiramente, responder um questionário de informações pessoais, com o propósito de conhecê-la melhor e, posteriormente, participar de uma entrevista na qual será gravada e documentada (transcrita) para esta pesquisa.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem a absoluta liberdade de fazê-lo.

As informações desta pesquisa são confidenciais e serão utilizadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação das voluntárias, ou seja, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo durante todas as fases da pesquisa.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Ou seja, espero contribuir com esse presente estudo para um melhor entendimento sobre as dinâmicas sociais envolvendo aspectos relacionados a gênero social em Cabo Verde.

Qualquer dúvida relativa à pesquisa poderão ser esclarecidas por mim através do contato de e-mail [litiane.macedo@gmail.com](mailto:litiane.macedo@gmail.com) ou pelo contato do órgão responsável em Cabo Verde – Centro de Investigação e Formação em Gênero e Família – CIGEF – UNICV, nos telefones: 3340434/400 (PBX)

Atenciosamente,

  
Litiane Barbosa Macedo  
Matrícula: 201401092


Prata, 9 de fevereiro de 2017  
Local e data

Débora de C. Figueiredo

Profa. Dra. Débora de Carvalho Figueiredo  
Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras – UFSC – Brasil  
Matrícula: 3160721

Cláustina Furtado  
Profa. Dra. Cláustina Furtado  
Centro de Investigação e Formação em Gênero e Família  
Universidade de Cabo Verde

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

  
Nome e assinatura da participante  
Contato - telefone: ( ) -  
e-mail:

Prata, 09/02/2017  
Local e data

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada participante,

Eu, Liliane Barbosa Macedo, sou estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação de Inglês na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil, em parceria com a Universidade do Cabo Verde – UNICV, Cabo Verde. Venho, através desta, convidá-la a participar da minha pesquisa de doutorado. Esta pesquisa, sob supervisão da professora Dra. Débora de Carvalho Figueiredo na UFSC e pela professora Dra. Clementina Furtado na UNICV, tem como objetivo de investigar os discursos sobre gênero social através das narrativas de mulheres cabo verdenses a fim de compreender suas perspectivas sobre tal tema.

Sua participação envolve, primeiramente, responder um questionário de informações pessoais, com o propósito de conhecê-la melhor e, posteriormente, participar de uma entrevista na qual será gravada e documentada (transcrita) para esta pesquisa.

A participação neste estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem a absoluta liberdade de fazê-lo.

As informações desta pesquisa são confidenciais e serão utilizadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação das voluntárias, ou seja, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo durante todas as fases da pesquisa.


Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Ou seja, espero contribuir com esse presente estudo para um melhor entendimento sobre as dinâmicas sociais envolvendo aspectos relacionados a gênero social em Cabo Verde.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas por mim através do contato de e-mail [liliane\\_macedo@gmail.com](mailto:liliane_macedo@gmail.com) ou pelo contato do órgão responsável em Cabo Verde – Centro de Investigação e Formação em Gênero e Família – CIGEF – UNICV, nos telefones: 3340434/400 (PBX)

Atenciosamente,


  
Liliane Barbosa Macedo  
Matrícula: 201401092

Praia, 19 de janeiro de 2017  
Local e data

  
Profa. Dra. Débora de Carvalho Figueiredo  
Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras – UFSC – Brasil  
Matrícula: 31660721

  
Profa. Dra. Clementina Furtado  
Centro de Investigação e Formação em Gênero e Família  
Universidade de Cabo Verde

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

  
Nome e assinatura da participante  
Contato – telefone: ( ) -  
e-mail:

unicv, 19/01/17  
Local e data

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada participante,

Eu, Litiane Barbosa Macedo, sou estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação de Inglês na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil, em parceria com a Universidade do Cabo Verde – UNICV, Cabo Verde. Venho, através desta, convidá-la a participar da minha pesquisa de doutorado. Esta pesquisa, sob supervisão da professora Dra. Débora de Carvalho Figueiredo na UFSC e pela professora Dra. Clementina Furtado na UNICV, tem como objetivo de investigar os discursos sobre gênero social através das narrativas de mulheres cabo verdianas a fim de compreender suas perspectivas sobre tal tema.

Sua participação envolve, primeiramente, responder um questionário de informações pessoais, com o propósito de conhecê-la melhor e, posteriormente, participar de uma entrevista na qual será gravada e documentada (transcrita) para esta pesquisa.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem a absoluta liberdade de fazê-lo.

As informações desta pesquisa são confidenciais e serão utilizadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação das voluntárias, ou seja, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo durante todas as fases da pesquisa.


Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Ou seja, espero contribuir com esse presente estudo para um melhor entendimento sobre as dinâmicas sociais envolvendo aspectos relacionados a gênero social em Cabo Verde.


Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas por mim através do contato de e-mail litiane.macedo@gmail.com ou pelo contato do órgão responsável em Cabo Verde – Centro de Investigação e Formação em Gênero e Família – CIGEF – UNICV, nos telefones: 3340434/400 (PBX)

Atenciosamente,

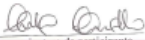
  
Litiane Barbosa Macedo  
Matrícula: 201401092

Praia, 18 de janeiro de 2017  
Local e data

  
Prof. Dra. Débora de Carvalho Figueiredo  
Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras – UFSC – Brasil  
Matrícula: 3160721

  
Prof. Dra. Clementina Furtado  
Centro de Investigação e Formação em Gênero e Família  
Universidade de Cabo Verde

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

  
Nome e assinatura da participante  
Contato – telefoni: ( ) –  
e-mail: EMILACARVALDO.CV  
@GMAIL.COM

18/01/17 - gao  
Local e data

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada participante,

Eu, Liliane Barbosa Macedo, sou estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação de Inglês na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil, em parceria com a Universidade do Cabo Verde – UNICV, Cabo Verde. Venho, através deste, convidá-la a participar da minha pesquisa de doutorado. Esta pesquisa, sob supervisão da professora Dra. Debora de Carvalho Figueiredo na UFSC e pela professora Dra. Clementina Furtado na UNICV, tem como objetivo de investigar os discursos sobre gênero social através das narrativas de mulheres cabo verdianas a fim de compreender suas perspectivas sobre tal tema.

Sua participação envolve, primeiramente, responder um questionário de informações pessoais, com o propósito de conhecê-la melhor e, posteriormente, participar de uma entrevista na qual será gravada e documentada (transcrita) para esta pesquisa.

A participação neste estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem a absoluta liberdade de fazê-lo.

As informações desta pesquisa são confidenciais e serão utilizadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação das voluntárias, ou seja, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo durante todas as fases da pesquisa.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Ou seja, espera contribuir com esse presente estudo para um melhor entendimento sobre as dinâmicas sociais envolvendo aspectos relacionados a gênero social em Cabo Verde.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas por mim através do contato de e-mail liliane.macedo@gmail.com ou pelo contato do órgão responsável em Cabo Verde – Centro de Investigação e Formação em Gênero e Família – CIGEF – UNICV, nos telefones: 3340434400 (PBX)

Atenciosamente,

  
Liliane Barbosa Macedo  
Matrícula: 201401092


Prta, 31 de Janeiro de 2017  
Local e data



Prof.ª Dra. Debora de Carvalho Figueiredo  
Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras – UFSC – Brasil  
Matrícula: 3160721

  
Prof.ª Dra. Clementina Furtado  
Centro de Investigação e Formação em Gênero e Família  
Universidade do Cabo Verde

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

  
Nome e assinatura da participante

Contato – telefone: ( )  
e-mail: mariana.fialdo@abm.unicv.edu.cv

 31/01/2017  
Local e data



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada participante,

Eu, Liliane Barbosa Macedo, sou estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação de Inglês na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil, em parceria com a Universidade do Cabo Verde – UNICV, Cabo Verde. Venho, através desta, convidá-la a participar da minha pesquisa de doutorado. Esta pesquisa, sob supervisão da professora Dra. Débora de Carvalho Figueiredo na UFSC e pela professora Dra. Clementina Furtado na UNICV, tem como objetivo de investigar os discursos sobre gênero social através das narrativas de mulheres cabo-verdenses a fim de compreender suas perspectivas sobre tal tema.

Sua participação envolve, primeiramente, responder um questionário de informações pessoais, com o propósito de conhecê-la melhor e, posteriormente, participar de uma entrevista na qual será gravada e documentada (transcrita) para esta pesquisa.

A participação neste estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem a absoluta liberdade de fazê-lo.

As informações desta pesquisa são confidenciais e serão utilizadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação das voluntárias, ou seja, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo durante todas as fases da pesquisa.


Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Ou seja, espero contribuir com esse presente estudo para um melhor entendimento sobre as dinâmicas sociais envolvendo aspectos relacionados a gênero social em Cabo Verde.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas por mim através do contato de e-mail liliane\_macedo@gmail.com ou pelo contato do órgão responsável em Cabo Verde – Centro de Investigação e Formação em Gênero e Família – CIGEF – UNICV, nos telefones: 3340434/400 (PBX)

Atenciosamente,


  
Liliane Barbosa Macedo  
Matrícula: 201401092

Praia, 24 de janeiro de 2017  
Local e data

  
Profª. Dra. Débora de Carvalho Figueiredo  
Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras – UFSC – Brasil  
Matrícula: 3160724

  
Profª. Dra. Clementina Furtado  
Centro de Investigação e Formação em Gênero e Família  
Universidade do Cabo Verde

Consisto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

  
Nome e assinatura da participante  
Contato – telefone: ( ) -  
e-mail:

24 de janeiro de 2017  
Local e data